

Julia Quinn

AMOR
&
ENGANOS

Série Bridgerton
VOLUME III

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Ficha Técnica

Título original: An Offer From a Gentleman

Título: Amor & Enganos

Autor: Julia Quinn

Traduzido do Inglês por Helena Ruão

ISBN: 9789892323077

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+ 351) 214 272 200

Fax: (+ 351) 214 272 201

© 2001, Julie Cotler Pottinger

Publicado por acordo com Avon, uma chancela da

Harper Collins Publishers

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

À Cheyenne e à memória de um verão de frappuccinos.

E também ao Paul, embora para ele não seja estranho estar a ver uma cirurgia de coração aberto na TV enquanto comemos esparguete.

PRÓLOGO

Todos sabiam que Sophie Beckett era filha ilegítima. Os criados inclusive. Mas todos eles adoravam a pequena Sophie; adoravam-na desde que chegara a Penwood Park, com três anos de idade, uma trouxinha envolta num casaco enorme, abandonada na soleira da porta numa noite chuvosa de julho. E

porque a adoravam, faziam de conta que ela era exatamente aquilo que o sexto conde de Penwood dissera... a filha órfã de um velho amigo. Não importava que os olhos verde musgo e o cabelo cor de avelã de Sophie combinassem na perfeição com os do conde. Não importava que a forma do seu rosto possuisse uma semelhança notável com a da mãe do conde, recentemente falecida, ou que o sorriso fosse uma réplica exata do da irmã do conde. Ninguém queria ferir os sentimentos de Sophie, ou arriscar perder o meio de subsistência, salientando tal facto.

O conde, de seu nome Richard Gunningworth, nunca falava de Sophie ou das suas origens, mas no fundo sabia que era sua filha ilegítima. Ninguém conhecia o conteúdo da carta que a governanta pescara do bolso de Sophie quando a encontraram no meio daquela noite chuvosa; o conde queimara a missiva segundos depois de a ter lido, ficando a ver o papel contorcer-se e desaparecer nas chamas, ordenando depois que fosse preparado um quarto para Sophie na ala infantil. Ela aí ficou desde esse dia. Ele tratava-a por Sophia e ela por «meu senhor»; viam-se umas quantas vezes por ano, sempre que o conde regressava de Londres, o que não era frequente.

Mas, talvez, mais importante ainda, fosse o facto de Sophie saber que era filha ilegítima. Não tinha a certeza de como sabia, apenas que sabia, e que provavelmente sempre o soubera. Tinha poucas memórias da sua vida anterior à chegada a Penwood Manor, mas lembrava-se de uma longa viagem de carruagem através de Inglaterra, assim como se lembrava da avó, a tossir, cheia de pieira e com um aspeto escanzelado, dizendo-lhe que ia viver com o pai. Acima de tudo, lembrava-se de estar de pé à chuva na soleira da porta, sabendo a avó escondida nos arbustos, assegurando-se de que Sophie era levada para dentro de casa.

O conde pousara os dedos ao de leve no queixo da menina, erguendo o seu rostinho para a luz e, nesse momento, ambos souberam a verdade.

Todos sabiam que Sophie era filha ilegítima, ninguém comentava o facto e toda a gente era feliz assim.

Até que o conde decidiu casar.

Sophie ficara contente ao saber a novidade. A governanta tinha dito que o mordomo tinha dito que a secretária do conde tinha dito que o conde planeava passar mais tempo em Penwood Park agora que ia ser um homem de família. E embora Sophie não sentisse grandes saudades do conde quando este estava fora (era difícil sentir saudades de alguém que nem sequer lhe prestava atenção quando lá se encontrava), sentia que *poderia* sentir saudades se tivesse oportunidade de o conhecer melhor; e se o conhecesse melhor, talvez ele não se ausentasse tantas vezes. Mais, a criada de quarto tinha dito que a governanta tinha dito que o mordomo da casa vizinha tinha dito que a futura esposa do conde já tinha duas filhas, cujas idades eram próximas da de Sophie.

Depois de sete anos sozinha na ala infantil, Sophie estava felicíssima. Ao contrário das outras crianças da região, ela não era convidada para as festas e eventos locais. Nunca ninguém a insultara chamando-lhe bastarda: fazê-lo era equivalente a chamar mentiroso ao conde, que declarara Sophie era protegida, colocando um ponto final no assunto. Mas ao mesmo tempo, o conde nunca envidara grandes esforços

para que Sophie fosse aceite. Portanto, aos dez anos de idade, os melhores amigos de Sophie eram criadas e lacaios, podendo considerar como pais a governanta e o mordomo.

Mas agora iria ter irmãs de verdade.

Oh, ela sabia que não poderia tratá-las por irmãs. Sabia que seria apresentada como Sophia Maria Beckett, a protegida do conde, mas, no seu coração, *senti-las-ia* como irmãs. E apenas isso importava.

Então, numa tarde de fevereiro, Sophie viu-se alinhada juntamente com os criados no grande átrio, tentando espreitar pela janela, à espera que a carruagem do conde, transportando a esposa e as suas duas filhas (e o conde também, é claro) parasse na entrada.

– Acha que ela vai gostar de mim? – sussurrou Sophie a Mrs. Gibbons, a governanta. – A mulher do conde, quero dizer.

– Claro que vai gostar de ti, querida – sussurrou de volta Mrs. Gibbons. Mas os seus olhos não mostravam tanta certeza quanto o seu tom de voz. A nova condessa poderia não ver com bons olhos o testemunho da indiscrição do marido.

– Será que vou receber as lições juntamente com as filhas?

– Não faz sentido que tenhas aulas em separado.

Sophie assentiu, pensativa, começando a contorcer-se logo em seguida, quando viu a carruagem aproximar-se da entrada principal. – Eles chegaram! – sussurrou com urgência.

Mrs. Gibbons esticou-se para lhe dar uma palmadinha afetuosa na cabeça, mas Sophie já se precipitara para a janela, o rosto praticamente colado ao vidro.

O conde foi o primeiro a sair, ajudando duas meninas a descerem da carruagem. Ambas vestiam casacos pretos iguais. Uma usava um laço cor-de-rosa no cabelo; o da outra era amarelo. Então, as duas meninas afastaram-se para que o conde pudesse ajudar uma última pessoa a sair da carruagem.

Sophie ficou em suspenso, aguardando a aparição da nova condessa, os dedos cruzados e um simples suspiro de «por favor» murmurado por entre os lábios.

Por favor, que ela goste de mim.

Se a condessa gostasse dela, talvez o conde a amasse também e talvez, mesmo que não a chamasse filha, a tratasse como tal, e juntos seriam uma verdadeira família.

Enquanto Sophie olhava pela janela, a nova condessa desceu da carruagem com movimentos tão graciosos e puros que Sophie se lembrou da delicada cotovia que ocasionalmente vinha chapinhar no bebedouro do jardim. Até o chapéu da condessa estava adornado com uma longa pena, uma pluma turquesa refulgindo ao sol de inverno.

– É linda – sussurrou Sophie. Lançou um olhar breve a Mrs. Gibbons para avaliar a sua reação, mas a governanta, muito ciosa do seu dever, tinha os olhos postos em frente, aguardando que o conde entrasse com a nova família para as devidas apresentações.

Sophie engoliu em seco, incerta de qual deveria ser o seu lugar. Todos os outros pareciam ter o seu lugar atribuído. Os criados estavam alinhados de acordo com a hierarquia, do mordomo até à mais humilde criada de copa. Até os cães se encontravam sentados obedientemente a um canto, as trelas bem presas nas mãos do guardador de cães.

Mas Sophie não tinha raízes. Se fosse mesmo uma filha da casa, estaria de pé ao lado da precetora, esperando a nova condessa. Se fosse

verdadeiramente a protegida do conde, estaria nessa mesma posição. Mas Miss Timmons estava constipada e recusara-se a descer dos seus aposentos. Nenhum dos criados acreditava por um instante que a precetora estivesse realmente doente. Na noite anterior, o seu estado era perfeitamente normal, mas ninguém a culpava pela pequena mentira. Afinal, Sophie era a filha bastarda do conde e ninguém gostaria de se colocar na posição de possivelmente ofender a nova condessa, apresentando-a como a filha ilegítima do marido.

E a condessa teria de ser cega, estúpida, ou ambas, para não perceber ao primeiro olhar que Sophie era mais do que a protegida do conde.

Subitamente acometida pela timidez, Sophie encolheu-se a um canto quando dois criados escancararam as portas num gesto teatral. As duas meninas foram as primeiras a entrar, dando então passagem ao conde, de braço dado com a condessa. O conde apresentou a condessa e as filhas ao mordomo e este apresentou-as aos criados.

E Sophie esperou.

O mordomo fez as apresentações dos lacaios, da cozinheira, da governanta, dos moços da estrebaria.

E Sophie esperou.

Apresentou as criadas da cozinha, as criadas de quarto, as criadas de copa.

E Sophie esperou.

Finalmente, o mordomo – de seu nome Rumsey – apresentou a criada com a posição mais baixa na hierarquia, uma criada de copa chamada Dulcie, contratada há apenas uma semana. O conde fez um gesto de assentimento, murmurando um agradecimento, e Sophie continuava à espera, completamente perdida, sem saber o que fazer.

Então, pigarreou e deu um passo em frente, um sorriso nervoso estampado no rosto. Não costumava passar muito tempo com o conde, mas sempre que ele visitava Penwood Park ela era levada à sua presença e ele dedicava-lhe sempre alguns minutos da sua atenção, perguntando-lhe sobre as lições antes de a enxotar de volta para a ala infantil.

Certamente ainda queria saber do seu progresso nos estudos, mesmo estando casado. Certamente ainda queria saber se ela já dominava a ciência da multiplicação de frações e que Miss Timmons tinha

recentemente classificado a sua pronúncia francesa como «perfeita».

Mas ele estava entretido a dizer qualquer coisa às filhas da condessa e não a ouviu. Sophie voltou a aclarar a garganta, desta vez mais alto, e disse: – Senhor? – numa voz que saiu um pouco mais aguda do que pretendia.

O conde voltou-se e murmurou: – Ah, Sophia, não me apercebi de que estavas aí.

Sophie ficou radiante. Ele não a tinha ignorado, afinal.

– E quem é esta? – perguntou a condessa, dando um passo em frente para a analisar mais de perto.

– A minha protegida – respondeu o conde. – Miss Sophia Beckett.

A condessa lançou a Sophie um olhar avaliador e, em seguida, os seus olhos estreitaram-se.

E estreitaram-se mais um pouco.

E ainda mais.

– Estou a ver – disse.

E todos os presentes souberam instantaneamente que, sim, ela *via*.

– Rosamund, Posy – disse a condessa, virando-se para as duas filhas –, venham comigo.

As meninas puseram-se imediatamente ao lado da mãe. Sophie arriscou um sorriso. A mais nova retribuiu o sorriso, mas a mais velha, cujos cabelos eram da cor de meadas de ouro, aproveitou a deixa da mãe, empinou o nariz e desviou o olhar com firmeza.

Sophie engoliu em seco e sorriu de novo à menina simpática, mas desta feita ela mordeu o lábio inferior, hesitante, pondo os olhos no chão.

A condessa virou as costas a Sophie, dirigindo-se ao conde: – Presumo que tenha mandado preparar quartos para Rosamund e Posy.

Ele anuiu. – Na ala infantil. No quarto mesmo ao lado do de Sophie.

Houve um longo silêncio, mas a condessa pareceu ter decidido que certas batalhas não deveriam ser travadas à frente da criada

porque disse apenas: – Gostaria de subir, agora.

E saiu, levando consigo o conde e as filhas.

Sophie ficou a ver a nova família subir as escadas e, assim que desapareceram no patamar superior, voltou-se para Mrs. Gibbons e perguntou: – Acha que devo subir também para ajudar? Eu podia mostrar o quarto às meninas.

Mrs. Gibbons abanou a cabeça. – Elas parecem cansadas – mentiu. – Certamente precisam de dormir uma sesta.

Sophie franziu a testa. Segundo sabia, Rosamund tinha onze anos e Posy, dez. Certamente já não tinham idade para sestas.

Mrs. Gibbons deu-lhe uma palmadinha nas costas. – Porque não vens comigo? Não me importava de ter um bocadinho da tua companhia e a cozinheira disse-me que acabou de fazer uma fornada de biscoitos de manteiga. Acho que ainda devem estar quentes.

Sophie assentiu e seguiu-a, saindo ambas do átrio. Ia ter muito tempo, mais tarde, para conhecer as meninas. Ia mostrar-lhes a ala infantil, tornar-se-iam amigas e em breve seriam como irmãs.

Sophie sorriu. Ia ser maravilhoso ter irmãs.

No entanto, Sophie só voltou a ver Rosamund e Posy – ou o conde e a condessa – no dia seguinte.

Quando Sophie entrou na ala infantil para o jantar, reparou que a mesa estava posta para dois, não para quatro, e Miss Timmons (miraculosamente recuperada do seu achaque) informou-a de que a nova condessa lhe dissera que Rosamund e Posy estavam demasiado cansadas da viagem e não desejavam jantar.

Mas as meninas não podiam faltar às lições, por isso, na manhã seguinte, apareceram na sala de aulas da ala infantil ladeando a condessa a um passo de distância. Sophie já estudava as suas lições havia uma hora e levantou os olhos da aritmética com grande curiosidade. Desta vez não sorriu às meninas.

Pareceu-lhe mais ajuizado não o fazer.

– Miss Timmons – começou a condessa.

Miss Timmons fez uma pequena reverência, murmurando: – Minha senhora...

– O conde diz-me que irá ensinar as minhas filhas.

– Farei o meu melhor, senhora.

A condessa fez um gesto na direção da menina mais velha, a do cabelo dourado e olhos azul-violáceos.

Sophie achou-a tão bonita como a boneca de porcelana que o conde lhe tinha enviado de Londres quando fizera sete anos.

– Esta é Rosamund – continuou a condessa. – Tem onze anos. E esta – fez então um gesto na direção da outra menina, que não tirara os olhos do chão – é Posy. Tem dez anos.

Sophie observou Posy com grande interesse. Ao contrário da mãe e da irmã, tinha o cabelo e os olhos muito escuros e as bochechas algo rechonchudas.

– A Sophie também tem dez anos – respondeu Miss Timmons.

O lábios da condessa estreitaram-se. – Gostaria que mostrasse a casa e os jardins às meninas.

Miss Timmons assentiu. – Com certeza! Sophie, podes pousar a lousa. Voltaremos à aritmética...

– Só às *minhas* meninas – interrompeu a condessa, a voz simultaneamente calorosa e gélida. – Desejo dar uma palavra a Sophie a sós.

Sophie engoliu em seco e tentou erguer os olhos para a condessa, mas só conseguiu chegar ao queixo.

Miss Timmons apressou Rosamund e Posy a sair da sala e Sophie levantou-se, aguardando instruções da nova esposa do pai.

– Sei muito bem quem és – declarou a condessa assim que a porta se fechou.

– M-minha senhora?

– És filha bastarda dele e não tentes negá-lo.

Sophie não respondeu. Era a verdade, claro, mas nunca ninguém o

tinha dito em voz alta. Pelo menos não na sua cara.

A condessa agarrou-a pelo queixo, apertando e puxando até Sophie ser obrigada a encará-la. – Ouve bem o que te vou dizer – disse com voz ameaçadora. – Podes viver aqui em Penwood Park e até podes partilhar as lições com as minhas filhas, mas não passas de uma bastarda. Nunca, mas *nunca* cometas o erro de te considerares ao mesmo nível do resto de nós.

Sophie soltou um leve gemido quando as unhas da condessa se enterraram na parte inferior do seu queixo.

– O meu marido – prosseguiu a condessa – sente uma espécie de dever pouco sensato para contigo. É

admirável que tome conta dos seus erros, mas para mim é um insulto ter-te na minha casa... alimentada, vestida e educada como se fosses a sua filha verdadeira.

Mas ela *era* sua filha verdadeira. E aquela casa era sua há muito mais tempo do que da condessa.

Abruptamente, a condessa soltou-lhe o queixo. – Não quero ver-te – sibilou. – Nunca me dirijas a palavra e esforça-te por nunca estares na minha presença. E só estás autorizada a falar com Rosamund e Posy durante as lições. Elas são as filhas desta casa, agora, e não quero vê-las associadas a gente como *tu*. Alguma pergunta?

Sophie abanou a cabeça em sinal de negação.

– Ainda bem.

E com esta, saiu majestosamente da sala, deixando uma Sophie de pernas bambas e lábios tremelicantes.

E uma torrente de lágrimas.

Com a passagem do tempo, Sophie foi aprendendo mais sobre a sua situação precária naquela casa. Os criados sabiam sempre de tudo e, mais tarde ou mais cedo, tudo acabava por chegar aos ouvidos de Sophie.

A condessa, cujo nome de batismo era Araminta, tinha insistido nesse mesmo primeiro dia que Sophie fosse retirada daquela casa. O conde tinha recusado. Araminta não tinha de amar Sophie, dissera com toda

a serenidade. Não tinha sequer de gostar dela. Mas tinha de tolerar a sua presença. Tinha assumido a responsabilidade da menina havia sete anos e não seria agora que deixaria de o fazer.

Rosamund e Posy aproveitaram a deixa de Araminta e tratavam Sophie com hostilidade e desdém, embora o coração de Posy claramente não fosse feito para a crueldade como o de Rosamund. A tortura preferida de Rosamund era beliscar a pele das costas das mãos de Sophie às escondidas de Miss Timmons. Sophie nunca se queixara; aliás duvidava que Miss Timmons tivesse coragem de repreender Rosamund (que certamente correria para Araminta a contar uma qualquer mentira), e se alguém notara que as mãos de Sophie estavam constantemente cobertas de nódoas negras, nunca ninguém comentara.

Ocasionalmente, Posy mostrava alguma bondade, embora na maioria das vezes se limitasse a suspirar, dizendo: – A mamã diz que não devo ser simpática contigo.

Quanto ao conde, nunca intervinha.

A vida de Sophie prosseguiu desta forma durante quatro anos, até o conde surpreender todos ao pressionar a mão contra o peito enquanto tomava chá no roseiral, deixar escapar um arquejo rouco e cair de cara na calçada.

Não voltou a recuperar a consciência.

Toda a gente ficou chocadíssima. O conde tinha apenas quarenta anos. Quem diria que o seu coração pereceria em tão tenra idade? Ninguém ficou mais atordoado do que Araminta, que desde a noite de núpcias tentava desesperadamente conceber o herdeiro determinante.

– Eu posso estar de esperanças! – apressou-se ela a dizer aos advogados do conde. – Não podem passar o título a algum primo distante. Posso muito bem estar à espera de bebé.

Mas não estava e, um mês mais tarde, na leitura do testamento do conde (os advogados quiseram garantir que davam tempo suficiente à condessa para que tivesse certeza da sua gravidez), Araminta foi obrigada a sentar-se juntamente com o novo conde, um jovem de vida bastante devassa que estava mais vezes embriagado do que sóbrio.

A maioria das últimas vontades do conde era razoavelmente normal. Fez doações a alguns empregados leais. Distribuiu parte dos fundos por Rosamund, Posy e até mesmo por Sophie, garantindo que as três

meninas tivessem no futuro dotes respeitáveis.

E então o advogado chegou ao nome de Araminta.

À minha esposa, Araminta Gunningworth, condessa de Penwood, deixo uma renda anual de duas mil libras...

– Só?! – exclamou Araminta.

...a menos que ela aceda em acolher e cuidar da minha protegida, Miss Sophia Maria Beckett, até esta última atingir a idade de vinte anos, em cujo caso a sua renda anual será triplicada para seis mil libras.

– Não a quero – sussurrou Araminta.

– Não é obrigada a ficar com ela – lembrou o advogado. – Pode...

– Viver com umas míseras duas mil libras? – retorquiu. – Não me parece.

O advogado, que vivia com muito menos que duas mil libras por ano, manteve-se em silêncio.

O novo conde, que não parara de beber desde o início da reunião, apenas encolheu os ombros.

Araminta levantou-se.

– Qual é a sua decisão? – perguntou o advogado.

– Fico com ela – respondeu em voz baixa.

– Devo ir informar a jovem?

Araminta abanou a cabeça. – Eu mesma lhe digo.

Mas na conversa que Araminta teve com Sophie deixou de fora alguns factos muito importantes...

PARTE UM

CAPÍTULO 1

O convite mais aguardado deste ano será certamente o do baile de máscaras dos Bridgerton, a ter lugar na próxima segunda-feira. Na verdade, não é possível dar dois passos sem sermos forçados a ouvir alguma mamã da sociedade a especular sobre quem irá participar e, talvez o mais importante, sobre as fantasias que cada convidado irá usar.

Porém, o interesse dos temas mencionados empalidece perante o da existência de dois irmãos Bridgerton solteiros, Benedict e Colin. (Antes que alguém aponte o facto de haver um terceiro irmão Bridgerton solteiro, deixem esta Vossa Autora assegurar-vos de que está plenamente consciente da existência de Gregory Bridgerton.

Contudo, ele tem apenas catorze anos, não sendo portanto pertinente para esta crónica em particular, que se debruça, como acontece habitualmente com as crónicas desta Vossa Autora, sobre o mais sagrado dos desportos: a caça ao marido.)

Embora os Misterys Bridgerton sejam apenas isso – Misterys –, são, ainda assim, considerados dois dos melhores partidos da temporada. Ambos possuem fortunas respeitáveis e não é necessária uma visão perfeita para perceber que são também herdeiros, tal como toda a prole dos oito Bridgerton, da beleza desta família.

Irá alguma jovem afortunada aproveitar o mistério de uma noite mascarada para fisgar um destes solteiros apetecíveis?

Esta Vossa Autora não se atreve a especular sobre o assunto.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

31 DE MAIO 1815

–Sophie! Sophieeeeeeeeeeeeeeeee!

No respeitante a gritos, este era digno de estilhaçar vidro. Ou de rebentar um tímpano.

– Já vou, Rosamund! Estou a ir! – Sophie arregaçou a saia de lã grosseira e apressou-se a subir as escadas, mas escorregou no quarto degrau e só a muito custo conseguiu agarrar-se ao corrimão para acabar por cair sentada. Devereria ter-se lembrado de que as escadas estariam escorregadias, já que ainda nessa manhã tinha ajudado a criada a encerá-las.

Derrapando pelo corredor e tentando readquirir o equilíbrio, Sophie parou ofegante à porta de Rosamund, dizendo: – Sim?

– O meu chá está frio.

O que Sophie gostaria de responder era «Estava bem quente quando o trouxe há uma hora, maldita preguiçosa!», mas o que realmente disse foi: – Vou já buscar um bule novo.

– Trata disso – disse Rosamund com desdém.

Sophie esticou os lábios naquilo que apenas alguém quase cego poderia considerar um sorriso e pegou no serviço de chá. – Deixo os biscoitos? – perguntou.

Rosamund abanou a linda cabecinha. – Quero outros fresquinhos.

Com os ombros ligeiramente curvados pelo peso excessivo do serviço de chá, Sophie saiu do quarto, tomando todo o cuidado para não começar a resmungar até atingir a segurança do corredor. Rosamund estava constantemente a mandar vir chá que depois não se dava ao trabalho de beber. Claro que uma hora mais tarde o chá estava frio, por isso tinha de mandar vir um novo bule de chá fresco.

O que obrigava Sophie a subir e descer escadas, subir e descer, subir e descer. Às vezes parecia-lhe que não fazia mais nada na vida.

Subir e descer, subir e descer.

Isso não esquecendo, obviamente, costurar, passar a ferro, tratar-lhes dos penteados, polir o calçado, cerzir, fazer as camas...

– Sophie!

Sophie virou-se, vendo Posy vir na sua direção.

– Sophie, queria perguntar-te uma coisa: achas que esta cor me fica bem?

Sophie analisou a fantasia de sereia de Posy. O corte do traje não era nada apropriado para Posy, que não perdera ainda toda a gordura de criança, mas a cor realmente salientava a sua tez. – É um lindo tom de verde – respondeu Sophie com sinceridade. – Realça o tom da tua pele.

– Oh, que bom! Ainda bem que gostas. Tens sempre tanto jeito para escolher a minha roupa. – Posy sorriu e esticou a mão, surripiando um biscoito açucarado da bandeja. – A mãe tem estado absolutamente insuportável esta semana por causa do baile de máscaras e eu já sei

que vou ouvir das boas se não estiver no meu melhor. Ou – o rosto de Posy torceu-se numa careta – se ela *achar* que não estou no meu melhor. Ela meteu na cabeça que uma de nós tem de apanhar um dos irmãos Bridgerton que restam, sabias?

– Sabia.

– E para piorar as coisas, aquela tal de Whistledown tem andado outra vez a escrever sobre eles. Isso

– Posy terminou de mastigar e fez uma pausa para engolir – só lhe desperta mais o apetite.

– A crónica desta manhã era boa? – perguntou Sophie, apoiando a bandeja na anca para aliviar o peso.

– Ainda não tive oportunidade de ler.

– Oh, o mesmo de sempre – disse Posy com um gesto displicente da mão. – Às vezes consegue ser muito monótona, sabes?

Sophie tentou sorrir, mas não conseguiu. O quanto não daria para viver um dos dias da vida monótona de Posy. Bem, talvez preferisse não ter Araminta como mãe, mas não se importaria de ter uma vida repleta de festas, reuniões sociais e saraus musicais.

– Deixa-me pensar... – refletiu Posy –, havia um relato sobre o último baile de Lady Worth, um comentário sobre o visconde Guelph, que aparentemente anda apanhadinho por uma rapariga escocesa, e uma crónica mais longa sobre o próximo baile de máscaras dos Bridgerton.

Sophie suspirou. Há semanas que lia sobre o baile de máscaras dos Bridgerton e, embora não passasse de uma criada de quarto (e ocasionalmente criada para todo o serviço, sempre que Araminta decidia que não estava a trabalhar com afinho suficiente), não conseguia evitar sonhar em poder ir ao baile.

– Eu, por mim, ficarei muito contente se esse tal de visconde Guelph ficar noivo – comentou Posy, pegando em mais um biscoito. – Significa menos um solteiro para a mãe se pôr a desfiar o rosário acerca de potenciais maridos. A verdade é que não tenho qualquer esperança de atrair a sua atenção. – Deu uma mordida no biscoito, soltando um estalido com a boca. – Espero que Lady Whistledown esteja certa sobre ele.

– Provavelmente está – respondeu Sophie. Lia as *Crónicas da Sociedade*

de *Lady Whistledown* desde a sua estreia, em 1813, e a cronista social estava quase sempre certa no que respeitava ao Mercado Matrimonial.

Não que Sophie alguma vez tivesse tido a oportunidade de ver o Mercado Matrimonial com os seus próprios olhos, claro está, mas bastava ler o *Whistledown* vezes suficientes para praticamente se sentir parte da sociedade londrina sem realmente participar nos eventos.

Na verdade, ler aquelas crónicas era o único passatempo aprazível para Sophie. Já tinha lido todos os romances existentes na biblioteca e, como nem Araminta, nem Rosamund, nem Posy eram grandes amantes da leitura, Sophie não via grandes perspectivas de um livro novo dar entrada naquela casa.

Mas o *Whistledown* era muito divertido. Ninguém conhecia a verdadeira identidade da cronista.

Quando o jornal de uma só folha nascera dois anos antes, as conjecturas espalharam-se como um rastilho de pólvora. Ainda agora, sempre que Lady Whistledown publicava um mexerico particularmente succulento, a especulação e a adivinhação ressurgiam, e as pessoas interrogavam-se sobre quem seria capaz de noticiar com tanta rapidez e precisão.

Para Sophie, o *Whistledown* era uma pequena amostra de um mundo que poderia ter sido o dela se os pais tivessem legalizado a sua união. Ela teria sido a filha de um conde, não a filha bastarda de um conde; e o seu nome seria Gunningworth, não Beckett.

Nem que fosse apenas uma vez, desejava ser ela a entrar na carruagem e a ir ao baile.

Em vez disso, era a que ajudava os outros a engalanarem-se para as noites na cidade, ora apertando o espartilho de Posy, ora arranjando o cabelo de Rosamund, ora engraxando um dos pares de sapatos de Araminta.

Mas não podia ou, pelo menos, não devia queixar-se. Embora fosse obrigada a servir Araminta e as filhas, pelo menos tinha uma casa, o que era mais do que a maioria das jovens na sua posição possuía.

Quando o pai morrera, não lhe deixara nada. Bem, nada mais do que um teto sobre a sua cabeça. No testamento, assegurara o seu acolhimento até ela perfazer vinte anos. Araminta nunca desperdiçaria

quatro mil libras por ano, expulsando Sophie de casa.

Mas essas quatro mil libras pertenciam a Araminta, não a Sophie, e Sophie nunca vira um *penny* que fosse. Lá se foram as belas roupas que usava, substituídas pela lã grosseira dos criados. E comia o mesmo que todos eles: aquilo que Araminta, Rosamund e Posy decidiam deixar de lado.

Contudo, o vigésimo aniversário de Sophie tinha acontecido há quase um ano e ali estava ela, ainda a viver em Penwood House, ainda a servir Araminta. Por alguma razão desconhecida, provavelmente por não querer treinar (ou pagar a) uma nova criada, Araminta tinha permitido que Sophie permanecesse na sua casa.

E Sophie tinha ficado. Se Araminta era o inferno que ela conhecia, então o resto do mundo era o inferno desconhecido. Sophie não sabia qual seria pior.

– Essa bandeja não está pesada?

Sophie piscou, acordando do devaneio e focou o olhar em Posy, que tirava o último biscoito da bandeja. Raios! Esperara poder surripiá-lo para si. – Sim – murmurou. – Bastante. Tenho de a levar para a cozinha.

Posy sorriu. – Então não te prendo mais, mas quando terminares isso, podes passar o meu vestido cor-de-rosa? Vou usá-lo hoje à noite. Oh, e calculo que os sapatos que combinam com ele devem estar a precisar de ser limpos. Sujei-os de terra da última vez que os usei e sabes como é a mãe quanto a sapatos. Não importa que não se vejam por baixo da saia. Ela vai reparar no mais pequeno grão de pó no instante em que eu levantar o vestido para subir um degrau.

Sophie assentiu, acrescentando mentalmente os pedidos de Posy à sua lista diária de tarefas.

– Até mais tarde, então! – Dando uma mordida no último biscoito, Posy virou-se e desapareceu para o quarto. E Sophie lá se arrastou com dificuldade até à cozinha.

Alguns dias depois, Sophie encontrava-se de joelhos, cheia de alfinetes presos entre os dentes enquanto fazia alterações de última hora no traje que Araminta ia levar ao baile de máscaras. A fantasia de rainha Isabel que fora entregue da costureira assentava-lhe na perfeição, mas

Araminta insistia que estava mais larga na cintura.

– Como está agora? – perguntou Sophie, falando por entre os dentes para os alfinetes não caírem.

– Muito apertado.

Sophie ajustou alguns alfinetes. – E assim?

– Muito largo.

Sophie tirou um alfinete e voltou a espetá-lo precisamente no mesmo sítio. – Aí está! Como fica agora?

Araminta contorceu-se para um e outro lado e, finalmente, declarou: – Assim está bem.

Sophie sorriu para si mesma, levantando-se para ajudar Araminta a tirar o vestido.

– Tem de estar pronto daqui a uma hora se queremos chegar a horas ao baile – disse Araminta.

– Com certeza – murmurou Sophie. Descobrira que era mais fácil responder apenas e sempre «com certeza» nas conversas com Araminta.

– Este baile é muito importante – disse Araminta com rispidez. – A Rosamund tem de fazer um casamento proveitoso este ano. O novo conde... – interrompeu-se, estremecendo de repugnância; ainda considerava o novo conde um intruso, não lhe importando que fosse o parente vivo mais próximo do sexo masculino do velho conde. – Bem, ele informou-me que este é o último ano que podemos usar a Penwood House, em Londres. O descaramento daquele homem. Afinal, eu sou a condessa viúva e Rosamund e Posy são as filhas do conde.

Enteadas, corrigiu Sophie em silêncio.

– Temos todo o direito de usar a Penwood Huse durante a temporada. Não faço ideia do que ele planeia fazer com a casa.

– Talvez queira participar da temporada e procurar uma esposa – sugeriu Sophie. – Certamente quererá ter um herdeiro.

Araminta franziu o sobrolho. – Se a Rosamund não fizer um bom casamento, não sei o que faremos. É

tão difícil encontrar uma boa casa para arrendar. E tão caro.

Sophie absteve-se de mencionar que, pelo menos, Araminta não tinha de pagar a uma criada de quarto.

Na verdade, até Sophie fazer vinte anos, ela recebera quatro mil libras por ano apenas para *ter* uma criada pessoal.

Araminta estalou os dedos. – Não te esqueças de que Rosamund vai precisar de empoeirar o cabelo.

Rosamund ia ao baile vestida de Maria Antonieta. Sophie tinha-lhe perguntado se estava a pensar pintar um círculo de sangue falso à volta do pescoço. Rosamund não achou piada.

Araminta vestiu o roupão, apertando o cinto com movimentos rápidos e firmes. – E Posy... –

continuou, enrugando o nariz. – Bem, Posy há de precisar da tua ajuda, de uma maneira ou de outra, tenho a certeza.

– Fico sempre feliz por ajudar Posy – respondeu Sophie.

Araminta estreitou os olhos, tentando descobrir se Sophie estava a ser insolente. – Não te esqueças é de o fazer – ordenou por fim, marcando bem as sílabas e afastando-se, ativa, para a casa de banho.

Sophie fez uma continência assim que a porta se fechou atrás dela.

– Ah, cá estás tu, Sophie – disse Rosamund, entrando com alarido no quarto. – Preciso da tua ajuda imediatamente.

– Receio que tenha de esperar até...

– Eu disse imediatamente! – exclamou Rosamund autoritária.

Sophie endireitou os ombros e lançou a Rosamund um olhar inflexível. – A tua mãe quer que eu faça algumas alterações no vestido dela.

– Basta tirares os alfinetes e dizeres-lhe que o apertaste. Ela não vai notar a diferença.

Sophie tinha considerado exatamente o mesmo, e deixou escapar um suspiro. Se fizesse o que Rosamund sugeria, não passaria um dia até que Rosamund a delatasse e teria Araminta a reclamar de

raiva durante uma semana. Agora ia ser mesmo obrigada a fazer a

alteração.

– Do que precisas, Rosamund?

– A batinha da minha fantasia tem um rasgão. Não faço ideia de como aconteceu.

– Talvez tenha sido quando o experimentaste...

– Não sejas impertinente!

Sophie calou-se. Era muito mais difícil receber ordens de Rosamund do que de Araminta, talvez pelo facto de as duas já terem sido como iguais, partilhando a mesma sala de aula e preceptora.

– Tem de ser consertado imediatamente – disse Rosamund com ar afetado.

Sophie suspirou. – Trá-lo, então. Eu trato disso logo depois de terminar o da tua mãe. Prometo que o terás pronto muito a tempo.

– Não vou chegar atrasada a este baile – advertiu Rosamund. – Se isso acontecer, mando trazerem a *tua* cabeça numa bandeja.

– Não te vais atrasar – prometeu Sophie.

Rosamund emitiu um ruído irritado, disparando porta fora para ir buscar o seu traje.

– Ai!

Sophie levantou os olhos e viu Rosamund chocar com Posy, que vinha, por sua vez, a entrar.

– Vê por onde andas, Posy! – resmungou Rosamund.

– Tu também podias ver por onde andas – ripostou Posy.

– *Eu* vi. Só que é impossível sair do *teu* caminho, sua lontra.

As bochechas de Posy mancharam-se de vermelho e ela afastou-se.

– Precisas de alguma coisa, Posy? – perguntou Sophie assim que Rosamund desapareceu.

Posy assentiu. – Podes reservar um bocadinho do teu tempo para me arranjares o cabelo? Encontrei algumas fitas verdes que me fazem

lembrar algas marinhas.

Sophie soltou um longo suspiro. Fitas verde-escuras não iriam combinar nada bem com o cabelo escuro de Posy, mas não tinha coragem de lho dizer. – Vou tentar, Posy, mas tenho de remendar o vestido de Rosamund e alterar o da tua mãe.

– Oh! – fez Posy, mostrando um ar desanimado. Sophie ficou cheia de pena. Posy era a única pessoa, além dos criados, que a tratava com alguma bondade na casa de Araminta. – Não te preocupes –

assegurou-lhe. – Garanto que o teu cabelo vai ficar lindo, não importa quanto tempo temos.

– Oh, obrigada, Sophie! Eu...

– Ainda não começaste a tratar do meu vestido? – trovejou Araminta ao sair da casa de banho.

Sophie engoliu em seco. – Estava a falar com Rosamund e Posy. A Rosamund rasgou o vestido e...

– Põe-te a trabalhar!

– Vou já. Imediatamente. – Sophie sentou-se no divã e virou o vestido do avesso para poder apertar a cintura. – Mais depressa do que imediatamente – murmurou. – Mais depressa do que as asas de um beija-flor. Mais depressa do que...

– O que estás para aí a resmungar? – exigiu saber Araminta.

– Nada.

– Então para com esse palratório imediatamente. Essa tua voz é especialmente irritante.

Sophie rangeu os dentes.

– Mamã – começou Posy –, a Sophie vai arranjar o meu cabelo para esta noite como...

– É claro que vai arranjar-te o cabelo. Para de perder tempo e vai imediatamente pôr compressas nos olhos para não parecerem tão inchados.

Posy ficou de cara à banda. – Tenho os olhos inchados?

Sophie abanou a cabeça, negando, para o caso de Posy decidir olhar para ela.

– Os teus olhos estão sempre inchados – respondeu Araminta. – Não achas, Rosamund?

Posy e Sophie viraram-se na direção da porta. Rosamund tinha acabado de entrar, trazendo nos braços o traje de Maria Antonieta. – Sempre – concordou. – Mas tenho a certeza de que uma compressa vai ajudar.

– Estás deslumbrante – disse Araminta a Rosamund. – E ainda não começaste a preparar-te. O dourado do vestido combina perfeitamente com o teu cabelo.

Sophie lançou um olhar solidário a Posy que, tendo o cabelo escuro, nunca recebia tais elogios da mãe.

– Hoje vais conquistar um dos irmãos Bridgerton – continuou Araminta. – Estou certa disso.

Rosamund pôs os olhos no chão com recato. Era uma expressão que tinha aperfeiçoado, e Sophie tinha de admitir que a tornava ainda mais bonita. Mas, também, quase tudo ficava lindo em Rosamund. O

cabelo dourado e os olhos azuis eram a grande moda daquele ano, e graças ao generoso dote que recebera do velho conde, era amplamente assumido que iria conseguir um casamento excelente antes de a temporada acabar.

Sophie lançou um olhar a Posy, que fitava a mãe com uma expressão triste e melancólica. – Tu também estás linda, Posy – disse Sophie num impulso.

Os olhos de Posy iluminaram-se. – Achas mesmo?

– Claro que sim. O teu vestido é muito original. Tenho certeza de que não haverá mais sereias.

– Como podes saber isso, Sophie? – perguntou Rosamund com uma risada. – Como se alguma vez tivesses debutado.

– Tenho a certeza de que irás divertir-te muito, Posy – disse Sophie, incisiva, ignorando a provocação de Rosamund. – Estou cheia de inveja. Quem me dera poder ir.

O pequeno suspiro e desejo de Sophie foi recebido com silêncio absoluto... seguido pela gargalhada áspera tanto de Araminta quanto de Rosamund. Até Posy soltou uma risadinha.

– Oh, havia de ser bonito – disse Araminta, ainda ofegante. – A pequena Sophie no baile dos Bridgerton. Eles não permitem bastardos na sociedade, não sabias?

– Eu não disse que esperava ir – retorquiu Sophie na defensiva –, só que *gostaria*.

– Pois nem isso devias fazer – espicaçou Rosamund. – Pores-te a desejar coisas que nunca irás alcançar só serve para ficares dececionada.

Mas Sophie não prestou atenção ao comentário viperino porque, nesse momento, aconteceu uma coisa estranhíssima. Quando virava a cabeça para olhar para Rosamund, avistou a governanta junto à porta. Era Mrs. Gibbons, que tinha vindo de Penwood Park, a casa no campo, quando a governanta da cidade havia falecido. E quando os olhos de Sophie se cruzaram com os dela, ela piscou o olho.

Piscou!

Sophie não achava que alguma vez tivesse visto Mrs. Gibbons piscar o olho.

– Sophie! Sophie! Estás a ouvir?

Sophie dirigiu um olhar distraído a Araminta. – Peço desculpa – murmurou. – O que dizia?

– Estava a dizer – disse Araminta numa voz desagradável – que é melhor começares a trabalhar no meu vestido imediatamente. Se nos atrasarmos para o baile, *respondes* por isso amanhã.

– Sim, claro – disse Sophie rapidamente. Espetou a agulha no tecido e começou a costurar, mas a cabeça continuava em Mrs. Gibbons.

Um piscar de olhos?

Por que razão haveria ela de lhe piscar o olho?

Três horas mais tarde, Sophie estava de pé, nos degraus da frente da Penwood House, a ver Araminta,

Rosamund e Posy, nesta ordem, a aceitarem a mão do laçaio para subirem para a carruagem. Sophie acenou a Posy, que retribuiu o aceno, e, em seguida, ficou a ver a carruagem descer a rua e desaparecer ao virar da esquina. Eram menos de seis quarteirões até à Bridgerton House, onde o baile de máscaras iria ser realizado, mas Araminta teria insistido em ir de carruagem mesmo se o baile fosse na porta ao lado.

Afinal, era muito importante uma entrada triunfal.

Com um suspiro, Sophie deu meia-volta e subiu os degraus. O seu consolo era que, na excitação do momento, Araminta se tinha esquecido de lhe deixar uma lista de tarefas para executar enquanto ela estivesse fora. Uma noite livre era, de facto, um luxo. Talvez relesse um romance. Ou talvez pudesse ir procurar a edição daquele dia do *Whistledown*. Julgava ter visto Rosamund levá-lo para o quarto mais cedo.

Mas, assim que Sophie entrou na Penwood House, Mrs. Gibbons materializou-se à sua frente e agarrou-a pelo braço. – Não há tempo a perder! – disse a governanta.

Sophie olhou-a como se ela tivesse enlouquecido. – Desculpe, não estou a perceber.

Mrs. Gibbons puxou-a pelo cotovelo. – Vem comigo.

Sophie deixou-se levar pelos três lanços de escadas que distavam do seu quarto, um aposento minúsculo, escondido sob o beiral. Mrs. Gibbons comportava-se de uma forma muito peculiar, mas Sophie fez-lhe a vontade e seguiu-a. A governanta sempre a tratara com o maior carinho, mesmo contrariando a clara desaprovação de Araminta.

– Precisas de tirar essa roupa – disse Mrs. Gibbons ao agarrar a maçaneta da porta.

– *Como?!*

– Temos de nos apressar.

– Mrs. Gibbons... – Sophie abriu a boca de espanto e ficou sem palavras ao ver a cena que se desenrolava no seu quarto. Havia uma banheira de água fumegante mesmo no centro do aposento e todas as três criadas se moviam numa azáfama. Uma vertia um jarro de água na banheira, outra tentava abrir o fecho de um baú bastante misterioso e a terceira segurava numa toalha, dizendo: – Depressa,

temos de nos despachar!

Sophie lançou olhares perplexos a todas. – O que está a acontecer?

Mrs. Gibbons virou-se para ela e sorriu. – Miss Sophia Maria Beckett, tenho o prazer de anunciar que vais ao baile de máscaras!

Uma hora mais tarde, a transformação de Sophie estava completa. O baú continha vestidos pertencentes à mãe do falecido conde. Estavam todos fora de moda há cinquenta anos, mas não tinha importância. O

baile era de máscaras, portanto ninguém esperava que os vestidos respeitassem a última moda.

Mesmo no fundo do baú tinham encontrado uma criação requintada de um prateado cintilante, com um corpete justo incrustado de pérolas e as saias evasê, tão populares no século anterior. Sophie sentiu-se uma princesa só por tocá-lo. Cheirava um pouco a mofo de estar tantos anos guardado no baú, mas uma das criadas rapidamente o levou lá para fora para borrifar o tecido com água de rosas e arejá-lo.

Sophie tinha sido banhada e perfumada, o cabelo dela arranjado, e uma das criadas até lhe aplicara um toque de *rouge* nos lábios. – Não diga nada a Miss Rosamund – segredou. – Surripiiei-o da coleção dela.

– Oh, olha! – disse Mrs. Gibbons. – Encontrei luvas a condizer.

Sophie olhou para cima e viu a governanta mostrar um par de luvas altas até ao cotovelo. – Olhe só –

disse, tirando uma a Mrs. Gibbons e examinando-a. – O brasão dos Penwood. Tem o monograma na bainha.

Mrs. Gibbons analisou a que tinha na mão. – SLG. Sarah Louisa Gunningworth. A tua avó.

Sophie olhou para ela com surpresa. Mrs. Gibbons nunca se referira ao conde como seu pai. Ninguém em Penwood Park havia alguma vez reconhecido verbalmente os laços de sangue de Sophie relativamente à família Gunningworth.

– Bem, ela *é* tua avó – declarou Mrs. Gibbons. – Andamos todos com pezinhos de lã à volta da questão há demasiado tempo. É um crime a forma como Rosamund e Posy são tratadas como filhas da casa e tu, a verdadeira filha do conde, a varrer e a servir como uma criada!

As três criadas acenaram com a cabeça em concordância.

– Pelo menos uma vez – continuou Mrs. Gibbons –, por uma noite que seja, serás a rainha do baile. –

Com um sorriso no rosto, virou lentamente Sophie até esta ficar de frente para o espelho.

Sophie ficou sem fôlego. – Aquela sou eu?

Mrs. Gibbons fez que sim com a cabeça, os olhos traiçoeiramente brilhantes. – Estás linda, minha querida – sussurrou.

Sophie levou lentamente a mão até ao cabelo.

– Olha que o estragas! – exclamou uma das criadas.

– Prometo que não – respondeu Sophie, o sorriso trémulo enquanto se debatia para conter uma lágrima.

Um toque de pó cintilante tinha sido salpicado sobre o seu cabelo para que brilhasse como uma princesa de conto de fadas. Os cachos loiros escuros haviam sido apanhados no cimo da cabeça, deixando apenas um caracol largo deslizar ao longo do pescoço. E os olhos, normalmente verde-musgo, brilhavam como esmeraldas.

Todavia, Sophie suspeitava que poderia ter mais a ver com as lágrimas não derramadas do que com qualquer outra coisa.

– Aqui está a tua máscara – disse Mrs. Gibbons rapidamente. Era uma mascarilha, do género de apertar atrás, para que Sophie não tivesse de usar uma mão para a segurar. – Agora só faltam os sapatos.

Sophie lançou um olhar pesaroso aos sapatos práticos mas feios encostados a um canto. – Infelizmente, não tenho nada adequado para tal elegância.

A criada que aplicara o *rouge* no lábios de Sophie mostrou-lhe um par de sandálias brancas. – Do armário de Rosamund – disse ela.

Sophie enfiou o pé direito numa das sandálias e rapidamente voltou a tirá-lo. – É muito grande – disse, olhando para Mrs. Gibbons. – Nunca vou ser capaz de andar com eles.

Mrs. Gibbons virou-se para a criada. – Vai buscar um par ao armário de Posy.

– Os dela são ainda maiores – explicou Sophie. – Eu sei. Já os limpei vezes suficientes.

Mrs. Gibbons deixou escapar um longo suspiro. – Não há outra coisa a fazer, então. Teremos de assaltar a coleção de Araminta.

Sophie estremeceu. A ideia de pisar o chão com os sapatos de Araminta era algo assustadora. Mas era isso ou ir sem sapatos, e não achava que pés descalços fosse uma coisa aceitável num baile de máscaras chique de Londres.

Alguns minutos depois, a criada voltou com um par de sandálias de cetim branco, bordadas a prateado e adornadas com rosetas de zircónias.

Sophie ainda estava apreensiva por usar os sapatos de Araminta, mas experimentou-os. Serviram na perfeição.

– E combinam, também – disse uma das criadas, apontando para o bordado prateado. – Parece que foram feitos para esse vestido.

– Não temos tempo para admirar os sapatos – disse subitamente Mrs. Gibbons. – Agora ouve as minhas instruções com muita atenção. O cocheiro voltou, depois de levar a condessa e as filhas, e vai levar-te a

Bridgerton House. Mas ele tem de estar à espera quando elas desejarem vir embora, o que significa que tu tens de sair à meia-noite e nem um segundo mais tarde, entendes?

Sophie assentiu com a cabeça e olhou para o relógio na parede. Passava um pouco das nove, o que lhe daria mais de duas horas no baile de máscaras. – Obrigada – sussurrou. – Muito, muito obrigada.

Mrs. Gibbons enxugou os olhos com um lenço. – Diverte-te, minha querida. Esse é o meu agradecimento.

Sophie olhou novamente para o relógio. Duas horas.

Duas horas que teria de fazer durar uma vida inteira.

CAPÍTULO 2

Os Bridgerton são uma família verdadeiramente singular. Certamente não há em Londres quem não tenha conhecimento da extrema similaridade entre eles ou da sua famosa nomeação por ordem alfabética: Anthony, Benedict, Colin, Daphne, Eloise, Francesca, Gregory e Hyacinth.

Faz-nos pensar que nome teriam o falecido visconde e a (ainda muito viva) viscondessa viúva dado ao seu próximo filho, caso a prole aumentasse para nove. Imogen? Inigo?

Talvez tenha sido melhor eles terem-se ficado pelos oito.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

2 DE JUNHO 1815

Benedict Bridgerton era o segundo de oito filhos, mas às vezes sentia que poderiam ser cem.

Aquele baile que a mãe insistira em organizar era de máscaras, e Benedict, obedientemente, colocara uma mascarilha preta, mas todos sabiam quem ele era. Ou melhor, *quase* sabiam.

– Um Bridgerton! – exclamavam, batendo palmas de alegria.

– Tem de ser um Bridgerton!

– Um Bridgerton! Sou capaz de reconhecer um Bridgerton a léguas de distância.

Benedict era um Bridgerton e, embora não se imaginasse a pertencer a qualquer outra família, por vezes desejava ser considerado um pouco menos Bridgerton e um pouco mais ele mesmo.

Ainda há pouco, uma senhora de idade imprecisa, vestida de pastora, se aproximara a passo lento, trinando: – Um Bridgerton! Reconheceria esses cabelos castanhos em qualquer lugar. Qual deles é? Não, não diga. Deixe-me adivinhar. Não é o visconde, porque ainda agora estive com ele. Deve ser o número dois ou o número três.

Benedict olhou-a friamente.

– Qual deles? O número dois ou o número três?

– Dois – resmungou.

Ela juntou as mãos. – Exatamente o que eu pensava! Oh, tenho de encontrar Portia. Eu bem lhe disse que era o número dois...

Benedict, quase rosnou.

– ...mas ela disse, não, é o mais novo, mas eu...

Benedict teve um desejo súbito de sair dali. Era isso ou matar aquela galinha cacarejante e, com tantas testemunhas, não haveria escapatória possível. – Se me permite – disse numa voz suave –, tenho de ir porque vejo alguém com quem necessito falar.

Era mentira, mas não se incomodou. Dirigindo um breve aceno de cabeça à idosa pastora, cortou a direito para a porta lateral do salão de baile, ansioso por escapar à multidão e esgueirar-se para o escritório do irmão, onde poderia encontrar a bênção de um pouco de paz e sossego e quem sabe um copo de *brandy*.

– Benedict!

Maldição! Quase conseguira escapar sem ser visto. Ergueu o olhar, vendo a mãe dirigir-se a ele apressada. Estava vestida com uma espécie de traje isabelino. Pareceu-lhe ser uma qualquer personagem de Shakespeare, mas pela sua saúde que não fazia ideia qual.

– Em que posso ser útil, mãe? – perguntou. – E, por favor, não diga «Vai dançar com a Hermione Smythe-Smith». A última vez que o fiz quase perdi três dedos dos pés.

– Não ia pedir nada disso – replicou Violet. – Ia pedir-te que dançasses com a Prudence Featherington.

– Tenha pena de mim, mãe – gemeu ele. – Essa é ainda pior.

– Não estou a pedir que cases com a rapariga, apenas que dances com ela – insistiu.

Benedict controlou-se para não resmungar. Prudence Featherington, embora na essência fosse boa pessoa, tinha o cérebro do tamanho de uma ervilha e uma risada tão desagradável que ele já vira homens adultos fugirem com as mãos nos ouvidos. – Então fazemos um acordo – argumentou. – Eu danço com a Penelope Featherington se a mãe mantiver a Prudence longe de mim.

– Está combinado – disse a mãe com um aceno satisfeito, deixando Benedict com a estranha sensação de que, na verdade, o que a mãe queria era que ele dançasse com Penelope.

– Ela está ali, junto à mesa da limonada – disse Violet –, vestida de

duende, coitada. A cor assenta-lhe bem, mas alguém realmente deveria dar uma palavrinha à mãe da próxima vez que se aventurarem a ir à costureira. Não sou capaz de conceber traje mais infeliz.

– Obviamente ainda não viu a sereia – murmurou Benedict.

Ela deu-lhe uma sapatada leve no braço. – Nada de te pores a fazer pouco dos convidados.

– A culpa é deles!

Ela lançou-lhe um olhar repreensivo antes de dizer: – Vou ver se encontro a tua irmã.

– Qual delas?

– Uma das solteiras – respondeu Violet com impertinência. – O visconde Guelph pode estar interessado na tal jovem escocesa, mas ainda não estão noivos.

Benedict silenciosamente desejou sorte a Guelph. O pobre homem ia precisar.

– E obrigada por dançares com Penelope – disse Violet, incisiva.

Ele lançou-lhe um meio sorriso irónico. Ambos sabiam que as palavras deveriam ser entendidas como um lembrete, não como agradecimento.

Com os braços cruzados numa posição um tanto ameaçadora, viu a mãe afastar-se antes de suspirar profundamente e se dirigir até à mesa de limonada. Adorava a mãe de todo o coração, mas ela tinha a tendência inconveniente de se imiscuir na vida social dos filhos. Porém, se havia coisa que a incomodava ainda mais do que o estado de solteiro de Benedict, era ver o rosto triste de uma jovem quando ninguém a convidava para dançar. O resultado disso era que Benedict passava muito tempo no salão de dança, por vezes com jovens com quem ela gostaria que ele se casasse, mas mais frequentemente com as negligenciadas.

Das duas, ele achava que preferia as chamadas feias do baile. As meninas populares tendiam a ser fúteis e, para ser franco, um pouco maçantes.

A mãe sempre tivera uma queda especial por Penelope Featherington, que estava na sua... Benedict fez uma careta... *terceira* temporada? Devia ser a terceira. E sem perspectivas de casamento. Pois bem. Mais

valia tratar de cumprir o seu dever. Penelope era uma jovem bastante agradável, com um sentido de humor e personalidade razoáveis. Um dia iria encontrar um marido. Não seria *ele*, é claro, e com toda a honestidade, provavelmente não seria ninguém que ele conhecesse, mas certamente iria encontrar *alguém*.

Com um suspiro, Benedict avançou em direção à mesa de limonada. Quase podia sentir o sabor do *brandy*, o toque suave e aveludado na boca, mas admitiu que um copo de limonada sempre desenrascava por alguns minutos.

– Miss Featherington! – chamou, procurando não estremecer de susto quando três Miss Featherington se viraram na sua direção. Com o que sabia não poder ser outra coisa senão o mais fraco dos sorrisos, acrescentou: – Desculpem, queria dizer, Penelope.

A cerca de três metros de distância, Penelope sorriu, e Benedict lembrou-se do quanto *gostava* de Penelope Featherington. Na verdade, ela não seria considerada tão antidotal se não andasse sempre atracada às infelizes irmãs, que provocavam em qualquer homem adulto o desejo súbito de embarcar num navio para a Austrália.

Estava quase junto dela quando, atrás de si, ouviu um rumorejar a ondular por todo o salão. Sabia que deveria avançar com a sua missão da dança obrigatória, mas a curiosidade falou mais alto e ele virou-se.

Diante dele estava a mulher mais deslumbrante que já havia visto.

Não conseguia perceber se era bonita. O cabelo era de um loiro escuro bastante vulgar e, com a máscara firmemente apertada em torno da cabeça, não podia sequer ver metade do seu rosto.

Mas algo nela o prendeu, fascinado. Era o sorriso, o contorno dos olhos, o porte, a forma como olhava para todo o salão, como se aquela visão de um grupo de idiotas da alta sociedade vestido em trajes ridículos fosse a mais gloriosa do mundo.

A sua beleza vinha de dentro.

Ela brilhava. Resplandecia.

Tinha um ar absolutamente radiante e Benedict percebeu subitamente que era pela aparência tão extraordinariamente *feliz*. Feliz por estar onde estava, feliz por ser *quem* era.

Feliz de uma maneira que Benedict mal se conseguia lembrar. Tinha

uma vida boa, era verdade, talvez até mesmo uma vida ótima. Sete irmãos maravilhosos, uma mãe carinhosa e muitos amigos. Mas aquela mulher...

Aquela mulher sabia o que era a alegria.

E Benedict *tinha* de a conhecer.

Penelope esquecida, abriu caminho através da multidão até ficar a poucos passos dela. Outros três cavalheiros tinham chegado primeiro e encontravam-se já a cobri-la de lisonjas e elogios. Benedict observou-a com interesse; ela não reagiu como qualquer outra mulher das suas relações reagiria.

Não agiu de forma tímida. Nem agiu como se esperasse que os elogios lhe fossem devidos. Tão-pouco se mostrou tímida ou maliciosa ou irónica ou soltando risadinhas ou qualquer dessas coisas que se pode esperar de uma mulher.

Apenas sorria. Um sorriso aberto. Benedict supunha que os elogios tinham o objetivo de transmitir um pouco de felicidade ao recetor, mas nunca vira uma mulher reagir com tal alegria, pura e genuína.

Deu um passo em frente. Queria aquela alegria para si.

– Peço desculpa, cavalheiros, mas a senhorita já me prometeu esta dança – mentiu.

Os círculos da máscara dela tinham um corte amplo, permitindo que ele visse os olhos dela arregalarem-se consideravelmente para, em seguida, se semicerrarem, divertidos. Estendeu-lhe a mão, desafiando-a em silêncio a desmascará-lo.

Mas ela apenas sorriu, um sorriso largo e radiante que lhe perfurou a pele, entrando diretamente no seu coração. Pousou a mão na dele e foi apenas nesse momento que Benedict se deu conta de que tinha estado de respiração suspensa.

– Tem permissão para dançar a valsa? – sussurrou ele assim que alcançaram a pista de dança.

Ela abanou a cabeça em sinal de negação. – Eu não danço.

– Brinca, certamente.

– Infelizmente, não. Na verdade... – inclinou-se, aproximando-se dele,

e com um sorriso frouxo acrescentou – eu não sei dançar.

Ele olhou-a com espanto. Ela movia-se com uma graciosidade inata e, além do mais, que jovem de boas famílias chegaria à idade dela sem aprender a dançar? – Sendo assim, só há uma coisa a fazer –

murmurou. – Eu ensino-lhe.

Os olhos dela arregalaram-se, os lábios entreabriram-se, irrompendo numa gargalhada de surpresa.

– O que tem tanta graça? – perguntou ele, tentando parecer sério.

Ela sorriu abertamente – o género de sorriso que se esperaria mais de um velho colega de escola do que de uma debutante num baile. Ainda de sorriso nos lábios, ela disse: – Até eu sei que não há lugar para aulas de dança num baile.

– E o que significa isso de « *até eu sei*»? – murmurou ele.

Ela não respondeu.

– Terei então de aproveitar a situação – disse ele – e forçá-la a obedecer às minhas ordens.

– Forçar-me?

Mas ela sorriu ao dizê-lo, fazendo-o ver que não tinha ficado ofendida, e ele acrescentou: – Não seria nada cavalheiresco da minha parte deixar que esta infeliz situação continue.

– Infeliz, disse?

Ele encolheu os ombros. – Uma bela jovem que não sabe dançar. Parece-me um crime contra a natureza.

– Se permitir que me ensine...

– *Quando* permitir que lhe ensine.

– *Se* permitir que me ensine, onde irá realizar a aula?

Benedict ergueu o queixo e esquadrinhou o salão. Não era difícil ver por cima das cabeças da maioria dos presentes; com praticamente um metro e oitenta e cinco, ele era um dos homens mais altos da sala. –

Teremos de nos retirar para o terraço – disse, por fim.

– Para o terraço? – ela repetiu. – Não estará apinhado de gente? A noite está quente.

Ele inclinou-se para a frente. – Não o terraço *privado*.

– O terraço privado, diz? – perguntou, o divertimento a bailar-lhe na voz. – E como, diga-me, tem conhecimento de um terraço privado?

Benedict olhou-a em choque. Seria possível que ela não soubesse quem ele era? Não que se tivesse em tão alta consideração que esperasse que toda a Londres estivesse ciente da sua identidade. Mas ele era um Bridgerton, e se uma pessoa conhecia um Bridgerton, isso geralmente significava que era capaz de reconhecer qualquer outro. E como não havia ninguém em Londres que não se tivesse alguma vez cruzado com um Bridgerton, Benedict era normalmente reconhecido onde quer que fosse. Mesmo, pensou com pesar, quando esse reconhecimento significava simplesmente ser o «Número dois».

– Não respondeu à minha pergunta – lembrou a jovem misteriosa.

– Acerca do terraço privado? – Benedict levou a mão dela aos lábios e beijou a seda suave da luva. –

Digamos apenas que tenho os meus contactos.

Ela pareceu indecisa, e por isso ele puxou-a pelos dedos para mais perto; apenas uns centímetros, mas dava a ideia de estar apenas a um beijo de distância. – Venha – disse ele. – Dance comigo.

Ela deu um passo adiante e ele soube que a sua vida havia mudado para sempre.

Sophie não o vira ao entrar no salão, mas sentiu magia no ar, e quando ele apareceu diante dela, como um príncipe encantado de um conto infantil, apercebeu-se de que *ele* era a razão pela qual ela se infiltrara naquele baile.

Ele era alto, e pelo que podia ver do seu rosto, muito atraente, os lábios sugerindo ironia e sorriso, a pele tocada ao de leve pelos resquícios de uma barba. O cabelo era de um castanho vivo e escuro, a que o cintilar da luz das velas conferia um tom avermelhado.

As pessoas também pareciam saber quem ele era. Sophie percebeu que, ao andar, elas lhe davam

passagem. E quando mentira tão descaradamente, reivindicando o direito a uma dança com ela, os outros homens haviam acatado, afastando-se.

Ele era bonito e forte, e, por aquela noite, seria dela.

Quando o relógio batesse a meia-noite, estaria de volta à sua vida de labuta, a coser e a lavar, obedecendo a cada capricho de Araminta. Seria assim tão errado querer uma noite inebriante de magia e amor?

Sentiu-se como uma princesa – uma princesa imprudente –, por isso, quando ele a convidou a dançar, ela aceitou a mão que ele lhe oferecia. E mesmo sabendo que toda aquela noite era uma mentira, que ela era a filha ilegítima de um nobre e criada de uma condessa, que o seu vestido era emprestado e os sapatos praticamente roubados – nada disso pareceu ter importância quando os dedos de ambos se entrelaçaram.

Durante algumas horas, pelo menos, Sophie poderia fingir que aquele cavalheiro era *seu* e que, a partir daquele momento, a sua vida iria mudar para sempre.

Era apenas um sonho, mas há tanto tempo que não se permitia sonhar assim...

Afastando toda a cautela, deixou que ele a conduzisse para fora do salão. Ele caminhava apressado, serpenteando pelo meio da multidão pulsante, e ela deu por si a rir enquanto avançava aos tropeções atrás dele.

– Porque é que me parece estar sempre a rir-se de mim? – comentou ele, parando um momento, quando chegaram ao átrio fora do salão de baile.

Ela riu-se novamente; não era capaz de evitar. – Estou feliz – disse com um encolher de ombros indefeso. – Estou tão feliz por estar aqui.

– E porquê? Um baile como este deve fazer parte da sua rotina.

Sophie sorriu abertamente. Se ele achava que ela pertencia à alta sociedade, uma frequentadora assídua de dezenas de bailes e festas, então devia estar a desempenhar o seu papel na perfeição.

Ele tocou ao de leve no canto da boca dela. – Continua a sorrir – murmurou.

– Eu gosto de sorrir.

Colocando a mão na cintura dela, puxou-a para si. A distância entre os dois corpos permanecia respeitável, mas a maior proximidade tirou o fôlego a Sophie.

– Gosto de vê-la sorrir – disse ele. As palavras saíram em tom baixo e sedutor, mas havia um toque estranhamente rouco na sua voz, e Sophie quase era capaz de acreditar na veracidade das suas palavras, que não a via apenas como a conquista da noite.

Mas antes de poder responder, uma voz acusatória vinda do fundo do corredor gritou de repente: – Ah, estás aí!

Sophie sentiu o estômago subir-lhe à garganta. Tinha sido descoberta. Seria expulsa dali e o mais provável era no dia seguinte ser presa por roubar os sapatos de Araminta, e...

O homem que tinha chamado já os alcançara e dizia agora ao seu misterioso cavaleiro: – A mãe tem andado à tua procura. Fugiste à responsabilidade de dançar com Penelope e *eu* tive de assumir o teu lugar.

– Sinto muito – murmurou o seu acompanhante misterioso.

Aquilo não pareceu ser suficiente para o recém-chegado, porque ele dirigiu-lhe um olhar carrancudo ao dizer: – Se fugires da festa e me deixares sozinho com aquela matilha de debutantes demoníacas, juro que me vingo de ti pelo resto da minha vida.

– É um risco que estou disposto a correr – respondeu o cavaleiro dela.

– Bem, eu encobri-te com Penelope – resmungou o outro homem. – Tiveste sorte de por acaso eu estar por perto. A pobre moça ficou de coração partido quando deste meia-volta.

O cavaleiro de Sophie corou com graça. – Infelizmente, algumas coisas são inevitáveis.

Sophie olhou de um homem para o outro. Mesmo sob as mascarilhas, era mais do que óbvio que eram irmãos; foi então que percebeu, com a rapidez de um raio, que deviam ser os irmãos Bridgerton, que aquela era a casa deles e...

Oh, por Deus! Fizera um perfeito papel de idiota ao perguntar como é

que ele tinha conhecimento de um terraço privado.

Mas que irmão seria? Benedict. Tinha de ser Benedict. Sophie agradeceu mentalmente a Lady Whistledown por certa vez ter escrito uma crónica totalmente dedicada à tarefa de distinguir os irmãos Bridgerton. Lembrou-se de Benedict ter sido apontado como o mais alto.

O homem que lhe triplicara o ritmo cardíaco era uns bons dois centímetros mais alto do que o irmão...

e Sophie percebeu de repente que ele a olhava com muita atenção.

– Vejo porque fugiste – disse Colin (pois devia ser Colin; certamente não era Gregory, que tinha apenas catorze anos, e Anthony era casado, portanto não se importaria que Benedict fugisse da festa, deixando-o sozinho a aturar as debutantes). Ele olhou para Benedict com uma expressão maliciosa. – Não me apresentas?

Benedict ergueu uma sobrancelha. – Podes tentar, mas duvido que tenhas mais sucesso do que eu.

Ainda não consegui saber o seu nome.

– Não mo perguntou – Sophie não pode deixar de notar.

– Dir-mo-ia se o fizesse?

– Dir-lhe-ia *alguma coisa* – respondeu.

– Mas não a verdade.

Ela abanou a cabeça. – Esta não é uma noite para a verdade.

– O meu género de noite preferida – disse Colin numa voz bem-disposta.

– Não tinhas de *estar* em algum lugar? – sugeriu Benedict.

Colin abanou a cabeça em sinal de negação. – Certamente que a mãe preferiria que eu *estivesse* no salão de baile, mas não é exatamente uma exigência.

– Pois então exijo *eu* – retorquiu Benedict.

Sophie sentiu o início de uma gargalhada borbulhar-lhe na garganta.

– Muito bem – assentiu Colin com um suspiro. – Vou-me embora, então.

– Excelente – disse Benedict.

– Sozinho, para enfrentar os lobos devoradores...

– Os lobos? – perguntou Sophie, curiosa.

– As jovens eligíveis – Colin esclareceu. – Um bando de lobos famintos, todas elas. Com a exceção da jovem aqui presente, é claro.

Sophie achou melhor não referir que ela não era de todo uma «jovem elegível».

– O desejo mais profundo da minha mãe... – começou Colin.

Benedict emitiu um murmúrio de desagrado.

– ...era ver o meu querido irmão mais velho casar-se. – Fez uma pausa, ponderando as palavras. – Ou então, talvez, ver-me casar a *mim*.

– Quanto mais não fosse para te tirar de casa – comentou Benedict secamente.

Desta vez Sophie não resistiu ao riso.

– Mas, pensando bem, ele é consideravelmente mais velho do que eu – Colin continuou –, por isso talvez devêssemos mandá-lo para a forca... isto é, para o altar, primeiro.

– Aonde pretendes *chegar*? – rosnou Benedict.

– A parte alguma, em absoluto – admitiu Colin. – Pensando bem, raramente o faço.

Benedict virou-se para Sophie. – Agora ele diz a verdade.

– Então – Colin dirigiu-se a Sophie, fazendo um gesto teatral com o braço –, posso pedir-lhe que tenha pena da minha pobre mãe que tanto sofre e que leve o meu querido irmão até ao altar?

– Bem, ele não me pediu nada – respondeu Sophie, tentando alimentar o humor do momento.

– Quanto é que já bebemos? – resmungou Benedict.

– Eu? – perguntou Sophie.

– *Ele*.

– Absolutamente nada – respondeu Colin com jovialidade –, mas estou a pensar muito seriamente em remediar isso. Na verdade, talvez seja a única coisa que torne esta noite suportável.

– Se a obtenção de uma bebida te tira da minha presença – disse Benedict –, então certamente isso será a única coisa que tornará a *minha* noite suportável.

Colin sorriu, fez uma saudação alegre e foi-se embora.

– É bom ver dois irmãos nutrirem tanto amor um pelo outro – murmurou Sophie.

Benedict, que lançava um olhar ameaçador na direção da porta pela qual o irmão havia desaparecido, voltou a atenção para ela. – Chama amor a *isto*?

Sophie pensou em Rosamund e Posy, que estavam sempre a criticar-se uma à outra, e não em tom de brincadeira. – Sim – respondeu ela, assertiva. – É óbvio que daria a sua vida por ele. E vice-versa.

– Talvez tenha razão – Benedict soltou um suspiro sitiado, arruinando de seguida o efeito com um sorriso. – Por mais que me custe admiti-lo. – Estava encostado à parede, com os braços cruzados e um ar muito sofisticado e cortês. – Diga-me – recomeçou ele –, tem irmãos?

Sophie ponderou sobre a pergunta um momento e depois respondeu com um decisivo – Não.

Ele ergueu uma sobrancelha num arco curiosamente arrogante. Inclinou a cabeça ligeiramente para o lado ao dizer: – Estou bastante curioso para saber porque demorou tanto a encontrar a resposta para a pergunta. Não se pensaria ser assim tão difícil.

Sophie desviou o olhar um momento, não querendo que ele visse a dor que sabia estar estampada nos seus olhos. Sempre quisera ter uma família. Na verdade, não havia nada na vida que desejasse mais. O

pai nunca a reconhecera como filha, nem mesmo em privado, e a mãe havia morrido quando ela nascera.

Araminta tratava-a como se ela tivesse a peste e Rosamund e Posy

nunca tinham sido irmãs para ela. De longe a longe, Posy tratava-a como uma amiga, mas ainda assim passava a maior parte do dia a pedir que Sophie lhe remendasse o vestido, ou arranjasse cabelo, ou engraxasse os sapatos...

E, embora Posy pedisse e não ordenasse, como faziam a irmã e a mãe, Sophie não tinha propriamente a opção de dizer não.

– Eu sou filha única – disse Sophie, por fim.

– E isso é tudo o que vai dizer sobre o assunto – murmurou Benedict.

– E isso é tudo o que vou dizer sobre o assunto – concordou ela.

– Muito bem. – Ele sorriu, num jeito masculino e indolente. – O que, então, me é permitido perguntar?

– Nada, na verdade.

– Absolutamente nada?

– Talvez eu possa ser induzida a dizer-lhe que a minha cor favorita é o verde, mas para além disso, não forneço mais pistas sobre a minha identidade.

– Porquê tanto segredo?

– Se eu respondesse a essa pergunta – Sophie disse com um sorriso enigmático, alimentando o seu papel de estranha misteriosa –, seria o fim dos meus segredos, não acha?

Ele inclinou-se levemente na direção dela. – Pode sempre arranjar novos segredos.

Sophie recuou um passo. O olhar dele ficara mais ardente, e ela já ouvira bastantes conversas nos

quartos dos empregados para saber o que aquilo significava. Por mais emocionante que fosse, não era tão ousada quanto fingia ser. – Toda esta noite – terminou ela – já é suficientemente secreta.

– Faça-me então uma pergunta – sugeriu ele. – Eu não tenho segredos.

Os olhos dela arregalaram-se. – Nenhum? Verdade? Toda a gente tem segredos, não?

– Eu não. A minha vida é irremediavelmente banal.

– Acho muito difícil de acreditar.

– É verdade – respondeu ele com um encolher de ombros. – Nunca seduzi uma jovem inocente, ou mesmo uma senhora casada, não tenho dívidas de jogo e os meus pais sempre foram totalmente fiéis um ao outro.

Isso significava que não era um filho bastardo. Esse pensamento causou um nó na garganta de Sophie.

Não por ele ser filho legítimo, é claro, mas porque sabia que ele nunca tentaria conquistá-la, pelo menos não de forma honrosa, se soubesse que ela não era.

– Ainda não me fez uma pergunta – lembrou ele.

Sophie pestanejou, surpreendida. Não pensara que ele falasse a sério.

– Hã, está bem – quase gaguejou, apanhada de surpresa. – Qual é, então, a sua cor preferida?

Ele sorriu. – Vai desperdiçar a sua pergunta com isso?

– Só tenho direito a uma pergunta?

– É mais do que justo, tendo em conta que não me concede nenhuma.

– Benedict inclinou-se para a frente, os olhos escuros a brilhar. – E a resposta é azul.

– Porquê?

– Porquê? – ele repetiu.

– Sim, porquê? É por causa do oceano? Do céu? Ou talvez simplesmente porque gosta da cor?

Benedict olhou-a com curiosidade. Parecia uma pergunta tão estranha... *Porque* é que a sua cor preferida era o azul. Qualquer outra pessoa teria aceitado a resposta sem questionar. Mas esta mulher, cujo nome ele ainda nem conhecia, ia mais fundo, atravessando os «quês» e mergulhando nos «porquês».

– É pintora? – perguntou ele.

Ela abanou a cabeça, negando. – Apenas curiosa.

– Porque é que o verde é a sua cor preferida?

Ela suspirou, os olhos assumindo um toque nostálgico. – A relva, suponho, e as folhas, talvez. Mas principalmente a relva. A sensação de quando se corre descalço num dia de verão. O cheiro depois de os jardineiros a apararem.

– O que tem a sensação e o cheiro da relva a ver com a cor?

– Talvez nada. E talvez tudo. Eu costumava viver no campo, sabe... – Interrompeu-se. Não tinha a intenção de revelar tal informação, mas também não lhe pareceu haver grande problema no facto de ele conhecer um facto tão inocente.

– Foi mais feliz lá? – ele perguntou discretamente.

Ela assentiu, um súbito afluxo de consciência provocando-lhe calafrios. Lady Whistledown nunca devia ter tido uma conversa com Benedict Bridgerton para além do superficial, porque nunca tinha escrito que ele talvez fosse o homem mais perspicaz de Londres. Quando a olhava nos olhos, Sophie tinha a estranha sensação de que era capaz de lhe ver diretamente a alma.

– Deve gostar de fazer passeios no parque, então – comentou ele.

– Sim – mentiu Sophie. Ela nunca tinha tempo para ir ao parque. Araminta nem sequer lhe concedia um dia de folga, um direito que os outros criados tinham.

– Teremos de dar um passeio juntos – disse Benedict.

Sophie evitou uma resposta, lembrando: – Não chegou a responder-me porque é que a sua cor preferida

é o azul.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, estreitando os olhos apenas o suficiente para que Sophie soubesse que ele tinha notado a evasiva. Mas limitou-se a responder: – Não sei. Talvez também me faça lembrar de algo de que sinto falta. Há um lago em Aubrey Hall, onde eu cresci, no Kent, mas a água sempre me pareceu mais cinzenta do que azul.

– Provavelmente reflete o céu – comentou Sophie.

– Que está, na maioria das vezes, mais cinzento do que azul – completou Benedict com uma risada. –

Talvez seja disso que sinto falta: do azul do céu e do sol.

– Se não chovesse – disse Sophie com um sorriso –, não seria Inglaterra.

– Viajei para Itália uma vez – disse Benedict. – O sol brilhou sempre.

– Parece o paraíso.

– Era o que seria de esperar. No entanto, dei por mim a sentir falta da chuva.

– Não posso acreditar – disse ela com uma risada. – Sinto que passei metade da minha vida a olhar pela janela e a resmungar contra a chuva.

– Se desaparecesse, sentir-lhe-ia a falta.

Sophie ficou pensativa. Haveria alguma coisa na sua vida da qual sentiria saudades se desaparecesse?

Não sentiria saudades de Araminta, isso era certo, nem de Rosamund. Talvez de Posy, e definitivamente teria saudades de ver o sol brilhar pela janela do seu quarto no sótão pela manhã. Teria saudades de ver os criados rir e brincar, incluindo-a ocasionalmente na diversão, mesmo que todos soubessem que ela era a filha bastarda do falecido conde.

Mas não iria ter saudades de tudo isso, não teria sequer a oportunidade de sentir-lhes a falta, porque não iria sair dali. Depois daquela noite, daquela noite incrível, maravilhosa e mágica, voltaria à sua vidinha costumeira.

Imaginou que, se fosse mais forte, mais corajosa, já teria abandonado Penwood House há anos. Mas será que teria feito alguma diferença? Podia não gostar de viver com Araminta, mas o mais certo era não melhorar a sua sorte saindo de lá. Poderia até gostar de ser governanta, e certamente tinha as qualificações necessárias para a posição, mas os empregos eram escassos para quem não tinha referências, e Araminta certamente não iria dar-lhe uma carta de referências.

– Está muito calada – disse Benedict baixinho.

– Estava apenas a pensar.

– Sobre?

– Sobre aquilo de que sentiria falta ou não se a minha vida mudasse drasticamente.

Os olhos dele adquiriram um brilho intenso. – E espera que mude drasticamente?

Ela disse que não com a cabeça e tentou afastar a tristeza da voz ao responder: – Não.

A voz saiu tão calma que era quase um sussurro. – E quer que ela mude?

– Sim – respondeu ela num suspiro, antes de ser capaz de conter-se. – Ah, *sim*.

Ele levou as mãos dela aos lábios, beijando uma de cada vez com toda a suavidade. – Então vamos começar agora mesmo – prometeu. – Amanhã será uma pessoa transformada.

– Esta noite estou transformada – ela sussurrou. – Amanhã desaparecerei.

Benedict puxou-a para perto e depositou-lhe o mais suave, mais fugaz dos beijos na testa. – Então temos de condensar uma vida inteira numa só noite.

CAPÍTULO 3

Esta Vossa Autora aguarda ansiosamente para ver que trajes a alta sociedade irá levar ao baile de máscaras dos Bridgerton. Há rumores de que Eloise Bridgerton tenciona vestir-se de Joana d’Arc e que Penelope Featherington, na sua terceira temporada e recentemente retornada de uma visita a uns primos irlandeses, irá vestir-se de duende. Miss Posy Reiling, enteada do antigo conde de Penwood, pretende levar uma fantasia de sereia, que esta Vossa Autora mal pode esperar para ver, mas a irmã mais velha, Miss Rosamund Reiling, tem mantido segredo absoluto sobre o seu traje.

Quanto aos homens, se as máscaras dos bailes anteriores servirem de indicação, o género corpulento vestir-se-á de Henrique VIII, o em boa

condição física de Alexandre, o Grande, ou talvez de diabo, e os entediados (e os irmãos Bridgerton certamente fazem parte deste lote) vestir-se-ão de si mesmos – o traje básico de noite preto e apenas uma mascarilha denotando o compromisso com a ocasião.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

5 DE JUNHO 1815

–Dance comigo – disse Sophie impulsivamente.

O sorriso dele era divertido, mas os dedos entrelaçaram-se com força nos dela ao murmurar: –

Pensei que não sabia dançar.

– Prometeu que ia ensinar-me.

Ele ficou a olhar para ela por um longo momento, os olhos perscrutadores, e então disse: – Venha comigo.

Puxando-a atrás de si, escapuliram-se por um corredor, subiram um lance de escadas e depois viraram uma esquina, dando de caras com um par de portas envidraçadas. Benedict empurrou os puxadores de ferro e escancarou as portas, revelando um pequeno terraço privado, adornado com vasos de plantas e duas espreguiçadeiras.

– Onde estamos? – perguntou Sophie, olhando em redor.

– Mesmo por cima do terraço do salão de baile. – Fechou as portas atrás de si. – Não ouve a música?

O que Sophie ouvia principalmente era o ruído surdo de conversas, mas se prestasse mais atenção, podia ouvir o som fraco da melodia cadenciada da orquestra. – Handel – disse ela com um sorriso encantado. – A minha governanta tinha uma caixa de música com esta música.

– A sua governanta era-lhe muito querida – comentou ele calmamente.

Ela estava de olhos fechados a cantarolar a melodia, mas quando ouviu estas palavras, abriu-os, assustada. – Como sabia?

– Da mesma forma que percebi que era mais feliz no campo. – Benedict estendeu a mão e tocou-a no rosto, um dedo enluvado percorrendo-lhe lentamente a pele até atingir a linha do queixo. – Posso vê-lo no seu rosto.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes e depois afastou-se, dizendo:
– Sim, bem, passei mais tempo com ela do que com qualquer outra pessoa da casa.

– Parece-me um crescimento muito solitário – disse ele baixinho.

– Por vezes, sim. – Ela caminhou até à varanda e pousou as mãos na balaustrada, mantendo o olhar fixo no negrume da noite. – Por vezes, não. – Então virou-se de repente, com um sorriso cintilante, e Benedict percebeu que ela não iria revelar mais nada sobre a infância.

– O seu crescimento deve ter sido o completo oposto da solidão – comentou ela. – Com tantos irmãos e irmãs.

– Então sabe quem eu sou – declarou ele.

Ela assentiu com a cabeça. – A princípio, não.

Ele caminhou até a balaustrada, encostando-se de lado e cruzando os braços. – O que é que me denunciou?

– Na verdade foi o seu irmão. São tão parecidos...

– Mesmo com as máscaras?

– Mesmo com as máscaras – respondeu ela com um sorriso indulgente.

– Lady Whistledown escreve sobre a vossa família com frequência e nunca perde a oportunidade de comentar como são todos tão parecidos.

– E sabe que irmão sou?

– Benedict – respondeu ela. – Se, de facto, Lady Whistledown estiver correta quando diz que é o mais alto dos irmãos.

– Mas que excelente detetive.

Ela ficou um pouco embaraçada. – Apenas leio um jornal de mexericos. Isso não me torna diferente do resto das pessoas aqui.

Benedict observou-a um momento, perguntando-se se ela se daria conta de ter revelado mais uma pista quanto ao enigma da sua identidade. Se ela o reconhecia apenas pelo *Whistledown*, então não era debutante há muito tempo, ou talvez ainda nem sequer o fosse. De qualquer maneira, não era uma das muitas jovens a quem a mãe o havia apresentado.

– O que mais sabe sobre mim através do *Whistledown*? – ele perguntou, com um sorriso lento e indolente.

– Está à pesca de elogios? – ela perguntou, devolvendo o meio sorriso com um ligeiro curvar dos lábios. – Deve com certeza saber que os Bridgerton são quase sempre poupados à estocada da pena de Lady Whistledown. Ela é quase sempre elogiosa ao escrever sobre a sua família.

– Isso conduziu a muita especulação sobre a identidade dela – admitiu ele. – Alguns pensam que deve pertencer à família Bridgerton.

– E pertence?

Ele encolheu os ombros. – Que eu saiba, não. E não respondeu à minha pergunta.

– Que pergunta foi essa?

– O que sabe sobre mim através do *Whistledown*.

Ela pareceu surpreendida. – Está realmente interessado?

– Se não posso saber nada sobre *si*, pelo menos posso ficar a saber o que conhece de *mim*.

Ela sorriu e encostou a ponta do dedo indicador ao lábio inferior num gesto distraído encantador. – O

que é que eu me lembro... No mês passado, ganhou uma qualquer ridícula corrida de cavalos no Hyde Park.

– Não era nada ridícula – disse ele com um sorriso. – Estou cem libras mais rico por causa dela.

Ela lançou-lhe um olhar provocatório. – As corridas de cavalos são quase sempre ridículas.

– Só uma mulher seria capaz de dizer tal coisa – murmurou ele.

– Bem...

– Escusa de apontar o óbvio – interrompeu.

O comentário fê-la sorrir.

– O que mais sabe? – insistiu ele.

– Do *Whistledown*? – Ela bateu com o dedo contra a bochecha. – Certa vez cortou a cabeça da boneca

da sua irmã.

– Ainda estou para descobrir como soube ela disso – resmoneou Benedict.

– Talvez Lady Whistledown seja uma Bridgerton, afinal.

– Impossível. Não que não sejamos suficientemente inteligentes para conseguirmos tal façanha –

acrescentou ele de forma enfática. – O resto da família é que seria inteligente o suficiente para descobrir.

Isso fê-la dar uma gargalhada, e Benedict estudou-a, perguntando-se se estaria ciente de que tinha acabado de fornecer outra pequena pista sobre a sua identidade. Lady Whistledown tinha escrito sobre infeliz encontro da boneca com uma guilhotina dois anos antes, numa das primeiras crônicas. Muitas pessoas agora recebiam o jornal de mexericos por todo o país, mas, no começo, o *Whistledown* era exclusivo dos londrinos.

O que significava que, há dois anos, a jovem misteriosa vivia em Londres. E, no entanto, não soubera quem ele era até ver Colin.

Ela estava em Londres, mas não saía na sociedade. Talvez fosse a mais jovem da família e lesse o *Whistledown* enquanto as irmãs mais velhas participavam nas respetivas temporadas.

Não era o suficiente para descobrir quem ela era, mas era um começo.

– O que mais sabe? – perguntou ele, ansioso por ver se ela inadvertidamente revelava algo mais.

Ela riu-se, claramente divertida. – O seu nome ainda não foi seriamente ligado a nenhuma jovem e a sua mãe desespera à espera que se case.

– A pressão diminuiu um pouco, agora que o meu irmão finalmente casou e saiu de casa.

– O visconde?

Benedict assentiu com a cabeça.

– Lady Whistledown também escreveu sobre isso.

– Em grande detalhe. Embora – segredou – ela não conhecesse todos os factos.

– Ah, sim? – ela perguntou com grande interesse. – E o que é que ela negligenciou?

Ele negou-se a responder com um audível *tsc-tsc* da língua e abanou a cabeça. – Não vou revelar os segredos do namoro do meu irmão se não me diz sequer o seu nome.

Ela riu-se. – *Namoro* talvez seja uma palavra muito forte. Porque Lady Whistledown escreveu...

– Lady Whistledown – ele interrompeu com um meio sorriso vagamente zombeteiro – não está a par de tudo o que se passa em Londres.

– Pois certamente parece estar a par de *quase* tudo.

– Acha? – disse ele com ar pensativo. – Vou ter de discordar. Por exemplo, duvido que, se Lady Whistledown estivesse aqui no terraço, descobrisse a sua identidade.

Os olhos dela arregalaram-se sob a máscara e Benedict sentiu alguma satisfação.

Cruzou os braços. – Não é verdade?

Ela assentiu com a cabeça. – Mas eu estou tão bem disfarçada que ninguém seria capaz de me reconhecer.

Ele ergueu uma sobrancelha. – E se retirasse a máscara? Será que assim ela a reconheceria?

Sophie afastou-se da balaustrada e deu alguns passos em direção ao centro do terraço. – Não vou responder a isso.

Ele seguiu-a. – Não pensei que o fizesse. Mas quis perguntar, mesmo assim.

Sophie virou-se e susteve a respiração ao perceber que estavam a poucos centímetros de distância.

Ouvira-o segui-la, mas não pensara que estivesse tão próximo. Abriu os lábios para começar a falar, mas percebeu com espanto que não

tinha nada a dizer. Tudo o que conseguiu foi ficar a olhar para ele, para aqueles olhos negros perscrutantes atrás da máscara.

Naquele momento, falar era impossível. Até respirar era difícil.

– Ainda não dançou comigo – lembrou ele, mudando de assunto.

Ela permaneceu quieta ao dar-se conta de que a mão grande dele repousava no fundo das suas costas. A pele arrepiava-se onde ele a tocava e o ar tornou-se espesso e quente.

Aquilo era desejo, percebeu Sophie. Era sobre isto que tinha ouvido criadas cochichar. Algo que nenhuma jovem bem educada poderia *conceber* na sua imaginação.

Mas ela não era uma jovem bem educada, pensou em desafio. Era uma filha ilegítima, a indiscrição de um nobre. Não era um membro da alta sociedade e nunca seria. Teria então de respeitar as suas regras?

Sempre jurara nunca se tornar amante de um homem, pois nunca seria capaz de trazer uma criança a este mundo para sofrer o mesmo destino que ela. Mas não planeava nada de tão descarado. Era apenas uma dança, uma noite, um beijo, talvez.

Era o suficiente para arruinar uma reputação, mas, afinal, que tipo de reputação tinha ela? Não pertencia à sociedade, estava muito para lá desse âmbito. E queria uma noite de fantasia. Ergueu os olhos para ele.

– Que bom que decidiu não fugir – ele murmurou, os olhos escuros ardendo num tom quente e excitante.

Ela abanou a cabeça em sinal de negação, percebendo mais uma vez a facilidade com que ele lia os pensamentos. Isso deveria tê-la assustado, mas na sedução escura da noite, com o vento a agitar-lhe os caracóis soltos do cabelo e a música que subia a flutuar, era emocionante. – Onde coloco a minha mão? –

perguntou ela. – Quero dançar.

– Aqui no meu ombro – instruiu ele. – Não, um pouco mais abaixo. Assim.

– Deve achar-me muito simplória por nem sequer saber dançar.

– Na verdade, acho-a muito corajosa por ser capaz de o admitir. –

Com a mão livre, agarrou a dela e, lentamente, ergueu-a no ar. – A maioria das mulheres que conheço teria fingido uma lesão ou desinteresse.

Ela olhou-o nos olhos, embora soubesse que iria ficar sem fôlego. – Não tenho a aptidão de uma atriz para fingir desinteresse – admitiu ela.

A mão ao fundo das costas cingiu-a mais um pouco.

– Ouça a música – instruiu ele, com a voz estranhamente rouca. – Sente-a subir e descer?

Ela abanou a cabeça.

– Ouça com mais atenção – sussurrou, os lábios aproximando-se do ouvido dela. – *Um*, dois, três. *Um*, dois, três.

Sophie fechou os olhos e sem saber como conseguiu filtrar a conversa interminável dos convidados lá em baixo até ouvir apenas o ondear suave da música. A sua respiração acalmou e apercebeu-se de que ondulava ao ritmo da orquestra, a cabeça balançando para a frente e para trás com Benedict a sussurrar-lhe as instruções numéricas.

– *Um*, dois, três; *um*, dois, três.

– Consigo sentir – ela sussurrou.

Ele sorriu. Ela não tinha a certeza de como o sabia, uma vez que tinha os olhos fechados. Mas era capaz de sentir o sorriso dele, de o ouvir no ritmo da sua respiração.

– Ainda bem – disse ele. – Agora observe os meus pés e permita-me conduzi-la.

Sophie abriu os olhos e olhou para baixo.

– *Um*, dois, três; *um*, dois, três.

Hesitante, ela tentou acompanhá-lo no passo... pisando-o de imediato.

– Oh, peço desculpa! – deixou escapar.

– As minhas irmãs já fizeram muito pior – assegurou ele. – Não desista.

Tentou de novo e, de repente, os seus pés pareciam saber o que fazer.

– Oh! – exclamou, com surpresa.

– É maravilhoso!

– Olhe para cima – ordenou ele com suavidade.

– Mas assim vou tropeçar.

– Não vai, não – prometeu. – Eu não vou deixar. Olhe-me nos olhos.

Sophie fez como ele pediu, e assim que os seus olhos se encontraram, algo dentro dela pareceu bloquear, não deixando que desviasse o olhar. Ele rodopiou-a em círculos e espirais ao redor do terraço, primeiro lentamente, aumentando gradualmente a velocidade até ela ficar tonta e sem fôlego.

Durante todo esse tempo, os olhos de ambos não se desviaram.

– O que sente? – perguntou ele.

– Tudo! – respondeu ela, rindo.

– O que ouve?

– A música. – Os olhos dela arregalaram-se de entusiasmo. – Ouço a música como nunca ouvi antes.

As mãos dele apertaram-na mais e o espaço entre ambos foi encurtado vários centímetros. – O que vê?

– perguntou ele.

Sophie tropeçou, mas nunca tirou os olhos dos dele. – A minha alma – ela sussurrou. – Vejo a minha própria alma.

Ele parou de dançar. – O que disse? – sussurrou.

Ela ficou em silêncio. O momento parecia muito emotivo, muito significativo, e ela tinha medo de estragar tudo.

Não, isso não era verdade. Estava com medo de o tornar ainda melhor, e isso seria ainda mais penoso quando, à meia-noite, voltasse à realidade.

Como poderia conceber voltar a engraxar os sapatos de Araminta depois de tudo o que estava a viver?

– Eu sei o que disse – começou Benedict com voz rouca. – Eu ouvi-a e...

– Não diga nada – cortou Sophie. Não queria ouvi-lo dizer que se sentia da mesma maneira, não queria ouvir nada que a deixasse a suspirar por aquele homem para sempre.

Mas provavelmente já seria tarde de mais para isso.

Ele olhou-a durante um momento interminável e angustiante e então murmurou: – Eu não vou falar. Não vou dizer uma palavra. – E antes de lhe permitir um segundo para respirar, os lábios dele encontraram os dela, num toque pleno de delicadeza e dolorosamente terno.

Com lentidão deliberada, ele roçou os lábios ao de leve nos dela, a fricção provocando-lhe arrepios e um formigueiro que lhe percorreu todo o corpo numa espiral.

Ele tocava-a nos lábios e ela sentia-o nos dedos dos pés. Era uma sensação curiosamente estranha e...

estranhamente maravilhosa.

Então, a mão pousada ao fundo das costas – e que a guiara tão facilmente na valsa – começou a puxá-la para ele. A pressão era lenta mas inexorável e a excitação de Sophie foi aumentando à medida que os corpos se aproximavam, até se sentir verdadeiramente a esquentar quando de repente se apercebeu que todo o corpo dele estava pressionado contra o dela.

Ele parecia muito grande e poderoso e nos seus braços ela sentiu-se a mulher mais bela do mundo.

De repente, tudo parecia possível, talvez até uma vida livre da servidão e do estigma.

A boca dele tornou-se mais insistente, a língua acariciando-lhe um dos cantos da boca. A mão, que ainda segurava a dela na pose de valsa, deslizou ao longo do braço, subindo depois pelas costas até repousar na nuca, os dedos acariciando os cabelos soltos do seu penteado.

– O seu cabelo é como seda – ele sussurrou, e Sophie não evitou uma risadinha.

Ele afastou-se um pouco. – De que se ri? – perguntou com uma expressão divertida.

– Como pode saber como é o meu cabelo? Está de luvas.

Ele sorriu, uma espécie de sorriso torto de menino que a fez sentir borboletas no estômago e lhe derreteu o coração. – Não sei como, mas sei. – respondeu ele. O sorriso dele tornou-se ainda mais maroto, e, ele acrescentou: – Mas só para ter certeza, talvez seja melhor eu testar com a minha pele.

Ele estendeu a mão. – Faz as honras?

Sophie olhou para a mão alguns segundos antes de perceber o que ele queria dizer. Com um suspiro trémulo e nervoso, deu um passo para trás e aproximou as duas mãos da dele. Lentamente, puxou a ponta de cada um dos dedos da luva com leveza, soltando o tecido fino até conseguir deslizar a luva inteira da mão.

Com a luva ainda pendurada nos dedos, ergueu o olhar, notando uma estranha expressão nos olhos dele.

Desejo... e outra coisa. Algo quase espiritual.

– Quero tocá-la – ele sussurrou, colocando a mão nua na face dela, as pontas dos dedos acariciando levemente a pele, subindo como um sussurro até tocarem o cabelo junto da orelha. Com suavidade, soltou um caracol, que, liberto do penteado, refulgiu numa onda de luz; Sophie não conseguia tirar os olhos daquele pedaço de ouro envolto em torno do dedo indicador dele.

– Eu estava enganado – murmurou. – É mais suave do que a seda.

Sophie foi subitamente assaltada por uma vontade intensa de o tocar da mesma maneira e estendeu a mão. – É a minha vez – disse suavemente.

Os olhos dele flamejaram e foi a sua vez de tirar a luva dela, soltando-a nos dedos da mesma forma que ela havia feito. Mas então, em vez de a tirar, levou os lábios até ao rebordo da luva acima do cotovelo e beijou a pele sensível no interior do braço. – Ainda mais suave do que a seda – murmurou.

Sophie usou a mão livre para se agarrar ao ombro dele, não mais confiante da sua capacidade de se manter em pé.

Ele puxou a luva, deixando-a deslizar pelo braço com uma lentidão agonizante, cobrindo todo o caminho com os lábios até atingir o interior do cotovelo. Quase sem interromper o beijo, ergueu o olhar e

disse: – Não se importa se eu ficar aqui um pouco...

Rendida, Sophie disse que não com a cabeça.

Ele traçou a curva do braço com a língua.

– Oh, Deus – ela gemeu.

– Achei que podia gostar – disse ele, as palavras quentes contra a pele.

Ela assentiu com a cabeça. Ou melhor, achou que sim. Não tinha a certeza se realmente o tinha feito.

Os lábios prosseguiram o trilho, deslizando sensualmente para o antebraço até chegarem ao interior do pulso. Aí permaneceram um momento antes de finalmente repousarem no centro da palma da mão.

– Quem é? – perguntou ele, erguendo a cabeça, mas sem largar a mão dela.

Ela abanou a cabeça.

– Preciso de saber.

– Eu não posso dizer. – E então, quando percebeu que ele não aceitaria um não como resposta, mentiu e acrescentou: – Ainda.

Ele pegou em um dos dedos e roçou-o suavemente nos próprios lábios.

– Quero vê-la amanhã – disse suavemente. – Quero visitá-la, saber onde vive.

Ela não respondeu, tentando manter-se firme e não chorar.

– Quero conhecer os seus pais e fazer festas ao seu cão – continuou ele, um pouco vacilante. – Entende o que quero dizer?

A música e o burburinho de conversas ainda subia, mas o único ruído naquele terraço era o som pesado da respiração de ambos.

– Quero... – a voz transformou-se num sussurro, os olhos com uma expressão vagamente surpreendida,

como se não conseguisse acreditar na veracidade das próprias palavras. – Quero o seu futuro. Quero tê-la toda só para mim.

– Não diga mais nada – ela implorou. – *Por favor.* Nem mais uma palavra.

– Então diga-me o seu nome. Diga-me como a encontro amanhã.

– Eu... – Foi então que ouviu um som estranho, exótico e ressonante. – O que é isto?

– Um gongo – respondeu ele. – Para assinalar o momento de retirada das máscaras.

Ela sentiu o pânico apoderar-se dela. – O quê?

– Deve ser meia-noite.

– Meia-noite? – repetiu, aflita.

Ele confirmou com um sinal de cabeça. – Hora de tirar a máscara.

Sophie levou de imediato a mão à têmpora, pressionando a máscara com força contra a pele, como se pudesse colá-la ao rosto com a simples força da sua vontade.

– Está tudo bem? – perguntou Benedict.

– Tenho de ir – disse ela num repente e, sem mais, ergueu a bainha do vestido e fugiu do terraço numa corrida.

– Espere! – ouviu-o chamar, sentindo a brisa provocada pelo braço dele ao estendê-lo numa tentativa inútil de a agarrar pelo vestido.

No entanto, Sophie foi mais rápida, em consequência talvez do estado de pânico absoluto no qual se encontrava, descendo as escadas como se tivesse o fogo do inferno a morder-lhe os calcanhares.

Embrenhou-se no salão de baile, sabendo que Benedict provaria ser um perseguidor determinado e que teria mais hipóteses de lhe escapar no meio da multidão. Só precisava de conseguir chegar ao outro lado do salão, e então poderia sair pela porta lateral e contornar a casa pelo exterior até à carruagem que a aguardava.

Os foliões ainda retiravam as máscaras e a festa animava-se de gargalhadas. Sophie tentava abrir caminho à custa de empurrões e cotoveladas; tudo valia para conseguir alcançar o lado oposto do salão.

Lançou um olhar desesperado por cima do ombro. Benedict acabara de entrar no salão, uma expressão intensa no rosto enquanto esquadrihava a multidão. Não parecia tê-la visto ainda, mas sabia que o faria; o vestido prateado fazia dela um alvo fácil.

Sophie ia afastando as pessoas aos empurrões. Pelo menos metade delas nem parecia notar, provavelmente devido à embriaguez. – Com licença – murmurou, atingindo Júlio César com uma cotovelada nas costelas. O «peço desculpa» saiu mais parecido com um grunhido; nesse exato momento, uma Cleópatra pisou-a.

– Desculpe-me, eu... – E então sentiu o ar ser-lhe literalmente sugado porque viu-se cara a cara com Araminta.

Ou melhor, cara a máscara. Sophie ainda estava disfarçada. Mas se alguém poderia reconhecê-la, esse alguém era Araminta. E...

– Veja por onde anda – disse Araminta com arrogância. E, enquanto Sophie ali permaneceu de boca aberta, ela agitou as suas saias de rainha Isabel e afastou-se majestosamente.

Araminta não a tinha reconhecido! Se Sophie não estivesse tão desvairada para sair de Bridgerton House antes que Benedict a alcançasse, teria rido com prazer.

Sophie olhou novamente para trás, desesperada. Benedict já a tinha descortinado e abria caminho através da multidão com uma eficácia bem maior do que a dela. Engolindo em seco e sentindo uma renovada energia, avançou, quase derrubando duas deusas gregas antes de finalmente alcançar a porta.

Olhou para trás apenas o tempo suficiente para ver que Benedict fora emboscado por uma senhora idosa, de bengala, e correu para fora do edifício, contornando-o até à entrada principal, onde a

carruagem de Penwood a esperava, tal como Mrs. Gibbons havia garantido.

– Vá, vá! – gritou Sophie, como louca, para o cocheiro.

E assim desapareceu.

CAPÍTULO 4

Vários convidados do baile de máscaras reportaram a esta Vossa Autora que Benedict Bridgerton foi visto na companhia de uma jovem desconhecida trajando um vestido prateado.

Por mais que tentasse, esta Vossa Autora foi totalmente incapaz de descobrir a identidade da dama misteriosa.

E se esta Vossa Autora não é capaz de revelar a verdade, podem estar certos de que a sua identidade é realmente um segredo muito bem guardado.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

7 DE JUNHO 1815

Ela tinha ido embora.

Benedict estava na calçada em frente a Bridgerton House, atento à rua. Grosvenor Square estava numa confusão imensa de carruagens. Ela poderia estar em qualquer uma delas, ali na rua, tentando fugir do trânsito. Ou poderia estar numa das três que tinham acabado de escapar da confusão e que já viravam a esquina.

De qualquer maneira, fora-se.

A sua vontade era de estrangular Lady Danbury por lhe ter barrado o caminho, espetando-lhe a bengala no dedo grande do pé, insistindo em dar-lhe a opinião sobre a maioria dos trajes dos convidados.

Quando finalmente conseguira libertar-se, a dama misteriosa tinha desaparecido pela porta lateral do salão.

E ele sabia que ela não tinha qualquer intenção de deixá-lo vê-la novamente.

Benedict praguejou baixinho, tentando conter a raiva. Entre tantas jovens que a mãe fizera desfilar perante ele – e tinham sido muitas – nem por uma vez sentira a mesma ligação espiritual fulgurante que parecera acender-se entre ele e a dama de vestido prateado. A partir do momento em que a vira – não, a partir do momento *anterior* a vê-la, quando apenas sentira a sua presença, o ar pareceu mais vivo, crepitante de tensão e emoção. E ele sentiu-se vivo também, tão vivo como há anos não acontecia, como se, subitamente, tudo fosse novo, efervescente e pleno de paixão e sonhos.

No entanto...

Benedict praguejou novamente, desta vez com um tom de pesar.

Não sabia sequer qual a cor dos seus olhos.

Não eram castanhos. Disso tinha a certeza absoluta. Mas, na penumbra da luz das velas, foi incapaz de distinguir se eram azuis ou verdes. Ou cor de avelã ou cinzentos. Por alguma razão, era o que mais o perturbava. Consumia-o, provocando-lhe uma sensação de fogo e de fome na boca do estômago.

Dizem que os olhos são as janelas da alma. Se realmente encontrara a mulher dos seus sonhos, aquela com quem poderia finalmente imaginar uma família e um futuro, então, por Deus, ele devia saber qual a cor dos olhos dela.

Não ia ser fácil encontrá-la. Nunca era fácil encontrar alguém que não queria ser encontrado, e ela tinha deixado bem claro que desejava manter a sua identidade em segredo.

As pistas eram insignificantes, para dizer o mínimo. Alguns comentários que deixara escapar sobre as crónicas de Lady Whistledown e...

Benedict baixou os olhos para a luva que ainda segurava na mão direita. Esquecera-se completamente dela quando a perseguira através do salão de baile. Inalou o seu perfume, mas, para sua surpresa, não sentiu o cheiro a água de rosas e sabão como sentira na dama misteriosa. Em vez disso, a luva cheirava ligeiramente a mofo, como se estivesse há muitos anos guardada no baú de um sótão.

Estranho. Porque teria ela usado uma luva antiga?

Revirou-a na mão, como se o movimento pudesse trazê-la de volta, e foi quando notou um discreto bordado na bainha.

SLG. As iniciais de alguém.

Seriam dela?

E um brasão de família. Um que não reconheceu.

Mas a mãe reconheceria. A mãe sabia sempre esse género de coisas. E se conhecesse o brasão, o mais provável era saber a quem pertencia a sigla SLG.

Benedict sentiu o primeiro vislumbre de esperança. Iria encontrá-la.

Iria encontrá-la e fazer dela sua mulher. Estava decidido.

Sophie precisou apenas de meia hora para regressar ao seu estado normal e corrente. Lá se foram o vestido, os brincos cintilantes e o penteado requintado. As sandálias foram repostas com todo o cuidado no armário de Araminta e a caixinha de *rouge* que a criada havia espalhado nos seus lábios estava no seu devido lugar, na penteadeira de Rosamund. Levou ainda cinco minutos para massajar a pele do rosto, tentando remover as marcas deixadas pela máscara.

Sophie tinha o mesmo ar que sempre tinha antes de dormir – simples e despretensioso, o cabelo preso numa trança solta, os pés enfiados em meias quentes, para afastar o ar gelado da noite.

Na verdade, voltava a parecer o que realmente era – nada mais do que uma criada. Todos os traços da princesa de conto de fadas que fora durante uma curta noite tinham desaparecido.

E o mais triste de tudo, desaparecido também o seu príncipe encantado.

Benedict Bridgerton era tudo o que tinha lido no *Whistledown*. Bonito, forte, jovial. Era o sonho de qualquer jovem, mas não dos *seus* sonhos, pensou com pesar. Um homem daqueles não se casava com a filha ilegítima de um conde. Muito menos se casaria com uma criada. Mas, por uma noite, ele tinha sido dela e isso teria de bastar.

Pegou num cachorrinho de peluche que tinha desde criança. Conservara-o todos esses anos como recordação de tempos mais felizes. Geralmente ficava pousado na cómoda, mas hoje, por algum motivo, queria tê-lo mais perto. Deitou-se na cama, com o peluche debaixo do braço, e enrolou-se nos cobertores.

Depois fechou os olhos com força, mordendo o lábio inferior e deixando as lágrimas silenciosas escorrerem para o travesseiro.

Foi uma noite muito, muito longa.

– Reconhece isto?

Benedict Bridgerton estava sentado ao lado da mãe na sala de estar muito feminina, cor-de-rosa e bege, segurando na mão a sua única ligação à mulher de vestido prateado. Violet Bridgerton pegou na luva e examinou o brasão. Precisou apenas de um segundo antes de anunciar: – Penwood.

– Da família do conde?

Violet assentiu. – O G refere-se a Gunningworth. O título passou recentemente para outra parte da

família, se bem me lembro. O conde morreu sem descendência... hum, há uns seis ou sete anos. O título passou para um primo distante. E... – acrescentou com um aceno de desaprovação – ontem à noite esqueceste-te de dançar com Penelope Featherington. Por sorte o teu irmão estava lá para te substituir.

Benedict tentou não resmungar e ignorar a repreensão. – A quem corresponde, então, a sigla SLG?

Os olhos azuis de Violet estreitaram-se. – Porque estás tão interessado em saber?

– Calculo que não vá simplesmente responder à minha pergunta sem querer fazer perguntas também –

lamentou-se Benedict.

Ela soltou um leve riso senhoril. – Já devias conhecer-me.

A muito custo, Benedict conseguiu evitar um revirar de olhos.

– A quem pertence a luva, Benedict? – perguntou Violet. E vendo que ele não respondeu com rapidez suficiente, acrescentou: – O melhor é contares-me tudo. Sabes que descubro sozinha e será muito menos constrangedor para ti se eu não tiver de fazer perguntas.

Benedict suspirou. Ia ter de lhe contar tudo. Ou, pelo menos, quase tudo. Nada era mais desagradável do que ter de partilhar tais informações com a mãe; ela tinha a tendência de se agarrar à mais pequena esperança de ele vir realmente a casar com a tenacidade de uma lapa. Mas não tinha escolha. Não, se queria encontrá-la.

– Conheci alguém ontem à noite no baile de máscaras – disse finalmente.

Violet uniu as mãos de prazer. – De verdade?

– Ela é a razão por que me esqueci de dançar com Penelope.

Violet parecia quase em êxtase. – Quem? Uma das filhas de Penwood?

– Ela franziu a testa. – Não, é impossível. Ele não tinha filhas. Mas tinha duas enteadas. – Franziu a testa novamente. – Embora, deva

dizer que conheci essas duas jovens e... bem...

– O quê?

Violet franziu a testa, tentando encontrar as palavras certas. – Bem, nunca teria imaginado que te fosses interessar por qualquer uma delas, apenas isso. Mas se estás... – acrescentou, o rosto iluminando-se –, então irei certamente convidar a condessa viúva para um chá. É o mínimo que posso fazer.

Benedict ia dizer qualquer coisa, mas parou quando viu a mãe franzir a testa mais uma vez. – O que foi? – perguntou.

– Oh, nada – respondeu Violet. – Só que... bem...

– Diga logo de uma vez, mãe.

Ela fez um sorriso débil. – É que eu não gosto particularmente da condessa viúva. Sempre a achei uma pessoa muito fria e ambiciosa.

– Poderá haver quem diga que a mãe também é ambiciosa – salientou Benedict.

Violet fez uma careta. – Claro que ambiciono que os meus filhos se casem bem e felizes, mas não sou o tipo de pessoa de casar uma filha com um homem de setenta anos só porque ele é duque!

– E a condessa viúva fez uma coisa dessas? – Benedict não se lembrava de nenhum duque dessa idade a percorrer o caminho até ao altar recentemente.

– Não – admitiu Violet –, mas sei que o faria. Ao passo que eu...

Benedict reprimiu um sorriso, quando a mãe apontou para si mesma num gesto teatral.

– ...permitiria que os meus filhos se casassem com pessoas pobres se isso lhes trouxesse felicidade.

Benedict ergueu uma sobrancelha.

– Pobres, mas com princípios e trabalhadores, é claro – explicou Violet. – Gente aventureira e sem princípios escusa de se candidatar.

Benedict não quis rir-se abertamente da mãe, por isso tossiu discretamente para o lenço.

– Mas não te preocupes comigo – disse Violet, lançando ao filho um olhar de soslaio antes de lhe dar

uma palmadinha leve no braço.

– Claro que me preocupo – disse ele rapidamente.

Ela sorriu com serenidade. – Deixo de parte os meus sentimentos relativamente à condessa se gostas de uma das filhas... – Olhou para cima, esperançosa. – Gostas de uma das filhas dela?

– Não faço ideia – admitiu Benedict. – Não cheguei a saber o nome dela. Fiquei apenas com a luva.

Violet lançou-lhe um olhar severo. – Não vou sequer perguntar como obtiveste a luva.

– Foi tudo muito inocente, garanto.

A expressão de Violet era de extrema dúvida. – Tenho demasiados filhos para acreditar *nisso* –

murmurou.

– As iniciais? – lembrou Benedict.

Violet examinou novamente a luva. – É muito antiga.

Benedict acenou com a cabeça. – Foi o que pensei, também. Cheira um pouco a mofo, como se estivesse guardada há muito tempo.

– E os bordados já exibem algum desgaste – comentou a mãe. – Não sei o que significa o L, mas o S

poderia muito bem ser de Sarah. A mãe do falecido conde, que também já morreu. O que faria sentido, dada a antiguidade da luva.

Benedict olhou um momento para a luva nas mãos da mãe antes de dizer: – Como tenho quase a certeza de que não estive a conversar com um fantasma na noite passada, a quem acha que a luva pode pertencer?

– Não sei. A alguém da família Gunningworth, imagino.

– Sabe onde vivem?

– Ainda em Penwood House, na verdade. O novo conde ainda não os

expulsou de lá. Não sei porquê.

Talvez receie que queiram continuar a viver lá, quando ele se mudar. Acho que nem está a passar a temporada na cidade. Nunca o conheci pessoalmente.

– Por acaso sabe onde...

– fica a Penwood House? – completou Violet. – Claro que sei. Não fica longe, apenas a alguns quarteirões daqui. – Deu-lhe todas as indicações. Ainda não tinha terminado e já Benedict estava junto à porta, na pressa de sair.

– Ah, Benedict! – chamou Violet, com um sorriso divertido nos lábios.

Ele virou-se. – Sim?

– As filhas da condessa chamam-se Rosamund e Posy, caso estejas interessado.

Rosamund e Posy. Nenhum dos nomes parecia encaixar na pessoa, mas que sabia ele? Talvez ele não parecesse um Benedict a quem o conhecesse. Girou nos calcanhares e tentou sair, mas a mãe voltou a interrompê-lo com outro – Ah, Benedict!

Ele voltou-se. – Sim, mãe? – perguntou com um ar propositadamente acossado.

– Vais manter-me a par da situação, não vais?

– Claro, mãe.

– Estás a mentir – disse ela com um sorriso –, mas eu perdoo-te. É tão bom ver-te apaixonado.

– Eu não estou...

– Como queiras, querido – concluiu com um aceno de mão.

Benedict decidiu que não valia a pena responder, por isso, com um revirar de olhos, saiu apressado.

– Sophieeeeeeeeeeeeeeeee!

O rosto de Sophie ficou imediatamente tenso. Araminta soava ainda

mais zangada do que habitualmente, se tal era possível. Araminta estava sempre zangada com ela.

– Sophie! Que coisa, onde é que se enfiou aquela rapariga dos infernos?

– A rapariga dos infernos está aqui – resmoneou Sophie, pousando a colher de prata que estava a polir.

Como criada pessoal de Araminta, Rosamund e Posy, não deveria ser obrigada a juntar o trabalho de polir à sua lista de tarefas, mas Araminta estava firmemente decidida a fazê-la trabalhar até à morte.

– Estou aqui – disse em voz alta, levantando-se e atravessando o átrio. Só Deus sabia o que incomodava Araminta desta vez. Olhou para um lado e para o outro. – Minha senhora?

Araminta surgiu que nem um furacão. – O que significa *isto*? – explodiu ela, segurando algo na mão direita.

Sophie olhou para a mão e quase não conseguiu abafar o ruído do sobressalto. Araminta segurava as sandálias que Sophie tinha usado na noite anterior. – N-não percebo o que quer dizer – gaguejou.

– Estas sandálias são novinhas em folha. *Novinhas!*

Sophie manteve-se quieta até se aperceber de que Araminta exigia uma resposta. – Hum, e qual é o problema?

– Olha para isto! – guinchou Araminta, apontando com o dedo um dos saltos. – Está raspado. Raspado!

Como é que aconteceu uma coisa destas?

– Não sei, minha senhora – respondeu Sophie. – Talvez...

– Não há cá talvez nenhum – bufou Araminta. – Alguém usou as minhas sandálias.

– Asseguro-lhe de que ninguém calçou os seus sapatos – respondeu Sophie, espantada por conseguir manter a voz tão serena. – Todos sabemos o quanto é exigente em relação ao seu calçado.

Os olhos de Araminta estreitaram-se de suspeita. – Estás a ser sarcástica?

Sophie pensou que se Araminta tinha de perguntar era porque o

comentário sarcástico lhe tinha saído na perfeição, mas mentiu, dizendo: – Não, claro que não! Queria apenas dizer que tem muito cuidado com o seu calçado. Ele assim dura muito mais tempo.

Araminta não comentou, por isso Sophie acrescentou: – O que significa que não precisa de comprar tantos pares de sapatos.

O que era, obviamente, ridículo, uma vez que Araminta era dona de mais pares de sapatos do que qualquer pessoa imaginaria conseguir calçar numa vida inteira.

– Isto é culpa tua – rosnou Araminta.

Segundo Araminta, não havia nada que não fosse culpa de Sophie, mas desta vez ela estava realmente certa, por isso, Sophie engoliu em seco e disse: – O que deseja que faça, minha senhora?

– Quero que descubras quem usou os meus sapatos.

– Talvez eles tenham raspado no armário – sugeriu Sophie. – Talvez tenha tropeçado acidentalmente neles a última vez que lá entrou.

– Eu nunca faço nada por *acidente* – contestou Araminta em tom seco.

Sophie concordou silenciosamente. Araminta fazia tudo de forma deliberada. – Posso perguntar às criadas – sugeriu Sophie. – Talvez uma delas saiba alguma coisa.

– As criadas são um bando de idiotas – disparou Araminta. – O que elas sabem poderia caber na unha do meu dedo mindinho.

Sophie esperou que Araminta dissesse «excluindo a presente», mas obviamente não o fez. Por fim, Sophie disse: – Posso tentar puxar o lustro à sandália. Tenho a certeza de que podemos arranjar alguma solução.

– Os saltos são forrados a cetim – zombou Araminta. – Se encontrares uma maneira de lhe puxar o lustro, enviamos-te já para o Royal College de Ciência Têxtil.

Sophie queria muito perguntar se *existia* mesmo um Royal College de Ciência Têxtil, mas Araminta já não era uma pessoa com sentido de humor no seu estado normal, quanto mais a meio de um ataque de mau

génio. Espicaça-la agora seria um claro convite à catástrofe. –Poderia

tentar esfregar, para ver se desaparece – sugeriu Sophie. – Ou escová-los.

– Faz isso – disse Araminta. – Na verdade, enquanto estás nisso...

Oh, não! Todas as coisas más começavam com Araminta a dizer «Enquanto estás nisso».

– podes engraxar todos os meus sapatos.

– Todos? – Sophie engoliu em seco. A coleção de Araminta devia ter, pelo menos, uns oitenta pares.

– Todos. E enquanto estás nisso...

Outra vez, *não*.

– Lady Penwood?

Felizmente, Araminta interrompeu a ordem para dar atenção ao mordomo.

– Chegou um cavalheiro para falar consigo, minha senhora – disse ele, entregando-lhe um cartão de visita branco, novo.

Araminta tirou-lho da mão e leu o nome. Os olhos arregalaram-se e ela deixou escapar um «Oh!» antes de se voltar para o mordomo e berrar: – Chá! E biscoitos! No melhor serviço de prata. Imediatamente!

O mordomo saiu a correr, deixando Sophie a olhar para Araminta com curiosidade sincera. –Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou.

Araminta piscou duas vezes, olhando para Sophie como se se tivesse esquecido da sua presença. – Não

– retorquiu. – Agora estou demasiado ocupada para me preocupar contigo. Vai lá para cima, já. – Fez uma pausa, depois acrescentou: – O que estás a fazer aqui, afinal?

Sophie fez um gesto na direção da sala de jantar, de onde saíra há pouco. – Tinha-me mandado polir...

– Disse-te para tratares dos meus sapatos – Araminta quase gritou.

– Está bem – respondeu Sophie devagar. Araminta estava a comportar-se de forma muito estranha, mesmo para ela. – Vou só arrumar...

– Já!

Sophie correu para as escadas.

– Espera!

Sophie virou-se. – Sim? – perguntou hesitante.

Araminta apertou os lábios numa carranca muito pouco atraente. – Certifica-te de que o cabelo de Rosamund e o de Posy está bem arranjado.

– Claro.

– Depois podes pedir a Rosamund que te tranque no meu armário.

Sophie fitou-a, embasbacada. Ela realmente queria que Sophie desse a ordem para ser trancada no armário?

– Entendeste?

Sophie não conseguiu sequer acenar com a cabeça. Algumas coisas eram simplesmente demasiado humilhantes.

Araminta aproximou-se, autoritária, até os seus rostos estarem muito próximos. – Não respondeste –

disse em voz baixa. – Entendeste o que te disse?

Sophie assentiu, mas apenas ao de leve. Parecia que todos os dias vinha a lume mais uma evidência da profundidade do ódio de Araminta por ela. – Porque me mantém aqui? – sussurrou antes de ter tempo para pensar duas vezes.

– Porque me és útil – foi a resposta de Araminta também em tom baixo.

Sophie ficou a ver Araminta sair em passo imponente e, em seguida, subiu as escadas a correr. Os cabelos de Rosamund e Posy pareciam bastante aceitáveis, de modo que, com um suspiro, virou-se para Posy e disse: – Tranca-me no armário, se não te importas.

Posy pestanejou de surpresa. – Como?

– A ordem foi para pedir a Rosamund, mas não sou capaz.

Posy espreitou para o armário com grande interesse. – Posso perguntar

porquê?

– Tenho de engraxar os sapatos da tua mãe.

Posy engoliu em seco com desconforto. – Sinto muito.

– Também eu – disse Sophie com um suspiro. – Também eu.

CAPÍTULO 5

Quanto a mais notícias sobre o baile de máscaras, fique o estimado leitor sabendo que o traje de sereia de Miss Posy Reiling era um pouco infeliz, mas não tão infeliz, na opinião desta Vossa Autora, como o de Mrs.

Featherington e das duas filhas mais velhas, que foram vestidas de cesto de fruta – Philippa de laranja, Prudence de maçã e Mrs. Featherington de cacho de uvas.

Infelizmente, nenhuma delas com um aspeto minimamente apetitoso.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

7 DE JUNHO 1815

Ao que a sua vida tinha chegado para ficar obcecado com uma luva, pensou Benedict. Já tinha apalpado o bolso do casaco uma dúzia de vezes desde que se sentara na sala de estar de Lady Penwood, certificando-se em silêncio de que ainda lá se encontrava. Sentia-se estranhamente ansioso e não sabia ao certo o que pretendia dizer à condessa viúva quando chegasse, mas como geralmente era bastante prolixo, certamente iria encontrar o que dizer.

Com pé a bater de nervoso miudinho, olhou para o relógio pousado na lareira. Tinha entregado o seu cartão ao mordomo há cerca de quinze minutos, o que significava que Lady Penwood deveria estar quase a aparecer. Parecia quase uma regra tácita de que todas as senhoras da alta sociedade deviam manter as visitas à espera pelo menos quinze minutos, vinte se estivessem num dia particularmente caprichoso.

Uma regra muito estúpida, pensou Benedict, irritado. Não entendia porque é que o resto do mundo não valorizava a pontualidade como ele, mas...

– Mr. Bridgerton!

Ele levantou o olhar. Uma mulher loira bastante atraente e extremamente elegante, na casa dos quarenta, entrou na sala com ar flutuante. Parecia-lhe vagamente familiar, mas era de se esperar. Certamente compareciam a muitas das mesmas festas da sociedade, mesmo que nunca tivessem sido apresentados.

– Deve ser Lady Penwood – ele murmurou, levantando-se e fazendo uma ligeira vénia de cortesia.

– Sou, sim – respondeu com uma inclinação graciosa da cabeça. – Estou tão feliz que tenha decidido honrar-nos com a sua visita. Obviamente, informei as minhas filhas da sua presença. Elas devem descer daqui a pouco.

Benedict sorriu. Era exatamente isso que esperava que ela fizesse. Teria ficado espantado se tivesse agido de outra maneira. Nenhuma mãe com filhas casadoiras ignoraria um irmão Bridgerton. – Estou ansioso para as conhecer – respondeu.

A testa dela franziu-se ligeiramente. – Então ainda não as conhece?

Raios. Agora ela ia querer saber a razão da visita. – Ouvi dizer coisas tão agradáveis sobre elas que decidi apresentar-me – improvisou, tentando esconder um resmungo. Se isto chegasse aos ouvidos de Lady Whistledown, e ela parecia ter ouvidos de tísica, toda a cidade não tardaria a saber que andava à procura de esposa e que decidira concentrar-se nas filhas da condessa. Por que outra razão teria ele ido visitar duas mulheres a quem ainda não fora apresentado?

Lady Penwood sorriu abertamente. – A minha Rosamund é considerada uma das mais belas jovens da temporada.

– E Posy? – perguntou Benedict, de forma algo perversa.

Os cantos da boca apertaram-se. – Posy é... encantadora.

Ele sorriu com afabilidade. – Mal posso esperar para conhecer Posy.

Lady Penwood piscou, mas escondeu a surpresa com um sorriso algo duro. – Tenho a certeza de que Posy terá todo o prazer em conhecê-lo.

A criada entrou com um serviço de chá de prata ornamentada e a um sinal de Lady Penwood pousou-o sobre a mesa. Porém, antes de a criada sair, a condessa disse (um pouco abruptamente, na opinião de

Benedict): – Onde estão as colheres Penwood?

Em pânico, a criada fez uma pequena reverência e respondeu: – Sophie estava a polir as pratas na sala de jantar, minha senhora, mas teve de ir lá para cima quando a senhora...

– Silêncio! – cortou Lady Penwood, apesar de ter sido ela a fazer a pergunta sobre as colheres. –

Tenho a certeza de que Mr. Bridgerton não terá a sobrançeria de querer colheres com monograma para o seu chá.

– Claro que não – murmurou Benedict, pensando que a sobrançeria vinha da parte de Lady Penwood por mencioná-lo.

– Vá! Vá! – ordenou a condessa, acenando à criada com brusquidão. – Desapareça.

A empregada saiu a correr, e a condessa voltou-se para ele, explicando: – A nossa melhor baixela de prata é gravada com o brasão Penwood.

– Verdade? – perguntou Benedict com óbvio interesse. Seria uma forma excelente de confirmar se o brasão da luva era efetivamente o dos Penwood. – Nós não temos nada parecido em Bridgerton House –

disse ele, esperando não estar a mentir. Na verdade, nunca tinha reparado nos motivos do serviço de prata. – Adoraria vê-lo.

– Sim? – perguntou Lady Penwood, os olhos iluminando-se. – Eu sabia que era um homem requintado e de bom gosto.

Benedict sorriu, principalmente para não deixar escapar um gemido.

– Vou mandar alguém à sala de jantar buscar uma das peças. Isto, claro, se aquela rapariga infernal conseguiu terminar o trabalho. – Os cantos dos lábios desceram de forma muito pouco atraente e Benedict notou que as rugas do seu semblante carrancudo eram de facto muito profundas.

– Algum problema? – perguntou Benedict educadamente.

Ela abanou a cabeça e fez um aceno de mão desdenhoso. – É tão difícil encontrar boa criadagem.

Tenho a certeza de que a sua mãe está sempre a dizer o mesmo.

A mãe nunca dissera tal coisa, mas isso era, provavelmente, porque todos os criados eram muito bem tratados em casa dos Bridgerton e, portanto, muito dedicados à família. Mas Benedict assentiu com a cabeça mesmo assim.

– Um dia destes vou ter de despedir Sophie – disse a condessa com uma fungadela. – Não é capaz de fazer nada em condições.

Benedict sentiu uma leve pontada de compaixão para com a pobre e desconhecida Sophie. A última coisa que queria fazer era entrar numa discussão sobre criadagem com Lady Penwood, por isso mudou de assunto, apontando para o bule de chá e dizendo: – Imagino que a infusão já esteja perfeita.

– Claro, claro. – Lady Penwood olhou para ele e sorriu. – Como toma o seu?

– Com leite, sem açúcar.

Enquanto ela preparava o chá, Benedict ouviu o barulho de pés a descer as escadas e sentiu o coração acelerar de ansiedade. A qualquer momento, as filhas da condessa iriam entrar naquela porta e, certamente, uma delas seria a mulher que conhecera na noite anterior. Era verdade que não tinha visto grande parte do seu rosto, mas sabia mais ou menos o seu tamanho e altura. E estava certo o bastante de que o cabelo era comprido, castanho claro.

De certeza que a reconheceria quando a visse. Como seria possível isso não acontecer?

Mas assim que as duas jovens entraram na sala, soube imediatamente que nenhuma delas era a mulher que lhe assombrava o pensamento. Uma era demasiado loira, e além disso, tinha uma postura mesureira e afetada. O seu ar não era alegre, nem o sorriso travesso. A outra tinha um ar mais simpático, mas era demasiado rechonchuda e o cabelo era muito escuro.

Benedict fez o seu melhor para não mostrar a sua decepção. Sorriu durante as apresentações, beijando galantemente as mãos das duas, murmurando alguma patetice sobre o facto de ser uma honra conhecê-las.

Fez questão de adular a mais forte, só porque a mãe mostrava uma preferência tão flagrante pela outra.

Mães assim não mereciam ser mães, pensou.

– E tem mais filhos? – perguntou Benedict a Lady Penwood, assim que terminaram as apresentações.

Ela lançou-lhe um olhar estranho. – Claro que não. De outro modo, tê-las-ia apresentado.

– Pensei que poderia ter filhos ainda crianças – disse, hesitante. – Talvez da sua união com o conde.

Ela abanou a cabeça em sinal de negação. – Lorde Penwood e eu não fomos abençoados com filhos.

Foi uma pena o título ter saído da família Gunningworth.

Benedict não pode deixar de notar que a condessa parecia mais irritada do que triste pela falta de descendência Penwood. – O seu marido tinha irmãos ou irmãs? – perguntou. Talvez a sua dama misteriosa fosse uma prima Gunningworth.

A condessa atirou-lhe um olhar desconfiado, que, Benedict foi obrigado a admitir, era bem merecido, considerando que as suas perguntas não eram de todo usuais numa visita vespertina. – Obviamente o meu marido não tinha irmãos, de outro modo o título não teria saído da família – respondeu ela.

Benedict sabia que o certo a fazer era calar-se, mas alguma coisa naquela mulher era tão irritante que teve de dizer: – Ele poderia ter tido um irmão que tivesse falecido antes dele.

– Pois, mas não tinha.

Rosamund e Posy assistiam à troca de palavras com grande interesse, as cabeças balançando para um e outro lado, como se seguissem a bola numa partida de ténis.

– E irmãs? – perguntou Benedict. – Pergunto isto porque vindo eu de uma família tão grande – acenou na direção de Rosamund e Posy –, não consigo imaginar ter apenas um irmão. Pensei que talvez as suas filhas pudessem ter primos para lhes fazer companhia.

Era uma explicação muito sofrível, pensou, mas teria de servir.

– Ele teve uma irmã, sim – respondeu a condessa com uma fungadela desdenhosa. – Mas ela viveu e morreu solteira. Era uma mulher de

grande fé – explicou – e optou por dedicar a vida a obras de caridade.

Mais uma teoria caída por terra.

– Gostei muito do seu baile de máscaras ontem à noite – disse Rosamund de repente.

Benedict olhou para ela com surpresa. As duas jovens tinham estado tão silenciosas que até se esquecera da sua presença. – Na verdade, o baile foi da minha mãe – respondeu. – Eu não tive qualquer participação na organização. Mas transmitir-lhe-ei as suas felicitações.

– Muito obrigada – disse Rosamund. – E gostou do baile, Mr. Bridgerton?

Benedict olhou para ela um momento antes de responder. Ela tinha um vislumbre de determinação no olhar, como se procurasse alguma informação específica. – Gostei, sim – acabou por dizer.

– Percebi que passou um bom tempo com uma jovem em particular – insistiu Rosamund.

Lady Penwood torceu a cabeça bruscamente para olhar para ele, mas não disse nada.

– Ah, sim? – disse Benedict em voz baixa.

– Usava um vestido prateado. Quem era? – perguntou Rosamund, curiosa.

– Uma mulher misteriosa – respondeu, com um sorriso enigmático. Não havia necessidade de que soubessem que era um mistério também para ele.

– Certamente pode partilhar o nome dela connosco – interveio Lady Penwood.

Benedict apenas sorriu e levantou-se. Não ia conseguir descobrir mais nenhuma informação. –

Infelizmente, devo ir, minhas senhoras – disse afavelmente, curvando-se numa vénia cortês.

– Não chegou a ver as colheres – lembrou Lady Penwood.

– Terá de ficar para uma próxima vez – desculpou-se Benedict. Era pouco provável que a mãe tivesse identificado erroneamente o braço

dos Penwood e, além disso, se passasse muito mais tempo na companhia da crua e irritadiça condessa de Penwood, era capaz de vomitar.

– Foi uma visita muito agradável – mentiu.

– De facto – concordou Lady Penwood, levantando-se para o acompanhar até à porta. – Breve, mas muito agradável.

Benedict não se deu ao trabalho de sorrir novamente.

– Qual seria a intenção dele? – comentou Araminta assim que ouviu a porta da frente fechar-se atrás de Benedict Bridgerton.

– Bem – começou Posy – ele podia...

– Não foi a ti que perguntei – atirou Araminta.

– Bem, então, a *quem* é que perguntou? – retorquiu Posy com um bom senso muito pouco vulgar.

– Talvez ele me tenha visto ao longe – disse Rosamund – e...

– Ele não te viu ao longe – cortou Araminta, andando para cá e para lá na sala.

Rosamund até deu um passo atrás de surpresa. A mãe raramente falava com ela naquele tom impaciente.

Araminta continuou: – Tu própria disseste que ele estava fascinado por uma mulher vestida de prateado.

– Eu não disse propriamente «fascinado»...

– Não discutas comigo sobre trivialidades. Fascinado ou não, ele não veio aqui à procura de nenhuma de vós – disse Araminta com uma boa dose de escárnio. – Não sei o que veio cá fazer. Ele...

Parou de falar quando se aproximou da janela. Afastando a leve cortina, viu Mr. Bridgerton no passeio a tirar um objeto do bolso. – O que está ele a fazer? – sussurrou.

– Acho que tem uma luva na mão – disse Posy, prestável.

– Não é uma... – Araminta disse automaticamente, habituada a

contrariar tudo o que Posy dizia. – Ora, é uma luva, sim.

– Acho que ainda sei o que é uma luva quando a vejo – Posy murmurou.

– Para que é que ele está a olhar? – perguntou Rosamund, afastando a irmã do caminho.

– Há alguma coisa na luva – notou Posy. – Talvez seja um bordado. Temos umas luvas com o brasão dos Penwood bordado na bainha. Talvez aquela luva também tenha.

Araminta ficou branca.

– Sente-se bem, mãe? – perguntou Posy. – Está com ar um pouco pálido.

– Ele veio aqui à procura dela – sussurrou Araminta.

– De quem? – perguntou Rosamund.

– Da mulher de vestido prateado.

– Bem, não vai encontrá-la aqui – respondeu Posy –, já que eu ia vestida de sereia e Rosamund de Maria Antonieta. E a mãe, é claro, de rainha Isabel.

– Os sapatos – disse Araminta subitamente. – Os sapatos.

– Que sapatos? – perguntou Rosamund irritada.

– Estavam raspados. Alguém usou os meus sapatos. – O rosto de Araminta, já incrivelmente pálido, empalideceu ainda mais. – Foi *ela*. Mas como é que ela o fez? Tem de ser ela.

– Quem? – Rosamund exigiu saber.

– Mãe, tem a certeza de que está bem? – perguntou Posy novamente. – Não parece nada bem.

Mas Araminta já tinha saído a correr da sala.

– Sapato estúpido – resmungou Sophie, esfregando o salto de um dos sapatos mais antigos da coleção de Araminta. – Ela não usa estes há anos.

Terminou de engraxar a ponta do sapato e colocou-o no seu lugar devido na fila perfeitamente ordenada. Mas antes de poder pegar noutro par, a porta do armário abriu-se, batendo contra a parede com tanta força que Sophie quase gritou de surpresa.

– Ai, pregou-me cá um susto – disse ela a Araminta. – Não a ouvi chegar e...

– Arruma as tuas coisas – disse Araminta numa voz baixa plena de crueldade. – Quero-te fora desta casa ao nascer do sol.

O trapo que Sophie estava a usar para puxar o lustro aos sapatos caiu-lhe da mão. – O quê? – perguntou engasgada. – Porquê?

– Achas que preciso de uma razão? Ambas sabemos que deixei de receber qualquer verba para cuidar de ti há quase um ano. É o suficiente para não te querer mais.

– Mas para onde irei?

Os olhos de Araminta estreitaram-se até serem apenas duas fendas. – Isso já não é da minha conta, pois não?

– Mas...

– Tens vinte anos. Idade suficiente para seguires o teu caminho sozinha no mundo. Da minha parte acabaram-se os mimos.

– Nunca recebi mimos de si – disse Sophie em voz baixa.

– Não te atrevas a responder-me torto.

– Porque não? – retorquiu Sophie, a voz cada vez mais estridente. – Que tenho eu a perder? Seja como for, vai expulsar-me de casa.

– Podias tratar-me com um pouco de respeito – Araminta sibilou, pousando o pé na barra da saia de Sophie para que ficasse presa ao chão, na posição de joelhos em que se encontrava –, considerando que te tenho vestido e abrigado todo este ano por pura bondade.

– Não faz nada por bondade. – Sophie puxou a saia, mas esta estava firmemente presa sob o salto do sapato de Araminta. – Diga a verdade: porque é que me manteve aqui?

Araminta deu uma gargalhada. – Ficas mais barata do que uma criada normal e eu adoro dar-te ordens.

Sophie odiava ser a escrava particular de Araminta, mas Penwood House era onde se sentia em casa.

Mrs. Gibbons era sua amiga e Posy, por norma, era simpática, e o resto do mundo era... bem... muito assustador. Para onde iria? O que faria? Como iria sustentar-se?

– Porquê agora? – quis saber Sophie.

Araminta encolheu os ombros. – Deixaste de me ser útil.

Sophie olhou para a longa fila de sapatos que acabara de engraxar. – Deixei?

Araminta espetou o salto pontiagudo do sapato na saia de Sophie até rasgar o tecido. – Foste ao baile ontem à noite, não foste?

Sophie sentiu o sangue fugir-lhe do rosto e percebeu que Araminta via a verdade nos seus olhos. – N-não – mentiu. – Como iria eu...

– Não sei como é que conseguiste, mas sei que estiveste lá. – Araminta chutou um par de sapatos na direção de Sophie. – Calça-os!

Sophie ficou a olhar para os sapatos, receosa. Eram de cetim branco, bordados a prateado. Os sapatos que usara na noite anterior.

– Calça-os! – gritou Araminta. – Eu sei que os pés de Rosamund e de Posy são muito grandes. És a única que poderia ter usado os meus sapatos ontem à noite.

– E por causa disso acha que fui ao baile? – Sophie perguntou, a voz saindo num sussurro de pânico.

– Calça os sapatos, Sophie.

Sophie obedeceu. Naturalmente, serviram-lhe na perfeição.

– Ultrapassaste os limites – disse Araminta em voz baixa. – Avisei-te há muitos anos para não te esqueceres de qual é o teu lugar neste mundo. És uma filha ilegítima, uma bastarda, o fruto de...

– Sei *muito bem* o que é um filho bastardo – retorquiu Sophie.

Araminta ergueu uma sobranceira altiva, troçando silenciosamente da explosão de Sophie. – Não serves para conviver com a sociedade civilizada – continuou – e ainda assim *ousaste* fingir que és igual a nós, participando no baile de máscaras.

– Sim, ousei! – exclamou Sophie, já sem se importar que Araminta tivesse, sabe-se lá como, descoberto o seu segredo. – Ousei e fá-lo-ia novamente. O meu sangue é tão azul quanto o seu, e o meu coração é muito mais bondoso, e...

Num minuto, Sophie estava de pé, gritando com Araminta, e no seguinte estava no chão, agarrada à face, rubra pela mão de Araminta.

– Nunca te atrevas a comparar-te a mim – ameaçou Araminta.

Sophie ficou no chão. Como pôde o pai ter feito aquilo com ela, deixando-a aos cuidados de uma mulher que a detestava de forma tão flagrante? Será que não se importava nem um pouco? Ou teria sido simplesmente cego?

– Quero-te fora daqui pela manhã – disse Araminta em voz baixa. – E nunca mais te quero ver à frente.

Sophie começou a caminhar até à porta.

– Mas não – disse Araminta, pousando a parte inferior da palma da mão no ombro de Sophie – antes de terminares o trabalho que te mandei fazer.

– Vai demorar até de manhã para terminar – protestou Sophie.

– Isso é problema teu, não meu. – E com isto, Araminta fechou a porta do armário, rodando a chave com um clique estridente.

Sophie olhou para a vela bruxuleante que tinha trazido para iluminar o longo e escuro armário. Aquele pavio não duraria até de manhã.

E nem pensar que ia engraxar o resto dos sapatos de Araminta. Era o que mais faltava!

Sophie sentou-se no chão, braços e pernas cruzados, e ficou a olhar para a chama da vela até os seus olhos cruzarem também. Quando o sol nascesse no dia seguinte, a sua vida iria mudar para sempre.

Penwood House podia não ter sido muito acolhedora, mas pelo menos era um porto de abrigo.

Praticamente não tinha dinheiro. Não recebera um *penny* que fosse de Araminta nos últimos sete anos.

Felizmente, ainda tinha um pouco do dinheiro que recebera do pai quando estava vivo, quando havia sido tratada como sua protegida, e

não como escrava da mulher. Tivera muitas oportunidades para o gastar, mas Sophie sempre soubera que este dia poderia chegar, e parecera-lhe prudente poupar os poucos fundos que possuía.

Mas as escassas libras não iriam levá-la muito longe. Precisava de um bilhete para sair de Londres e

isso custava dinheiro. Provavelmente mais de metade da sua poupança. Talvez pudesse ficar na cidade durante algum tempo, mas os bairros degradados de Londres eram perigosos e Sophie sabia que o dinheiro que tinha não era suficiente para um bairro respeitável. Além disso, se era para ficar sozinha, preferia regressar ao campo que tanto amava.

Isto para não dizer que Benedict Bridgerton vivia ali. Londres era uma cidade grande, e Sophie não tinha dúvidas de que poderia evitar encontrá-lo durante anos, mas o seu grande medo era não *querer* evitá-lo, apanhar-se a observar a casa dele, à espera do mais pequeno vislumbre dele a sair de casa.

E se ele a visse... Bem, Sophie não imaginava o que poderia acontecer. Ele podia ficar furioso por ela o ter enganado. Poderia querer fazer dela sua amante. Poderia até não a reconhecer.

A única certeza que tinha era que ele não iria atirar-se aos pés dela, declarar o seu amor eterno e pedir-lhe a mão em casamento.

Filhos de viscondes não se casavam com plebeias ilegítimas. Nem mesmo nos romances.

Não, ela teria de sair de Londres. Manter-se longe da tentação. Mas precisava de mais dinheiro, o suficiente para se sustentar até encontrar emprego. O suficiente para...

Os olhos de Sophie recaíram em algo brilhante – um par de sapatos escondido no canto. Tinha limpado aqueles sapatos uma hora antes e sabia que o brilho não era dos sapatos, mas de um par de apliques em pedras preciosas, facilmente destacáveis e suficientemente pequenos para caberem no bolso.

Será que se atrevia?

Pensou em todo o dinheiro que Araminta tinha recebido para a sustentar, dinheiro que Araminta nunca achara por bem partilhar com ela.

Pensou em todos aqueles anos a trabalhar como criada de uma senhora sem receber um único salário.

Pensou no peso de consciência e rapidamente o afastou da mente. Em tempos como aqueles, não havia lugar para pesos de consciência.

Pegou nos apliques dos sapatos.

E então, várias horas depois, quando Posy (contra a vontade da mãe) apareceu, deixando-a sair, arrumou todos os seus pertences e foi-se embora.

Para sua grande surpresa, não olhou para trás.

PARTE DOIS

CAPÍTULO 6

Já se passaram três anos desde o último casamento de um dos irmãos Bridgerton e Lady Bridgerton foi ouvida a declarar em diversas ocasiões estar quase a perder a esperança. Benedict ainda não noivou (e esta Vossa Autora é da opinião que, apesar de ter atingido a idade de trinta anos, está muito a tempo) e Colin também não, embora a este possa ser perdoado o atraso, já que, afinal, ainda só tem vinte e seis.

A viscondessa viúva também tem duas meninas com as quais deve preocupar-se. Eloise tem quase vinte e um anos e, embora tenha recebido várias propostas, não tem demonstrado qualquer inclinação para casar.

Francesca tem quase vinte (por coincidência, as duas jovens partilham o dia de aniversário) e também parece estar mais interessada em aproveitar a temporada do que pensar em casamento.

Esta Vossa Autora é da opinião que Lady Bridgerton não devia preocupar-se. É inconcebível o facto de qualquer um da prole Bridgerton não fazer, mais tarde ou mais cedo, um casamento aceitável, e, além disso, os dois filhos casados já a presentearam com um total de cinco netos, algo que, seguramente, será o seu desejo mais íntimo.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

30 DE ABRIL 1817

Álcool e cigarilhas. Jogos de cartas e muitas mulheres a soldo. Exatamente o tipo de festa que Benedict Bridgerton teria apreciado imensamente quando era um jovem acabadinho de sair da universidade.

Agora estava apenas entediado.

Nem sequer sabia porque tinha aceitado o convite. Por maior tédio, calculava. A temporada de Londres de 1817 tinha sido até àquele dia uma repetição do ano anterior, e 1816 já não tinha sido propriamente brilhante. Fazer exatamente o mesmo uma vez mais era para lá de banal.

Não conhecia sequer o anfitrião, um tal de Phillip Cavender. Era um daqueles convites de um amigo de um amigo de um amigo, e agora Benedict desejava com todo o fervor ter ficado em Londres. Acabava de sair de uma constipação fortíssima e deveria ter usado isso como desculpa para não ir, mas o amigo, a quem não via já há quatro horas, tinha insistido a tal ponto que finalmente convencera Benedict.

Agora estava sinceramente arrependido.

Atravessou o átrio principal da casa dos pais de Cavender. Através da porta à sua esquerda, via um jogo de cartas de apostas altas a decorrer. Um dos jogadores transpirava profusamente. – Imbecil –

murmurou Benedict. O pobre sujeito estava, provavelmente, a apenas um passo de perder o seu lar ancestral.

A porta à sua direita estava fechada, mas podia ouvir o som de risadinhas femininas, seguido pelo riso masculino, seguido por alguns grunhidos e gritos pouco atrativos.

Era tudo uma parvoíce. Não queria estar ali. Odiava jogos de cartas onde as apostas eram mais altas do que aquilo que os participantes podiam pagar e nunca tivera qualquer interesse em copular de forma tão pública. Não fazia ideia do que havia acontecido ao amigo que o trouxera até ali e não tinha gostado muito de qualquer um dos outros convidados.

– Vou-me embora – declarou, embora não houvesse ninguém no átrio para ouvi-lo. Tinha uma pequena propriedade a pouca distância dali, uma viagem de apenas uma hora. Era pouco mais do que uma pequena casa de campo, mas era dele, e naquele momento parecia-lhe o paraíso.

Mas as regras da boa educação ditavam que encontrasse o anfitrião para o informar da sua partida, mesmo que Mr. Cavender estivesse tão embriagado que provavelmente não se lembraria da conversa no dia seguinte.

Porém, após cerca de dez minutos de busca infrutífera, Benedict já começava a desejar que a mãe não tivesse sido tão inflexível na missão de incutir boas maneiras a todos os seus filhos. Teria sido muito mais fácil simplesmente ir-se embora. – Mais três minutos – resmungou. – Se não encontrar aquele idiota nos próximos três minutos, vou-me embora.

Nesse momento, passou por ele um par de jovens, tropeçando nos seus próprios pés e rindo à gargalhada. O cheiro a álcool enchia o ar e Benedict deu um discreto passo atrás, caso um deles se sentisse subitamente obrigado a partilhar o conteúdo do seu estômago.

Benedict tinha muita estima pelas suas botas.

– Bridgerton! – exclamou um deles.

Benedict dirigiu-lhes um breve aceno de cabeça em cumprimento. Ambos eram cerca de cinco anos mais novos do que ele, e não os conhecia bem.

– Não é um Bridgerton – disse o outro com voz arrastada. – É um... olha... é mesmo um Bridgerton.

Tem o mesmo cabelo e o mesmo nariz. – Os olhos estreitaram-se, tentando focar. – Mas qual deles?

Benedict ignorou a pergunta. – Viram o anfitrião?

– Temos um anfitrião?

– É claro que temos um anfitrião – respondeu o primeiro homem. – Cavender. Excelente comparsa, deixa-nos usar a casa dele...

– A casa dos pais – corrigiu o outro. – O pobre sujeito ainda não a herdou.

– Mesmo assim! A casa dos pais. Muito simpático da parte dele.

– Algum de vós o viu? – rosnou Benedict.

– Estava lá fora, ainda há pouco – respondeu o que anteriormente não se lembrava de que havia um anfitrião. – Na frente da casa.

– Obrigado – respondeu Benedict, virando as costas e dirigindo-se para a porta da frente. Só tinha de descer as escadas, apresentar os seus cumprimentos a Cavender e prosseguir caminho até ao estábulo para pegar no seu faetonte. Quase não precisava de abrandar o passo.

Estava mais do que na hora de arranjar um novo emprego, pensou Sophie Beckett.

Fazia quase dois anos que saíra de Londres, dois anos desde que deixara finalmente de ser a escrava particular de Araminta, dois anos que estava completamente sozinha.

Depois de ter abandonado Penwood House, penhorou os apliques dos sapatos de Araminta; no entanto, os diamantes de que Araminta gostava de se gabar acabaram por não ser diamantes, mas simples *strass*, e não lhe renderam muito dinheiro. Tinha tentado encontrar um emprego como governanta, mas nenhuma das agências que contactara estava disposta a aceitá-la. Ela era, obviamente, bem-educada, mas não trazia referências e, além disso, a maioria das mulheres não gostava de contratar alguém tão jovem e bonita.

Sophie tinha acabado por comprar um bilhete de diligência para o Wiltshire, que era o mais longe que podia ir, mantendo ainda a maior parte do dinheiro da venda dos apliques para uma emergência.

Felizmente, não tardou a encontrar emprego, como criada de quarto para Mr. e Mrs. John Cavender. Era um casal comum, esperando um bom trabalho dos seus funcionários, mas não exigindo o impossível.

Depois da labuta para Araminta durante tantos anos, Sophie considerou o trabalho para os Cavender como um período de férias.

Mas, então, o filho regressara da sua viagem pela Europa e tudo mudara. Phillip estava constantemente a encurralá-la pelos corredores e, vendo as suas insinuações e sugestões rechaçadas, tornou-se mais agressivo. Sophie começava a pensar que talvez devesse arranjar um emprego noutra lugar, quando Mr. e Mrs. Cavender decidiram ir a Brighton visitar a irmã de Mrs. Cavender durante uma semana, e Phillip resolvera dar uma festa para duas dúzias dos seus amigos mais próximos.

Já fora difícil evitar os avanços de Phillip antes, mas, pelo menos, Sophie sentia-se razoavelmente protegida. Phillip nunca ousaria atacá-la na presença da mãe.

Mas sem Mr. e Mrs. Cavender, Phillip parecia pensar ter o direito de fazer e considerar como seu tudo o que lhe apetecesse, e os amigos não eram melhores.

Sophie sabia que deveria ter deixado a casa imediatamente, mas Mrs. Cavender tratava-a bem e não considerava que fosse de boa educação sair sem a informar com duas semanas de antecedência. No entanto, após duas horas a ser perseguida por toda a casa, decidiu que as boas maneiras não compensavam o valor da sua virtude, por isso informou a (felizmente compreensiva) governanta que não poderia ficar mais tempo ali, arrumou os seus escassos pertences num pequeno saco, desceu furtivamente as escadas laterais e foi-se embora. Era uma caminhada de dois quilómetros até à vila, mas mesmo na calada da noite, a estrada até lá parecia-lhe infinitamente mais segura do que permanecer na casa dos Cavender; além disso, ela sabia da existência de uma pequena pousada onde podia comer uma refeição quente e alugar um quarto por um preço razoável.

Porém, tinha acabado de dar a volta à casa, seguindo pelo caminho da frente, quando ouviu um grito roufenho.

Olhou para cima. Maldição! Era Phillip Cavender, parecendo ainda mais embriagado e agressivo do que o habitual.

Sophie começou a correr, rezando que o efeito do álcool atrasasse os movimentos de Phillip, porque sabia que não poderia igualá-lo em velocidade.

Mas a fuga só serviu para o acicatar ainda mais porque ouviu-o dar um grito de regozijo e, em seguida, ouviu os passos dele a ressoar no chão, aproximando-se cada vez até sentir a mão dele agarrá-la pela gola do casaco, fazendo-a parar.

Phillip deu uma gargalhada triunfante e Sophie nunca se sentiu tão aterrorizada em toda a sua vida.

– Olha o que eu tenho aqui – vangloriou-se ele. – A pequena Miss Sophie. Tenho de a apresentar aos meus amigos.

Sophie sentiu a boca seca e ficou sem saber se o seu coração duplicou as batidas ou se parou completamente. – Deixe-me ir, Mr. Cavender – disse ela no seu tom mais severo. Sabia que ele gostava dela indefesa e suplicante e recusava-se a fazer-lhe a vontade.

– Nem pensar – disse ele, fazendo-a girar nos calcanhares e obrigando-a a ver a boca dele abrir-se num sorriso velhaco. Ele chamou os

amigos: – Heasley! Fletcher! Venham ver o que apanhei!

Sophie viu, horrorizada, mais dois homens surgirem das sombras. Pela aparência deles, estavam tão embriagados, ou talvez até mais, do que Phillip.

– Tens sempre as melhores festas – disse um deles em voz untuosa.

Phillip ficou inchado de orgulho.

– Deixe-me ir! – disse Sophie novamente.

Phillip sorriu. – O que acham, rapazes? Devo assentir à vontade da senhorita?

– Claro que não! – foi a resposta do mais novo dos dois homens.

– «Senhorita» – disse o outro, o mesmo que havia elogiado as festas de Phillip –, é capaz de não ser o melhor termo, não achas?

– Tens toda a razão! – respondeu Phillip. – É uma criada, e como todos sabemos, é uma raça que

nasceu para servir. – Deu um empurrão a Sophie na direção de um dos amigos. – Toma. Inspeciona a mercadoria.

Sophie deu um grito ao ser empurrada para a frente e agarrou com força a sua pequena bolsa. Estava prestes a ser violentada, isso era bem claro. Mas a sua mente em pânico queria manter um último resquício de dignidade e recusava-se a permitir que aqueles homens espalhassem os seus parcos pertences pelo chão.

O homem que a apanhou acariciou-a rudemente e, em seguida, empurrou-a para o terceiro. Este acabava de a agarrar pela cintura, quando ouviu alguém gritar: – Cavender!

Sophie fechou os olhos em agonia. *Um quarto homem. Meu Deus, três não eram o suficiente?*

– Bridgerton! – exclamou Phillip. – Junte-se a nós!

Sophie abriu os olhos de imediato. Bridgerton?

Um homem alto, de compleição forte emergiu das sombras, avançando com uma elegância que emanava confiança.

– O que se passa aqui?

Meu Deus, ela seria capaz de reconhecer aquela voz em qualquer lugar. Ouvira-a vezes sem conta nos seus sonhos.

Era Benedict Bridgerton. O seu Príncipe Encantado.

O ar da noite era frio, mas Benedict achou-o refrescante, depois de ser obrigado a respirar o ar viciado de tabaco e álcool dentro da casa. A lua estava quase cheia, gorda e brilhante e uma brisa suave agitava as folhas das árvores. Tudo somado, era uma excelente noite para abandonar uma festa chata e ir para casa.

Mas primeiro ainda tinha uma obrigação para cumprir. Encontrar o anfitrião, suportar a maçada de agradecimentos pela hospitalidade e informá-lo da sua partida. Quando atingiu o último degrau, chamou:

– Cavender!

– Aqui! – veio a resposta, e Benedict virou a cabeça para a direita. Cavender estava debaixo de um ulmeiro ancestral, acompanhado por mais dois cavalheiros. Pareciam estar a divertir-se com uma criada, empurrando-a de uns para outros.

Benedict resmungou. Estava demasiado longe para determinar se a criada estava a gostar da atenção, mas se não estava, então ia ter de a salvar, o que não estava exatamente incluído nos seus planos para essa noite. Nunca fora grande adepto de fazer o papel de herói, mas tinha demasiadas irmãs mais novas, quatro, na verdade, para ignorar uma dama em perigo.

– Eh, lá! – exclamou ao caminhar, vagaroso, na direção deles, mantendo uma postura propositadamente casual. Era sempre preferível andar devagar e avaliar convenientemente a situação do que precipitar-se.

– Bridgerton! – chamou Cavender. – Junte-se a nós!

Benedict aproximou-se no momento em que um dos homens enlaçava a cintura da jovem, prendendo-a pelas costas contra ele. A outra mão apalpava rudemente as nádegas da moça.

Benedict observou os olhos da criada. Estavam arregalados e completamente aterrorizados, e ela olhava para ele como se de um anjo salvador se tratasse.

– O que se passa aqui? – perguntou.

– Apenas um pouco de divertimento – respondeu Cavender com uma gargalhada. – Os meus pais tiveram a amabilidade de contratar este pitéu como criada de quarto.

– Ela não parece estar a gostar muito da vossa atenção – comentou Benedict com ar grave.

– Gosta, pois! – revidou Cavender com um esgar. – Pelo menos eu gosto, e isso é que importa.

– Mas eu não – disse Benedict, dando um passo em frente.

– Pode ficar com ela – disse Cavender, sempre jovial –, mas só depois de terminarmos.

– Não me está a compreender.

O tom ríspido na voz de Benedict fez os três homens estacarem, olhando-o com curiosidade prudente.

– Solte a moça – disse.

Ainda atordoado com a súbita mudança de atmosfera e, provavelmente, aliado aos reflexos entorpecidos pelo álcool, o homem que agarrava a jovem não se mexeu.

– Eu não quero lutas – disse Benedict, cruzando os braços –, mas se for preciso, fá-lo-ei. E posso assegurar-vos que as probabilidades de três para um não me assustam.

– Ora esta, era o que mais faltava! – exclamou Cavender, furioso. – Não pode aparecer aqui a dar ordens dentro da minha própria casa.

– É a casa dos seus pais – salientou Benedict, recordando a todos que Cavender ainda era bastante inexperiente.

– É a minha casa – explodiu Cavender – e ela é minha criada. E vai fazer aquilo que eu quiser.

– Não sabia que a escravatura era legal neste país – murmurou Benedict.

– Ela é obrigada a fazer o que eu disser!

– Será que sim?

– Se não obedecer, despeço-a.

– Muito bem – disse Benedict com um leve sorriso sarcástico. – Pergunte-lhe, então. Pergunte à moça se quer entrar no vosso joguinho a três. Porque era isso que tinha em mente, não era?

Cavender precipitou-se num chorrilho atabalhado, tentando encontrar as palavras.

– Pergunte-lhe – insistiu Benedict, sorrindo abertamente desta vez, principalmente por saber que o iria enfurecer ainda mais. – Se ela disser que não, pode despedi-la aqui mesmo.

– Eu não vou perguntar-lhe nada – lamuriou-se Cavender.

– Bem, então não pode esperar que ela o faça, não acha? – Benedict olhou para a moça. Era muito atraente, com um cabelo castanho-claro curto e encaracolado e uns olhos que pareciam quase grandes de mais no rosto. – Está bem – disse, lançando um breve olhar a Cavender. – Eu pergunto, então.

Os lábios da jovem abriram-se ligeiramente e Benedict teve a estranha sensação de que já se tinham conhecido. Mas isso era impossível, a menos que ela tivesse trabalhado para outra família aristocrática.

E, mesmo assim, tê-la-ia visto apenas de relance. O seu gosto por mulheres nunca se tinha estendido até às criadas e, para ser sincero, não costumava sequer reparar nelas.

– Miss... – Franziu a testa. – Peço desculpa, como se chama?

– Sophie Beckett – respondeu ela, engasgada, soando como se tivesse um enorme sapo preso na garganta.

– Miss Beckett – ele continuou – teria a gentileza de responder à seguinte pergunta?

– Não! – exclamou ela de repente.

– Não vai responder? – ele perguntou com um olhar de divertimento.

– Não, eu *não* quero entrar no joguinho destes três homens! – As palavras foram praticamente cuspidas da boca dela.

– Bom, parece-me então que o assunto está resolvido – disse Benedict. Olhou para o homem que ainda a agarrava. – Sugiro que a solte, para que aqui o Cavender possa dispensá-la do emprego.

– E para onde é que ela vai? – troçou Cavender. – Garanto que não volta a trabalhar nesta região.

Sophie virou-se para Benedict, perguntando o mesmo a si própria.

Benedict encolheu os ombros com descontracção. – Hei de arranjar-lhe trabalho em casa da minha mãe.

– Olhou para ela e ergueu uma sobrancelha. – Calculo que isso seja aceitável?

Sophie ficou de boca aberta com surpresa horrorizada. Ele queria levá-la para *casa* dele!

– Essa não é bem a reacção que eu esperava – disse Benedict em tom seco. – Será certamente mais agradável do que o seu emprego aqui. No mínimo, posso garantir que não será violentada. O que acha?

Sophie olhou freneticamente para os três homens que tinham tentado abusar dela. Na verdade, não tinha escolha. Só Benedict Bridgerton poderia tirá-la da propriedade dos Cavender. Também sabia que não poderia trabalhar para a mãe dele; estar tão próxima de Benedict e ainda ter de ser criada seria insuportável. Mas, mais tarde, poderia encontrar uma maneira de o evitar. Por enquanto, só precisava de escapar de Phillip.

Virou-se para Benedict e assentiu com a cabeça, ainda com medo de usar a voz. Sentiu-se sufocar interiormente, embora não soubesse se de medo ou alívio.

– Muito bem – disse ele. – Vamos embora, então?

Lançou um olhar mordaz ao braço que ainda a mantinha refém.

– Oh, pelo amor de Deus! – rosnou Benedict. – Vai largá-la ou vou ter de a arrancar a tiro?

Benedict não tinha uma arma, mas o tom da sua voz foi tal que o homem soltou-a instantaneamente.

– Assim está melhor – disse Benedict, estendendo o braço na direção da criada. Ela aproximou-se e, com dedos trémulos, aceitou o braço.

– Não pode simplesmente levá-la! – protestou Phillip.

Benedict lançou-lhe um olhar superior. – Acabei de o fazer.

– Vai arrepender-se – disse Phillip.

– Duvido. Agora, saia da minha vista.

Phillip fez um som irritado, depois virou-se para os amigos e disse: – Vamos sair daqui. – E, virando-se para Benedict, acrescentou: – Não pense que volta a receber outro convite para uma das minhas festas.

– Oh, que pena! – pronunciou Benedict de modo lento e arrastado.

Phillip soltou mais um ronco indignado e, então, ele e os dois amigos deram meia-volta e caminharam em passo altivo até casa.

Sophie ficou a vê-los afastarem-se; em seguida, arrastou lentamente o olhar de volta para Benedict. Ao cair na armadilha de Phillip e dos mal-intencionados amigos, percebera o que eles queriam fazer com ela e desejara morrer. E então, de repente, aparecera Benedict Bridgerton, como um herói saído dos seus sonhos, e pensou que talvez *tivesse* morrido de verdade, porque senão como seria possível ele estar ali, a menos que ela estivesse no Céu?

Ela ficara tão completa e absolutamente atordoada que quase esquecera que o amigo de Phillip ainda a mantinha presa contra ele, agarrando-a por trás de uma maneira extremamente humilhante. Por um breve segundo o mundo desvanecera-se e a única coisa que conseguia ver, a única coisa que *conhecia*, era Benedict Bridgerton.

Fora um momento perfeito.

Mas então o mundo real regressara com toda a força e tudo o que conseguia pensar era «que diabos estava ele ali a fazer»? Era uma festa repugnante, cheia de gente embriagada e prostitutas. Quando ela o

conhecera dois anos antes, não lhe parecera o tipo de pessoa que frequentasse tais eventos. Mas, pensando melhor, só o conhecera por algumas breves horas. Talvez o tivesse julgado mal. Fechou os olhos em agonia. Nos últimos dois anos, a memória de Benedict Bridgerton tinha sido a mais brilhante luz no firmamento monótono e triste que era a sua vida. Se tinha errado no julgamento, se ele não era melhor do que Phillip e os amigos, então não teria mais nada.

Nem mesmo a memória de um amor.

Mas ele *tinha-a* salvado. Isso era irrefutável. Talvez não fosse realmente importante qual a razão porque viera àquela festa, apenas que tinha vindo e que a salvara.

– Está tudo bem? – ele perguntou de repente.

Sophie assegurou que sim com um aceno de cabeça, olhando-o diretamente nos olhos, esperando que ele a reconhecesse.

– Tem a certeza?

Ela acenou novamente, ainda à espera. Tinha de acontecer em breve.

– Ótimo. Eles estavam a ser muito grosseiros.

– Vai ficar tudo bem. – Sophie mordeu o lábio inferior. Não tinha ideia de como ele reagiria quando percebesse quem ela era. Será que ficaria contente? Furioso? A expectativa estava a matá-la.

– Quanto tempo demora a arrumar as suas coisas?

Sophie piscou, sem conseguir articular uma palavra e então percebeu que ainda estava agarrada à bolsa. Está tudo aqui – respondeu. – Estava a tentar ir-me embora quando me apanharam.

– Menina esperta – murmurou ele em tom de aprovação.

Sophie não conseguia tirar os olhos dele, incapaz de acreditar que ele não a reconhecera.

– Vamos embora, então – disse ele. – Até fico doente só de estar na propriedade do Cavender.

Sophie não respondeu, mas o seu queixo projetou-se ligeiramente para a frente, e ela inclinou a cabeça enquanto o observava.

– Tem a certeza de que está tudo bem? – perguntou ele.

E, então, Sophie começou a pensar.

Dois anos antes, quando o conhecera, tinha metade do rosto coberto por uma máscara.

O cabelo estava levemente empoeirado, fazendo-a parecer mais loira do que na verdade era. Além disso, tinha-o cortado para vender os caracóis a um fabricante de perucas. O longo cabelo ondulado estava agora em cachos curtos.

Sem Mrs. Gibbons para a alimentar, tinha perdido quase seis quilos.

E, pensando bem, só tinham estado na companhia um do outro durante uma hora e meia.

Ela olhou-o bem fundo nos olhos e percebeu.

Ele não iria reconhecê-la.

Não fazia ideia de quem ela era.

Sophie ficou sem saber se ria ou chorava.

CAPÍTULO 7

Ficou bem claro para todos os convidados do baile Mottram, na última quinta-feira, que Miss Rosamund Reiling está determinada em fisgar Mr. Phillip Cavender.

Na opinião desta Vossa Autora, aí está uma parelha perfeita, de facto.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

30 DE ABRIL 1817

Dez minutos depois, Sophie estava sentada ao lado de Benedict Bridgerton no seu faetonte.

– Tem alguma coisa no olho? – ele perguntou educadamente.

Ela despertou do estado distraído. – D-desculpe?

– Pergunto porque a vejo a pestanejar – explicou. – Pensei que talvez

tivesse alguma coisa no olho.

Sophie engoliu em seco, tentando reprimir uma risada nervosa. O que deveria responder? A verdade?

Que pestanejava porque estava na expectativa de acordar daquilo que só podia ser um sonho? Ou talvez um pesadelo?

– Tem a certeza de que está tudo bem? – perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça.

– Apenas a reação ao choque, imagino – disse ele.

Ela voltou a dizer que sim com a cabeça, deixando-o a pensar que apenas isso a afetava.

Como era possível ele não a ter reconhecido? Ela sonhava com este momento há anos. O seu Príncipe Encantado tinha finalmente vindo salvá-la e nem sabia quem ela era.

– Como disse que se chamava? – perguntou ele. – Peço desculpa. Só à segunda vez é que consigo fixar um nome.

– Miss Sophia Beckett. – Não parecia haver razão para mentir, uma vez que não lhe dissera o nome no baile de máscaras.

– Muito prazer em conhecê-la, Miss Beckett – disse ele, mantendo os olhos na estrada escura. – Eu sou Mr. Benedict Bridgerton.

Sophie reconheceu a apresentação com um aceno de cabeça, mesmo ele não estando a olhar para ela.

Manteve-se em silêncio um momento, mais porque simplesmente não sabia o que dizer naquela situação deveras inacreditável. Era, pensou, a apresentação que não chegara a ocorrer dois anos antes.

Finalmente, disse apenas: – Foi um ato muito corajoso da sua parte.

Ele encolheu os ombros.

– Eram três contra apenas um. A maioria dos homens não teria intervindo.

Desta vez, ele olhou para ela. – Detesto rufiões – foi tudo o que disse.

Ela assentiu com a cabeça novamente. – Eles ter-me-iam violado.

– Eu sei – respondeu ele, acrescentando em seguida: – Eu tenho quatro irmãs.

Ela quase disse «Eu sei», mas conteve-se a tempo. Como é que uma criada do Wiltshire iria saber tal coisa? Então, preferiu dizer: – Então foi por isso que foi tão sensível ao meu apuro.

– Gostaria de pensar que outro homem ajudaria uma das minhas irmãs se alguma delas se encontrasse numa situação semelhante.

– Espero que isso nunca venha a acontecer.

Ele assentiu com amargura. – Também eu.

Cavalgaram em silêncio pela noite velada. Sophie lembrou-se do baile de máscaras, quando nem por um momento lhes faltara tema de conversa. Agora era diferente, percebeu. Ela era uma criada, não uma magnífica mulher da alta sociedade. Não tinham nada em comum.

Mas, ainda assim, continuava na expectativa de que ele a reconhecesse, que parasse a carruagem, a apertasse contra o peito e lhe dissesse que há dois anos a procurava. Mas isso não iria acontecer, percebeu. Não era capaz de reconhecer a senhora dentro da criada, e em toda a verdade, porque haveria de o fazer?

As pessoas viam o que esperavam ver. E Benedict Bridgerton certamente não esperava ver uma senhora fina da alta sociedade disfarçada de humilde criada.

Não passara um dia sem que pensasse nele, se lembrasse dos seus lábios nos dela ou da magia inebriante da noite de fantasia. Ele tinha-se tornado o ponto central dos seus devaneios, sonhos em que era uma pessoa diferente, com pais diferentes. Nos seus sonhos, ela tinha-o conhecido num baile, talvez no seu próprio baile de debutante, organizado pelos pais fervorosos. Ele tinha-a cortejado com toda a doçura, com flores perfumadas e beijos roubados. E então, num alegre dia de primavera, enquanto os pássaros cantavam e uma brisa suave agitava o ar, ele tinha-se ajoelhado, pedindo-a em casamento, professando o seu amor e adoração eternos.

Era um devaneio bom, superado apenas por aquele em que viviam felizes para sempre, com três ou quatro filhos esplêndidos, nascidos legalmente dentro do sacramento do matrimónio.

Mas, em todas as suas fantasias, nunca imaginou que realmente o voltasse a ver, muito menos ser resgatada por ele de um trio de

atacantes licenciosos.

Perguntou-se se ele alguma vez teria pensado na mulher misteriosa de vestido prateado com quem partilhou um beijo apaixonado. Gostava de pensar que sim, mas duvidava que o beijo tivesse tanto significado para ele como para ela. Afinal de contas, ele era um homem e, muito provavelmente, já beijara dezenas de mulheres.

Para ele, aquela noite tinha sido muito semelhante a qualquer outra. Sophie ainda lia o *Whistledown* sempre que conseguia deitar mãos a um. Portanto sabia que ele participava em dezenas de bailes. Por que razão haveria um baile de máscaras de lhe ficar na memória?

Sophie suspirou e olhou para as mãos, que ainda seguravam o cordão da pequena bolsa. Desejou estar de luvas, mas o único par que possuía tinha-se gastado naquele ano e não tivera meios para comprar outro. As mãos dela estavam ásperas e gretadas e os dedos a ficar gelados.

– Isso é tudo o que possui? – perguntou Benedict, apontando para a bolsa.

Ela assentiu com a cabeça. – Eu não tenho muito, infelizmente. Apenas uma muda de roupa e algumas lembranças pessoais.

Ele ficou em silêncio um momento, então disse: – Tem uma pronúncia muito refinada para uma criada.

Ele não era o primeiro a fazer essa observação, por isso Sophie deu a resposta habitual: – A minha mãe foi governanta de uma família muito amável e generosa. Eles permitiram que eu assistisse a algumas das lições das filhas.

– Porque não ficou a trabalhar lá? – Com um movimento hábil dos pulsos, ele orientou a parelha de cavalos para o lado esquerdo da bifurcação na estrada. – Imagino que não esteja a referir-se aos Cavender.

– Não – respondeu ela, tentando encontrar uma resposta adequada. Ninguém jamais se preocupara em aprofundar a explicação que oferecia. Nunca ninguém se tinha interessado o bastante. – A minha mãe morreu – respondeu finalmente – e eu não me dei bem com a nova governanta.

Ele pareceu aceitar a explicação e prosseguiram viagem durante mais algum tempo. A noite era de um silêncio quase absoluto, exceto pelo vento e o ruído ritmado dos cascos dos cavalos. Finalmente, Sophie,

incapaz de conter a curiosidade, perguntou: – Para onde vamos?

– Tenho uma pequena casa de campo não muito longe daqui – ele respondeu. – Ficamos lá um ou dois dias e então levo-a para casa da minha mãe. Tenho a certeza de que encontrará uma posição para si.

O coração de Sophie começou a bater. – Essa sua casa...

– Não se preocupe, estará devidamente acompanhada – disse ele com um leve sorriso. – Os caseiros estarão lá e garanto que Mr. e Mrs. Crabtree não são pessoas de deixar que nada desagradável aconteça na sua casa.

– Pensei que a casa era *sua*.

O sorriso dele tornou-se mais pronunciado. – Há anos que tento convencê-los a pensar assim, mas ainda não tive sucesso.

Sophie sentiu os cantos dos lábios curvarem-se para cima. – Parecem ser pessoas de quem eu gostaria muito.

– Espero que sim.

E então mais silêncio. Sophie manteve os olhos escrupulosamente virados para a estrada. Tinha o medo absurdo de que ele a reconhecesse se os seus olhos se encontrassem. Mas era mera fantasia. Ele já a olhara diretamente nos olhos, mais de uma vez, e não lhe ocorrera que ela fosse mais do que uma criada.

Porém, alguns minutos depois, sentiu um estranho formigueiro nas faces e, quando se virou para ele, viu que ele a olhava com uma expressão estranha.

– Já nos conhecemos antes? – perguntou ele de repente.

– Não – respondeu ela com a voz um pouco mais embargada do que gostaria. – Julgo que não.

– Certamente terá razão – ele murmurou –, mas ainda assim, parece-me familiar.

– Todas as criadas são parecidas – comentou ela com um sorriso forçado.

– Eu costumava pensar assim – disse ele por entre dentes.

Ela virou o rosto para a frente, espantada consigo mesma. Porque

fizera aquele comentário? Será que não *queria* que ele a reconhecesse? Não tinha ela passado a última meia hora esperando, desejando, sonhando...

Esse era o problema. Era um sonho. E nos seus sonhos ele amava-a. Nos seus sonhos ele pedia-a em casamento. Na vida real, ele poderia pedir-lhe que se tornasse sua amante e isso era algo que jurara a si mesma nunca fazer. Na vida real, ele podia sentir-se na obrigação de tomar a atitude honrada e devolvê-la a Araminta, que provavelmente a entregaria de imediato à justiça por roubar os apliques dos sapatos (e Sophie não tinha dúvidas nenhuma de que Araminta notara o seu desaparecimento).

Não, era melhor que ele não a reconhecesse. Só iria complicar-lhe a vida e, uma vez que não tinha fontes de renda, aliás, não tinha praticamente nada além da roupa no corpo, não precisava de mais complicações.

E, no entanto, sentia-se inexplicavelmente desapontada por ele não ter sabido instantaneamente quem ela era.

– Isto é uma gota de chuva? – perguntou Sophie, ansiosa por mudar a conversa para temas mais benignos.

Benedict olhou para cima. A lua estava agora oculta pelas nuvens. – Não parecia que ia chover quando saímos – murmurou. Uma gota de chuva gorda caiu-lhe na perna. – Mas acho que tem razão.

Ela olhou para o céu. – O vento está bem mais forte. Espero que não venha aí uma tempestade.

– De certeza que a tempestade vem – disse ele com ironia –, já que estamos numa carruagem aberta. Se tivesse trazido o coche, não haveria uma nuvem no céu.

– Ainda falta muito para chegarmos a sua casa?

– Estamos a cerca de meia hora de distância, acho. – Ele franziu a testa. – Desde que não sejamos atrasados pela chuva.

– Bem, eu não me importo com um pouco de chuva – disse ela em tom resolutivo. – Há coisas muito piores do que ficar molhado.

Ambos sabiam exatamente o que ela queria dizer.

– Acho que não cheguei a agradecer-lhe – disse ela com voz suave.

Benedict virou a cabeça bruscamente. Por tudo o que era santo, havia algo de muito familiar naquela voz. Mas quando a observou mais de perto, tudo o que viu foi uma simples criada. Muito atraente, é certo, mas apenas uma criada. Não era nada provável que os seus caminhos se tivessem cruzado.

– Não foi nada – disse por fim.

– Para si, talvez não. Para mim foi tudo.

Embaraçado pelo comentário, apenas fez um aceno de cabeça e emitiu um daqueles grunhidos que os homens tendiam a emitir quando não sabiam o que dizer.

– Foi muito corajoso da sua parte – disse ela.

Ele resmungou novamente.

E então os céus abriram-se sobre eles.

Demorou apenas um minuto para que a roupa de Benedict ficasse completamente encharcada. – Vou tentar chegar o mais depressa que puder – gritou, tentando fazer-se ouvir acima do vento.

– Não se preocupe comigo! – gritou Sophie de volta, mas quando ele olhou para ela, viu que estava toda encolhida, os braços apertados contra o peito, tentando conservar o calor do corpo.

– Deixe-me dar-lhe o meu casaco.

Ela abanou a cabeça e riu-se. – Provavelmente vai fazer-me ficar ainda mais molhada, encharcado como está.

Ele instigou os cavalos para um ritmo mais rápido, mas a estrada estava a ficar muito lamacenta e o vento chicoteava a chuva em todas as direções, reduzindo ainda mais a parca visibilidade.

Maldição. Era só o que lhe faltava. Estivera constipado toda a semana anterior e o mais provável era ainda não estar completamente recuperado. Uma viagem debaixo daquela chuva gelada ia provocar-lhe certamente uma recaída, obrigando-o a passar o próximo mês com corrimento nasal, olhos lacrimejantes... todos os sintomas irritantes e desagradáveis.

Claro que...

Benedict não conseguiu conter um sorriso. Claro que, se estivesse

doente, a mãe não poderia tentar convencê-lo a ir a todas as festas da cidade, na esperança de ele encontrar uma jovem adequada com quem decidisse assentar num casamento tranquilo e feliz.

Em sua defesa, ele sempre tivera os olhos abertos, nunca desistira de procurar uma possível noiva.

Não se opunha ao conceito de casamento. O irmão Anthony e a irmã Daphne tinham encontrado pessoas com quem eram esplendidamente felizes. Mas os casamentos de Anthony e Daphne eram assim porque eles tinham sido suficientemente inteligentes para casar com as pessoas certas, e Benedict tinha a certeza de ainda não ter encontrado a pessoa certa.

Não, pensou, a mente viajando até ao passado, isso não era inteiramente verdade. Conhecera certa vez alguém....

A dama de vestido prateado.

Quando a tomara nos braços e dançara com ela na varanda a primeira valsa, sentira algo diferente, uma espécie de agitação, um formigueiro. Isso deveria tê-lo assustado.

Mas não. Tinha-o deixado sem fôlego, entusiasmado... e determinado a conquistá-la.

Mas depois ela desaparecera. Como se o mundo fosse realmente plano e ela tivesse caído pelo precipício final. Não descobrira nada na enervante visita a Lady Penwood e, quando tentou investigar entre os amigos e familiares, ninguém lhe soube dizer nada sobre uma jovem de vestido prateado.

Ela não tinha chegado nem saído com mais ninguém. Para todos os efeitos, era como se nunca tivesse existido.

Tinha-a procurado em cada baile, festa e sarau musical a que fora. Por Deus, participara no dobro dos eventos apenas na esperança de a ver novamente.

Mas regressara sempre a casa decepcionado.

Pensou que conseguiria parar de a procurar. Era um homem de espírito prático e partiu do princípio que acabaria por simplesmente desistir. E de certa forma, isso tinha acontecido. Depois de alguns meses, readquiriu o hábito de recusar mais convites do que aqueles que aceitava. Mais uns meses e percebeu que era outra vez capaz de

conhecer mulheres e não as comparar automaticamente com ela.

Mas não conseguia parar de a procurar. Podia não sentir a mesma urgência, mas sempre que ia a um baile ou a um sarau musical, apercebia-se de que os seus olhos esquadrihavam a multidão, os ouvidos atentos à melodia do riso dela.

Ela tinha de estar em algum lugar. Há muito que se resignara ao facto da improbabilidade de voltar a encontrá-la e não a procurava ativamente há mais de um ano, mas...

Sorriu com melancolia. Simplesmente não era capaz de desistir de a procurar. De uma forma muito estranha, isso tornara-se uma parte de quem era. O seu nome era Benedict Bridgerton, tinha sete irmãos e irmãs, era bastante habilidoso com a espada e com um lápis de desenho e mantinha sempre os olhos abertos, atento à única mulher que lhe havia tocado a alma.

Continuava a ter esperança... a desejar... e a observar. E mesmo que dissesse a si mesmo que estava na altura de casar, não conseguia reunir o entusiasmo necessário para o fazer.

Porque... e se punha o anel no dedo de uma mulher e no dia seguinte a via?

Seria o suficiente para lhe destroçar o coração.

Não, seria mais do que isso. Seria o suficiente para lhe destruir a alma.

Benedict soltou um suspiro de alívio quando vislumbrou a aldeia de Rosemeade. Rosemeade significava que a sua casa ficava a apenas cinco minutos, e por Deus, mal podia esperar para entrar e refastelar-se numa banheira de água quente. Olhou para Miss Beckett. Ela também estava a tremer, mas não soltara um único queixume, pensou com uma pontinha de admiração. Benedict tentou pensar em outra mulher do seu conhecimento capaz de enfrentar os elementos com tal firmeza e não conseguiu. Até mesmo a sua irmã Daphne, que era uma mulher corajosa, a esta hora já teria reclamado do frio.

– Estamos quase a chegar – assegurou.

– Eu estou... Oh! Está tudo bem consigo?

Benedict foi acometido por uma onda de tosse profunda e seca que parecia retumbar-lhe no peito.

Sentia os pulmões a arder e a garganta como se alguém tivesse estado a raspá-la com uma lâmina de barbear.

– Estou bem – respondeu, sem fôlego, puxando um pouco as rédeas para retomar a direção dos cavalos, que perdera enquanto tossia.

– Não parece nada bem.

– Estive com uma constipação na semana passada – explicou ele, estremecendo. Raios, os pulmões doíam-lhe.

– Isso não soa a uma simples constipação – disse ela, lançando-lhe o que obviamente esperava fosse um sorriso brincalhão. Mas não pareceu um sorriso brincalhão. Na verdade, o ar era de extrema preocupação.

– Deve ter piorado – ele murmurou.

– Não quero que fique doente por minha causa.

Ele tentou sorrir, mas as maçãs do rosto doíam-lhe demasiado. – Eu teria sido apanhado pela chuva quer a tivesse trazido ou não.

– Mesmo assim...

O que quer que ela fizesse tenção de dizer ficou perdido debaixo de outra torrente de tosse profunda e cavernosa.

– Peço desculpa – ele murmurou.

– Deixe-me conduzir – disse ela, apontado para as rédeas.

Ele virou-se para ela, descrente. – Isto é um faetonte, não uma charrete.

Sophie lutou contra a vontade de o esganar. Ele tinha o nariz a pingar, os olhos vermelhos, não conseguia parar de tossir e, ainda assim, encontrava energia para agir como um pavão arrogante. –

Asseguro-lhe – disse ela lentamente – que sei conduzir uma parelha de cavalos.

– E onde adquiriu essa habilidade?

– Na mesma família que me permitiu partilhar as lições das suas filhas – mentiu Sophie. – Eu aprendi a conduzir uma parelha ao mesmo tempo que as meninas.

– A dona da casa devia gostar mesmo muito de si – comentou ele.

– É verdade – respondeu Sophie, tentando não rir. Araminta era a dona da casa e lutara com unhas e dentes de todas as vezes que o pai insistira para que ela fosse autorizada a receber a mesma instrução que Rosamund e Posy. As três tinham aprendido a conduzir uma parelha de cavalos no ano anterior à morte do conde.

– Eu conduzo, obrigado – disse Benedict, cortante, arruinando de imediato todo o efeito das palavras ao ter mais um ataque de tosse violento.

Sophie pegou nas rédeas. – Pelo amor de...

– Tome – disse ele, quase atirando as rédeas na direção dela, enquanto enxugava os olhos. – Leve-o.

Mas eu ficarei a observar.

– Não esperaria outra coisa – disse ela com impertinência. A chuva não oferecia as melhores condições de condução e havia anos que não segurava rédeas nas mãos, mas achou que cumpriu a tarefa razoavelmente bem. Algumas coisas nunca se esqueciam, pensou.

Na verdade, era até bastante agradável fazer algo que não fazia desde a sua vida anterior, quando fora, pelo menos oficialmente, protegida de um conde. Nessa época usava roupas finas, tinha acesso a boa comida, a aulas interessantes e...

Suspirou. Não tinha sido perfeito, mas tinha sido melhor do que qualquer outra coisa que viera depois.

– O que se passa? – perguntou Benedict.

– Nada. Porque acha que se passa alguma coisa?

– Porque deu um suspiro.

– Consegui ouvir-me acima do vento? – perguntou ela, incrédula.

– Estava atento. Já estou doente o suficiente... cof, cof ... sem que nos conduza até uma valeta.

Sophie decidiu não o dignar com uma resposta.

– Vire já aí à direita – ele indicou. – O caminho segue diretamente para minha casa.

Ela seguiu as indicações. – A sua casa tem um nome?

– A Minha Casinha.

– Eu devia ter adivinhado – ela murmurou.

Ele sorriu. Uma grande façanha, pensou ela, considerando que ele parecia extremamente doente. – Não estou a brincar – assegurou ele.

E era verdade porque, logo de seguida, pararam em frente a uma elegante casa de campo, ostentando uma pequena e discreta placa onde se lia «A Minha Casinha».

– Foi o dono anterior que cunhou o nome – disse Benedict quando lhe indicava o caminho para os estábulos – e eu achei que encaixava bem.

Sophie olhou para a casa, que, embora relativamente pequena, não tinha nada de humilde. – Chama a isto de casinha?

– Não, o proprietário anterior é que chamava – respondeu ele. – Deveria ter visto a outra casa dele.

Logo depois, já abrigados da chuva, Benedict ocupava-se a desemparelhar os cavalos. Mas as luvas que usava estavam completamente encharcadas e escorregavam nos freios, por isso ele tirou-as e atirou-as para longe. Sophie ficou a vê-lo executar o trabalho. Os dedos das mãos dele estavam enrugados como ameixas secas e a tremer do frio. – Deixe-me ajudar – disse ela, dando um passo em frente.

– Eu consigo.

– Claro que consegue – disse ela em tom conciliador –, mas pode fazê-lo mais depressa com a minha ajuda.

Ele virou-se, talvez para recusar novamente, mas dobrou-se de imediato ao ser sacudido novamente pela tosse. Sophie correu até ele, ajudando-o a sentar-se num banco próximo. – Sente-se, por favor –

implorou. – Eu acabo o trabalho.

Achou que ele iria discordar, mas desta vez ele cedeu. – Sinto muito – disse ele com voz rouca. – Eu...

– Não tem nada que pedir desculpa – disse ela, executando o trabalho com rapidez. Ou, pelo menos, o mais depressa que pôde, uma vez que tinha os dedos ainda dormentes e a pele já com manchas brancas de

estar molhada durante tanto tempo.

– Não é nada... – tossiu novamente, desta vez de forma ainda mais profunda e atacada do que antes –

cavalheiresco da minha parte.

– Ah, acho que posso perdoar-lhe desta vez, tendo em conta a maneira como me salvou hoje. – Sophie tentou abrir um sorriso alegre, mas, por alguma razão, saiu trémulo e, sem aviso, ela viu-se, inexplicavelmente, quase em prantos. Virou-se rapidamente, não querendo que ele lhe visse o rosto.

Mas ele deve ter-se apercebido de alguma coisa, ou talvez sentido que algo estava errado, porque perguntou: – Está tudo bem?

– Está, sim! – ela respondeu, mas a voz saiu tensa e sufocada e, num piscar de olhos, ele estava junto dela, abraçando-a.

– Está tudo bem – disse ele, acalmando-a. – Agora está a salvo.

As lágrimas irromperam. Ela chorou pelo que poderia ter sido o seu destino naquele dia e chorou pelo que tinha sido o seu destino durante os últimos nove anos. Chorou pela recordação de quando ele a abraçara no baile de máscaras e chorou por estar nos seus braços agora.

Chorou por ele ser tão *simpático* e, mesmo estando claramente doente, mesmo ela não passando, aos olhos dele, de uma criada, ele ainda querer cuidar dela e protegê-la.

Chorou por não se ter permitido chorar há mais tempo do que se conseguia lembrar e chorou por se sentir tão sozinha.

E chorou por sonhar com ele há tanto tempo e ele não a ter reconhecido. Talvez fosse melhor assim, mas não evitava a dor no coração.

Aos poucos, as lágrimas amainaram e ele deu um passo atrás, tocando-a no queixo ao perguntar: –

Sente-se melhor agora?

Ela assentiu com a cabeça, surpreendida por ser verdade.

– Ótimo. Apanhou um grande susto, e... – empurrou-a para longe, o corpo dobrando-se pela tosse.

– Precisamos de o levar lá para dentro – disse Sophie, afastando os últimos vestígios de lágrimas. –

Para dentro de casa, quero dizer.

Ele concordou com a cabeça. – Vamos ver quem chega primeiro à porta.

Os olhos dela arregalaram-se de espanto. Nem podia acreditar que ainda tinha o espírito de fazer piadas quando obviamente se sentia tão mal. Mas enrolou o cordão da bolsa nas mãos, levantou um pouco as saias e correu para a porta da frente da casa. Quando chegou aos degraus, ria-se pelo exercício e do ridículo de correr como uma doida para fugir da chuva quando já estava encharcada até os ossos.

Sem surpresas, Benedict tinha-a vencido na corrida até ao pequeno pórtico de entrada. Podia estar doente, mas as suas pernas eram significativamente mais compridas e mais fortes. Quando parou, com um escorregão, junto dele, ele já batia à porta.

– Não tem chave? – Sophie perguntou quase aos gritos. O vento ainda uivava com toda a força, tornando difícil ser ouvido.

Ele abanou a cabeça. – Não estava a pensar em vir aqui.

– Acha que os caseiros ainda vão ouvir?

– Espero bem que sim – ele murmurou.

Sophie limpou o rio de água que lhe escorria para os olhos e espreitou por uma janela próxima. – Está tudo escuro – informou-o. – Acha que eles podem não estar em casa?

– Não sei onde mais possam estar.

– Não deveria haver, pelo menos, uma criada ou um laçai?

Benedict abanou a cabeça, negando. – Venho cá tão raramente que não me pareceu necessário contratar todo o pessoal doméstico. As criadas só vêm durante o dia.

Sophie fez uma careta. – Sugeriria que procurasse uma janela aberta, mas isso é bastante improvável com esta chuva.

– Não é necessário – disse Benedict em tom sombrio. – Eu sei onde está escondida a chave de reserva.

Sophie olhou para ele com surpresa. – Porque está então com ar tão chateado?

Ele tossiu várias vezes antes de responder: – Porque isso significa que tenho de voltar a enfiar-me debaixo do raio da tempestade.

Sophie percebeu que ele estava realmente a chegar ao fim da paciência. Já havia proferido dois insultos na frente dela e não parecia o tipo de pessoa que blasfemasse na frente de uma mulher, mesmo uma simples criada.

– Espere aqui – ele ordenou e, antes que ela pudesse reagir, desatou a correr.

Poucos minutos depois, ouviu uma chave a rodar na fechadura e a porta da frente abriu-se, revelando Benedict a segurar uma vela e a pingar o chão todo. – Não sei onde estão Mr. e Mrs. Crabtree – disse ele, a voz completamente rouca pela tosse – mas, definitivamente, não estão cá.

Sophie engoliu em seco. – Estamos sozinhos?

Ele assentiu com a cabeça. – Completamente.

Ela tentou escapar-se na direção das escadas. – É melhor eu ir procurar os quartos dos empregados.

– Ai, não, não vai – ele rosnou, agarrando-a pelo braço.

– Não vou?

Ele abanou a cabeça. – Não, senhor, a senhorita não vai a lugar algum.

CAPÍTULO 8

Aparentemente é impossível dar dois passos num baile de Londres por estes dias sem tropeçar numa mãe de família da sociedade a lamentar-se das dificuldades em encontrar boa criadagem. E na verdade esta Vossa Autora temeu que Mrs. Featherington e Lady Penwood fossem chegar a vias de facto na semana passada no sarau musical de Smythe-Smith. Parece que, há cerca de um mês, Lady Penwood roubou a criada pessoal de Mrs.

Featherington mesmo debaixo do seu nariz, com promessas de um salário mais alto e roupas em segunda mão. (De notar que Mrs. Featherington também oferecia à pobre rapariga as roupas que deixava de usar, mas quem já observou com atenção o guarda-roupa das meninas Featherington compreenderá a razão por que a criada não via isso como um benefício.)

A trama adensou-se, porém, quando a criada em questão deu às de vila-diogo de volta para Mrs.

Featherington, implorando para ser recontratada. Alegadamente, a ideia de Lady Penwood de criada pessoal incluía tarefas atribuídas normalmente à copeira, criada de cima e cozinheira.

Alguém devia explicar à mulher que uma rapariga não pode fazer o trabalho de três.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

2 DE MAIO 1817

–Vamos acender a lareira e aquecermo-nos antes de irmos para a cama – disse Benedict. – Não a salvei de Cavender para agora morrer de gripe.

Sophie viu-o tossir mais uma vez, os espasmos sacudindo-lhe o corpo e forçando-o a curvar-se.

– Vai-me desculpar, Mr. Bridgerton – não pôde deixar de comentar –, mas de nós dois, acho que o senhor é que corre mais perigo de contrair a gripe.

– Mesmo assim – conseguiu dizer por entre a tosse. – E asseguro-lhe que também não tenho nenhuma vontade de estar doente. Por isso... – interrompeu-se, sendo mais uma vez acometido por um ataque de tosse.

– Mr. Bridgerton? – Sophie perguntou em tom preocupado.

Ele engoliu convulsivamente e mal conseguiu dizer: – Ajude-me só a acender a lareira antes que eu tussa até desmaiar.

A testa de Sophie enrugou-se de preocupação. Os ataques de tosse estavam cada vez mais próximos e eram cada vez mais profundos, mais brônquicos, como se emergissem das profundezas do seu peito.

Acendeu a lareira com rapidez; como criada, tinha mais do que

experiência nesse tipo de tarefas e pouco depois estavam ambos de mãos esticadas na direção das chamas, tanto quanto conseguiam.

– Imagino que a muda de roupa não tenha ficado seca – disse Benedict, apontando para a bolsa encharcada de Sophie.

– Duvido – respondeu ela pesarosa. – Mas não importa. Se ficar aqui tempo suficiente, a minha roupa seca.

– Não seja pateta – brincou ele, virando-se para que o fogo lhe aquecesse as costas. – Tenho a certeza de que consigo encontrar-lhe uma muda de roupa.

– Tem roupas de mulher aqui? – ela perguntou em tom de dúvida.

– É assim tão exigente que não possa usar calções e uma camisa por uma noite, é?

Até àquele momento, Sophie provavelmente tinha sido *exatamente* assim, mas, colocando as coisas em perspetiva, parecia uma patética. – Acho que não – respondeu. Roupa seca era realmente muito apelativo.

– Ainda bem – disse ele com vivacidade. – Porque não vai acender as salamandras em dois quartos, enquanto eu procuro alguma roupa para nós?

– Eu posso ficar nos alojamentos dos empregados – disse Sophie rapidamente.

– Não é necessário – respondeu ele, saindo da sala e fazendo-lhe sinal para que o seguisse. – Tenho quartos de hóspedes, e aqui não é uma criada.

– Mas eu *sou* uma criada – realçou ela, apressando-se a ir atrás dele.

– Faça como quiser, então. – Ele começou a subir as escadas, mas teve de parar a meio para tossir. –

Pode escolher um quarto minúsculo nos alojamentos dos empregados com uma enxerga dura e estreita ou pode aproveitar e ficar num quarto de hóspedes, que, asseguro-lhe, está equipado com colchões de penas e colchas suaves de penas de ganso.

Sophie sabia que devia lembrar-se de qual o seu lugar no mundo e subir o lance de escadas seguinte até ao sótão, mas, por Deus, um colchão de penas e uma colcha macia soava ao paraíso. Não dormia

com tanto conforto há anos. – Vou procurar então um quarto de hóspedes pequeno – ela acedeu. – O mais pequeno que houver.

Metade da boca de Benedict contorceu-se numa espécie de sorriso seco de «eu bem lhe dizia». –

Escolha qualquer quarto de que goste. Mas não aquele – disse, apontando para a segunda porta à esquerda. – Esse é meu.

– Vou lá acender a salamandra imediatamente – disse ela. Ele precisava do calor mais do que ela e, além disso, estava cheia de curiosidade para conhecer o interior do quarto dele. Pode saber-se muito sobre uma pessoa através da decoração do quarto. Desde que se possua fundos suficientes para o decorar a gosto, é claro, pensou com uma careta. Sophie duvidava sinceramente que alguém pudesse dizer fosse o que fosse sobre ela a partir do seu pequeno torreão no sótão dos Cavender – exceto o facto de ela não ter um único *penny*.

Sophie deixou a bolsa na sala e correu para os aposentos de Benedict. Era um quarto muito agradável, aconchegante e masculino. Apesar do facto de Benedict ter dito que raramente lá estava, havia todo o género de objetos pessoais em cima da escrivaninha e das mesas: representações em miniatura do que deveriam ser os irmãos e irmãs, livros encadernados a carneira, e até mesmo uma taça de vidro com...

Pedras?

– Que estranho – murmurou Sophie, avançando para a taça, mesmo sabendo que estava a ser terrivelmente invasiva.

– Cada uma delas tem um significado – veio uma voz profunda atrás dela. – Coleciono-as desde... –

Quando parou de tossir, retornou: – Desde criança.

O rosto de Sophie ficou vermelho por ter sido apanhada a bisbilhotar tão descaradamente, mas a curiosidade foi mais forte e pegou numa pedra. Era de um tom rosado, com um veio cinzento irregular atravessando-a no centro. – E esta?

– Peguei nessa durante uma caminhada – disse Benedict em voz baixa. – Por acaso foi no dia em que o meu pai morreu.

– Oh! – Sophie deixou cair a pedra na pilha como se lhe tivesse queimado a mão. – Sinto muito.

– Foi há muito tempo.

– Mesmo assim, lamento.

Ele sorriu tristemente. – Também eu. – Então, tossiu, com tanta força que teve de se encostar à parede.

– Precisa de se aquecer – disse Sophie em tom prático. – Deixe-me tratar de acender o fogo.

Benedict atirou uma trouxa de roupa para a cama. – Para si – disse simplesmente.

– Obrigada – agradeceu ela, mantendo a atenção focada na salamandra. Era perigoso permanecer na mesma divisão que ele. Não achava provável que ele tomasse a liberdade de fazer algum avanço

inconveniente; era demasiado cavalheiro para se impor a uma mulher que mal conhecia. Não, o perigo estava justamente dentro dela. Na verdade, estava cheia de medo de passar muito tempo na companhia dele e apaixonar-se perdidamente.

O que lhe traria isso?

Nada mais do que um coração partido.

Sophie agachou-se na frente da pequena fornalha de ferro durante alguns minutos, avivando a chama até ter a certeza de que não iria extinguir-se. – Aí está – anunciou assim que ficou satisfeita. Levantou-se, arqueando um pouco as costas ao esticar-se e virou-se. – Isto deve ser suficiente para... Oh, meu Deus!

Benedict Bridgerton estava com um tom assustadoramente esverdeado.

– Está bem? – perguntou ela, precipitando-se para ele.

– Não me sinto muito bem – ele gaguejou, apoiando-se na coluna da cama. Parecia vagamente ébrio, mas Sophie estava com ele há pelo menos duas horas, portanto sabia que ele não havia bebido.

– Precisa de se deitar – disse ela, vacilando sob o peso dele quando decidiu apoiar-se nela em vez de na coluna da cama.

Ele sorriu. – Vem comigo?

Ela deu um salto para trás. – Agora tenho a certeza de que está febril.

Ele ergueu a mão para tocar na testa, mas falhou o alvo e acertou no nariz. – Au! – exclamou.

Sophie encolheu-se, solidária.

Finalmente, pousou a mão na testa. – Hmmm, talvez esteja um pouco quente.

Era um gesto terrivelmente íntimo, mas estava em jogo a saúde de um homem, por isso Sophie estendeu a mão, encostando-a à testa dele. Não estava a queimar, mas também não estava fresca. – Precisa de tirar essa roupa molhada – disse ela. – Imediatamente.

Benedict olhou para baixo, piscando, como se a visão da roupa encharcada fosse uma surpresa. – Sim

– murmurou, pensativo. – Sim, creio que sim. – Os dedos tentaram abrir os botões, mas estavam húmidos e entorpecidos, e escorregavam. Por fim, encolheu os ombros e disse, impotente: – Não consigo.

– Oh, Deus. Está bem, eu vou... – Sophie estendeu as mãos para lhe abrir os botões, retraindo-as nervosamente e, por fim, rangeu os dentes e tentou novamente. Trabalhou com rapidez, procurando manter o olhar desviado à medida que cada botão aberto revelava mais alguns centímetros de pele. – Quase pronto – murmurou. – Só mais um pouco.

Ele não respondeu, por isso ela olhou para cima. Ele tinha os olhos fechados e todo o corpo balançava ligeiramente. Se não estivesse de pé, teria jurado que ele estava a dormir.

– Mr. Bridgerton? – chamou em voz baixa. – Mr. Bridgerton!

Benedict ergueu a cabeça violentamente. – O quê? O que foi?

– Adormeceu.

Ele pestanejou, confuso. – Algum motivo para que isso seja mau?

– Não pode adormecer vestido.

Ele olhou para baixo. – Como é que a minha camisa foi aberta?

Sophie ignorou a pergunta e empurrou-o até ele ficar sentado no colchão. – Sente-se – ordenou.

Deve ter soado suficientemente autoritária, porque ele obedeceu.

– Tem alguma roupa seca que possamos vestir-lhe? – perguntou ela.

Ele agitou os ombros para se libertar da camisa, deixando-a cair ao chão num monte amarrotado. –

Nunca durmo vestido.

Sophie sentiu um aperto no estômago. – Bem, esta noite, acho que deveria e... *O que está a fazer?*

Ele olhou para ela como se tivesse feito a pergunta mais imbecil do mundo. – A tirar as calças.

– Não pode esperar pelo menos até eu virar as costas?

Ele olhou para ela fixamente.

Ela susteve o olhar.

Ele insistiu mais um pouco no olhar até que disse: – E então?

– Então, o quê?

– Não vai virar as costas?

– Oh! – ela exclamou, girando nos calcanhares como se alguém lhe tivesse acendido o fogo debaixo dos pés.

Benedict abanou a cabeça de cansaço, voltando a sentar-se na beira da cama e tirando as meias. Que Deus o livrasse de jovens puritanas. Ela era criada, pelo amor de Deus. Mesmo que fosse virgem, e dado o seu comportamento, ele suspeitava que sim, certamente já se tinha deparado com uma forma masculina antes. As criadas estava sempre a entrar e a sair dos quartos sem bater, carregando toalhas e lençóis e afins. Era inconcebível que nunca tivesse apanhado um homem nu por acidente.

Tirou as calças, o que não foi uma tarefa fácil, tendo em conta que ainda estavam completamente molhadas e que foi obrigado, literalmente, como que a descascá-las da pele. Quando ficou completamente nu, ergueu uma sobrancelha na direção de Sophie. Ela estava parada de pé, muito rígida, com os braços encostados ao corpo e os punhos cerrados.

Com surpresa, percebeu que a visão dela o fazia sorrir.

Começava a sentir-se um pouco mole e precisou de duas tentativas

antes de ser capaz de levantar a perna o suficiente para subir para a cama. Com um esforço considerável, inclinou-se para a frente e agarrou a ponta da coberta, arrastando-a para cobrir o corpo. Então, completamente esgotado, deixou-se cair contra as almofadas e gemeu.

– Está bem? – perguntou Sophie.

Ele fez um esforço para dizer: – Estou – mas saiu mais como – Chhht.

Ele ouviu-a mexer-se e quando conseguiu reunir energia suficiente para levantar uma pálpebra até meio, viu que ela estava junto da cama. Parecia preocupada.

Por alguma razão, isso pareceu-lhe encantador. Fazia muito tempo que não via uma mulher, não pertencente à família, preocupada com o seu bem-estar.

– Estou bem – ele murmurou, tentando esboçar um sorriso tranquilizador. Mas a voz parecia vir do fundo de um túnel longo e estreito. Levou a mão à orelha. A boca parecia estar a funcionar de forma adequada, o problema devia ser nos ouvidos.

– Mr. Bridgerton? Mr. Bridgerton?

Esforçou-se para erguer novamente uma pálpebra. – Vá pa cama – grunhiu em voz entorpecida. –

Seque-se.

– Tem a certeza?

Ele assentiu com a cabeça. Era cada vez mais difícil falar.

– Muito bem. Mas vou deixar a porta aberta. Se precisar de mim a meio da noite, basta chamar.

Ele assentiu novamente. Ou, pelo menos, tentou. Em seguida, adormeceu.

Sophie demorou apenas um quarto de hora para ficar pronta para dormir. Um excesso de energia nervosa manteve-a alerta enquanto se trocou para a roupa seca e preparou a salamandra no seu quarto, mas assim que a cabeça pousou no travesseiro, sentiu-se sucumbir a um esgotamento tão profundo que parecia vir dos próprios ossos.

Tinha sido um dia muito longo, pensou, já meio adormecida. Um dia mesmo muito longo, desde tratar dos seus afazeres pela manhã, fugir de casa para escapar a Cavender e companhia... As pálpebras

fecharam-se. Tinha sido um dia extraordinariamente longo e...

Sophie sentou-se, de repente, com o coração acelerado. O fogo na salamandra tinha baixado, por isso ela devia ter adormecido. Estava morta de cansaço, portanto, alguma coisa a devia ter acordado. Seria Mr. Bridgerton? Teria ele chamado? Não estava com bom ar quando ela o deixara, mas também não lhe parecera que estivesse às portas da morte.

Sophie saltou da cama, pegou numa vela e correu até ao quarto dele, agarrando o cós das calças enormes que Benedict lhe tinha emprestado quando estas começaram a escorregar pelas ancas. Quando chegou ao corredor, ouviu o som que provavelmente a acordara.

Era um gemido profundo, seguido por um ruído agitado e depois pelo que só poderia ser um queixume.

Sophie entrou apressada no quarto de Benedict, parando um momento na salamandra para acender a vela. Ele estava deitado na cama, muito quieto, de uma maneira quase sobrenatural. Sophie avançou na sua direção, os olhos focados no peito. Sabia que ele não poderia estar morto, mas sentir-se-ia muito melhor quando visse o peito dele subir e descer.

– Mr. Bridgerton? – sussurrou. – Mr. Bridgerton?

Nenhuma resposta.

Aproximou-se, inclinando-se sobre a beira da cama. – Mr. Bridgerton?

A mão dele agarrou-a pelo ombro, puxando-a a ponto de ela se desequilibrar e cair na cama.

– Mr. Bridgerton! – exclamou Sophie. – Solte-me!

Mas ele começou a debater-se e a gemer, e o calor que emanava do seu corpo era tal que Sophie percebeu de imediato que ele estava cheio de febre.

Com esforço, lá conseguiu libertar-se e saiu da cama aos tropeções, enquanto ele continuava a virar-se convulsivamente, murmurando um

rol de palavras sem sentido.

Sophie aguardou um momento em silêncio e em seguida esticou a mão para lhe tocar a testa. Estava a arder.

Mordeu o lábio inferior, tentando decidir o que fazer. Não tinha qualquer experiência a tratar de febres, mas parecia-lhe que o mais lógico era arrefecê-lo. Por outro lado, os quartos de gente doente pareciam ser sempre mantidos fechados, abafados e quentes, por isso talvez...

Benedict começou a debater-se novamente e depois, vindo do nada, murmurou: – Beija-me.

Sophie largou o cós das calças, que caíram ao chão. Soltou um gritinho de surpresa e apressou-se a baixar-se para as apanhar. Segurando firmemente o cós com a mão direita, estendeu a mão esquerda para acariciar a mão dele, mas pensou melhor. – É apenas um sonho, Mr. Bridgerton – disse ela.

– Beija-me – repetiu ele, sem abrir os olhos.

Sophie debruçou-se mais. Mesmo à luz de uma vela solitária podia ver os olhos dele moverem-se rapidamente sob as pálpebras. Era muito estranho assistir ao sonho de outra pessoa, pensou.

– Maldição! – gritou ele de repente. – Beija-me!

Sophie deu um salto para trás, assustada, pousando a vela às pressas na mesa de cabeceira. – Mr.

Bridgerton, eu... – começou, com a intenção de explicar porque não podia sequer conceber beijá-lo, mas depois pensou, *Porque não?*

Sentindo o coração a bater descontrolado, inclinou-se e encostou o lábios nos dele, dando-lhe o mais simples, mais leve e mais suave dos beijos.

– Eu amo-te – sussurrou. – Sempre te amei.

Para grande alívio de Sophie, ele não se mexeu. Não era o tipo de momento que desejasse que ele se lembrasse pela manhã. Mas então, justamente quando se convencera de que ele sossegara, caindo num sono profundo, a cabeça dele começou a agitar-se para um lado e para o outro, deixando cavidades profundas na almofada de penas.

– Para onde foste? – resmoneou com voz rouca. – Para onde foste?

– Estou aqui – respondeu Sophie.

Ele abriu os olhos e por um segundo pareceu completamente lúcido ao dizer: – Não és *tu*. – Então os olhos dele reviraram-se e a cabeça voltou a agitar-se de um para outro lado.

– Bem, só me tem a mim – murmurou Sophie. – Não saia daí – disse com um riso nervoso. – Volto já.

E então, com o coração a bater de medo e de nervos, saiu do quarto a correr.

Se havia uma coisa que Sophie tinha aprendido como criada era que a maioria das casas era organizada essencialmente da mesma maneira. Por essa razão, não teve problemas em encontrar lençóis limpos para substituir os de Benedict já empapados em suor. Também descortinou um jarro cheio de água fria e algumas toalhas pequenas para lhe humedecer a testa.

Quando regressou ao quarto, encontrou-o outra vez deitado muito quieto, mas a respiração era superficial e rápida. Sophie estendeu a mão e tocou-lhe a testa de novo. Não tinha a certeza, mas parecia-lhe que estava a ficar mais quente.

Oh, Deus! Aquilo não era bom e ela não estava qualificada para tratar de um paciente febril. Araminta, Rosamund e Posy nunca tinham ficado doentes na vida e os Cavender eram também invulgarmente saudáveis. O mais próximo que ela já tinha estado de cuidar de alguém, fora quando ajudara a mãe de Mrs. Cavender, que não era capaz de andar. Mas nunca tinha cuidado de ninguém com febre.

Mergulhou um pano no jarro de água, depois espremeu-o até deixar de gotejar. – Isto deverá ajudá-lo a sentir-se um pouco melhor – ela sussurrou, colocando o pano cuidadosamente na testa dele. Depois acrescentou com uma voz algo insegura: – Pelo menos, assim espero.

Ele nem se mexeu quando ela lhe colocou o pano. Sophie tomou-o como um bom sinal e preparou outra toalha fria. Todavia, não fazia ideia de onde colocá-la. De alguma forma, não lhe parecia correto no peito e certamente não iria permitir que o lençol descesse para além da cintura, a menos que o pobre homem estivesse às portas da morte (e, mesmo assim, não estava certa do que poderia fazer por lá que

ajudasse a ressuscitá-lo.) Então, finalmente decidiu usá-lo apenas para refrescar a zona atrás das orelhas e os lados do pescoço.

– Isto ajuda? – perguntou ela, sem esperar qualquer tipo de resposta, mas sentindo, ainda assim, que devia continuar com a conversa unilateral. – Eu realmente não sei muito sobre tratar de alguém doente, mas *pareceu-me* que gostaria de sentir algo fresco na testa. Sei que se *eu* estivesse doente, era do que gostaria.

Ele mexeu-se, inquieto, murmurando incoerências.

– A sério? – respondeu Sophie, tentando sorrir, mas falhando miseravelmente. – Fico feliz que se sinta assim.

Ele resmungou mais alguma coisa.

– Não – disse ela, passando a toalha fria pela orelha dele –, devo concordar com o que disse a primeira vez.

Ele sossegou novamente.

– Terei todo o prazer em reconsiderar – disse ela, preocupada. – Por favor, não se ofenda.

Ele não se mexeu.

Sophie suspirou. Não era possível manter uma longa conversa com um homem inconsciente antes de uma pessoa começar a sentir-se extremamente pateta. Tirou a toalha que tinha colocado na testa e tocou-lhe na pele. Parecia um pouco húmida agora. Húmida e ainda quente, uma combinação que ela não julgaria possível.

Decidiu deixar a toalha de lado por agora e pousou-a por cima do jarro. Não parecia haver muito que pudesse fazer por ele naquele momento, por isso Sophie vagueou um pouco pelo quarto, para esticar as pernas, sem vergonha de examinar tudo o que não estivesse pregado, e até algumas coisas que estavam.

A coleção de miniaturas foi a primeira paragem. Havia nove na escrivaninha; Sophie calculou que eram dos pais de Benedict e dos sete irmãos e irmãs. Começou a colocar os irmãos por ordem de idades, mas depois ocorreu-lhe que as miniaturas provavelmente não tinham sido todas pintadas ao mesmo tempo, portanto podia estar a olhar para uma imagem do irmão mais velho com quinze anos e do mais novo com vinte.

Ficou abismada pela semelhança entre eles, todos com o mesmo cabelo castanho escuro, bocas largas e elegante estrutura óssea. Observou mais de perto, para tentar comparar a cor dos olhos, mas descobriu que era impossível à tênue luz das velas e, além disso, a cor dos olhos muitas vezes não era facilmente percebida numa miniatura.

Ao lado das miniaturas estava a taça com a coleção de pedras de Benedict. Sophie pegou em várias, uma de cada vez, rolando-as suavemente pela palma da mão. – Porque serão tão especiais? – sussurrou, colocando-as cuidadosamente de volta na taça. A ela pareciam-lhe simples pedras, mas supunha que pudessem ser mais interessantes e originais para Benedict se representassem lembranças especiais.

Encontrou uma pequena caixa de madeira que não conseguiu abrir; devia ser uma dessas caixas com truque vinda do Oriente de que já ouvira falar. E então o mais intrigante: encostado ao lado da mesa estava um grande caderno de desenho, repleto de desenhos a lápis, na maioria paisagens, mas com alguns retratos também. Teria sido Benedict a desenhá-los? Sophie estreitou os olhos para ler a assinatura na parte inferior de cada desenho. Os pequenos rabiscos pareciam certamente dois bês.

Sophie susteve a respiração, um sorriso espontâneo iluminando-lhe o rosto. Nunca imaginara que Benedict fosse um artista. Tal informação nunca transparecera no *Whistledown* e seria o género de coisa que a cronista se dedicaria a desvendar.

Sophie aproximou o caderno de desenhos da luz da vela e folheou as páginas. Queria sentar-se com o livro e passar mais tempo a examinar atentamente cada esboço, mas considerou ser demasiado intrusivo.

Talvez estivesse apenas a tentar justificar a sua bisbilhotice, mas de alguma forma parecia-lhe menos mau vê-los apenas de relance.

As paisagens eram variadas. Algumas eram d'A Minha Casinha (ou deveria dizer «A Casinha Dele?»).

Outras eram de uma casa maior, que Sophie calculou ser a casa de campo da família Bridgerton. A maioria das paisagens não estavam marcadas por qualquer tipo de arquitetura, apenas um riacho murmurante ou uma árvore ao vento ou um prado sarapintado de chuva. E o mais incrível era que os desenhos pareciam captar a essência total e verdadeira do momento. Sophie podia jurar conseguir ouvir o riacho a murmurar ou o vento a agitar as folhas da árvore.

Os retratos eram em menor número, mas Sophie achou-os infinitamente mais interessantes. Havia vários da que supunha ser a irmã mais nova e alguns da que imaginou ser a mãe. Um dos preferidos de Sophie era um desenho que parecia ser de algum tipo de jogo ao ar livre. Pelo menos cinco irmãos Bridgerton seguravam tacos longos de madeira e uma das meninas fora retratada em primeiro plano, com o rosto sério e concentrado enquanto tentava acertar com a bola através de uma espécie de postigo.

Algo no desenho quase fez Sophie rir em voz alta. Podia sentir a alegria daquele dia, fazendo-a desejar com todas as forças ter a sua própria família também.

Olhou para Benedict, ainda tranquilamente adormecido na sua cama. Será que ele percebia a sorte que tinha por ter nascido num clã tão grande e cheio de amor?

Com um suspiro, Sophie folheou mais algumas páginas, até que chegou ao fim do caderno. O último esboço era diferente dos restantes, tanto mais porque parecia ser de uma cena noturna. A mulher no

desenho segurava as saias acima dos tornozelos enquanto corria...

Meu Deus! Sophie suspirou, atordoada. Era ela!

Aproximou o esboço dos olhos. Ele tinha acertado em todos os pormenores do vestido, aquele maravilhoso vestido prateado que havia sido dela por apenas uma noite. Até se lembrara das luvas compridas até aos cotovelos e do modo exato como o seu cabelo estava penteado. O rosto era um pouco menos reconhecível, mas isso era compreensível, dado que não chegara a vê-lo na totalidade.

Bem, não até agora.

Benedict gemeu subitamente e Sophie reparou que ele se agitava, inquieto, na cama. Fechou o caderno de desenhos e colocou-o no seu devido lugar antes de se apressar a ir até junto dele.

– Mr. Bridgerton? – sussurrou. Desejava desesperadamente tratá-lo por Benedict. Era assim que pensava nele, como o chamara em sonhos durante aqueles dois longos anos. Mas isso seria imperdoavelmente íntimo e nada condizente com a sua posição de criada.

– Mr. Bridgerton? – sussurrou novamente. – Como se sente?

Ele abriu as pálpebras.

– Precisa de alguma coisa?

Ele pestanejou várias vezes e Sophie não percebeu se a tinha ouvido ou não. Parecia tão alheado que nem tinha a certeza se ele realmente a via.

– Mr. Bridgerton?

Ele semicerrou os olhos. – Sophie – disse com voz rouca, a garganta soando terrivelmente seca e áspera. – A criada.

Ela assentiu com a cabeça. – Estou aqui. Do que precisa?

– Água – arranhou ele.

– Vou já buscar! – Sophie tinha mergulhado as toalhas na água do jarro, mas decidiu que não era hora para ser picuinhas; agarrou no copo que tinha trazido da cozinha e encheu-o. – Aqui está – disse, entregando-lho.

Os dedos dele tremiam, por isso não largou o copo até ele o levar aos lábios. Deu alguns goles e, em seguida, voltou a deixar-se cair nas almofadas.

– Obrigado – sussurrou.

Sophie estendeu a mão e tocou-lhe a testa. Ele ainda estava muito quente, mas parecia ter recuperado a lucidez e ela tomou-o como um sinal de que a febre havia cedido. – Acho que se sentirá melhor pela manhã.

Ele riu-se. Não uma gargalhada, nem tão-pouco uma risada vigorosa, mas a verdade é que se riu. – Não é provável – resmungou.

– Bem, não estará completamente curado – admitiu –, mas acho irá sentir-se melhor do que agora.

– Seria certamente difícil sentir-me pior.

Sophie sorriu para ele. – Acha que consegue deslizar para o lado da cama para que eu possa mudar os lençóis?

Ele assentiu e fez como ela pediu, fechando os olhos cansados enquanto ela mudava a roupa de cama em torno dele. – Isso é um truque excelente – comentou quando ela terminou.

– A mãe de Mrs. Cavender vinha visitá-la muitas vezes – explicou Sophie. – Ela estava acamada, então tive de aprender a mudar os lençóis sem ela sair da cama. Não é muito difícil.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça. – Vou voltar a dormir agora.

Sophie não se conteve e deu-lhe uma palmadinha leve no ombro em jeito tranquilizador. – Vai sentir-se melhor pela manhã – sussurrou. – Eu prometo.

CAPÍTULO 9

Diz-se muitas vezes que os médicos são os piores pacientes, mas esta Vossa Autora é da opinião que qualquer homem se revela ser um paciente terrível. Poder-se-á dizer que é preciso paciência para ser um paciente, e só Deus sabe que os machos da nossa espécie não abundam em paciência.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

2 DE MAIO 1817

Aprimeira coisa que Sophie fez na manhã seguinte foi gritar.

Tinha adormecido na cadeira de espaldar direito ao lado da cama de Benedict, as pernas e braços esparramados de uma forma muito deselegante e a cabeça inclinada para o lado numa posição bastante desconfortável. O sono inicialmente foi leve, com os ouvidos atentos a qualquer sinal de sofrimento vindo do leito, mas depois de cerca de uma hora de completo e abençoado silêncio, a exaustão falou mais alto e ela caiu num sono profundo, do qual normalmente se desperta em paz, descansado e com um sorriso no rosto.

Talvez tenha sido por isso que, quando abriu os olhos e viu duas pessoas estranhas a olharem fixamente para ela, apanhou um susto tal que precisou de uns bons cinco minutos para o coração retomar o ritmo normal.

– Quem são os senhores? – As palavras saíram da boca de Sophie antes de se dar conta de quem deveriam ser: Mr. e Mrs. Crabtree, os caseiros.

– Quem é a *menina*? – exigiu saber o homem, num tom que nada tinha de beligerante.

– Sophie Beckett – respondeu ela, engolindo em seco. – Eu... – apontou em desespero para Benedict. –

Ele...

– Diga logo de uma vez, menina!

– Não a massacrem – chegou um resmungo da cama.

Três cabeças viraram-se na direção de Benedict. – Está acordado! – exclamou Sophie.

– Quem me dera não estar – ele murmurou. – A minha garganta parece que está a arder.

– Quer que vá buscar um pouco mais de água? – perguntou Sophie, solícita.

Ele abanou a cabeça. – Chá, por favor.

Ela levantou-se de imediato. – Eu vou buscar.

– Não, *eu* vou buscar – disse Mrs. Crabtree com firmeza.

– Precisa de ajuda? – perguntou Sophie timidamente. Alguma coisa naquele casal a fazia sentir como se tivesse dez anos de idade. Eram ambos baixos e atarracados, mas exalavam autoridade.

Mrs. Crabtree abanou a cabeça, dizendo que não. – Boa governanta era eu se não conseguisse preparar um bule de chá.

Sophie engoliu em seco. Não conseguia perceber se Mrs. Crabtree estava ofendida ou a brincar. – Eu não quis dizer que...

Mrs. Crabtree dispensou o pedido de desculpas com um aceno de mão. – Trago também uma chávena para si?

– Não precisa de trazer-me nada – disse Sophie. – Eu sou uma cri...

– Traga-lhe uma chávena – ordenou Benedict.

– Mas...

Ele apontou-lhe o dedo, resmoneando – Fique quieta – antes de se

virar para Mrs. Crabtree, oferecendo-lhe um sorriso capaz de derreter uma calota de gelo. – Faria o grande favor de incluir uma chávena para Miss Beckett na bandeja?

– Claro, Mr. Bridgerton – ela respondeu –, mas posso dizer...

– Pode dizer tudo o que quiser, assim que voltar com o chá – ele prometeu.

Mrs. Crabtree lançou-lhe um olhar severo. – E tenho muito a dizer.

– Disso não tenho dúvida nenhuma.

Benedict, Sophie e Mr. Crabtree aguardaram em silêncio que Mrs. Crabtree saísse do quarto e então, quando ela já se encontrava fora do alcance da voz, Mr. Crabtree deu uma gargalhada e disse: – Agora é que vão ser elas, Mr. Bridgerton!

Benedict sorriu debilmente.

Mr. Crabtree voltou-se para Sophie e explicou: – Quando Mrs. Crabtree tem muito a dizer, tem mesmo *muito* a dizer.

– Oh! – exclamou Sophie. Teria gostado de ter dito algo um pouco mais eloquente, mas «oh!» foi o melhor de que foi capaz num período tão curto.

– E quando ela tem muito a dizer – continuou Mr. Crabtree, o sorriso ficando mais largo e matreiro –, gosta de o dizer com grande vigor.

– Felizmente – disse Benedict com voz seca – teremos o nosso chá para nos manter ocupados.

O estômago de Sophie roncou alto.

– E... – continuou Benedict, atirando-lhe um olhar divertido – alguma coisa para trincar a acompanhar o chá, se bem conheço Mrs. Crabtree.

Mr. Crabtree assentiu. – Já está preparado, Mr. Bridgerton. Nós vimos os cavalos nos estábulos quando regressámos de casa da nossa filha esta manhã e Mrs. Crabtree tratou logo de preparar o pequeno-almoço. Ela sabe como gosta dos seus ovos.

Benedict virou-se para Sophie, dando-lhe uma espécie de sorriso cúmplice. – Eu realmente gosto muito de ovos.

O estômago dela voltou a roncar.

– Mas não sabíamos que seriam duas pessoas – disse Mr. Crabtree.

Benedict soltou um riso abafado, estremecendo de dor em seguida. – Não acredito que Mrs. Crabtree não tenha preparado comida suficiente para alimentar um batalhão.

– Bem, acho que não teve tempo para preparar um pequeno-almoço adequado com empada de carne e peixe – disse Mr. Crabtree –, mas acredito que haja *bacon* e presunto e ovos e torradas.

O estômago de Sophie roncou audivelmente. Ela levou a mão à barriga, quase não resistindo à vontade de dizer: Sossega!

– Deveria ter-nos avisado que vinha – acrescentou Mr. Crabtree, abanando o dedo na direção de Benedict. – Não teríamos ido fazer visitas se soubéssemos que vinha para cá.

– Foi uma decisão repentina – explicou Benedict, esticando o pescoço de um lado para o outro. – Fui a uma festa horrível e decidi vir-me embora.

Mr. Crabtree sacudiu a cabeça na direção de Sophie. – E de onde é que ela apareceu?

– Ela estava na festa.

– Eu não estava *na* festa – corrigiu Sophie. – Aconteceu de eu estar lá.

Mr. Crabtree olhou para ela com desconfiança. – Qual é a diferença?

– Eu não era convidada da festa. Era uma criada da casa.

– A menina é criada?

Sophie assentiu. – É isso que tenho estado a tentar dizer.

– Olhe que não parece uma criada. – Mr. Crabtree voltou-se para Benedict. – Acha que ela parece uma criada?

Benedict deu de ombros, impotente. – Eu não sei o que ela parece.

Sophie fez-lhe uma careta. Podia não ter sido um insulto, mas com certeza que não fora um elogio.

– Se ela é criada de outra pessoa – insistiu Mr. Crabtree –, então o que está a fazer aqui?

– Posso guardar as explicações para quando Mrs. Crabtree voltar? – pediu Benedict. – Já que tenho a certeza de que ela vai repetir as mesmas perguntas?

Mr. Crabtree olhou para ele um momento, piscou os olhos, assentiu com a cabeça e, em seguida, virou-se para Sophie. – Porque está assim vestida?

Sophie olhou para baixo e percebeu com horror que se esquecera completamente de que estava a usar roupas masculinas. E roupas de homem tão grandes que mal conseguia evitar que as calças lhe caíssem aos pés. – As minhas roupas estavam molhadas – explicou –, por causa da chuva.

Mr. Crabtree fez um aceno de cabeça solidário. – E que tempestade a da noite passada. Foi por isso que ficámos em casa da nossa filha. Tínhamos planeado regressar, sabe?

Benedict e Sophie limitaram-se a acenar com a cabeça.

– Ela não mora assim tão longe – continuou Mr. Crabtree. – É no outro lado da aldeia. – Olhou para Benedict, que confirmou com um aceno.

– Tem um novo bebé – acrescentou. – Uma menina.

– Parabéns – disse Benedict, e Sophie pôde ver no seu rosto que não estava apenas a ser educado.

Realmente ficara feliz.

Ouviram-se um andar pesado vindo da escada, certamente Mrs. Crabtree retornando com o pequeno-almoço. – Vou ver se ela precisa de ajuda – disse Sophie, levantando-se num repente e apressando-se até à porta.

– Uma vez criada, sempre criada – disse Mr. Crabtree sabiamente.

Benedict não tinha a certeza, mas pareceu-lhe ver Sophie retrair-se.

Um minuto depois, Mrs. Crabtree entrou, trazendo um esplêndido serviço de chá de prata.

– Onde está Sophie? – perguntou Benedict.

– Foi lá a baixo buscar o resto – respondeu Mrs. Crabtree. – Deve voltar em três tempos. Boa rapariga

– acrescentou em tom prosaico –, mas precisa de um cinto para

aquelas calças.

Benedict sentiu um estranho aperto no peito ao pensar em Sophie – a criada – com as calças pelos tornozelos. Engoliu em seco com dificuldade ao perceber que aquela sensação de aperto podia muito bem significar desejo.

Em seguida, gemeu e agarrou a garganta porque engolir tornava-se ainda mais difícil depois de uma noite de tosse violenta.

– Está a precisar de um dos meus tónicos – disse Mrs. Crabtree.

Benedict balançou a cabeça em desespero. Já tinha tomado um daqueles tónicos antes, que o fizera vomitar durante três horas.

– E não vou aceitar um não como resposta – alertou ela.

– Nunca aceita – acrescentou Mr. Crabtree.

– O chá vai fazer maravilhas – disse Benedict rapidamente – tenho a certeza.

Mas a atenção de Mrs. Crabtree já tinha sido desviada. – Onde está aquela rapariga? – murmurou, indo até à porta para espreitar. – Sophie! Sophie!

– Se conseguir impedir que ela me traga o tónico – sussurrou Benedict com urgência a Mr. Crabtree –

dou-lhe uma nota de cinco libras.

Mr. Crabtree abriu um sorriso. – Está combinado!

– Aí está ela – declarou Mrs. Crabtree. – Oh, Céus!

– O que se passa, querida? – perguntou Mr. Crabtree, aproximando-se a furta-passo da porta.

– A coitada não consegue carregar uma bandeja e manter as calças para cima ao mesmo tempo –

respondeu, soltando um risinho compreensivo.

– Não vai ajudá-la? – perguntou Benedict da cama.

– Oh sim, claro! – E apressou-se a acudir Sophie.

– Eu volto já – disse Mr. Crabtree por cima do ombro. – Não quero perder pitada.

– Alguém arranje um cinto à rapariga! – exclamou Benedict, irritado. Não lhe parecia justo que toda a gente pudesse ir ao corredor ver o espetáculo enquanto ele ficava ali preso à cama.

E definitivamente era assim que se sentia. Só a ideia de se levantar lhe provocava tonturas.

Devia ter estado mais doente do que imaginava na noite anterior. Já não sentia vontade constante de tossir, mas o corpo estava cansado, exaurido. Doíam-lhe os músculos e a garganta estava completamente arranhada. Até os dentes pareciam estar sensíveis.

Lembrava-se vagamente de Sophie a cuidar dele. A colocar-lhe compressas frias na testa, a vigiá-lo, até a cantar uma canção de embalar. Mas não se lembrava do rosto dela com distinção. Na maioria das vezes, ele não tinha energia sequer para abrir os olhos, e mesmo quando tinha, o quarto estava escuro, deixando-a sempre nas sombras, fazendo-o lembrar-se de...

Benedict inspirou profundamente, o coração a bater loucamente no peito quando, num súbito lampejo de lucidez, se lembrou do sonho.

Ele tinha sonhado com *ela*.

O sonho não era novidade, embora houvesse meses que não era visitado por ele. Não era uma fantasia inocente, também. Benedict não era nenhum santo e quando sonhava com a mulher do baile de máscaras, ela não usava o vestido prateado.

Aliás, não usava nada, pensou com um sorriso malicioso.

Mas o que o deixava perplexo era a razão pela qual voltara agora o sonho, depois de tantos meses de dormência. Haveria algo em Sophie que o tinha provocado? Pensava, mais, esperava, que o desaparecimento do sonho significasse que começava a esquecê-la.

Obviamente, não.

Sophie não se parecia, de todo, com a mulher com quem tinha dançado dois anos antes. O cabelo não era o mesmo e era muito magra. Lembrou-se claramente do toque exuberante e cheio de curvas da mulher mascarada nos seus braços; em comparação, Sophie só podia ser chamada magricela. As vozes eram um pouco semelhantes,

mas tinha de admitir para si mesmo que, com o passar do tempo, as lembranças daquela noite iam ficando cada vez menos vívidas e já não conseguia recordar o timbre da voz da mulher misteriosa com perfeita nitidez. Além disso, o sotaque de Sophie, embora excepcionalmente refinado para uma criada, não era o típico da alta sociedade como era o *dela*.

Benedict soltou um suspiro de frustração. Como odiava ter de a chamar *ela*. Parecia-lhe o mais cruel dos segredos. Até o nome tinha escondido dele. Parte dele desejava que tivesse mentido e dado um nome falso. Pelo menos poderia nomeá-la nos seus sonhos.

Um nome que pudesse sussurrar a meio da noite, quando ficava a olhar pela janela, imaginando onde diabos ela estaria.

Benedict foi salvo de uma reflexão mais profunda pelos sons vacilantes e trapalhões no corredor. Mr.

Crabtree foi o primeiro a regressar, cambaleando sob o peso do tabuleiro do pequeno-almoço.

– O que aconteceu ao resto? – perguntou Benedict, desconfiado, atento à porta.

– Mrs. Crabtree foi ver se encontrava uma roupa adequada para Sophie – explicou Mr. Crabtree, pousando o tabuleiro na mesa de Benedict. – Presunto ou *bacon*?

– Ambos. Estou cheio de fome. E o que o diabo quer ela dizer com «roupa adequada»?

– Um vestido, Mr. Bridgerton. É isso que as mulheres usam.

Benedict considerou seriamente atirar-lhe um toco de vela. – Eu quis dizer – continuou com o que considerava ser uma santa paciência –, onde é que ela vai *encontrar* um vestido?

Mr. Crabtree aproximou-se com um prato de comida num tabuleiro com pernas que encaixava no colo de Benedict. – Mrs. Crabtree tem vários vestidos a mais e não se importa de emprestar.

Benedict engasgou-se com o pedaço de ovo que acabara de meter à boca. – Mrs. Crabtree e Sophie não vestem propriamente o mesmo tamanho.

– O senhor também não – salientou Mr. Crabtree – e ela estava a usar

as suas roupas.

– Pensei que tinha dito que as calças lhe caíram no corredor.

– Bem, não temos de nos preocupar que isso aconteça com um vestido, não é? Não creio que os ombros lhe passem pelo buraco do pescoço.

Benedict decidiu que era mais seguro para a sua sanidade mental ficar calado e concentrar-se no pequeno-almoço que tinha à sua frente. Já ia no terceiro prato quando Mrs. Crabtree entrou com ar atarefado.

– Aqui estamos! – anunciou.

Sophie entrou furtivamente, praticamente afogada dentro do enorme vestido de Mrs. Crabtree. Exceto, é claro, nos tornozelos. Mrs. Crabtree era uns bons cinco centímetros mais baixa do que Sophie.

Mrs. Crabtree abriu um grande sorriso. – Ela não está estupenda?

– Oh, sim – respondeu Benedict, contorcendo os lábios para não rir.

Sophie lançou-lhe um olhar furioso.

– Vai ter muito espaço para o pequeno-almoço – acrescentou com vivacidade.

– É só até a roupa dela estar limpa – explicou Mrs. Crabtree. – Mas, pelo menos, é decente. –

Aproximou-se de Benedict num andar gingão. – Como está o pequeno-almoço, Mr. Bridgerton?

– Delicioso – ele respondeu. – Há meses que não comia tão bem.

Mrs. Bridgerton inclinou-se e sussurrou: – Gosto da sua Sophie. Podemos ficar com ela?

Benedict engasgou-se. Com o quê, não sabia, mas engasgou-se ainda assim. – Desculpe?!

– Mr. Crabtree e eu já não somos tão jovens como antes. Seria muito útil mais um par de mãos para ajudar por aqui.

– Eu, ah, bem... – Aclarou a garganta. – Vou pensar nisso.

– Excelente! – Mrs. Crabtree atravessou para o outro lado do quarto e agarrou no braço de Sophie. – A menina vem comigo. Esse estômago

tem estado a roncar toda a manhã. Quando foi a última vez que comeu?

– Hum, ontem, acho.

– Ontem, quando? – insistiu Mrs. Crabtree.

Benedict escondeu um sorriso com o guardanapo. Sophie parecia totalmente confusa. Mrs. Crabtree tinha a tendência para provocar essa reação nas pessoas.

– Hum, bem, na verdade...

Mrs. Crabtree plantou as mãos nas ancas. Benedict sorriu. Sophie estava tramada.

– Vai dizer-me que não comeu ontem? – explodiu Mrs. Crabtree.

Sophie lançou um olhar desesperado a Benedict. Ele respondeu com um encolher de ombros, como quem diz «nem vale a pena pedir a *minha* ajuda». Além disso, estava a gostar de ver a preocupação de Mrs. Crabtree com ela. Era capaz de apostar que a pobre rapariga não tinha ninguém que se preocupasse

com ela há anos.

– Estive muito ocupada ontem – respondeu Sophie de forma vaga.

Benedict fez má cara. Provavelmente estivera muito ocupada a fugir de Phillip Cavender e da matilha de idiotas a que chamava amigos.

Mrs. Crabtree fez Sophie sentar-se na cadeira da escrivadinha. – Coma – ordenou.

Benedict ficou a observar Sophie a comer. Era óbvio que estava a tentar manter o máximo da compostura, mas, gradualmente, a fome deve ter falado mais alto porque, um minuto depois, praticamente atirava a comida para dentro da boca.

Foi só quando Benedict se deu conta de que tinha os maxilares prensados como se por um torno que percebeu que estava absolutamente furioso. Com quem, não sabia, mas sabia que não gostava *nada* de ver Sophie tão esfomeada.

Eles tinham uma ligação um pouco estranha, ele e a criada. Ele tinha-a salvado e ela tinha-o salvado.

Isto é, duvidava que a febre da noite anterior o tivesse matado; se tivesse sido realmente grave, ele estaria ainda a travar essa batalha. Mas ela cuidara dele, fazendo tudo para que se sentisse confortável e, provavelmente, apressara a sua recuperação.

– Certifica-se, por favor, de que ela come, pelo menos, mais um prato?
– pediu Mrs. Crabtree a Benedict. – Vou preparar-lhe um quarto.

– Nos alojamentos dos empregados – disse Sophie muito depressa.

– Não seja tontinha. Até que a contratemos, aqui não é criada.

– Mas...

– E não se fala mais nisso – interrompeu Mrs. Crabtree.

– Precisas da minha ajuda, querida? – perguntou Mr. Crabtree.

Mrs. Crabtree disse que sim com a cabeça e o casal desapareceu ato contínuo.

Sophie fez uma pausa na sua missão de consumir tanto alimento quanto humanamente possível para olhar para a porta através da qual eles tinham acabado de desaparecer. Calculou que a considerassem uma igual, porque se fosse mais do que uma criada, nunca a teriam deixado sozinha com Benedict. Uma reputação podia ser arruinada por muito menos.

– Não comeu nada ontem, não é? – perguntou Benedict em voz baixa.

Sophie abanou a cabeça, confirmando.

– Da próxima vez que vir Cavender – rosnou –, faço-o em picadinho.

Se Sophie fosse uma pessoa melhor, teria ficado horrorizada, mas não conseguiu evitar um sorriso ao imaginar Benedict ainda a defender a sua honra. Ou de imaginar Phillip Cavender com o nariz transferido para a testa.

– Encha novamente o prato – aconselhou Benedict. – Quanto mais não seja por mim. Asseguro-lhe que Mrs. Crabtree, antes de sair, contou quantos ovos e tiras de *bacon* estavam no prato e ela mata-me se esse número não descer quando ela voltar.

– É uma senhora muito simpática – disse Sophie, pegando em mais ovos. O primeiro prato de comida mal lhe tinha aplacado a fome, não precisava que lhe pedissem para comer.

– É fantástica.

Sophie equilibrou habilmente uma fatia de presunto entre um garfo e uma colher de servir, transferindo-a para o seu prato. – Como se sente esta manhã, Mr. Bridgerton?

– Muito bem, obrigado. Ou se não bem, pelo menos muito melhor do que ontem à noite.

– Estava muito preocupada consigo – disse ela, espetando o garfo na fatia de presunto, cortando depois um pedaço com a faca.

– Foi muito amável da sua parte tratar de mim.

Ela mastigou, engoliu e então respondeu: – Não foi nada, qualquer pessoa teria feito o mesmo.

– Talvez, mas não com tanta bondade e boa disposição.

O garfo de Sophie parou no ar. – Obrigada – agradeceu ela baixinho. – É um elogio muito agradável de ouvir.

– Eu não... hum... – Ele aclarou a garganta.

Sophie olhou para ele com curiosidade, esperando que concluísse o que ia dizer.

– Não importa – acabou por dizer entre dentes.

Dececionada, ela meteu um pedaço de presunto à boca.

– Eu não fiz nada por que deva pedir desculpas, pois não? – perguntou ele de repente.

Sophie até cuspiu o presunto para o guardanapo.

– Vou interpretar isso como um sim – ele murmurou.

– Não! – contrariou ela rapidamente. – Nada disso. Apenas me assustou.

Os olhos dele estreitaram-se. – Não me mentiria, pois não?

Sophie abanou a cabeça ao lembrar-se do beijo, único e perfeito, que ela lhe dera. Ele não tinha feito nada que exigisse um pedido de desculpas, mas isso não significa que o mesmo se passasse com *ela*.

- Está a corar – acusou ele.
- Não estou, não.
- Está, sim – insistiu ele.
- Se estou a corar – ela respondeu com impertinência – é porque me estou a interrogar por que motivo teria o *senhor* alguma razão para pedir desculpa.
- Tem uma língua de prata para criada – comentou ele.
- Peço desculpa – disse Sophie muito depressa. Não podia esquecer-se de qual era o seu lugar. Mas era muito difícil fazê-lo com aquele homem, o único membro da alta sociedade que a tinha tratado, embora apenas por algumas horas, como uma igual.
- Eu pretendia que fosse um elogio – acrescentou ele. – Não se coíba por minha causa.

Ela não fez mais comentários.

- Aliás, acho-a muito... – fez uma pausa, obviamente à procura da palavra certa – refrescante.
- Oh! – Ela pousou o garfo. – Obrigada.
- Tem planos para o resto do dia?

Ela olhou para as roupas gigantes que vestia e fez uma careta. – Acho que é melhor esperar até que as minhas roupas estejam prontas e depois julgo que é melhor ir ver se alguma casa das redondezas está a precisar de criadas.

Benedict franziu-lhe o sobrolho. – Eu disse que iria encontrar-lhe um posto em casa da minha mãe.

– E eu agradeço imenso – respondeu ela num ápice –, mas prefiro ficar na zona rural.

Ele encolheu os ombros com indiferença, como alguém que nunca teve de enfrentar grandes obstáculos na vida. – Então pode trabalhar em Aubrey Hall, no Kent.

Sophie mordeu o lábio inferior. Não podia simplesmente dizer que não queria trabalhar para a mãe dele porque nesse caso teria de o ver constantemente.

Não era capaz de imaginar tortura mais requintadamente excruciante.

– Não deve pensar em mim como responsabilidade sua – disse finalmente.

Ele lançou-lhe um olhar altivo. – Eu disse que iria encontrar-lhe um novo emprego.

– Mas...

– O que pode haver para discutir?

– Nada – ela resmungou. – Absolutamente nada. – Claramente era inútil discutir com ele naquele momento.

– Ainda bem. – Recostou-se nos travesseiros com ar de satisfação. – Fico contente que tenha percebido o meu ponto de vista.

Sophie levantou-se. – Vou indo, então.

– Fazer o quê?

Sentiu-se muito estúpida ao responder: – Não sei.

Ele abriu um sorriso irónico. – Então, divirta-se.

A mão dela apertou com força o cabo da colher de servir.

– Não faça isso – alertou ele.

– Fazer o quê?

– Atirar a colher.

– Não sonharia em fazer tal coisa – disse ela com firmeza.

Ele deu uma gargalhada. – Ah, sim, sonharia. Está a sonhar com isso neste momento. Só não é capaz de o *concretizar*.

A mão de Sophie segurava a colher com tanta força que até tremia.

E Benedict ria-se tanto que a cama estremecia.

Sophie manteve-se ali de pé, ainda agarrada à colher.

Benedict sorriu. – Pensa levar isso consigo?

Lembra-te do teu lugar, gritava Sophie para si mesma, *lembra-te do teu*

lugar.

– O que estará a pensar, para ficar com esse ar tão adoravelmente feroz? – refletiu Benedict em voz alta. – Não, não me diga – acrescentou. – Tenho a certeza de que envolve a minha morte prematura e dolorosa.

Lentamente e com todo o cuidado, Sophie virou-lhe as costas e pousou a colher em cima da mesa. Não queria arriscar nenhum movimento brusco. Qualquer movimento em falso e sabia que não hesitaria em atirar-lhe a colher à cabeça.

Benedict ergueu as sobrancelhas em jeito de aprovação. – Uma atitude muito madura da sua parte.

Sophie virou-se lentamente. – É assim tão encantador com toda a gente ou só comigo?

– Ah, só consigo. – Sorriu. – Tenho mesmo de me assegurar de que aceita a minha oferta de lhe arranjar emprego em casa da minha mãe porque, Miss Sophie Beckett, devo dizer-lhe que consegue trazer ao de cima o melhor que há em mim.

– Isso é o melhor? – perguntou ela com evidente incredulidade.

– Temo que sim.

Sophie limitou-se abanar a cabeça enquanto caminhava até à porta. Conversar com Benedict Bridgerton podia ser muito esgotante.

– Ah, Sophie! – chamou ele.

Ela virou-se.

Ele sorriu com malícia. – Eu sabia que ia não atirar a colher.

O que aconteceu depois não foi certamente culpa de Sophie. Ela foi, estava convencida disso, temporariamente possuída por um demónio. Porque não reconheceu em absoluto a mão que disparou para a mesinha ao lado e pegou num toco de vela. É verdade, a mão parecia estar firmemente ligada ao braço, mas não lhe parecera nem um pouco familiar ao esticar-se para trás e atirar o toco para outro lado do quarto.

Diretamente à cabeça de Benedict Bridgerton.

Sophie nem esperou para ver se o objetivo tinha sido atingido. Mas ao

sair furiosa do quarto, ouviu Benedict explodir de riso e depois gritar:
– Excelente pontaria, Miss Beckett!

Subitamente percebeu que, pela primeira vez em anos, o seu sorriso era de pura e autêntica alegria.

CAPÍTULO 10

Embora tenha respondido afirmativamente ao convite (ou assim diz Lady Covington), Benedict Bridgerton não compareceu ao baile anual dos Covington. As queixas das jovens debutantes (e de suas mães) foram ouvidas por todo o salão.

De acordo com Lady Bridgerton (a mãe, não a cunhada), Mr. Bridgerton partiu para o campo na semana passada e não se sabe dele desde então. Aqueles que possam temer pela saúde e bem-estar de Mr. Bridgerton não precisam de se agastar; Lady Bridgerton parecia mais irritada do que preocupada. No ano passado nada menos que quatro casais conheceram os seus futuros cônjuges no baile Covington e no ano anterior, três.

Para desgosto de Lady Bridgerton, se algum casal se fizer este ano do baile Covington, o seu filho Benedict não estará entre os noivos.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

5 DE MAIO 1817

Benedict depressa descobriu que havia vantagens numa recuperação lenta e prolongada.

A mais óbvia era a quantidade e variedade de excelente comida trazida da cozinha de Mrs.

Crabtree. Sempre comera bem n'A Minha Casinha, mas Mrs. Crabtree superava todas as expectativas quando tinha um doente acamado.

E melhor ainda, Mr. Crabtree conseguira intercetar todos os tónicos de Mrs. Crabtree e substituí-los pelo melhor *brandy* de Benedict. Este bebia cada gota obedientemente, mas a última vez que olhara pela janela, parecera-lhe que três das roseiras tinham morrido, correspondendo presumivelmente ao local onde Mr. Crabtree despejara o tónico.

Era um sacrifício lamentável, mas um que Benedict estava mais do que disposto a fazer depois da última experiência com os tónicos de Mrs. Crabtree.

Outra vantagem de estar de cama era o simples facto de, pela primeira vez em anos, poder desfrutar de algum sossego. Leu, desenhou, e até pôde simplesmente fechar os olhos e devanear, tudo isto sem se sentir culpado por negligenciar alguma tarefa ou obrigação.

Benedict depressa concluiu que seria perfeitamente feliz levando aquela vida indolente.

Mas, de longe, a melhor parte da sua recuperação era Sophie. Ela aparecia no quarto várias vezes ao dia, às vezes para afogar as almofadas, outras vezes para lhe trazer comida, outras ainda apenas para ler para ele.

Benedict tinha a sensação de que a solicitude dela era devida ao seu desejo de se sentir útil e de lhe agradecer com ações o facto de a ter salvado das garras de Phillip Cavender.

Porém, não se importava com a razão pela qual ela o ia visitar, gostava apenas que ela o fizesse.

Inicialmente, procurara ser silenciosa e reservada, obviamente tentando ser fiel ao padrão típico de um empregado, o de não ser visto nem ouvido. Mas Benedict não gostava nada disso, e envolvia-a propositadamente na conversa, apenas para que ela não se fosse embora. Ou então provocava-a e acicatava-a, simplesmente para a irritar, porque gostava muito mais dela a cuspir fogo do que dócil e submissa.

Mas, principalmente, porque gostava de estar no mesmo espaço que ela. Não parecia importar se estavam a conversar ou se ela estava apenas sentada numa cadeira, a folhear um livro, enquanto ele

ficava a olhar pela janela. Algo na presença dela o fazia sentir-se em paz.

Uma batida forte na porta arrancou-o dos pensamentos e ele levantou os olhos ávidos e exclamou: –

Entre!

Sophie espreitou por detrás da porta entreaberta, os cachos que lhe davam pelos ombros balançando ligeiramente ao roçarem na moldura

da porta. – Mrs. Crabtree achou que gostasse de tomar um chá.

– Um chá? Ou chá e biscoitos?

Sophie sorriu, empurrando a porta com a anca enquanto equilibrava o tabuleiro. – Oh, imagino que seja a segunda hipótese.

– Excelente! E junta-se a mim?

Ela hesitou, como sempre fazia, mas acabou por assentir com a cabeça, como também sempre fazia. Há muito aprendera que não havia discussão com Benedict quando ele cismava com alguma coisa.

Benedict gostava que assim fosse.

– A cor já voltou ao seu rosto – comentou ela ao pousar o tabuleiro numa mesa próxima. – E já não parece tão cansado. Não deve demorar a conseguir levantar-se dessa cama.

– Ah, em breve, tenho a certeza – respondeu ele, evasivo.

– Parece mais saudável a cada dia que passa.

Ele sorriu com arrojo. – Acha mesmo?

Ela pegou no bule de chá e fez uma pausa antes de servir. – Sim – disse com um sorriso irónico. – De outra forma não o teria dito.

Benedict observou as mãos dela enquanto preparava o chá. Ela movia-se com uma graciosidade inata e servia o chá como se tivesse nascido para isso. Era evidente que a arte de servir o chá da tarde tinha sido mais uma daquelas lições que aprendera com os generosos patrões da mãe. Ou talvez tivesse apenas observado atentamente outras senhoras a preparar o chá. Benedict já notara que era uma mulher muito observadora.

Já tinham repetido o ritual vezes suficientes para que ela não tivesse de perguntar como ele gostava do chá. Entregou-lhe a chávena, com leite e sem açúcar, e depois distribuiu um sortido de bolachas e biscoitos num prato.

– Prepare uma chávena para si – disse Benedict, mordendo um biscoito – e venha sentar-se perto de mim.

Ela hesitou novamente. Ele sabia que ela ia hesitar, mesmo que já houvesse concordado em juntar-se a ele. Mas ele era um homem paciente, e a paciência era recompensada com um suspiro suave

quando ela estendia a mão e pegava em mais uma chávena do tabuleiro.

Depois de preparar a sua própria chávena, com dois torrões de açúcar e apenas uma pinga de leite, ela sentou-se na cadeira de veludo de espaldar direito ao lado da cama, olhando-o por cima do rebordo da chávena enquanto bebia um gole de chá.

– Não quer biscoitos? – perguntou Benedict.

Ela abanou a cabeça. – Comi alguns acabados de sair do forno.

– Que sorte a sua. São sempre melhores quando estão quentes. – Comeu mais um biscoito em três tempos, limpou algumas migalhas da manga e estendeu a mão para pegar noutro. – E como passou o dia?

– Desde que o vi há duas horas?

Benedict lançou-lhe um olhar que significava ter reconhecido o sarcasmo, mas optado por não o retribuir.

– Estive a ajudar Mrs. Crabtree na cozinha – disse Sophie. – Ela está a fazer um guisado de carne para o jantar e precisava de batatas descascadas. Depois fui buscar um livro à sua biblioteca e estive a ler no jardim.

– Verdade? E o que esteve a ler?

– Um romance.

– Era bom?

Ela encolheu os ombros. – Frívolo, mas romântico. Eu gostei.

– E deseja ter um romance?

Ela corou instantaneamente. – Essa é uma pergunta muito pessoal, não acha?

Benedict encolheu os ombros e preparou-se para dizer algo totalmente provocatório como «Valeu a pena tentar», mas quando olhou para o rosto dela, as faces deliciosamente rosadas, e os olhos postos no colo, sentiu uma coisa estranhíssima.

Percebeu que a queria.

Que realmente a desejava.

Não sabia porque isso o surpreendia. Claro que a *desejava*. Ele era um homem de sangue na guelra como qualquer outro e era impossível passar a quantidade de tempo que passava na companhia uma mulher tão irreverente e adorável como Sophie sem a desejar. Maldição, ele sentia desejo por metade das mulheres que conhecia, mesmo que com fraca intensidade e urgência.

Mas naquele momento, com aquela mulher, tornara-se urgente.

Benedict mudou de posição. Depois ajeitou a colcha no colo. Em seguida, voltou a mudar de posição.

– A cama está desconfortável? – perguntou Sophie. – Precisa que lhe afofe os travesseiros?

O primeiro impulso de Benedict foi responder com uma afirmativa, agarrá-la assim que se inclinasse sobre ele e levá-la para o mau caminho, uma vez que, convenientemente, até já estavam na cama.

Mas tinha uma suspeita de que tal plano não cairia muito bem a Sophie, então, em vez disso respondeu

– Eu estou bem –, estremecendo ao perceber que a voz soara estranhamente estridente.

Ela sorriu ao olhar para os biscoitos no prato, dizendo: – Talvez coma só mais um.

Benedict afastou o braço para permitir que ela acesse mais facilmente ao prato, que se encontrava, percebeu tardiamente, pousado no seu colo. A visão da mão dela a aproximar-se da sua zona genital, mesmo que apontando para um prato de biscoitos, provocava uma reação estranha nele, ou mais propriamente, na sua zona genital.

Benedict teve uma súbita visão das coisas... a *mexerem-se* lá em baixo e pegou no prato a toda a pressa, não fosse virar tudo.

– Importar-se-ia muito se eu comesse o último...

– Está bem! – resmungou ele.

Ela pegou num biscoito de gengibre do prato e franziu o sobrolho. – Está com uma aparência melhor –

disse ela, sentindo o aroma do biscoito –, mas a sua voz não parece bem. A garganta está a incomodá-lo novamente?

Benedict ocupou-se a beber um gole do chá. – Nem um pouco. Deve ter sido alguma migalha.

– Oh! Beba um pouco mais de chá, então. Deve passar num instante. – Ela pousou a chávena. – Deseja que lhe leia um pouco?

– Sim! – respondeu logo Benedict, puxando mais colcha para a cintura. Ela podia tentar retirar o prato estrategicamente colocado, e então como seria?

– Tem a certeza de que está tudo bem? – perguntou ela com um ar muito mais desconfiado do que preocupado.

Ele abriu um sorriso forçado. – Tudo perfeito.

– Está bem – disse ela, levantando-se. – O que gostaria que lesse?

– Oh, qualquer coisa – respondeu ele com um gesto indiferente da mão.

– Poesia?

– Esplêndido! – Ele teria dito o mesmo que ela se tivesse oferecido para ler uma dissertação sobre a flora da tundra ártica.

Sophie foi até uma estante embutida, perscrutando lentamente os livros. – Byron? – perguntou. – Blake?

– Blake – respondeu ele com firmeza. Uma hora da verborreia romântica de Byron provavelmente deixá-lo-ia à beira de um ataque de nervos.

Ela retirou um pequeno volume de poesia da estante e voltou para a sua cadeira, as suas saias enfadonhas a roçar antes de ela se sentar.

Benedict fez uma careta. Nunca tinha reparado em como era feio o vestido dela. Não era tão mau quanto o que Mrs. Crabtree lhe emprestara, mas certamente não fora concebido para evidenciar o melhor de uma mulher.

Devia comprar-lhe um vestido novo. Ela nunca aceitaria, era óbvio, mas talvez se as suas vestes atuais fossem acidentalmente *queimadas*...

– Mr. Bridgerton?

Mas como conseguiria queimar-lhe o vestido? Ela não poderia estar a usá-lo e isso só por si representava um certo desafio...

– Está a ouvir-me? – inquiriu Sophie.

– Hmmm?

– Não me está a ouvir.

– Desculpe – admitiu. – Peço imensa desculpa. A minha mente voou para longe. Por favor, continue.

Ela retomou a leitura e ele, na tentativa de mostrar o quanto estava a prestar atenção, concentrou o olhar nos lábios dela, o que provou ser um *grave* erro.

De repente só via aqueles lábios e não conseguia parar de pensar em beijá-la, e tinha a certeza absoluta de que, se um dos dois não abandonasse o aposento nos próximos trinta segundos, ia tomar uma atitude que, desta vez, sim, o obrigaria a apresentar-lhe mil desculpas.

Não que não planeasse seduzi-la. Só que preferia fazê-lo com um pouco mais de delicadeza.

– Oh, Céus! – deixou escapar.

Sophie atirou-lhe um olhar estranho. Não podia culpá-la. Ele parecia um verdadeiro idiota. Não proferia a expressão «Oh, Céus!» há anos, se é que alguma vez o tinha feito.

Raios, já parecia a mãe.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Sophie.

– É que me lembrei de uma coisa – disse ele, muito estupidamente, na sua opinião.

Ela ergueu as sobrancelhas em interrogação.

– Algo de que me tinha esquecido – acrescentou Benedict.

– As coisas de que nos lembramos – disse ela, parecendo demasiado divertida – são por norma as coisas de que nos tínhamos esquecido.

Ele fuzilou-a com o olhar. – Vou precisar de um pouco de privacidade.

Ela levantou-se instantaneamente. – Claro! – murmurou.

Benedict reprimiu um resmungo. Raios. Ela parecia magoada. Ele não tinha a intenção de lhe ferir os sentimentos. Só precisava de a tirar do

quarto para não a arrastar para a cama. – É um assunto pessoal –

disse, tentando fazê-la sentir-se melhor, mas suspeitando que tudo o que estava a conseguir era fazer papel de idiota.

– Ahh! – exclamou ela com ar de finalmente ter entendido. – Quer que lhe traga o bacio?

– Posso muito bem andar até ao bacio – ele retorquiu, esquecendo-se de que não precisava de usar o bacio.

Ela assentiu e levantou-se, pousando o livro de poesia numa mesa próxima. – Vou deixá-lo, então.

Quando precisar de mim, basta tocar a campainha.

– Não vou chamá-la como se fosse uma criada – ele rosnou.

– Mas eu *sou*...

– Para mim não é – interrompeu ele. As palavras saíram um pouco mais duras do que o necessário, mas sempre detestara os homens que atacavam criadas indefesas. O pensamento de que poderia estar a transformar-se numa dessas criaturas repelentes era o suficiente para lhe dar a volta ao estômago.

– Muito bem – disse ela, as palavras submissas como as de uma criada. Em seguida, dirigiu-lhe um aceno de cabeça típico de criada e ele teve a certeza quase absoluta de que só o fez para o irritar.

No minuto em que ela desapareceu, Benedict saltou da cama e correu para a janela. Boa. Não havia ninguém à vista. Deixou cair o roupão do corpo, substituiu-o com um par de calças, uma camisa e um casaco, e voltou a olhar pela janela. Que bom. Ainda ninguém.

– Botas, botas – murmurou, olhando em redor do quarto. Onde diabos estavam as botas? Não as botas boas, mas aquelas de chapinhar na lama... ah, lá estavam elas. Agarrou nas botas e calçou-as.

Voltou à janela. Ainda ninguém. Perfeito. Benedict alçou uma perna para lá do parapeito, depois a outra; em seguida agarrou-se ao ramo robusto que se projetava de um ulmeiro próximo. A partir daí era fácil balançar-se até ao chão.

E daí ia direto para o lago. Para o lago muito frio.

Para tomar um banho gelado.

– Se ele precisava do bacio – murmurou Sophie para si mesma –, podia simplesmente tê-lo dito. Até parece que nunca fui buscar bacios.

Desceu as escadas a pisar duro até ao rés do chão, sem saber porque ia lá a baixo (não tinha nada específico para fazer), mas seguia nessa direção simplesmente porque não conseguia pensar em nada melhor.

Não entendia porque tinha ele tanta dificuldade em tratá-la como aquilo que ela era: uma criada.

Continuava a insistir que ela não trabalhava para ele e que não precisava de fazer nada para pagar a estadia n'A Minha Casinha, para, logo depois, na mesma frase assegurar que iria encontrar-lhe uma posição na casa da mãe.

Se ele se limitasse a tratá-la como criada, ela não teria nenhuma dificuldade em lembrar-se de que era um zé-ninguém ilegítimo e que ele pertencia a uma das famílias mais ricas e influentes da alta sociedade.

Todas as vezes que ele a tratava como um ser humano (e pela sua experiência, a maioria dos aristocratas não tratavam os funcionários como nada de remotamente parecido com um ser humano), conduzia-a de volta à noite do baile de máscaras, quando ela tinha sido, por uma noite perfeita, uma mulher cheia de *glamour* e graciosidade, o tipo de mulher que tinha o direito de sonhar com um futuro ao lado de Benedict Bridgerton.

Ele agia como se realmente gostasse dela e da sua companhia. E talvez fosse verdade. Mas essa seria a reviravolta mais cruel, porque o resultado era ela apaixonar-se por ele, fazendo com que uma pequena parte dela achasse que tinha o direito de sonhar com ele.

E então, inevitavelmente, era obrigada a lembrar-se da verdade da situação, e isso causava-lhe uma dor imensa.

– Oh, está aí, Miss Sophie!

Sophie levantou os olhos, até aí ausentes seguindo as fendas do piso em *parquet*, e viu Mrs. Crabtree a descer as escadas.

– Bom dia, Mrs. Crabtree – saudou Sophie. – Como está o guisado de carne?

– Bem, bem – disse Mrs. Crabtree com ar distraído. – Temos poucas cenouras, mas acho que ficará saboroso mesmo assim. Viu Mr. Bridgerton?

Sophie piscou, surpreendida com a pergunta. – No quarto. Pelo menos estava há um minuto.

– Bem, agora não está.

– Acho que ele teve de usar o bacio.

Mrs. Crabtree nem corou; era o tipo de conversa que os funcionários tinham muitas vezes sobre os patrões. – Bem, se teve de o usar, não o *usou*, se é que me faço entender – disse ela. – O quarto tem um cheiro tão fresco como um dia de primavera.

Sophie franziu o sobrolho. – E ele não estava lá?

– Nem vestígios dele.

– Não faço a mais pálida ideia de onde possa ter ido.

Mrs. Crabtree pousou as mãos na anca larga. – Procure no piso de cima que eu procuro no de baixo.

Uma de nós terá de o encontrar.

– Não sei se é uma boa ideia, Mrs. Crabtree. Se ele saiu do quarto, provavelmente teve um bom motivo. E o mais certo é que não queira ser encontrado.

– Mas ele está doente – protestou Mrs. Crabtree.

Sophie refletiu sobre isso, vendo na sua mente a imagem física dele. A pele tinha recuperado um brilho saudável e não parecia nem um pouco cansado. – Eu não tenho assim tanta certeza, Mrs. Crabtree – disse ela por fim. – Acho que ele já só está a fazer de conta que está doente.

– Não seja pateta – troçou Mrs. Crabtree. – Mr. Bridgerton nunca faria uma coisa dessas.

Sophie encolheu os ombros. – Eu também não pensaria assim, mas a verdade é ele já não parece minimamente doente.

– São os meus tónicos – concluiu Mrs. Crabtree com um aceno confiante. – Eu bem disse que iriam acelerar a recuperação.

Sophie tinha visto Mr. Crabtree despejar os tónicos nas roseiras e vira também as consequências para as plantas. Não fora uma boa visão. Nem sabia como conseguiu sorrir e acenar com a cabeça.

– Bem, eu cá gostaria de saber para onde ele foi – continuou Mrs. Crabtree. – Ele não deveria estar fora da cama e sabe disso.

– Tenho a certeza de que não demora muito a voltar – disse Sophie de forma apaziguadora. – Enquanto isso, precisa de alguma ajuda na cozinha?

Mrs. Crabtree abanou a cabeça. – Não, não. O guisado agora só precisa de cozer. E, além disso, Mr.

Bridgerton tem-me repreendido por deixá-la trabalhar.

– Mas...

– Sem discussão, por favor – cortou Mrs. Crabtree. – E ele tem razão. Aqui é uma convidada e não deve ter de levantar um dedo.

– Eu não sou hóspede – protestou Sophie.

– Ah, não, então, o que é?

Sophie fez uma pausa. – Não faço ideia – respondeu finalmente –, mas definitivamente não sou convidada. Uma convidada seria... Uma convidada... – Esforçou-se para dar sentido ao que pensava e sentia. – Imagino que um convidado seria alguém do mesmo nível social ou, pelo menos, próximo disso.

Um convidado seria alguém que nunca teve de servir outras pessoas ou de esfregar o chão ou esvaziar bacias. Um convidado teria de ser...

– Qualquer pessoa que o dono da casa decida receber como convidado – contrapôs Mrs. Crabtree. –

Essa é a vantagem de ser o dono da casa. Pode fazer aquilo que lhe apetecer. E devia parar de se deitar abaixo. Se Mr. Bridgerton decidiu considerá-la uma hóspede, então devia aceitar a decisão e divertir-se.

Quando foi a última vez que pôde viver com conforto sem ter de se matar a trabalhar em troca?

– Ele não me considera realmente uma hóspede – Sophie disse em voz baixa. – Se assim fosse, teria contratado uma acompanhante para proteger a minha reputação.

– Como se *eu* permitisse que alguma coisa desagradável acontecesse na minha casa – indignou-se Mrs.

Crabtree.

– Claro que não – concordou Sophie. – Mas quando uma reputação está em jogo, a aparência é tão importante quanto os factos. E aos olhos da sociedade, uma governanta não tem as qualificações de acompanhante, independentemente de quão rigorosa e pura possa ser a sua moral.

– Se isso é verdade – contestou Mrs. Crabtree –, então precisa de uma acompanhante, Miss Sophie.

– Era o que faltava. Eu não preciso de uma acompanhante porque não pertenço à mesma classe.

Ninguém se importa se uma criada vive e trabalha na casa de um homem solteiro. Ninguém a desconsidera, muito menos ninguém que pensasse em casar com ela iria considerar a sua reputação arruinada. – Sophie encolheu os ombros. – O mundo é assim. E, obviamente, é dessa forma que Mr.

Bridgerton pensa, quer o admita ou não, porque nunca disse uma única palavra sobre o facto de ser ou não imprópria a minha presença aqui.

– Pois, eu não gosto disso – declarou Mrs. Crabtree. – Não gosto nem um pouco.

Sophie apenas sorriu pela gentileza da governanta em preocupar-se com ela. – Acho que vou dar um passeio – anunciou –, desde que não precise da minha ajuda na cozinha. E... enquanto estou nesta posição estranha e incerta – acrescentou com um sorriso maroto – posso não ser uma hóspede, mas é a primeira vez em anos que não sou uma criada, por isso vou aproveitar o tempo livre enquanto durar.

Mrs. Crabtree deu-lhe uma palmadinha amigável no ombro. – Faça isso, Miss Sophie. E no seu passeio colha, por favor, umas flores para mim.

Sophie sorriu e saiu pela porta da frente. Estava um lindo dia, excepcionalmente quente e ensolarado, e no ar espalhava-se a fragrância suave das primeiras flores da primavera. Não se lembrava da última vez que fizera uma caminhada pelo simples prazer de desfrutar do ar fresco.

Benedict tinha-lhe falado sobre um lago ali perto e pensou em dar um passeio até lá, talvez até mesmo molhar os pés, caso se sentisse particularmente temerária.

Ergueu o rosto, sorrindo para o sol. O ar podia estar quente, mas a água certamente ainda estaria gelada, uma vez que ainda era início de maio. Mesmo assim, saberia bem. Qualquer coisa que representasse tempos de lazer e momentos tranquilos e solitários fazia sempre bem.

Parou uns segundos, franzindo a testa pensativamente na direção do horizonte. Benedict mencionara que o lago era a sul d'A Minha Casinha, não? A direção sul conduzi-la-ia por um percurso densamente arborizado, mas uma caminhada mais longa certamente não iria matá-la.

Sophie decidiu-se pelo caminho através da floresta, passando por cima das raízes das árvores e afastando os ramos mais baixos, deixando-os chicotear atrás de si com abandono total. O sol mal conseguia penetrar a abóbada de folhas em cima e ao nível do chão mais parecia o crepúsculo do que o meio-dia.

Mais adiante avistou uma clareira que presumiu ser o lago. Ao aproximar-se, viu os reflexos da luz do sol na água e soltou um pequeno suspiro de satisfação, feliz por saber que tinha seguido na direção correta.

Mas, quando chegou mais perto, ouviu o som de alguém a chapinhar na água e percebeu com a mesma percentagem de terror e curiosidade que não estava sozinha.

Encontrava-se a apenas uns três metros da margem do lago, ficando facilmente visível para qualquer pessoa que estivesse na água, por isso escondeu-se a toda a pressa atrás do tronco de um enorme carvalho. Se tivesse um pingo de juízo, daria meia-volta e regressaria a casa o mais depressa possível,

mas simplesmente não conseguia deixar de espreitar por detrás da árvore, tentando ver quem seria suficientemente louco para nadar no lago tão cedo no ano.

Com movimentos lentos e silenciosos, esgueirou-se de trás da árvore, tentando manter-se o mais escondida possível.

Foi então que viu um homem.

Um homem *nu*...

Benedict?

CAPÍTULO 11

A guerra das criadas agiganta-se em Londres. Lady Penwood acusou Mrs. Featherington de ser uma ladra intriguista e mal-educada na frente de nada menos que três senhoras da sociedade, incluindo a popularíssima viscondessa viúva Bridgerton!

Mrs. Featherington reagiu, proclamando que a casa de Lady Penwood não passava de um reformatório, citando o mau tratamento sofrido pela criada pessoal (cujo nome, ficou a saber esta Vossa Autora, não é Estelle como originalmente mencionado, não sendo de todo francesa. A jovem em questão chama-se Bess e é proveniente de Liverpool.)

Lady Penwood afastou-se da alteração com um ar muito enfatuado, seguida pela filha, Miss Rosamund Reiling. A outra filha de Lady Penwood, Posy (envergando um infeliz vestido verde) ficou para trás com uma expressão um tanto apologetica no rosto até que a mãe voltou, a agarrou pelo braço e a arrastou dali para fora.

Esta Vossa Autora não tem a seu cargo as listas de convidados das festas da sociedade, mas é difícil imaginar que os Penwood sejam convidados para o próximo sarau organizado por Mrs. Featherington.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

7 DE MAIO 1817

Foi um erro ficar. Um erro tão grande.

Muito, muito errado.

E, no entanto, não se mexeu um milímetro.

Encontrou uma pedra grande e lisa, quase completamente escondida por um arbusto baixo e achatado e sentou-se, sem nunca tirar os olhos dele.

Ele estava *nu*. Ainda não conseguia acreditar.

Ele estava, é claro, parcialmente submerso, com a superfície da água a

ondular contra o peito.

Contra a zona *inferior* do peito, pensou numa vertigem.

Ou então, para ser honesta consigo mesma, teria de reformular o pensamento anterior para: Ele estava, *infelizmente*, parcialmente submerso.

Sophie era tão inocente como qualquer outra pessoa... isto é, como qualquer outra pessoa inocente, mas que diabo, estava curiosa e mais do que a meio caminho de se apaixonar por aquele homem. Seria assim tão pecaminoso desejar que uma enorme rajada de vento, poderosa o suficiente para criar uma onda de maré, lhe arrancasse a água do corpo e a enviasse para outro lugar? Qualquer outro lugar?

Está certo, era pecaminoso. E *ela* era imoral, mas não se importava.

Passara a vida a escolher sempre o caminho seguro, o caminho prudente. Apenas uma noite na sua curta vida tinha mandado a prudência às urtigas. E essa noite tinha sido a mais emocionante, mágica e estupidamente maravilhosa da sua vida.

Por isso decidiu permanecer onde estava, seguir esse rumo e ver no que dava. Afinal, não tinha nada a perder. Não tinha emprego, nem uma perspectiva cem por cento segura de que Benedict iria cumprir a promessa de lhe encontrar uma posição na casa da mãe (e ela tinha a sensação de que, de qualquer das maneiras, isso seria muito má ideia).

Então ficou ali sentada, tentando não mexer um músculo e mantendo os olhos bem abertos.

Benedict nunca tinha sido um homem supersticioso e certamente nunca pensara ser o tipo de pessoa com um sexto sentido, mas uma ou duas vezes na vida experimentara um estranho afluir de consciência,

uma espécie de formigueiro místico, avisando-o de que algo importante se aproximava.

A primeira vez tinha sido no dia em que o pai morrera. Nunca falara a ninguém sobre isso, nem mesmo ao irmão mais velho, Anthony, que ficara completamente devastado pela morte do pai, mas, naquela tarde, enquanto ele e Anthony faziam uma corrida a cavalo sem importância através dos campos do Kent, tivera uma sensação estranha de adormecimento nos braços e nas pernas, seguida por um estranho latejar da cabeça. Não fora doloroso, exatamente, mas algo que parecera sugar-lhe o ar dos pulmões, deixando-o com a mais

intensa sensação de terror que poderia imaginar.

Tinha perdido a corrida, obviamente; era difícil segurar as rédeas quando os dedos se recusavam a responder. E, ao regressar a casa, descobrira que o terror que sentira não era sem motivo. O pai já estava morto, tendo sucumbido após a picada de uma abelha. Benedict ainda tinha dificuldade em acreditar que um homem tão forte e cheio de vida como o pai pudesse ser vencido por uma abelha, mas não havia outra explicação.

A segunda vez que tinha acontecido, a sensação fora, todavia, completamente diferente. Acontecera na noite do baile de máscaras da mãe, um momento antes de ver a mulher de vestido prateado. Como na vez anterior, a sensação tinha começado nos braços e pernas, mas em vez do entorpecimento, desta vez sentira um estranho formigueiro, como se tivesse acordado subitamente depois de anos de sonambulismo.

Quando se virou e a viu, soube que ela era a razão de ele estar lá naquela noite, o motivo pelo qual vivia em Inglaterra, a razão de ter nascido.

Claro, ela tinha-se ido embora, esfumando-se em pleno ar, provando que ele estava errado, mas na altura acreditara em tudo isso e, se ela o tivesse deixado, ter-lho-ia provado também.

Agora, ali no lago, com a água a bater-lhe na barriga, logo acima do umbigo, foi novamente atingido pela estranha sensação de estar mais vivo do que há apenas alguns segundos. Era uma sensação boa, uma torrente de emoção extasiante que o deixava sem fôlego.

Era como antes. Como quando *a* conhecera.

Algo estava prestes a acontecer, ou talvez alguém estivesse próximo.

A sua vida estava prestes a mudar.

E estava nu como no dia em que nasceu, percebeu com um retorcer irónico dos lábios. O que não colocava exatamente um homem em vantagem, a não ser que estivesse entre lençóis de seda, com uma jovem e atraente mulher ao lado.

Ou por baixo.

Deu um passo para águas mais profundas, a lama do fundo do lago entranhando-se pelos dedos dos pés.

Agora, a água chegava uns centímetros mais acima. Sentia-se a congelar, mas, pelo menos, estava quase todo coberto.

Esquadrinhou a margem, examinando as árvores e os arbustos. Tinha de estar lá alguém. Nada mais poderia explicar a estranha sensação de formigueiro, que já se espalhara por todo o corpo.

E se o seu corpo era capaz de experimentar essa sensação submerso num lago tão frio, e nem queria imaginar como estavam as suas partes íntimas (coitadas, deviam estar reduzidas a nada, algo que nenhum homem gostava de conceber), então devia ser um formigueiro mesmo muito forte.

– Quem está aí? – gritou.

Nenhuma resposta. É certo que não esperava uma resposta, mas não custava nada tentar.

Semicerrou os olhos enquanto escrutinava a margem novamente, dando uma volta de trezentos e sessenta graus enquanto atentava a qualquer sinal de movimento. Não viu nada, exceto o suave agitar das folhas ao vento, mas quando terminou de analisar a zona, de alguma forma, ele *soube*.

– Sophie!

Ele ouviu um ruído de surpresa, seguido de uma grande agitação.

– Sophie Beckett – gritou –, se fugir de mim agora, juro que a sigo e não vou perder tempo a vestir-me.

Os ruídos vindos da margem acalmaram.

– Eu *apanho-a* – continuou – porque sou mais forte e mais rápido. E posso até ser compelido a atirá-la ao chão, só para ter a certeza de que não escapa.

Os sons dos movimentos cessaram.

– Assim está melhor – ele resmoneou. – Mostre-se.

Ela não o fez.

– Sophie... – alertou ele.

Houve um momento de silêncio, seguido pelo som de passos lentos e hesitantes, e então ele viu-a, de pé na margem, enfiada num daqueles

vestidos horrorosos que gostaria de ver no fundo do rio Tamisa.

– O que está aqui a fazer? – exigiu ele saber.

– Saí para dar um passeio. E o que está *aqui* a fazer? – ela contrapôs. – Não devia estar doente? Isso –

ela apontou para ele e, por extensão, para o lago – não pode estar a fazer-lhe bem.

Ele ignorou a pergunta e o comentário. – Estava a seguir-me?

– Claro que não – respondeu ela, e ele acreditou. Não achava que ela possuísse tanto talento de atriz para falsear aquele nível de integridade. – Nunca seria capaz de o seguir até um lago onde viria nadar –

continuou. – Seria indecoroso.

E então o rosto dela ficou completamente ruborizado, porque ambos sabiam que aquele argumento não tinha pernas para andar. Se estivesse verdadeiramente preocupada com a decência, ter-se-ia ido embora do lago no exato segundo em que o vira, por acidente ou não.

Ele levantou uma mão da água e, apontando na direção dela, rodou o pulso fazendo-lhe sinal para se virar. – Vire-se de costas, enquanto espera por mim – ordenou. – Visto-me num minuto.

– Eu vou já para casa – tentou ela a alternativa. – Assim fica com mais privacidade e...

– Quieta – disse ele com firmeza.

– Mas...

Ele cruzou os braços. – Pareço-lhe um homem com vontade de ser contrariado?

Ela encarou-o com teimosia.

– Se corre, eu *apanho-a* – avisou ele.

Sophie calculou a distância entre eles e, em seguida, tentou avaliar a distância de volta para A Minha Casinha. Se ele parasse para se vestir, poderia ter hipóteses de escapar, mas se *não*...

– Sophie – avisou ele –, até consigo ver o vapor a sair-lhe das orelhas.

Pare de massacrar o cérebro com cálculos matemáticos inúteis e faça o que lhe pedi.

Ela sentiu um dos pés a contrair-se. Se era por vontade de correr para casa ou simplesmente de se virar, ela não sabia.

– Agora – ordenou ele.

Com um suspiro alto e um resmungo, Sophie cruzou os braços e virou-se, fixando o olhar num orifício deixado por um nó no tronco da árvore que estava à sua frente, como se a sua própria vida dependesse disso. O diabo do homem não estava a ser particularmente silencioso enquanto tratava de sair do lago e de se vestir e ela não conseguia evitar ficar à escuta, tentando identificar todos os rumores e salpicos atrás dela. Agora ele estava a sair da água, depois a pegar nas calças, depois estava a...

Era inútil. Tinha uma imaginação terrivelmente perversa e não havia nada a fazer.

Ele devia tê-la deixado voltar para casa. Em vez disso, foi obrigada a esperar enquanto ele se vestia, sentindo-se totalmente mortificada. A sua pele parecia estar a pegar fogo e tinha a certeza de que as faces deviam estar vermelhas como um tomate. Um verdadeiro cavalheiro tê-la-ia deixado escapar ao constrangimento e enfurnar-se no quarto por pelo menos três dias, na esperança de o caso ser

simplesmente esquecido.

Mas esta tarde, Benedict Bridgerton estava obviamente determinado a não se portar como um cavalheiro porque, quando ela mexeu um pé, só para exercitar os dedos, que sentia a adormecer dentro dos sapatos, não deixou passar um segundo sem rosnar: – Nem pense nisso.

– Não estava a pensar em nada! – protestou ela. – Tinha o pé a adormecer. E despache-se! É

impossível que alguém demore tanto tempo a vestir-se.

– Ah, sim? – disse ele em tom indolente.

– Está a fazer isso só para me torturar – ela resmungou.

– Tem toda a liberdade para se virar para mim quando quiser – disse ele, a voz mostrando secreto divertimento. – Garanto que lhe pedi para virar as costas para não ferir a *sua* suscetibilidade, não por mim.

– Estou muito bem onde estou – respondeu ela.

Depois do que pareceu uma hora, mas que foram, provavelmente, apenas três minutos, ela ouviu-o dizer: – Já pode virar-se.

Sophie quase temia fazê-lo. Ele tinha aquele gênero de sentido de humor perverso capaz de fazer com que lhe pedisse para se virar antes de estar completamente vestido.

Todavia, decidiu confiar nele – embora fosse forçada a admitir que não tinha muita escolha no assunto.

Para grande alívio e, para ser honesta consigo mesma, um pouco de decepção, ele estava decentemente vestido, exceto por um punhado de pontos húmidos, onde a água existente à superfície da pele tinha atravessado o tecido.

– Porque não me deixou ir para casa? – perguntou ela.

– Porque a queria aqui – respondeu ele simplesmente.

– Mas porquê? – ela insistiu.

Ele encolheu os ombros. – Não sei. Talvez como castigo por estar a espionar-me.

– Eu não estava... – negou Sophie automaticamente, mas interrompeu-se a meio porque a verdade é que tinha estado a espioná-lo.

– Menina esperta – ele murmurou.

Ela dirigiu-lhe uma careta. Gostaria de ter dito algo extremamente divertido e espirituoso, mas tinha a sensação de que tudo o que lhe saísse da boca naquele momento seria exatamente o oposto, por isso ficou calada. Melhor ser um tolo calado do que falador.

– É muito feio espionar o anfitrião – disse ele, plantando as mãos nas ancas, conseguindo de alguma forma parecer simultaneamente autoritário e relaxado.

– Foi um acidente – protestou ela.

– Oh, eu acredito – disse ele. – Mas mesmo que não tivesse a intenção de me espionar, a verdade é que assim que a oportunidade surgiu, agarrou-a.

– E pode censurar-me?

Ele sorriu. – Nem um pouco. Eu teria feito exatamente o mesmo.

Sophie ficou de boca aberta.

– Oh, não finja ficar ofendida – disse ele.

– Eu não estou a fingir.

Ele inclinou-se um pouco, aproximando-se dela. – Para dizer a verdade, sinto-me muito lisonjeado.

– Foi simples curiosidade académica – justificou ela. – Garanto que foi só isso.

O sorriso dele tornou-se mais malicioso. – Está então a querer dizer que teria espionado qualquer homem nu com que se deparasse?

– Claro que não!

– Como disse – falou de modo lento e arrastado, recostando-se contra uma árvore –, sinto-me lisonjeado.

– Pois bem, agora que isso já está resolvido – disse Sophie com uma fungadela –, vou voltar para sua casa.

Deu apenas dois passos antes de a mão dele disparar e a agarrar por um pedaço do tecido do vestido. –

Não me parece – disse ele.

Sophie virou-se com um suspiro cansado. – Não acha que já me envergonhou o suficiente? O que mais pode querer fazer comigo?

Lentamente, ele puxou-a para mais perto. – Essa é uma pergunta muito interessante – murmurou.

Sophie tentou plantar os calcanhares no chão, mas era incapaz de fazer face à força inexorável da mão dele. Deu um passo em falso e de repente viu-se a apenas uns centímetros de distância dele.

Subitamente, Sophie sentiu o ar quente, muito quente, e teve a estranha sensação de ter deixado de saber como funcionavam as mãos e os pés. A pele arrepiava-se, o coração batia acelerado e o maldito homem limitava-se a olhar para ela, sem mexer um músculo, não a puxando os poucos centímetros que os distanciavam.

Ficara apenas a olhar fixamente para ela.

– Benedict? – ela sussurrou, esquecendo-se que o tratava por Mr. Bridgerton.

Ele sorriu. Uma espécie de sorriso leve e cheio de intenção, provocando calafrios a Sophie que lhe percorreram a coluna até atingirem uma zona completamente diferente. – Eu gosto quando diz o meu nome

– disse ele.

– Foi sem querer – admitiu ela.

Ele encostou um dedo aos lábios dela. – Chiu! – advertiu. – Não diga isso. Não sabe que não é isso que um homem quer ouvir?

– Eu não tenho muita experiência com homens – respondeu ela.

– Isso sim, é o que um homem deseja ouvir.

– A sério? – perguntou ela de modo incerto. Sabia que os homens gostavam de inocência nas esposas, mas Benedict não estava prestes a casar-se com uma jovem como ela.

Ele acariciou-lhe o rosto ao de leve com um dedo. – É o que eu desejo ouvir de si.

Uma brisa percorreu os lábios de Sophie quando ela suspirou. Ele ia beijá-la.

Ele ia beijá-la. Era a coisa mais maravilhosa e terrível que podia acontecer.

Mas, ah, como o desejava.

Sabia que ia arrepender-se no dia seguinte. Deixou escapar uma espécie de riso sufocado. Quem julgava ela que enganava? Ia arrepender-se dez minutos depois. Mas passara os últimos dois anos a recordar a sensação de estar nos braços dele e não estava certa de ser capaz de sobreviver o resto da vida sem pelo menos mais uma lembrança que a ajudasse a continuar.

O dedo dele percorreu a face dela até à têmpora, traçando depois o caminho da sobrancelha, despenteando os pelos macios ao passar para a junção com o nariz. – Tão bonita – disse em voz suave –, como uma fada de um livro de histórias. Por vezes, acho que não é possível que seja real.

A única resposta dela foi um acelerar da respiração.

– Acho que a vou beijar – ele sussurrou.

– Acha?

– Acho que *tenho* de a beijar – corrigiu ele, parecendo não acreditar nas suas próprias palavras. – É

como respirar. Não temos grande escolha no assunto.

O beijo de Benedict foi dolorosamente meigo. Os lábios roçaram nos dela numa carícia de pluma, continuando o toque com apenas o mínimo de atrito. Era de tirar completamente o fôlego, mas havia algo

mais, algo que a fazia sentir-se tonta e fraca. Sophie agarrou-se aos ombros dele, interrogando-se porque se sentia tão estranha e perturbada, e então de repente veio-lhe à memória...

Era exatamente como da outra vez.

A forma tão suave e doce como os lábios dele roçaram os dela, a maneira como começara com um titilamento suave, em vez de forçar a entrada... era exatamente o que tinha feito no baile de máscaras.

Após dois anos de sonhos, Sophie revivia finalmente o momento mais intenso da sua vida.

– Está a chorar – disse Benedict, tocando-lhe o rosto.

Sophie pestanejou e, com a mão, enxugou as lágrimas que nem se apercebera que caíam.

– Quer que eu pare? – ele sussurrou.

Ela abanou a cabeça, negando. Não, não queria que ele parasse. Queria que ele a beijasse tal como a beijara no baile de máscaras, a suave carícia dando lugar a uma ligação mais apaixonada. E depois queria que a beijasse novamente, porque desta vez o relógio não iria dar as badaladas da meia-noite e ela não teria de fugir.

Queria que ele soubesse que era a mulher do baile de máscaras. E ao mesmo tempo rezava com desespero para que ele nunca a reconhecesse. Sentia-se tão confusa e...

Ele beijou-a.

Beijou-a a sério, com lábios ferozes e língua exigente e toda a paixão e ardor que uma mulher poderia desejar. Ele fazia-a sentir-se bonita, uma joia de valor inestimável. Tratava-a como mulher, não uma qualquer criada de servir, e até aquele momento não se tinha apercebido do quanto sentia falta de ser tratada como pessoa. As classes altas e os aristocratas não prestavam atenção aos criados, tentavam nem sequer ouvi-los e, quando eram forçados a interagir com eles, procuravam manter a conversa o mais breve e superficial possível.

Mas quando Benedict a beijou, sentiu-se real.

E ao beijá-la, fê-lo com todo o corpo. Os lábios que iniciaram a intimidade com reverência suave eram agora ferozes e exigentes nos dela. As mãos, tão grandes e fortes que pareciam cobrir metade das costas dela, seguravam-na com tal força que a deixava sem fôlego. E o corpo... Deus, devia ser ilegal a maneira como ele o pressionava contra o dela... o calor que emanava do corpo dele infiltrava-se-lhe pela roupa, escaudando-a até à alma.

Ele fazia-a tremer. Fazia-a derreter.

Fazia-a querer entregar-se a ele, algo que jurara nunca fazer fora do casamento.

– Oh, Sophie – ele murmurou, a voz rouca contra os lábios dela. – Nunca me senti...

Sophie gelou, porque tinha quase a certeza de que ele pretendia dizer que nunca se tinha sentido assim antes, e ela não sabia como isso a faria sentir. Por um lado, era emocionante ser a única mulher capaz de o fazer vacilar, deixá-lo tonto de desejo e urgência.

Por outro lado, ele já a beijara antes. Não tinha ele sentido a mesma intensa tortura, também?

Por Deus, estaria com ciúmes de si mesma?

Ele afastou-se um pouco. – O que se passa?

Ela balançou levemente a cabeça. – Nada.

Com um dedo, Benedict tocou-lhe a ponta do queixo, erguendo-lhe o rosto. – Não me minta, Sophie. O

que se passa?

– Só... só estou nervosa – gaguejou. – É só isso.

Os olhos dele estreitaram-se com desconfiança apreensiva. – Tem a certeza?

– Certeza absoluta. – Aproveitou para se afastar do abraço, dando alguns passos trás, os braços cruzados sobre o peito. – Eu não faço este género de coisas, sabe.

Benedict observou-a afastar-se, estudando a linha de desânimo das costas. – Eu sei – respondeu

suavemente. – Sei que não é esse tipo de mulher.

Ela respondeu com uma risadinha, e mesmo não podendo ver o rosto dele, era capaz de imaginar perfeitamente a expressão lá estampada. – Como sabe? – perguntou ela.

– É óbvio em tudo que faz.

Ela não se virou. Não disse nada.

E então, antes de ele poder pensar no que estava a dizer, saiu-lhe a pergunta mais bizarra pela boca fora: – Quem é a Sophie? Quem é verdadeiramente?

Ela continuou de costas e, quando falou, a voz era praticamente um sussurro: – O que quer dizer com isso?

– Alguma coisa não bate certo consigo – disse ele. – Fala bem de mais para uma criada.

Com a mão a mexer nervosamente nas pregas da saia, ela respondeu: – É algum crime querer falar bem? Não se pode ir muito longe neste país com uma pronúncia que denote uma origem humilde.

– Poderíamos argumentar – disse ele com deliberada brandura – que a Sophie não foi muito longe.

Os braços dela retesaram-se como paus. Duas varas rígidas com pequenos punhos cerrados na ponta.

Então, enquanto esperava que ela respondesse alguma coisa, viu-a começar a afastar-se.

– Espere! – exclamou ele, alcançando-a em menos de três passos. Agarrando-a pelo pulso, puxou-a até ela ser obrigada a virar-se. – Não

vá – pediu.

– Não é meu hábito permanecer na companhia de pessoas que me insultam.

Benedict quase se retraiu, sabendo que seria eternamente assombrado pelo ar destroçado nos olhos dela. – Eu não estava a insultá-la e a Sophie sabe disso. Eu estava a dizer a verdade. É evidente que não foi talhada para ser uma simples criada, Sophie. É óbvio para mim e deveria ser óbvio para si também.

Ela riu-se, num tom duro e quebradiço que nunca imaginara ouvir dela própria. – E o que sugere que eu faça, Mr. Bridgerton? – perguntou ela. – Que trabalhe como governanta?

Benedict pensou que seria uma boa ideia, e preparava-se para lhe dizer exatamente isso, mas ela interrompeu-o, dizendo: – E quem acha que irá contratar-me?

– Bem...

– Ninguém – retorquiu ela de imediato. – Ninguém me contrata. Não tenho referências e a minha aparência é demasiado jovem.

– E bonita – completou ele com determinação. Nunca prestara muita atenção à contratação de governantas, mas sabia que esse encargo recaía normalmente na dona da casa. E o bom senso dizia-lhe que nenhuma mãe queria ter uma jovem tão bonita a viver debaixo do mesmo teto. Bastava pensar no que Sophie teve de suportar às mãos de Phillip Cavender.

– Poderia ser criada pessoal de uma senhora – sugeriu. – Pelo menos não seria obrigada a limpar bacios.

– Não faz ideia do que está a dizer – ela murmurou.

– Acompanhante de uma senhora idosa?

Ela suspirou. Era um som triste, esgotado, que o deixou de coração partido. – É muito amável da sua parte tentar ajudar-me – disse ela –, mas eu já explorei todos esses caminhos. Além disso, eu não sou responsabilidade sua.

– Poderia ser.

Ela olhou para ele com surpresa.

Naquele momento, Benedict teve a certeza de que tinha de a ter. Havia uma ligação entre os dois, uma ligação estranha e inexplicável que sentira apenas uma outra vez na vida, com a mulher misteriosa do baile de máscaras. Mas ela fora-se, desvanecida em pleno ar, ao passo que Sophie era muito real. Estava cansado de miragens. Queria alguém que pudesse ver, alguém em quem pudesse tocar.

E ela precisava dele. Podia ainda não se ter apercebido disso, mas ela precisava dele. Benedict agarrou a mão dela e puxou-a para si, aproveitando o momento de desequilíbrio e abraçando-a quando foi de encontro ao corpo dele.

– Mr. Bridgerton! – exclamou ela.

– Benedict – corrigiu ele, os lábios encostados ao ouvido dela.

– Deixe-me...

– Diz o meu nome – insistiu ele. Era capaz de ser muito teimoso, quando tal servia os seus interesses, e não ia deixá-la ir até ouvir o seu nome sair dos lábios dela.

E talvez nem depois disso.

– Benedict – acedeu ela por fim. – Eu...

– Quieta! – Ele silenciou-a com a boca, mordiscando-lhe o canto dos lábios. Quando ela ficou doce e submissa nos seus braços, ele recuou apenas o suficiente para poder concentrar-se nos olhos dela.

Possuíam um tom de verde incrível à luz do fim de tarde, tão profundos que era possível afogar-se neles.

– Quero que voltes para Londres comigo – sussurrou, as palavras escapando-lhe da boca antes de pensar duas vezes. – Volta e vive comigo.

Ela olhou para ele atónita.

– Sê minha – continuou ele, a voz rouca e urgente. – Sê minha agora. Sê minha para sempre. Dou-te tudo o que quiseres. Tudo o que quero em troca és tu.

CAPÍTULO 12

A especulação continua a abundar relativamente ao desaparecimento de Benedict Bridgerton. De acordo com Eloise Bridgerton, que, sendo sua irmã deve saber, ele deveria ter regressado à cidade há vários dias.

Mas, como Eloise foi a primeira a admitir, um homem da idade e estatuto de Mr. Bridgerton não tem qualquer obrigação de transmitir o seu paradeiro à irmã mais nova.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

9 DE MAIO 1817

– Quer que eu seja sua amante – disse ela sem rodeios. Ele olhou-a, confuso, embora ela não soubesse dizer se era por a conclusão ser tão óbvia ou porque ele não concordava com a escolha de palavras. – Quero que fiques comigo – insistiu.

O momento era incrivelmente doloroso e, no entanto, ela quase sorriu. – Em que é que isso é diferente de ser sua amante?

– Sophie...

– Em que é que é diferente? – repetiu ela, a voz tornando-se estridente.

– Não sei, Sophie. – Ele parecia impaciente. – Será que isso importa?

– Importa para mim.

– Está bem – admitiu ele em voz dura. – Assim seja. Torna-te minha amante e aproveita isto.

Sophie só conseguiu soltar um arquejo antes de ele tomar os lábios dela com uma ferocidade que lhe derreteu os joelhos. Este beijo era completamente diferente dos outros, tão cruel como o desejo, misturado com uma raiva estranha e sem par.

A boca dele devorava a dela numa dança primitiva de paixão. As mãos pareciam estar em toda a parte, nos seios, ao redor da cintura, até mesmo debaixo da saia. Ele tocava e apalpava e beijava e acariciava.

E durante todo esse tempo, mantinha-a de tal forma pressionada contra o seu corpo que ela estava certa de que iria fundir-se na pele dele.

– Quero-te – disse ele brutalmente, os lábios procurando a cavidade na base da garganta dela. – Quero-te já. Quero-te aqui.

– Benedict...

– Quero-te na minha cama – rosnou ele. – E quero-te amanhã. E no dia seguinte.

Ela era imoral, e fraca, e naquele momento cedeu, arqueando o pescoço para lhe permitir um maior acesso. Os lábios dele sabiam tão bem contra a sua pele, provocando arrepios e enviando ondas de prazer até ao centro do seu corpo. Ele fazia-a desejá-lo, desejar todas as coisas que não podia ter e amaldiçoar as que podia.

E então, sem perceber como, viu-se no chão juntamente com ele, quase metade do corpo em cima do dela. Ele parecia tão grande, tão poderoso e, naquele momento, tão perfeito para *ela*. Uma parte muito pequena da mente de Sophie ainda funcionava e ela sabia que devia dizer não, que tinha de pôr um ponto final naquela loucura, mas que Deus a ajudasse, não conseguia. Ainda não.

Passara tanto tempo a sonhar com ele, tentando desesperadamente lembrar-se do cheiro da sua pele, do som da sua voz. Tantas noites tivera em que a fantasia dele fora a única coisa a fazer-lhe companhia.

Tinha vivido de sonhos, e não era uma mulher para quem muitos se tornassem realidade. Por isso não queria perder este ainda.

– Benedict – ela murmurou, tocando a maciez ondulada do cabelo dele e fingindo... fingindo que ele não havia acabado de a convidar para amante, que ela era uma outra pessoa... qualquer outra.

Qualquer pessoa, exceto a filha bastarda de um conde falecido, sem meios de subsistência para além do serviço doméstico.

Os murmúrios pareceram encorajá-lo e a mão, que até aí tinha estado a acariciar-lhe o joelho, começou a subir lentamente, apertando a pele macia da coxa dela. Anos de trabalho duro tornaram-lhe o corpo esguio, não curvilíneo como era a moda, mas ele parecia não se importar. Na verdade, ela sentia o coração dele a bater mais rapidamente, ouvia-lhe a respiração a sair em suspiros roucos.

– Sophie, Sophie, Sophie – ele gemeu, os lábios percorrendo com desespero o rosto dela até encontrarem novamente a boca. – Preciso de ti. – Pressionou as ancas com força contra as dela. – Sentes o quanto preciso de ti?

– Eu preciso de ti, também – ela sussurrou. E era verdade. Havia um fogo que queimava dentro dela e que se mantivera silenciosamente em brasa durante anos. Vê-lo novamente tinha-o reacendido e o toque das mãos dele era como querosene, provocando o incêndio.

Os dedos dele lutavam com os botões grandes e grosseiros nas costas do vestido. – Vou queimar isto –

grunhiu, a outra mão acariciando sem cessar a pele macia na parte de trás do joelho dela. – Vou vestir-te de seda, de cetim. – Aproximou-se do ouvido dela, mordiscando o lóbulo, passando então a língua pela pele suave da união entre a orelha e o rosto. – Vou vestir-te de nada.

Sophie gelou nos braços dele. Ele conseguira dizer a única coisa capaz de a lembrar por que razão estava ali, porque é que ele a beijava. Não era amor, nem qualquer dessas emoções de carinho com as quais sonhava, mas luxúria. E ele queria fazer dela uma concubina.

Tal como a mãe dela tinha sido.

Oh, Deus, era tão tentador. Tão impossivelmente tentador. Ele estava a oferecer-lhe uma vida de conforto e de luxo, uma vida com ele.

E o preço era a sua alma.

Não, isso não era totalmente verdade, ou um problema. Ela poderia ser capaz de viver como amante de um homem. Os benefícios – e como poderia ela considerar a vida com Benedict menos que um benefício

– poderiam compensar os inconvenientes. Mas apesar de poder estar disposta a tomar essa decisão com a sua própria vida e reputação, não seria capaz de o fazer se houvesse uma criança. E como poderia não haver uma criança? Todas as amantes, mais dia, menos dia, tinham filhos.

Com um grito torturado, ela empurrou-o e afastou-se, rolando para o lado até ficar de gatas, parando para recuperar o fôlego antes de se levantar.

– Eu não posso fazer isso, Benedict – disse ela, incapaz de olhar para ele.

– Não vejo porque não – murmurou ele.

– Eu não posso ser sua amante.

Ele levantou-se. – E porque não?

Ela sentiu a reação dele como uma alfinetada. Talvez tenha sido a arrogância do tom, talvez a insolência na postura. – Porque eu não quero – explodiu ela.

Os olhos dele estreitaram-se, não por desconfiança, mas de raiva. – Há uns segundos querias.

– Não está a ser justo – contrapôs ela em voz baixa. – Eu não estava a raciocinar.

O queixo dele projetou-se beligerante. – Não deverias estar a raciocinar. A ideia é essa.

Ela corou enquanto procurava fechar os botões. Ele fizera um excelente trabalho em não deixá-la raciocinar. Quase atirara para o lixo uma vida inteira de promessas e de princípios morais com um

simples beijo ímpio. – Recuso-me a ser sua amante – disse ela novamente. Talvez se o dissesse vezes suficientes se sentisse mais confiante de ele não ser capaz de romper as suas defesas.

– E o que farás em vez disso? – sibilou ele. – Trabalhar como criada?

– Se tiver de der.

– Preferes então servir as pessoas... polir a prata, esfregar os malditos bacios... do que vires viver comigo.

Ela respondeu baixinho numa única e verdadeira palavra: – Sim.

Os olhos dele brilharam de fúria. – Eu não acredito. Ninguém faria essa escolha.

– Eu faço.

– Então és uma tola.

Ela não disse nada.

– Compreendes do que estás a desistir? – insistiu ele, o braço agitando-se freneticamente enquanto falava. Ela percebia que o tinha magoado. Magoado e ofendido o seu orgulho, e ele atacava violentamente, como um urso ferido.

Sophie assentiu, embora ele não estivesse a olhar para ela.

– Eu poderia dar-te tudo o que quisesse – atirou. – Roupas, joias... raios, esquece as roupas e as joias, eu poderia oferecer-te um teto, que é bem mais do que tens agora.

– Isso é verdade – admitiu ela com toda a calma.

Ele inclinou-se para frente, os olhos queimando os dela. – Eu poderia dar-te tudo.

Sem saber como, ela conseguiu manter-se de pé e não chorar. E sem saber como, ainda conseguiu manter a voz equilibrada ao responder: – Se acha que isso é tudo, então provavelmente não iria entender porque sou obrigada a recusar.

Ela deu um passo para trás, com a intenção de regressar à casa de campo para arrumar os parques pertences, mas ele obviamente não tinha acabado, porque fê-la parar com um estridente: – Onde pensas que vais?

– Voltar para a casa – respondeu ela. – Para arrumar o meu saco.

– E onde pensas que vais com esse saco?

Ela ficou de boca aberta. Certamente ele não estaria à espera que ela *ficasse*.

– Tens um emprego? – perguntou ele. – Um lugar para ir?

– Não – respondeu ela –, mas...

Ele colocou as mãos nas ancas e encarou-a. – Achas mesmo que te vou deixar sair daqui sem dinheiro ou perspetivas de emprego?

Sophie estava tão surpreendida que começou a piscar sem parar. – Hmm... bem – balbuciou –, não pensei que...

– Pois não, *não* pensaste – cortou ele.

Ela ficou simplesmente de olhos fixos nele, olhos e lábios apartados, incapaz de acreditar no que ouvia.

– Sua tontinha – praguejou ele. – Fazes alguma ideia de como é perigoso o mundo para uma mulher sozinha?

– Hmm... sim – conseguiu ela dizer. – Na verdade, sim.

Se ele a ouviu, não deu nenhuma indicação disso, simplesmente

continuou o seu discurso acerca de

«homens aproveitadores» e de «mulheres indefesas» e de «um destino pior do que a morte». Sophie não tinha a certeza, mas teve a sensação de ainda ouvir a frase «rosbife e pudim». A meio da longa diatribe, ela perdeu toda a capacidade de se concentrar nas suas palavras e ficou concentrada apenas na sua boca, a ouvir o tom da sua voz, tentando compreender a razão de ele parecer tão preocupado com o bem-estar

dela, tendo em consideração o facto de ela ter acabado de o rejeitar sumariamente.

– Estás a prestar atenção ao que estou a dizer? – exigiu saber Benedict.

Sophie não disse que sim nem que não com a cabeça, antes fez uma estranha combinação de ambas.

Benedict praguejou baixinho. – Está decidido – anunciou. – Vais regressar a Londres comigo.

Isso pareceu acordá-la. – Eu já disse que não!

– Não precisa de ser como minha amante – retorquiu ele. – Mas não vou abandonar-te para que te desenrasques sozinha.

– Era muito capaz de tratar da minha vida antes de o conhecer.

– Capaz? – cuspiu ele. – Em casa dos Cavender? Chamas àquilo capaz?

– Não está a ser justo!

– E tu, Sophie, não estás a ser inteligente.

Benedict achou que o argumento era razoável, embora um pouco autoritário, mas Sophie, obviamente, não concordava porque, para sua grande surpresa, foi atirado ao chão, atingido por um gancho de direita extraordinariamente veloz.

– Nunca se atreva a chamar-me estúpida – sibilou ela.

Benedict pestanejou, tentando recuperar a visão ao ponto de só ver uma Sophie. – Eu não estava...

– Estava, sim – cortou ela em voz baixa e furiosa. Depois, rodou nos calcanhares e, na fração de segundo antes de ela se afastar, ele percebeu que tinha apenas uma maneira de a deter. Certamente não conseguiria levantar-se com velocidade suficiente, devido ao seu atual

estado de confusão, por isso estendeu ambas as mãos, agarrando-a por um tornozelo e deitando-a ao chão ao lado dele.

Não era uma manobra muito cavalheiresca, mas não lhe restava outra opção e, além disso, ela atacara primeiro.

– Não vais a lugar nenhum – rosnou ele.

Sophie levantou a cabeça devagar, cuspidando terra enquanto o fulminava com o olhar. – Não acredito que acabou de fazer uma coisa destas – disse ela de maneira incisiva.

Benedict soltou o pé dela e colocou-se de cócoras. – Pois podes acreditar.

– Mas...

Ele ergueu uma mão. – Não digas nada agora. Imploro-te.

Os olhos dela pareceram saltar das órbitas. – Está a implorar-me?

– Estou a ouvir a tua voz – disse-lhe ele –, portanto, calculo que devas estar a falar.

– Mas...

– E quanto a implorar – continuou ele, interrompendo-a novamente –, asseguro-te que foi apenas uma forma de expressão.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa e, então, obviamente, pensando duas vezes, decidiu-se por cerrar os lábios com o olhar petulante de uma criança de três anos. Benedict soltou um ligeiro suspiro e estendeu-lhe a mão. Afinal, ela ainda estava sentada no chão e não parecia especialmente agradada com o facto.

Ela olhou para a mão dele com evidente repulsa e depois ergueu o olhar para o rosto, encarando-o com tal ferocidade que Benedict se perguntou se teria acabado de se transformar no próprio diabo sem saber.

Sem dizer palavra, ela ignorou a oferta de ajuda e levantou-se sozinha.

– Como queiras – ele murmurou.

– Péssima escolha de palavras – retorquiu ela em tom seco, indo-se embora em passo firme.

Desta vez, Benedict encontrava-se de pé, por isso não sentiu necessidade de a impedir. Em vez disso, foi atrás dela, mantendo-se a uns simples (e irritantes, estava certo) dois passos. Finalmente, após cerca de um minuto, ela virou-se e disse: – Por favor, deixe-me em paz.

– Infelizmente, não posso – respondeu ele.

– Não pode ou não quer?

Ele refletiu um momento. – Não posso.

Ela fez-lhe uma cara feia e continuou a andar.

– Custa-me tanto a acreditar como a ti – disse Benedict, elevando a voz e acompanhando o passo dela.

Ela parou e virou-se. – Isso é impossível.

– Não consigo evitar – disse com um encolher de ombros. – Vejo-me numa situação de relutância em deixar-te em paz.

– «Relutância» está muito longe de «impossibilidade».

– Não te salvei de Cavender para te deixar agora desperdiçar a vida.

– Essa escolha não é sua.

Ela tinha razão, mas ele não estava inclinado a dar-lha. – Talvez – admitiu –, mas vou fazê-lo ainda assim. Vens comigo para Londres e não há mais discussão.

– Está a tentar castigar-me porque o recusei – disse ela.

– Não – disse ele devagar, medindo as palavras dela ao responder: – Não, não estou. Gostaria de te castigar e no meu estado de espírito atual posso até dizer que mereces ser castigada, mas não foi por isso que tomei a decisão.

– Então porquê?

– Porque é para o teu bem.

– Essa é a atitude mais condescendente, mais paternalista...

– Certamente terás toda a razão – anuiu –, mas mesmo assim, neste caso particular, neste momento particular, eu sei o que é melhor para

ti, e tu claramente não, por isso... *não* me batas outra vez – avisou ele.

Sophie olhou para o punho, que não tinha dado conta estar cerrado e pronto para voar na direção dele.

Ele estava a transformá-la num monstro. Não havia outra explicação. Nunca lhe passara pela cabeça bater em alguém e ali estava ela, pronta a fazê-lo pela segunda vez naquele dia.

Sem nunca tirar os olhos da mão, ela abriu lentamente o punho, esticando os dedos como uma estrela-do-mar e mantendo-os nessa posição enquanto contava até três. – Como – começou ela em voz muito baixa – pretende impedir-me de seguir o meu caminho?

– E que importa isso? – perguntou ele, encolhendo os ombros com indiferença. – Tenho a certeza de que pensarei em alguma coisa.

Ela ficou de boca aberta. – Está a querer dizer que era capaz de me amarrar e...

– *Eu* não disse nada disso – cortou ele com um sorriso perverso –, mas a ideia não é de todo desinteressante.

– É desprezível – insultou ela.

– E tu pareces a heroína de um romance muito mal escrito – respondeu ele. – O que disseste que estavas a ler esta manhã?

Sophie sentiu os músculos do rosto estremecerem de fúria, sentiu o maxilar comprimir-se até o ponto de achar que arriscava partir os dentes. Nunca entenderia como era possível Benedict conseguir ser o mais maravilhoso e simultaneamente o mais terrível dos homens. Naquele momento, porém, o lado terrível parecia estar a ganhar, e ela tinha certeza o bastante – colocando a lógica de lado – que se permanecesse na companhia dele mais um segundo, a sua cabeça iria explodir.

– Vou-me embora! – declarou, com, na sua opinião, grande drama e determinação.

No entanto, a resposta dele foi apenas um meio sorriso malandro e o anúncio: – Eu sigo-te.

E o maldito homem manteve-se dois passos atrás todo o caminho até casa.

Benedict não tinha o hábito de se esforçar para irritar as pessoas (com a exceção dos irmãos), mas Sophie Beckett claramente despertava o que havia de pior nele. Encostado com ar descontraído na ombreira da porta do quarto dela, observava-a a arrumar as suas coisas. Mantinha os braços cruzados de uma maneira certamente provocatória e a perna direita ligeiramente dobrada, a ponta da bota espetada no chão.

– Não te esqueças do vestido – disse ele de maneira prestável.

Ela olhou para ele, furiosa.

– O horroroso – acrescentou ele, como se fosse necessário esclarecer.

– Eles são ambos horrorosos – atirou ela.

Ah, uma reação. – Eu sei.

Ela voltou a atirar os pertences para dentro da bolsa.

Com um braço, ele fez um movimento amplo. – Se quiseres podes levar uma recordação.

Ela endireitou-se de imediato, colocando as mãos nas ancas com raiva.
– E a oferta inclui o serviço de chá de prata? Posso viver durante vários anos com o rendimento que ele daria.

– Claro que podes levar o serviço de chá – respondeu ele, bem-humorado –, uma vez que não vais deixar a minha companhia.

– Eu não vou ser sua amante – ela sussurrou. – Já disse que não o faço. Não *posso* fazê-lo.

Algo no uso da expressão «não posso» pareceu-lhe significativo. Ele ponderou sobre isso uns instantes, enquanto ela pegava nos últimos pertences e fechava o cordão da bolsa.

– É isso! – murmurou ele.

Ela ignorou-o, optando por marchar em direção à porta enquanto lhe lançava um olhar fulminante.

Sabia que ela queria que saísse do caminho para poder sair. No entanto, não moveu um músculo, exceto um dedo que percorria pensativamente o maxilar. – Tu és ilegítima – declarou ele.

Ela ficou branca.

– É isso – disse ele, mais para si mesmo do que para ela. Estranhamente, sentia algum alívio pela revelação. Isso explicava a rejeição dela, transformando-a numa decisão que nada tinha a ver com ele e tudo a ver com ela.

Assim já não doía tanto.

– Não me importo que sejas uma filha ilegítima – disse ele, tentando não sorrir. Era um momento sério, mas, por Deus, como gostaria de sorrir, porque agora ela acompanhá-lo-ia no regresso a Londres e seria sua amante. Já não havia obstáculos e...

– Não compreendeu nada – disse ela, abanando a cabeça. – Isto não é uma questão de eu servir ou não para ser sua amante.

– Eu cuidaria de qualquer filho que tivéssemos – disse ele solenemente, afastando-se da ombreira da porta.

A postura dela tornou-se ainda mais rígida, se é que era possível. – Então e a sua esposa?

– Eu não tenho esposa.

– Nunca terá?

Ele paralisou. A imagem da mulher mascarada surgiu-lhe na mente. Tinha-a imaginado de tantas maneiras! Por vezes usando o vestido de baile prateado, outras, nada.

Outras ainda, usando um vestido de noiva.

Os olhos de Sophie estreitaram-se ao observar a expressão no rosto dele; então bufou com ironia ao passar por ele.

Ele seguiu-a. – Isso não é uma pergunta justa, Sophie – contestou ele, quase colado aos calcanhares dela.

Ela atravessou o corredor e nem parou quando chegou às escadas. – Acho que é mais do que justo.

Ele desceu as escadas a correr até a ultrapassar e ficar abaixo dela, podendo assim travar o avanço. –

Algum dia terei de casar.

Sophie parou. Não teve outra hipótese, ele estava a bloquear-lhe o caminho. – Sim, pois tem –

respondeu ela. – Mas eu não tenho de ser amante de ninguém.

– Quem era o teu pai, Sophie?

– Não sei – ela mentiu.

– Quem era a tua mãe?

– Ela morreu quando eu nasci.

– Pensei que tinhas dito que era governanta.

– Obviamente deturpei a verdade – retorquiu ela, já pouco se importando por ter sido apanhada numa mentira.

– Onde cresceste?

– Isso não tem qualquer interesse – respondeu ela, tentando contorná-lo e prosseguir caminho.

Ele usou uma mão para a agarrar pelo braço, mantendo-a sem hipóteses de escapar. – Pois eu acho muito interessante.

– Largue-me!

O grito dela rasgou o silêncio do átrio, suficientemente alto para que os Crabtree certamente a viessem socorrer. O problema é que Mrs. Crabtree tinha ido à aldeia e Mr. Crabtree estava lá para fora, longe do alcance da voz de Sophie. Não havia ninguém para a ajudar; estava à mercê de Benedict.

– Eu não posso deixar-te ir – ele sussurrou. – Não estás talhada para uma vida de servidão. Vai acabar por matar-te.

– Se matasse – retorquiu ela – já o teria feito há anos.

– Mas não precisas de continuar a fazê-lo – insistiu ele.

– Não se atreva a tentar fazer com que isto seja sobre mim – disse ela, a tremer de nervoso. – Não está a fazê-lo por preocupação com o meu bem-estar. Apenas não gosta de ser contrariado.

– Isso é verdade – admitiu –, mas também não quero ver-te por aí à deriva.

– Estive à deriva a minha vida toda – ela sussurrou, sentindo a picada traidora das lágrimas nos olhos.

Meu Deus, não queria chorar na frente daquele homem. Não agora, não quando se sentia tão desequilibrada e fraca.

Ele tocou-a no queixo. – Deixa-me ser a tua âncora.

Sophie fechou os olhos. O toque dele era dolorosamente doce e parte dela estava louca para aceitar a oferta, para deixar a vida que tinha sido forçada a viver e aventurar-se numa vida com ele, com aquele homem maravilhoso, extraordinário e extremamente irritante que lhe assombrava os sonhos há anos.

Mas a dor da infância estava ainda muito fresca. E o estigma da sua ilegitimidade era como uma marca a ferro e fogo na sua alma.

Recusava-se a fazer o mesmo a outra criança.

– Eu não posso – ela sussurrou. – Gostaria...

– Do que gostarias? – perguntou ele com urgência.

Ela abanou a cabeça. Estava prestes a dizer-lhe que gostaria de poder fazê-lo, mas sabia que tais palavras seriam imprudentes. Ele agarrar-se-ia a elas, aproveitando para voltar a pressioná-la.

E dizer não seria ainda mais difícil.

– Então, não me deixas outra alternativa – afirmou ele em tom sombrio.

Os olhos de ambos encontraram-se.

– Ou vens comigo para Londres... – ergueu a mão, silenciando-a quando tentou protestar – e eu arranjo-te uma posição em casa da minha mãe – acrescentou enfaticamente.

– Ou? – ela perguntou, com voz carrancuda.

– Ou vou ser obrigado a informar o magistrado que me assaltaste.

Ela sentiu abruptamente um gosto acre na boca. – Não faria isso – sussurrou.

– Não quero fazê-lo de todo.

– Mas faria.

Ele anuiu. – Sim, faria.

– Eu seria enforcada – disse ela. – Ou enviada para a Austrália.

– Não se eu pedisse outra coisa.

– E o que pediria?

Os olhos castanhos dele pareciam estranhamente sem expressão e, de repente, ela percebeu que a conversa era tão difícil para ele como para ela.

– Teria de pedir – continuou – para seres libertada sob minha custódia.

– Isso seria muito conveniente para si.

Os dedos dele, que até aí não tinham largado o queixo dela, deslizaram até o ombro. – Só estou a tentar salvar-te de ti mesma.

Sophie foi até uma janela próxima e olhou lá para fora, surpreendida por ele não a ter tentado impedir.

– Tem consciência de que está a fazer com que eu o odeie – disse ela.

– Consigo viver com isso.

Ela dirigiu-lhe um breve aceno de cabeça. – Espero por si na biblioteca, então. Gostaria de partir hoje.

Benedict ficou absolutamente imóvel, vendo-a afastar-se até fechar a porta da biblioteca atrás dela.

Sabia que ela não iria fugir. Não era o tipo de pessoa que voltava atrás na sua palavra.

Não podia deixar esta escapar. *Ela* tinha escapado, a grande e misteriosa «ela», pensou com um sorriso amargo, a única mulher que lhe havia tocado o coração.

A mesma mulher que não o presenteara sequer com o seu nome.

Mas agora havia Sophie, e ela provocava-lhe sentimentos. Coisas que não sentia desde *ela*. Estava cansado de suspirar por uma mulher que praticamente não existia. Sophie estava ali, e Sophie seria sua.

E, pensou com firme determinação, Sophie não ia deixá-lo.

– Sou capaz de viver contigo a odiar-me – disse ele à porta fechada. – Mas simplesmente não posso viver sem ti.

CAPÍTULO 13

Numa crónica anterior, esta Vossa Autora previu uma possível ligação entre Miss Rosamund Reiling e Mr.

Phillip Cavender, mas pode agora assegurar que não é provável que tal ocorra. Lady Penwood (mãe de Miss Reiling) foi ouvida a afirmar que não se contentará com um simples senhor, embora o pai de Miss Reiling, apesar de certamente bem-nascido, não ter sido um membro da aristocracia.

Isto sem mencionar, é claro, que Mr. Cavender começou a demonstrar um certo interesse por Miss Cressida Cowper.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

9 DE MAIO 1817

Sophie começou a sentir-se doente assim que a carruagem abandonou A Minha Casinha. Quando finalmente pararam para passar a noite numa pousada, no Oxfordshire, ela estava francamente enjoada.

E ao alcançarem os arredores de Londres... ora, aí ela estava convencidíssima de estar prestes a vomitar.

No entanto, lá conseguiu manter o conteúdo do estômago no seu devido lugar, mas, à medida que a carruagem se embrenhava no emaranhado de ruas de Londres, foi crescendo dentro dela uma intensa sensação de apreensão.

Não, não era apreensão. Era fatalidade.

Estava-se em maio, o que significava que a temporada se encontrava em plena atividade. O que significava que Araminta estava em Londres.

O que significava que a chegada de Sophie era uma ideia muito, muito má.

– Muito mau – murmurou ela.

Benedict levantou os olhos. – Disse alguma coisa?

Ela cruzou os braços com teimosia. – Só que é um homem muito mau.

Ele riu-se entre dentes. Ela estava a contar com isso, mas irritava-a de igual modo.

Ele afastou a cortina da janela e espreitou lá para fora. – Estamos quase a chegar – disse.

Ele tinha dito que a levaria diretamente à residência da mãe. Sophie lembrava-se da grande casa de Grosvenor Square como se tivesse estado lá na noite anterior. O salão de baile era enorme, com centenas de arandelas nas paredes, cada uma adornada por uma vela perfeita. As salas mais pequenas tinham sido decoradas ao estilo Adam, com tetos primorosamente rendilhados e paredes claras em tons pastel.

Era literalmente a casa de sonho de Sophie. Em todos os seus sonhos sobre Benedict e o futuro fictício juntos, sempre se imaginara naquela casa. Era uma tolice, ela sabia, já que ele era o segundo filho e, portanto, não se encontrava na linha para herdar a propriedade, mas, ainda assim, era a casa mais bonita que já vira e, no fim de contas, os sonhos nunca versavam a realidade. Sophie tinha o direito de sonhar com uma vida no Palácio de Kensington, se assim lhe apetecesse.

Claro que não era provável alguma vez ver o interior do Palácio de Kensington, pensou com um sorriso irónico. – De que se ri? – perguntou Benedict.

Ela nem se preocupou em olhar para cima ao responder: – Estou a planear a sua morte.

Ele sorriu – e embora ela não estivesse a olhar para ele, sabia que era um daqueles sorrisos que ela conseguia ouvir apenas pela maneira como ele respirava.

Detestava ser tão sensível a cada nuance dele; especialmente porque tinha uma leve suspeita de que o mesmo acontecia com ele em relação a ela.

– Pelo menos parece divertido – comentou ele.

– O quê? – perguntou ela, desviando finalmente os olhos da bainha da cortina, na qual tinha fixado o olhar durante um tempo que lhe pareceu durar horas.

– A minha morte – disse ele, o sorriso enigmático e divertido. – Se vai matar-me, pelo menos pode divertir-se enquanto o faz, porque Deus sabe que para mim não será divertido.

O queixo dela caiu. – É louco – disse ela.

– Provavelmente. – Ele deu de ombros antes de se recostar com

descontração no banco e apoiar os pés em cima do banco à sua frente.
– Afinal, eu raptei-a. Julgo que isso poderia ser classificado como a coisa mais louca que já fiz.

– Pode libertar-me agora – disse ela, embora sabendo que ele nunca o faria.

– Aqui em Londres? Onde pode ser atacada por ladrões a qualquer momento? Isso seria muito irresponsável da minha parte, não acha?

– Não se compara a raptar-me contra a minha vontade!

– Eu não a raptei – disse ele, examinando preguiçosamente as unhas. – Eu chantageei-a. É muito diferente.

Sophie foi salva de ter de responder pelo solavanco da carruagem ao parar.

Benedict afastou as cortinas uma última vez, largando-as em seguida.
– Ah! Cá estamos.

Sophie aguardou que ele descesse e então deslizou para junto da porta. Chegou a considerar ignorar a mão estendida dele e sair sozinha, mas a carruagem era muito alta e não queria fazer figura de parva tropeçando e espalhando-se na valeta.

Seria bom conseguir insultá-lo, mas não à custa de torcer o tornozelo.

Com um suspiro, aceitou a mão dele.

– Muito inteligente da sua parte – murmurou Benedict.

Sophie lançou-lhe um olhar ríspido. Como é que ele sabia o que ela tinha pensado?

– Eu sei quase sempre o que está a pensar – disse ele.

Ela tropeçou.

– Cuidado! – exclamou ele, segurando-a com habilidade e evitando a queda.

Prendeu-a um momento mais do que o necessário antes de a pousar no chão. Sophie teria dito alguma coisa, mas tinha os dentes tão cerrados que não conseguiu proferir palavra.

– Não é de morte a ironia da situação? – perguntou Benedict, sorrindo

com malícia.

Ela forçou o maxilar a abrir-se. – Antes fosse!

O danado do homem desatou a rir-se. – Venha – disse ele. – Vou apresentá-la à minha mãe. Tenho a certeza de que vai arranjar-lhe uma posição na casa.

– Ela pode não ter nenhuma vaga – lembrou Sophie.

Ele encolheu os ombros. – Ela adora-me, portanto, vai arranjar qualquer coisa.

Sophie manteve-se parada, recusando-se a dar um passo até que ele entendesse o seu ponto de vista. –

Eu não vou ser sua amante.

A expressão dele era extremamente branda ao murmurar: – Sim, já sei.

– Não, quero dizer, o seu plano não vai funcionar.

Ele era todo inocência. – Eu tenho um plano?

– Oh, por favor – troçou ela. – Sei perfeitamente que vai massacrar-me até à exaustão na esperança de eu finalmente ceder.

– Nunca sonharia com uma coisa dessas.

– Tenho a certeza de que sonha com muito mais do que isso – resmoneou ela.

Ele deve-a ter ouvido porque se riu entre dentes. Sophie cruzou os braços com teimosia, não se importando com o ar pouco digno da posição, mantendo-se ali parada, no passeio, à vista de todos. De qualquer das formas ninguém lhe prestaria o mínimo de atenção, vestida como estava com a roupa grosseira de criada. Talvez devesse optar por uma postura mais airosa e encarar o seu novo emprego com uma atitude um pouco mais otimista, mas, dane-se, naquele momento só lhe apetecia amuar.

E, francamente, achava que tinha adquirido esse direito. Se alguém tinha direito a ficar de mau humor e ressentida era ela.

– *Podemos* ficar aqui na calçada o dia todo – disse Benedict com um leve sarcasmo na voz.

Ela preparava-se para lhe atirar um olhar irritado, mas foi nessa altura que percebeu onde se encontravam. Eles não estavam em Grosvenor Square. Sophie nem sequer sabia onde estavam. Mayfair, talvez, mas a casa diante deles definitivamente não era a mesma aonde ela fora ao baile de máscaras.

– Hmm... é esta a Bridgerton House? – perguntou ela.

Ele ergueu uma sobrancelha. – Como sabias que a minha casa se chama Bridgerton House?

– Já o mencionou antes.– O que, felizmente, era verdade. Ele falara tanto sobre a Bridgerton House como sobre a residência dos Bridgerton no campo, Aubrey Hall, várias vezes durante as suas conversas.

– Oh! – Ele pareceu aceitar. – Bem, não, na verdade, não é. A minha mãe mudou-se da Bridgerton House há quase dois anos. Organizou um último baile – um baile de máscaras, na verdade – e depois entregou a residência ao meu irmão e à esposa. Ela sempre disse que sairia assim que ele se casasse e constituísse a sua própria família. Creio que o primeiro filho deles nasceu apenas um mês depois de ela se ter mudado.

– Era menino ou menina? – perguntou ela, mesmo sabendo a resposta. Lady Whistledown relatava sempre essas coisas.

– Um menino. Edmund. E no início deste ano tiveram outro filho, Miles.

– Que bom para eles – murmurou Sophie, mesmo sentindo um aperto no coração. O mais provável era ela nunca vir a ter os seus próprios filhos e essa fora uma das mais tristes conclusões a que chegara. Para ter crianças era necessário ter um marido e o casamento parecia-lhe um sonho irreal. Não tinha sido educada para ser criada e, portanto, tinha muito pouco em comum com a maioria dos homens que conhecera na sua vida quotidiana. Não que os outros criados não fossem boas pessoas e honradas, mas era difícil imaginar-se a partilhar a vida com alguém que, por exemplo, não soubesse ler.

Sophie não precisava de se casar com alguém de nascimento nobre, mas até mesmo a classe média estava fora do seu alcance. Nenhum homem, no ramo dos negócios, que se prezasse se casaria com uma criada.

Benedict fez-lhe sinal para que o seguisse e ela assim fez, até chegar

aos degraus da frente. Então, Sophie abanou a cabeça. – Eu vou usar a entrada lateral – declarou apertando os lábios.

– Não senhora, vais usar a porta da frente.

– Vou usar a entrada lateral – replicou ela com firmeza. – Nenhuma mulher da sociedade vai contratar uma criada que entra pela porta da frente.

– Estás comigo – resmungou ele entre dentes. – E eu digo-te para usares a porta da frente.

Ela não conseguiu evitar que um tom de regozijo lhe escapasse dos lábios. – Benedict, ainda ontem queria que eu me tornasse sua amante. Teria coragem de trazer a sua amante para conhecer a sua mãe, fazendo-a entrar pela porta da frente?

Conseguiu deixá-lo perturbado. Sophie sorriu quando lhe viu o rosto contorcer-se de frustração.

Há vários dias que não se sentia tão bem.

– Será que sequer traria a sua amante para a conhecer? – continuou ela, apenas para o torturar um

pouco mais.

– Mas não és minha amante – respondeu ele, cortante.

– De facto.

O queixo dele projetou-se e os olhos pareceram perfurar os dela com fúria incontrolada. – És apenas uma criada – disse ele, em voz baixa – porque insististe em sê-lo. E como criada que és, mesmo se numa hierarquia social inferior, és ainda uma pessoa respeitável. Certamente suficientemente respeitável para a minha mãe.

O sorriso de Sophie esmoreceu e percebeu que tinha ido longe de mais.

– Muito bem – resmungou Benedict, assim que ficou claro que ela não ia discutir mais o assunto. – Vem comigo.

Sophie seguiu-o escadas acima. Aquilo até podia ser uma vantagem. A mãe de Benedict certamente não iria contratar uma criada que tivesse o desprazo de usar a porta da frente. E uma vez que se tinha recusado a ser amante de Benedict, ele teria de aceitar a derrota e permitir que

ela voltasse para o campo.

Benedict abriu a porta da frente, segurando-a para dar passagem a Sophie. O mordomo chegou logo depois.

– Wickham, por gentileza, poderia informar a minha mãe que cheguei? – pediu Benedict.

– Com certeza, Mr. Bridgerton – respondeu Wickham. – E tomo a liberdade de o informar que ela tem estado bastante curiosa sobre seu paradeiro durante toda esta semana.

– Eu ficaria chocado se assim não fosse – contrapôs Benedict.

Wickham fez um aceno de cabeça na direção de Sophie com uma expressão entre a curiosidade e o desdém. – Posso informá-la da chegada da sua convidada?

– Por favor, faça isso.

– Posso informá-la da identidade da sua convidada?

Sophie olhou para Benedict com grande interesse, imaginando o que diria.

– O nome dela é Miss Beckett – respondeu Benedict. – Ela está aqui para procurar emprego.

Uma das sobrancelhas de Wickham ergueu-se instantaneamente. Sophie ficou muito surpreendida.

Pensava que os mordomos não deveriam mostrar qualquer tipo de expressão.

– Como criada? – perguntou Wickham.

– Como qualquer coisa – disse Benedict, o tom de voz começando a exhibir os primeiros sinais de impaciência.

– Muito bem, Mr. Bridgerton – terminou Wickham, desaparecendo depois de subir a escada.

– Quer-me parecer que ele não achou nada muito bem – sussurrou Sophie a Benedict, tomando cuidado para esconder o sorriso.

– Não é o Wickham que manda aqui.

Sophie soltou um suspiro do género «está bem, como queira». – Calculo que Wickham discordaria.

Ele olhou para ela com incredulidade. – Ele é o mordomo.

– E eu sou uma criada. Sei tudo sobre mordomos. Mais do que o senhor, diria eu.

Os olhos dele estreitaram-se. – Pois és a mulher que conheço que menos se comporta como criada.

Ela encolheu os ombros e fingiu examinar uma natureza-morta pendurada na parede. – É o senhor que faz vir ao de cima o que há de pior em mim, Mr. Bridgerton.

– Benedict – sibilou ele. – Já me trataste pelo nome próprio antes. Usa-o agora.

– A sua mãe está prestes a descer as escadas – lembrou ela – e o senhor vai insistir com ela para que me contrate como criada. Há muitos criados a tratá-lo pelo nome próprio?

Ele olhou-a fixamente e ela percebeu que ele sabia que ela tinha razão. – Não pode ter o melhor dos

dois mundos, Mr. Bridgerton – acrescentou ela, permitindo-se um leve sorriso.

– Eu só queria *um* deles – rosnou ele em resposta.

– Benedict!

Sophie ergueu o rosto e observou a mulher miúda e elegante que descia as escadas. O tom de pele dela era mais claro do que o de Benedict, mas as feições marcavam-na claramente como sua mãe.

– Mãe – disse ele, indo ao encontro dela ao fundo das escadas. – Que bom vê-la!

– Teria sido melhor ver-te se soubesse onde andaste na última semana – disse ela com insolência. – A última coisa que soube foi que tinhas ido para a festa do Cavender, e depois todos regressaram sem ti.

– Deixei a festa mais cedo e decidi ir para A Minha Casinha – respondeu ele.

A mãe soltou um suspiro. – Calculo que não possa estar à espera que

me informes de todos os teus passos agora que já tens trinta anos.

Benedict ofereceu-lhe um sorriso indulgente.

Ela virou-se para Sophie. – Esta deve ser a tua Miss Beckett.

– É, sim – respondeu Benedict. – Ela salvou-me a vida enquanto estive n’A Minha Casinha.

Sophie interveio: – Eu não...

– Salvou, sim – cortou Benedict com discrição. – Eu adoeci por ter conduzido à chuva e ela cuidou de mim enquanto estive doente.

– Teria recuperado a sua saúde sem mim – insistiu ela.

– Mas não com a mesma rapidez ou conforto – disse Benedict, dirigindo as palavras à mãe.

– Os Crabtree não estavam em casa? – quis saber Violet.

– Não quando chegámos – respondeu Benedict.

Violet olhou para Sophie com uma curiosidade de tal modo evidente que Benedict foi finalmente forçado a explicar: – Miss Beckett era criada dos Cavender, mas certas circunstâncias tornaram impossível a permanência dela na casa.

– Per... cebo – disse Violet pouco convencida.

– O seu filho salvou-me de um destino muito desagradável – explicou Sophie em voz baixa. – Tenho muito a agradecer-lhe.

Benedict olhou para ela com surpresa. Dado o nível de hostilidade que ela lhe mostrara, não esperava que, de forma voluntária, fizesse afirmações tão elogiosas. Mas deveria tê-lo esperado; Sophie era uma pessoa de princípios, nada do tipo que deixasse a raiva interferir com a honestidade.

Era uma das coisas que mais gostava nela.

– Percebo – repetiu Violet, desta vez com maior convicção.

– Estava com esperança de pudesse encontrar-lhe uma posição aqui em casa – disse Benedict.

– Mas apenas se não lhe causar problemas – apressou-se Sophie a

acrescentar.

– Não – disse Violet muito devagar, observando o rosto de Sophie com uma expressão curiosa. – Não, não causa problema algum, de todo, mas...

Tanto Benedict como Sophie se inclinaram ligeiramente, à espera do resto da frase.

– Já nos conhecemos? – perguntou Violet de repente.

– Não creio – respondeu Sophie, gaguejando um pouco. Como poderia Lady Bridgerton achar que a conhecia? Tinha a certeza de o caminho das duas não se cruzara no baile de máscaras. – Não posso imaginar como tal poderia ter acontecido.

– Talvez tenha razão – disse Lady Bridgerton com um aceno de mão. – Há algo de vagamente familiar em si. Mas talvez seja porque conheci alguém com feições semelhantes. Isso acontece muitas vezes.

– Especialmente a mim – disse Benedict com um sorriso contrafeito.

Lady Bridgerton olhou para o filho com carinho evidente.

– Não é minha culpa que todos os meus filhos sejam extraordinariamente parecidos.

– Se não lhe podemos atribuir a culpa, então a quem? – perguntou Benedict.

– Ao teu pai, apenas a ele – respondeu Lady Bridgerton com desenvoltura. Virou-se para Sophie. – São todos parecidos com o meu falecido marido.

Sophie sabia que devia permanecer em silêncio, mas o momento era tão encantador e confortável que disse: – Eu acho que o seu filho é parecido consigo.

– Acha mesmo? – perguntou Lady Bridgerton, unindo as mãos de júbilo. – Que maravilha. E eu a pensar que nunca passei do recetáculo da família Bridgerton.

– Mãe! – exclamou Benedict.

Ela suspirou. – Estou a ser demasiado franca? É uma coisa que me acontece cada vez mais na minha velhice.

– A mãe não é propriamente uma senhora idosa.

Ela sorriu. – Benedict, porque não vais fazer uma visitinha às tuas irmãs enquanto eu levo Miss Bennett...

– Beckett – interrompeu ele.

– Sim, claro, Beckett – murmurou ela. – Vou levá-la lá a cima para que se instale.

– Só precisa de me levar à governanta – disse Sophie. Era muito invulgar a senhora da casa preocupar-se com a contratação de uma criada. Claro que toda a situação era incomum, com Benedict pedindo que ela fosse contratada, mas era ainda mais estranho que Lady Bridgerton tomasse um interesse pessoal nela.

– Com certeza Mrs. Watkins está ocupada – disse Lady Bridgerton. – Além disso, acho que estamos a precisar de mais uma criada de quarto. Tem alguma experiência nessa área?

Sophie assentiu.

– Excelente. Foi o que imaginei. Tem uma fala muito cuidada.

– A minha mãe era governanta – disse Sophie automaticamente. – Trabalhou para uma família muito generosa e... – Interrompeu-se horrorizada, lembrando-se tardiamente que tinha contado a verdade a Benedict, que a mãe havia morrido quando ela nascera. Lançou-lhe um olhar nervoso e ele respondeu com uma inclinação vagamente trocista do queixo, confirmando em silêncio que não iria expor a sua mentira.

– A família para a qual trabalhou era muito generosa – continuou Sophie, um leve suspiro de alívio escapando-lhe dos lábios – e permitiram que partilhasse muitas lições com as filhas da casa.

– Percebo – disse Lady Bridgerton. – Isso explica muita coisa. É difícil acreditar que tenha estado a trabalhar como simples criada. É mais do que óbvio que tem educação suficiente para procurar posições mais elevadas.

– Ela lê muito bem – disse Benedict.

Sophie olhou para ele com surpresa.

Ele ignorou-a, dizendo à mãe: – Ela leu para mim muitas vezes

durante a minha recuperação.

– Também escreve? – perguntou Lady Bridgerton.

Sophie assentiu com a cabeça. – A minha caligrafia é muito clara.

– Excelente. É sempre útil ter mais um par de mãos à disposição quando estamos a tratar dos convites.

E vamos ter um baile mais para o fim do verão. Tenho duas filhas a debutar este ano – explicou a Sophie.

– A minha esperança é que uma delas escolha um marido antes de a temporada terminar.

– Não me parece que a Eloise queira casar – disse Benedict.

– Nem te atrevas a dizer tal coisa – repreendeu Lady Bridgerton.

– Uma afirmação destas é um sacrilégio por aqui – explicou Benedict a Sophie.

– Não lhe dê ouvidos – disse Lady Bridgerton, caminhando em direção às escadas. – Venha comigo,

Miss Beckett. Como disse que era o seu nome próprio?

– Sophia. Sophie.

– Venha comigo, Sophie. Vou apresentá-la às meninas. E... – acrescentou, enrugando o nariz com repugnância – vamos ver se lhe encontramos outra coisa para vestir. Não posso ter uma criada de quarto vestida de forma tão andrajosa. Poderiam pensar que não lhe pagamos um salário justo.

Para Sophie era novidade que os membros da alta sociedade se preocupassem em pagar um salário justo aos seus funcionários e sentiu-se tocada pela generosidade de Lady Bridgerton.

– Tu – disse Lady Bridgerton a Benedict –, espera por mim cá em baixo. Temos muito que conversar.

– Já estou a tremer como varas verdes – brincou ele.

– Entre ele e o irmão, não sei qual deles me vai matar primeiro – segredou Lady Bridgerton.

– Qual irmão? – perguntou Sophie.

– Qualquer um. Ambos. Todos os três. Uns patifes, todos eles.

Mas eram uns patifes claramente muito amados. Sophie percebia-o na forma como ela falava, via-o nos olhos dela quando se iluminaram de alegria ao ver o filho.

E isso fez Sophie sentir-se solitária, melancólica e um pouco ciumenta. Como a sua vida poderia ter sido diferente se a mãe tivesse sobrevivido ao parto. Poderiam não ter sido pessoas respeitáveis, Mrs.

Beckett uma amante e Sophie uma filha bastarda, mas Sophie gostava de pensar que a mãe a teria amado.

O que era mais do que alguma vez recebera de qualquer outro adulto, incluindo o pai.

– Venha, Sophie – disse Lady Bridgerton com vivacidade.

Sophie seguiu-a pelas escadas acima, perguntando-se porque tinha a sensação de estar a entrar para uma nova família, ao contrário de apenas prestes a começar um novo trabalho.

A sensação era... boa.

E há muito, muito tempo que não sentia que a sua vida era boa.

CAPÍTULO 14

Rosamund Reiling jura que viu Benedict Bridgerton em Londres. Esta Vossa Autora está propensa a acreditar na veracidade do relato; Miss Reiling é capaz de descortinar um homem solteiro a mais de cinquenta metros.

Infelizmente para Miss Reiling, parece não conseguir apanhar nenhum.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

12 DE MAIO 1817

Benedict mal tinha dado dois passos na direção da sala de estar e já a irmã Eloise vinha a correr para ele. Como todos os Bridgerton, ela tinha o cabelo castanho volumoso e um sorriso amplo. Todavia, ao

contrário de Benedict, os olhos eram de um verde límpido e profundo, a exata tonalidade dos do irmão Colin.

A mesma tonalidade, ocorreu-lhe, dos de Sophie.

– Benedict! – exclamou ela, atirando-se para os braços dele de forma exuberante. – Onde é que te enfiaste? A mãe andou a resmungar toda a semana, sem saber para onde tinhas ido.

– Engraçado, quando falei com a mãe, nem há dois minutos, a grande preocupação dela era sobre *ti*, querendo saber quando é que finalmente te decidias a casar.

Eloise fez uma careta. – Quando encontrar alguém com quem valha a pena casar, só nessa altura. Quem me dera que viesse alguém novo viver para esta cidade. Parece-me que estou sempre a encontrar mais ou menos a mesma centena de pessoas uma e outra vez.

– Mas *encontras* a mesma centena de pessoas uma e outra vez.

– É isso mesmo que eu digo – disse ela. – Já não há segredos em Londres. Já sei tudo sobre todos.

– A sério? – perguntou Benedict, com uma boa dose de sarcasmo.

– Podes troçar de mim quanto quiseres – disse ela, apontando-lhe o dedo de uma maneira que a mãe *seguramente* consideraria muito pouco própria de uma senhorita –, mas eu não estou a exagerar.

– Nem um bocadinho? – insistiu ele sorrindo.

Ela fez-lhe uma careta. – Onde é que te *enfiaste* toda a semana?

Ele entrou na sala de estar e atirou-se para um sofá. Provavelmente deveria ter esperado que ela se sentasse, mas, afinal de contas, ela era sua irmã e ele nunca sentira a necessidade de se pôr com cerimónias quando estavam sozinhos. – Fui à festa do Cavender – explicou, apoiando os pés em cima de uma mesa baixa. – Foi abominável.

– A mãe mata-te se te apanha com os pés aí – disse Eloise, sentando-se numa cadeira que fazia esquina com o sofá. – E o que tinha a festa de tão abominável?

– A companhia. – Olhou para os pés e decidiu deixá-los apoiados onde estavam. – Nunca vi um bando de saloios preguiçosos mais chato.

– Escusas de medir as palavras.

Benedict ergueu uma sobancelha ao comentário sarcástico dela. – E ficas desde já proibida de te casares com alguém que lá tenha estado.

– Uma ordem que provavelmente não terei nenhum problema em obedecer. – Ela bateu com as mãos nos braços da cadeira. Benedict foi obrigado a sorrir; Eloise fora sempre uma pilha de energia nervosa.

– Mas – disse ela, olhando para cima e semicerrando os olhos – isso não explica onde estiveste durante toda a *semana*.

– Alguém já te disse que és muito intrometida?

– Oh, constantemente. Onde estiveste?

– E insistente, também.

– Não sei ser de outra maneira. Onde estiveste?

– Já te contei que estou a pensar em investir numa empresa que fabrica açaimes para humanos?

Ela atirou-lhe uma almofada. – Onde *estiveste*?

– Por acaso – disse ele, atirando com cuidado a almofada de volta na direção dela –, a resposta não é nem um pouco interessante. Estive n’A Minha Casinha a recuperar de uma constipação horrível.

– Pensei que já tivesses recuperado.

Ele olhou-a com uma expressão que era uma mistura improvável de espanto e desagrado. – Como sabes?

– Eu sei tudo. Já devias saber disso. – Ela abriu um grande sorriso. – As constipações podem ser tão desagradáveis. Tiveste uma recaída?

Ele assentiu. – Depois de conduzir à chuva.

– Bem, não foste muito inteligente.

– Há alguma razão – perguntou, olhando em redor como se estivesse a fazer a pergunta a alguém que não Eloise – para estar a deixar-me ser insultado pela parvinha da minha irmã mais nova?

– Provavelmente porque o faço tão bem. – Ela chutou-lhe os pés, tentando derrubá-los da mesinha. – A mãe vai entrar a qualquer momento, tenho a certeza.

– Não, não vai – replicou ele. – Ela está ocupada.

– A fazer o quê?

Ele fez um gesto na direção do teto. – A dar orientações à nova criada.

Ela endireitou-se de imediato. – Temos uma nova criada? Ninguém me disse nada.

– Céus – brincou ele arrastando a voz –, aconteceu uma coisa que a Eloise não sabe.

Ela recostou-se na cadeira e chutou-lhe novamente os pés. – Criada de baixo? Criada de quarto?

Copeira?

– Que te importa?

– É sempre bom saber o que é o quê.

– Criada de quarto, acho.

Eloise levou cerca de meio segundo a digerir a informação. – E como sabes?

Benedict calculou que era melhor dizer-lhe a verdade. Deus sabia que ela conheceria toda a história antes do pôr do sol, mesmo que ele não dissesse nada. – Porque fui eu que a trouxe.

– A criada?

– Não, a mãe. Claro que a criada.

– Desde quando é que te importas com a contratação de empregados?

– Desde que esta jovem em particular praticamente me salvou a vida tomando conta de mim enquanto estive doente.

Eloise ficou de boca aberta. – Estiveste assim *tão* doente?

Era melhor deixá-la acreditar que estivera às portas da morte. Alguma pena e preocupação podiam funcionar a seu favor da próxima vez que precisasse de a convencer de alguma coisa. – Já me senti melhor – disse ele com ligeireza. – Onde vais?

Ela já estava de pé. – Vou ter com a mãe e conhecer a nova criada. Ela

provavelmente vai trabalhar para mim e para a Francesca, agora que a Marie se foi embora.

– Perdeste a tua criada?

Eloise fez cara feia. – Ela deixou-nos para ir trabalhar para aquela execrável Lady Penwood.

Benedict foi obrigado a sorrir perante a descrição. Ainda se lembrava muito bem do único encontro que tivera com Lady Penwood e também a tinha achado execrável.

– Lady Penwood é famosa por maltratar os criados. Só este ano já teve três criadas pessoais. Roubou a de Mrs. Featherington mesmo debaixo do seu nariz, mas a pobre rapariga só durou quinze dias.

Benedict ouviu pacientemente a diatribe interminável da irmã, espantado por estar sequer interessado.

Mas, por algum motivo estranho, estava.

– Marie voltará a rastejar daqui a uma semana, a pedir-nos que a aceitemos de novo, acredita em mim

– disse Eloise.

– Eu acredito sempre em ti – respondeu –, o problema é que nem sempre estou interessado.

– Vais arrepender-te dessas palavras – replicou Eloise, apontando-lhe o dedo.

Ele abanou a cabeça, um sorriso a brincar-lhe nos lábios. – Duvido.

– Hmmp. Vou lá a cima.

– Diverte-te.

Ela mostrou-lhe a língua, certamente não o comportamento apropriado para uma jovem de vinte e um anos, e saiu da sala. Benedict conseguiu desfrutar de apenas três minutos de sossego antes de ouvir novamente passos a ecoar no átrio, batendo ritmados na sua direção. Quando olhou para cima, viu a mãe à porta.

Ele levantou-se de imediato. Certas maneiras poderiam ser ignoradas na presença da irmã, mas nunca na da mãe.

– Eu vi esses pés na mesa – disse Violet antes que pudesse abrir a boca.

– Estava apenas a polir a superfície com as minhas botas.

Ela levantou as sobrancelhas, caminhou até à cadeira recentemente desocupada por Eloise e sentou-se.

– Muito bem, Benedict – disse ela em voz extremamente prática –, quem é ela?

– Quer dizer, Miss Beckett?

Violet dirigiu-lhe um aceno de cabeça formal.

– Não faço ideia, exceto que trabalhou para os Cavender e que foi aparentemente maltratada pelo filho.

Violet empalideceu. – Será que ele... Oh, meu Deus. Ela foi...

– Acho que não – disse Benedict severamente. – Na verdade, tenho a certeza que não foi. Mas não por falta de tentativas da parte dele.

– Pobre rapariga. Ainda bem que lá estavas para a salvar.

Benedict descobriu que não gostava de reviver aquele dia no jardim dos Cavender. Mesmo que a aventura tivesse terminado de forma bastante favorável, não conseguia evitar pensar em toda a série de

«ses». E se não tivesse aparecido a tempo? E se Cavender e os amigos estivessem ligeiramente menos embriagados e sido ligeiramente mais obstinados? Sophie poderia ter sido violada. Sophie *teria* sido violada.

E agora que conhecia Sophie, que tinha começado a gostar dela, só o pensamento o fazia arrepiar até aos ossos.

– Bem – disse Violet –, ela não é quem diz ser. Disso tenho a certeza.

Benedict endireitou-se no sofá. – Porque diz isso?

– Ela é demasiado culta para ser uma simples criada. Os patrões da mãe podem ter permitido que partilhasse algumas das aulas das filhas, mas todas? Duvido. Benedict, a rapariga fala francês!

– Fala?

– Bem, ainda não tenho a certeza absoluta – admitiu Violet –, mas eu

apanhei-a a olhar para um livro

que estava na escrivania da Francesca, que é em francês.

– Olhar não é o mesmo que ler, mãe.

Ela atirou-lhe um olhar impertinente. – É como te digo, eu observei a maneira como os olhos dela se moviam. Ela estava a ler.

– Se o diz, é porque é verdade.

Os olhos de Violet estreitaram-se. – Estás a ser sarcástico?

– Normalmente – Benedict disse com um sorriso –, diria que sim, mas neste caso, estava a falar muito a sério.

– Talvez seja uma filha rejeitada de alguma família aristocrática – refletiu Violet em voz alta.

– Rejeitada?

– Por ter ficado grávida – explicou ela.

Benedict não estava habituado a ouvir a mãe falar com tanta franqueza. – Hum, acho que não – disse ele, pensando na recusa inabalável de Sophie em tornar-se sua amante. – Não me parece.

Mas depois pensou... e porque não? Talvez ela se recusasse a dar à luz um filho ilegítimo por já *ter tido* um filho ilegítimo e não querer repetir o erro.

De repente, Benedict sentiu um travo amargo na boca. Se Sophie tivesse tido um filho, então Sophie tinha tido um amante.

– Ou talvez – continuou Violet nas suposições – ela seja filha ilegítima de um nobre.

Aquela hipótese era consideravelmente mais plausível e mais palatável. – Seria de supor que lhe tivesse deixado rendimentos suficientes para que não tivesse de trabalhar como criada.

– Muitos homens ignoram completamente os filhos ilegítimos – disse Violet, fazendo uma careta de repugnância. – É escandaloso.

– Mais escandaloso do que terem os filhos ilegítimos?

A expressão de Violet tornou-se bastante rabugenta.

– Além do mais – continuou Benedict, recostando-se no sofá e pousando um tornozelo no joelho oposto

–, se ela fosse filha bastarda de um nobre, e ele se tivesse preocupado o suficiente em assegurar-lhe uma educação enquanto criança, porque está agora sem quaisquer recursos?

– Hmmm, és capaz de ter razão – disse Violet, dando pancadinhas leves com o dedo indicador no rosto, apertando os lábios, e continuando com as pancadinhas. – Mas não te preocupes – declarou por fim

–, eu descubro quem ela é em menos de um mês.

– Aconselho-a a pedir ajuda a Eloise – disse Benedict secamente.

Violet assentiu com a cabeça, pensativa. – Boa ideia. Aquela miúda era capaz de fazer o próprio Napoleão contar os seus segredos.

Benedict levantou-se. – Tenho de ir. Estou cansado da viagem e quero ir para casa.

– Podes sempre ficar aqui.

Ele fez um meio sorriso. A mãe adorava ter os filhos por perto. – Preciso de voltar para minha casa –

disse ele, inclinando-se para lhe dar um beijo na face. – Obrigado por arranjar uma posição para Sophie.

– Miss Beckett, queres tu dizer? – perguntou Violet, curvando os lábios com malícia.

– Sophie, Miss Beckett – acrescentou Benedict, fingindo indiferença. – Como quiser chamá-la.

Ao sair, não viu o amplo sorriso que a mãe ofereceu às suas costas.

Sophie sabia que não se devia permitir acomodar-se demasiado em casa dos Bridgerton – afinal, ir-se-ia embora assim que pudesse tomar as providências necessárias, mas quando viu bem o quarto onde ia ficar, sem dúvida o mais agradável que alguma vez lhe fora atribuído, pensou no jeito amigável e no

sorriso fácil de Lady Bridgerton...

Simplesmente não conseguiu evitar desejar poder ficar ali para sempre.

Mas isso era impossível. Ela sabia-o tanto quanto sabia que o seu nome era Sophia Maria Beckett e não Sophia Maria Gunningworth.

Antes de mais nada, havia sempre o perigo de encontrar Araminta, especialmente agora que Lady Bridgerton a elevara de criada a criada de quarto. Uma criada pessoal de uma senhora podia, por exemplo, ser requisitada como acompanhante ou pau de cabeleira em passeios fora de casa. Passeios a sítios que Araminta e as meninas podiam escolher frequentar.

E Sophie não tinha dúvidas de que Araminta iria encontrar uma maneira de transformar a vida dela um inferno. Araminta odiava-a a um ponto que desafiava o entendimento, para além de qualquer emoção. Se visse Sophie em Londres, não iria contentar-se em simplesmente ignorá-la. Sophie não tinha dúvidas de que Araminta iria mentir, enganar e roubar apenas para dificultar a vida a Sophie.

Era a esse ponto que odiava Sophie.

No entanto, para ser honesta consigo mesma, a verdadeira razão por que Sophie não podia permanecer em Londres não era Araminta. Era Benedict.

Como poderia evitá-lo quando morava na casa da mãe dele? Para já estava furiosa com ele, muito mais do que furiosa, na verdade, mas no fundo sabia que a raiva seria de curta duração. Como poderia resistir-lhe, dia após dia, quando a simples visão dele a tornava fraca de desejo? Um dia, não muito longe, ele iria sorrir para ela, um daqueles sorrisos meio tortos e enigmáticos e ela seria obrigada a agarrar-se à primeira peça de mobiliário que encontrasse para evitar derreter-se como manteiga numa poça patética.

Tinha-se apaixonado pelo homem errado. Nunca poderia tê-lo nos termos dela e recusava-se a tê-lo nos dele.

Era um caso perdido.

Sophie foi salva de mais pensamentos deprimentes por uma batida rápida na porta. Quando disse: –

Sim? – a porta abriu-se e Lady Bridgerton entrou no quarto.

Sophie pôs-se imediatamente de pé, fazendo uma curta reverência. –

Precisa de alguma coisa, minha senhora? – perguntou.

– Não, de todo – respondeu Lady Bridgerton. – Vim apenas verificar se está tudo do seu agrado.

Precisa de alguma coisa?

Sophie pestanejou. Lady Bridgerton tinha vindo perguntar-lhe se *ela* precisava de alguma coisa? Era a inversão da relação habitual senhora e criada. – Hmm, não, obrigada – agradeceu Sophie. – Mas terei todo o prazer em ser-lhe útil no que precisar.

Lady Bridgerton dispensou a oferta com um aceno de mão. – Não é preciso. Por hoje não necessita de fazer nada para nós. Prefiro que descanse e se habitue à casa primeiro para que não se sinta perdida quando começar.

Sophie pôs os olhos na pequena bolsa. – Eu não tenho muitas malas para desfazer. Na verdade, não me importaria nada de começar a trabalhar imediatamente.

– Nem pensar nisso. O dia está quase a chegar ao fim e, de qualquer forma, não estamos a planear sair esta noite. As meninas e eu conseguimos sobreviver com apenas uma criada pessoal toda a última semana. Certamente poderemos sobreviver mais uma noite.

– Mas...

Lady Bridgerton sorriu. – Sem discussão, por favor. Um último dia livre é o mínimo que posso fazer depois de ter salvado o meu filho.

– Eu fiz muito pouco – explicou Sophie. – Ele teria passado muito bem sem mim.

– Mesmo assim, ajudou-o quando ele precisou e por isso fico em dívida para consigo.

– Foi um prazer – respondeu Sophie. – Era o mínimo que eu podia fazer depois do que ele fez por mim.

Então, para grande surpresa de Sophie, Lady Bridgerton avançou uns passos e sentou-se na cadeira da secretária.

Secretária! Ainda lhe parecia uma coisa do outro mundo. Que criada alguma vez havia sido abençoada com uma secretária?

– Diga-me então, Sophie – começou Lady Bridgerton com um sorriso

cativante, que imediatamente a fez lembrar do sorriso fácil de Benedict. – De onde é?

– Originariamente, de East Anglia – respondeu Sophie, não vendo razão para mentir. Os Bridgerton eram do Kent; era improvável que Lady Bridgerton estivesse familiarizada com o Norfolk, onde Sophie tinha crescido. – Não muito longe de Sandringham House, não sei se conhece.

– Conheço, sim – disse Lady Bridgerton. – Nunca lá estive, mas ouvi dizer que é um belo edifício.

Sophie assentiu. – É muito bonito. Claro que nunca estive lá dentro. Mas o exterior é lindo.

– Onde é que a sua mãe trabalhava?

– Em Blackheath Hall – respondeu Sophie, a mentira deslizando-lhe com facilidade da boca. Tinham-lhe feito aquela pergunta muitas vezes, por isso há muito que tinha encontrado um nome para sua casa inventada. – Conhece?

A testa de Lady Bridgerton cobriu-se de rugas. – Não, acho que não.

– Fica um pouco mais a norte de Swaffham.

Lady Bridgerton abanou a cabeça. – Não, não conheço.

Sophie ofereceu-lhe um sorriso gentil. – Muitas pessoas não conhecem.

– Tem irmãos ou irmãs?

Sophie não estava habituada a uma patroa querer saber tanto sobre o seu passado pessoal, geralmente apenas se preocupavam com a experiência profissional e referências. – Não – respondeu. – Sou só eu.

– Ah, bem, pelo menos teve a companhia das meninas com quem partilhou as aulas. Isso deve ter sido bom.

– Foi muito agradável – mentiu Sophie. Para ser sincera, estudar com Rosamund e Posy tinha sido uma tortura. Gostava muito mais das lições quando era apenas ela e a governanta, antes de elas irem viver para Penwood Park.

– Devo dizer que foi uma atitude muito generosa por parte dos patrões da sua mãe... peço desculpa –

interrompeu-se Lady Bridgerton, franzindo a testa – como disse que se chamavam?

– Grenville.

A testa dela enrugou-se novamente. – Não os conheço.

– Eles não costumam vir a Londres.

– Ah, bem, então está explicado – disse Lady Bridgerton. – Mas como eu estava a dizer, foi muito generoso da parte deles deixá-la partilhar as lições com as filhas. O que estudou?

Sophie gelou, não percebendo se estava a ser interrogada ou se Lady Bridgerton estava realmente interessada. Nunca ninguém se tinha preocupado em aprofundar tanto os antecedentes falsos que havia criado para a sua vida. – Os temas habituais – respondeu de forma vaga. – Aritmética e Literatura.

História, um pouco de mitologia. Francês.

– Francês? – perguntou Lady Bridgerton, com ar de surpresa. – Que interessante. Os professores de francês costumam ser muito caros.

– A governanta falava francês – explicou Sophie. – Por isso não era mais dispendioso.

– Como é o seu francês?

Sophie não ia dizer-lhe a verdade, que era que falava um francês perfeito. Ou quase perfeito. É certo que nos últimos anos não tinha praticado, perdendo um pouco da fluência. – É aceitável – disse ela. –

Bom o suficiente para passar por criada francesa, se assim o desejar.

– Céus, não – disse Lady Bridgerton, rindo alegremente. – Nem pensar nisso. Eu sei que está na moda ter criadas pessoais francesas, mas nunca iria pedir-lhe que além das suas tarefas ainda tivesse de se lembrar em falar com um sotaque francês.

– É muito gentil da sua parte – agradeceu Sophie, tentando não deixar que a suspeita ficasse estampada no seu rosto. Tinha a certeza de que Lady Bridgerton era uma senhora simpática, *tinha* de ser, para ter criado uma família tão amável. Mas aquilo parecia-lhe bondade *a mais*.

– Bem, é... ah, bom dia, Eloise. O que te traz aqui?

Sophie olhou para a porta e viu o que só podia ser uma filha Bridgerton. O volumoso cabelo castanho estava elegantemente encaracolado na parte de trás do pescoço e a boca era larga e expressiva, tal como a de Benedict.

– Benedict disse-me que temos uma nova criada – disse Eloise.

Lady Bridgerton apresentou Sophie. – Esta é Sophie Beckett. Estávamos a conversar. Acho que nos vamos dar maravilhosamente.

Eloise lançou à mãe um olhar estranho ou, pelo menos, Sophie achou que era um olhar estranho. Talvez fosse possível que Eloise olhasse sempre para a mãe com um ar de esguelha um pouco desconfiado e confuso. Mas Sophie achava que não seria assim.

– O meu irmão contou-me que lhe salvou a vida – disse Eloise, concentrando a atenção em Sophie.

– Ele exagera – disse Sophie, um leve sorriso a bailar-lhe nos lábios.

Eloise observou-a com um olhar estranhamente perspicaz e Sophie teve a nítida impressão de que Eloise estava a analisar o seu sorriso, tentando decidir se ela estava ou não a troçar de Benedict e, em caso afirmativo, se o tom era de brincadeira ou de indelicadeza.

O momento pareceu suspenso no tempo, mas depois os lábios de Eloise curvaram-se de forma surpreendentemente matreira. – Acho que a minha mãe tem toda a razão – disse. – Vamos dar-nos maravilhosamente.

Sophie ficou com a sensação de que tinha acabado de passar algum tipo de teste crucial.

– Já conhece a Francesca e a Hyacinth? – perguntou Eloise.

Sophie abanou a cabeça e Lady Bridgerton disse: – Elas não estão em casa. Francesca foi visitar Daphne e Hyacinth está em casa dos Featherington. Ela e Felicity parecem ter ultrapassado a zanga e voltaram a ser inseparáveis.

Eloise riu discretamente. – Pobre Penelope. Acho que ela estava a aproveitar a relativa paz e sossego sem a Hyacinth por perto. Pelo menos para *mim* foi um alívio o tempo sem a Felicity.

Lady Bridgerton virou-se para Sophie e explicou: – A minha filha Hyacinth está constantemente enfiada na casa da melhor amiga,

Felicity Featherington. E quando não está, então a Felicity está enfiada aqui.

Sophie sorriu e fez um aceno de cabeça, interrogando-se mais uma vez porque estariam a partilhar tais histórias com ela. Tratavam-na como se fosse da família, algo que até mesmo a sua própria família nunca fizera.

Era muito estranho.

Estranho e maravilhoso.

Estranho e maravilhoso e terrível.

Porque não podia durar.

Mas talvez pudesse ficar um pouco mais. Não muito. Algumas semanas, talvez um mês. Apenas o tempo suficiente para tratar dos seus assuntos e colocar os pensamentos em ordem. Apenas o tempo suficiente para relaxar e fingir que era mais do que apenas uma criada.

Ela sabia que nunca poderia fazer parte da família Bridgerton, mas talvez pudesse ser amiga.

E há tanto tempo que não era amiga de ninguém.

– Passa-se alguma coisa, Sophie? – perguntou Lady Bridgerton. – Tem uma lágrima no olho.

Sophie abanou a cabeça. – Algum cisco, certamente – murmurou, fingindo ocupar-se em retirar os seus parcos pertences da pequena bolsa. Sabia que não tinham acreditado nela, mas não se importava.

E mesmo não sabendo qual seria o seu caminho a partir dali, teve a estranha sensação de que a sua vida tinha apenas começado.

CAPÍTULO 15

Esta Vossa Autora está bem certa de que a metade masculina da população não terá qualquer interesse na parte subsequente desta crónica, por isso tem toda a liberdade para passar para a próxima secção. No entanto, para

as senhoras, deixem que esta Vossa Autora seja a primeira pessoa a informar que a família Bridgerton foi recentemente envolvida na guerra das criadas, travada durante toda a temporada entre Lady Penwood e Mrs.

Featherington. Parece que a criada pessoal das filhas Bridgerton desertou para os Penwood, substituindo a criada que fugiu de volta para a casa Featherington depois de Lady Penwood a obrigar a engraxar três centenas de pares de sapatos.

Quanto a outras notícias sobre os Bridgerton, Benedict Bridgerton está definitivamente de regresso a Londres.

Parece que ficou doente enquanto se encontrava no campo, prolongando a sua estadia. Gostaríamos que houvesse uma explicação mais interessante (especialmente quando se é, como esta Vossa Autora, dependente de histórias interessantes para ganhar a vida), mas, infelizmente, a história limita-se a isto.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

14 DE MAIO 1817

Na manhã seguinte, Sophie ficou a conhecer cinco dos sete irmãos de Benedict. Eloise, Francesca e Hyacinth ainda residiam com a mãe, Anthony tinha aparecido com o filho para o pequeno-almoço e Daphne, agora duquesa de Hastings, havia sido convocada para ajudar Lady Bridgerton a organizar o baile de fim de temporada. Os Bridgerton que Sophie não chegou a conhecer foram Gregory, que estava em Eton, e Colin, que estava para fora, e nas palavras de Anthony, sabe-se lá Deus onde.

Embora, para ser precisa, Sophie já tivesse conhecido Colin, dois anos antes no baile de máscaras.

Ficou aliviada por ele estar fora da cidade. Duvidava que a reconhecesse, pois, afinal, Benedict não o tinha feito. Mas, de alguma forma, a ideia de o encontrar novamente era bastante enervante e perturbadora.

Não que devesse importar, pensou com pesar. Tudo lhe parecia muito enervante e perturbador nos dias que corriam.

Sem qualquer tipo de surpresa da parte de Sophie, Benedict apareceu em casa da mãe na manhã seguinte para o pequeno-almoço. Sophie achou que conseguiria evitá-lo completamente, mas o problema é que ele se pôs a passear pelo átrio no momento em que ela tentava

atravessar para a cozinha com o intuito de fazer a refeição da manhã juntamente com o resto dos funcionários.

– E como foi a tua primeira noite no Número Seis de Bruton Street? – perguntou ele, o sorriso másculo e preguiçoso.

– Esplêndida – respondeu Sophie, afastando-se de modo a conseguir descrever um semicírculo à volta dele.

Mas, assim que deu um passo para a esquerda, ele deu um passo para a direita, bloqueando-lhe o caminho.

– Fico muito feliz que estejas a divertir-te – disse ele com voz de veludo.

Sophie deu um passo à direita. – Eu *estava* – respondeu ela incisivamente.

Benedict era demasiado donairoso para voltar a dar um passo à esquerda, mas conseguiu, sabe-se lá como, virar-se e encostar-se a uma mesa, de modo a ficar no caminho certo para mais uma vez lhe bloquear os movimentos. – Já te mostraram a casa? – perguntou ele.

– Sim, a governanta.

– E o terreno?

– Não há terreno.

Ele sorriu, os olhos castanhos calorosos, fazendo-a derreter. – Há um jardim.

– Mais ou menos do tamanho de uma nota de libra – contestou ela.

– Contudo...

– Contudo – cortou Sophie –, eu tenho de ir tomar o pequeno-almoço.

Ele deu um passo galante para o lado. – Até à próxima – murmurou.

E Sophie ficou com a sensação de que a próxima vez surgiria muito depressa.

Trinta minutos mais tarde, Sophie saiu lentamente da cozinha, meio à espera que Benedict saltasse à sua frente saído de trás de uma esquina.

Bem, talvez não estivesse meio à espera. A julgar pela dificuldade em respirar, estava, provavelmente, completamente à espera.

Mas ele não estava lá.

Ela avançou. Certamente ele surgiria a descer as escadas a qualquer momento, armando-lhe uma emboscada com a sua presença.

No entanto, nada de Benedict.

Sophie abriu a boca, interrompendo-se a tempo quando se apercebeu de que estava prestes a chamá-lo em voz alta.

– Que estúpida – murmurou.

– Quem é estúpido? – perguntou Benedict. – Não *tu*, seguramente.

Sophie quase deu um pulo. – De onde é que apareceu? – quis saber, assim que conseguiu recuperar a respiração.

Ele apontou para uma porta aberta. – Dali – ele respondeu, a voz cheia de inocência.

– Então agora decide aparecer de repente saído de *armários*!

– Claro que não. – Ele mostrou-se ofendido. – Aquilo é uma escada.

Sophie espreitou por trás dele. Era a escada lateral. A escada dos *empregados*. Certamente não um lugar onde um membro da família andasse a passear *por acaso*. – Tem por hábito descer às escondidas pela escada lateral? – perguntou, cruzando os braços.

Ele inclinou-se para frente, apenas o suficiente para deixá-la minimamente desconfortável e, embora não fosse capaz de o admitir a ninguém, nem mesmo a ela própria, um pouco excitada. – Só quando quero surpreender alguém.

Ela tentou passar por ele. – Tenho de ir trabalhar.

– Agora?

Ela rangeu os dentes. – Sim, agora.

– Mas a Hyacinth está a tomar o pequeno-almoço. Dificilmente podes arranjar-lhe o cabelo enquanto está a comer.

– Eu também assisto a Francesca e a Eloise.

Ele encolheu os ombros, sorrindo com inocência. – Elas também estão a tomar o pequeno-almoço. A verdade é que estás sem nada para fazer.

– O que mostra o quão pouco sabe sobre trabalhar para ganhar a vida – satirizou ela. – Tenho de passar a ferro, remendar, polir...

– Eles obrigam-te a polir as pratas?

– Sapatos! – ela quase gritou. – Eu tenho de polir sapatos.

– Ah! – Ele inclinou-se para trás, um ombro encostado à parede enquanto cruzava os braços. – Parece muito monótono.

– E *é* – resmoneou ela, tentando ignorar as lágrimas que de repente lhe picaram os olhos. Sabia que a sua vida era monótona, mas era doloroso ouvir alguém apontá-lo.

Um canto da boca dele ergueu-se num sorriso preguiçoso e sedutor. – Sabes perfeitamente que a tua vida não *tem* de ser monótona.

Ela tentou passar por ele. – Eu gosto dela assim.

Ele fez um movimento amplo com o braço para o lado, fazendo-lhe sinal para passar. – Se é assim que queres.

– Quero. – Mas a resposta não saiu com tanta firmeza como pretendia.

– *Quero* – repetiu. Pronto, está bem, não adiantava mentir para si mesma. Não queria. Não inteiramente. Mas era assim que tinha de ser.

– Estás a tentar convencer-te a ti própria ou a mim? – ele perguntou com toda a calma.

– Não vou sequer dar-me ao trabalho de responder – disse ela. Mas não o olhou nos olhos ao dizê-lo.

– O melhor é subires, então – disse ele, erguendo uma sobrancelha quando ela não se mexeu. – Tenho a certeza de que terás muitos sapatos para engraxar.

Sophie correu escadas acima – as escadas dos criados – sem olhar para trás.

Mais tarde encontrou-a no jardim – aquele pequeno retalho verde que ela recentemente (e de forma muito perspicaz) caracterizara como

tendo o tamanho de uma nota de libra. As irmãs Bridgerton tinham saído para visitar as irmãs Featherington e Lady Bridgerton estava a dormir a sesta. Sophie já tinha preparado e passado a ferro todos os vestidos que iriam usar no evento social daquela noite, as fitas de cabelo estavam escolhidas a combinar com cada vestido e havia uma quantidade de sapatos engraxados que daria para uma semana.

Com o trabalho todo concluído, Sophie decidiu fazer uma pequena pausa e ir ler para o jardim. Lady Bridgerton tinha-lhe dito que podia ir buscar os livros que desejasse à pequena biblioteca, por isso Sophie escolheu um romance recentemente publicado e acomodou-se numa cadeira de ferro forjado no pequeno pátio. Ainda só lera um capítulo quando ouviu passos a aproximar-se. Com esforço, conseguiu não olhar para cima até uma sombra recair sobre ela. Previsivelmente, era Benedict.

– *Mora aqui?* – perguntou Sophie secamente.

– Não – disse ele, deixando-se cair na cadeira ao lado dela –, embora a minha mãe esteja sempre a dizer-me para fazer de conta que esta é a minha casa.

Ela não conseguiu pensar em nenhum comentário espirituoso, então simplesmente fez «hmmph» e voltou a enfiar o nariz no livro.

Ele esticou os pés sobre a mesinha em frente. – E o que estamos a ler hoje?

– Essa pergunta – disse ela, fechando o livro com força, mas deixando o dedo a marcar a página –

pressupõe que eu esteja realmente a ler, o que garanto ser incapaz de fazer enquanto estiver aí sentado.

– A minha presença é assim tão irresistível?

– *É perturbadora.*

– Melhor do que monótona – salientou.

– Eu gosto da minha vida monótona.

– Se gostas da tua vida monótona, então isso só pode significar que não entendes a natureza da emoção.

A condescendência na voz dele era pavorosa. Sophie agarrou o livro

com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. – Já tive emoção suficiente na vida – disse ela por entre os dentes cerrados. –

Garanto-lhe.

– Eu gostaria muito de aprofundar essa conversa – disse ele com voz arrastada –, o problema é que achaste por bem não partilhar comigo *um único* detalhe da tua vida.

– Não foi um descuido da minha parte.

Ele deu estalidos com a língua de desaprovação. – Tanta hostilidade.

Os olhos dela quase saltaram das órbitas. – Raptou-me...

– Coagi – corrigiu ele.

– *Quer* que eu lhe bata?

– Não me importo – disse ele com suavidade. – E, além disso, agora que estás aqui, achas que foi realmente tão terrível eu ter-te forçado a vir? Gostas da minha família, não gostas?

– Sim, mas...

– Tratam-te bem, certo?

– Sim, mas...

– Então, qual é o problema? – perguntou ele com ar superior.

Sophie quase perdeu a paciência. Teve vontade de saltar da cadeira, agarrá-lo pelos ombros e sacudir, sacudir, sacudir, mas, no último momento, percebeu que essa era exatamente a vontade dele. Para o contrariar, apenas fungou e disse: – Se não é capaz de reconhecer o problema, não há maneira de lho conseguir explicar.

Ele deu uma gargalhada, o maldito homem. – Meu Deus, isso é que foi esquivar-se com habilidade.

Ela pegou no livro e abriu-o. – Estou a ler.

– A tentar, pelo menos – murmurou ele.

Ela virou uma página, mesmo não tendo lido os dois últimos parágrafos. Estava apenas a tentar mostrar-lhe como o ignorava e, além disso, poderia sempre voltar atrás e lê-las mais tarde, depois de

ele se ir embora.

– O livro está de cabeça para baixo – apontou ele.

Sophie engoliu em seco e olhou para baixo. – Não está nada!

Ele fez um sorriso trocista. – Mas ainda assim olhaste para ter a certeza, não foi?

Ela levantou-se, declarando: – Vou para dentro.

Ele levantou-se também. – E abandonar este esplêndido ar da primavera?

– E abandoná-lo a si – ela ripostou, apesar de ter notado o gesto de respeito para com ela. Cavalheiros normalmente não se levantavam perante meros criados.

– Que pena! – ele murmurou. – Estava a divertir-me tanto.

Sophie interrogou-se o quanto poderia magoá-lo se lhe atirasse o livro à testa. Provavelmente não o suficiente para compensar a perda da dignidade.

Ficava abismada com a facilidade com que ele era capaz de a enfurecer. Amava-o desesperadamente, há muito que desistira de mentir a si mesma sobre isso, e no entanto ele conseguia pôr-lhe o corpo todo a tremer de raiva apenas com uma observação sarcástica.

– *Adeus*, Mr. Bridgerton.

Ele despediu-se dela com um aceno. – Vejo-te mais tarde, seguramente.

Sophie fez uma pausa, duvidando se gostava do comportamento desdenhoso dele.

– Pensei que te ias embora – disse ele, com um ar vagamente divertido.

– E vou – insistiu ela.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, mas não disse nada. Não era preciso. A vaga expressão de zombaria nos seus olhos fazia-o muito bem.

Ela virou-se e caminhou em direção à porta que conduzia ao interior,

mas a meio caminho, ouviu-o dizer alto: – O teu novo vestido é bastante atraente.

Ela parou e suspirou. Poderia ter passado de falsa protegida de um conde a simples criada pessoal, mas a boa educação cabia em toda a parte e não podia ignorar um elogio. Virando-se, disse: – Obrigada.

Foi um presente da sua mãe. Acho que pertenceu a Francesca.

Ele inclinou-se contra o muro, a postura enganosamente lânguida. – Isso é um costume, não é, partilhar os vestidos com a criada pessoal?

Sophie assentiu. – Depois de deixar de o usar, sim. Ninguém daria um vestido novo.

– Percebo.

Sophie olhou para ele com desconfiança, imaginando por que diabos estava ele preocupado com o estado do seu vestido novo.

– Não querias ir para dentro? – perguntou ele.

– O que está para aí a congeminar? – quis ela saber.

– Porque achas que estou a congeminar alguma coisa?

Ela franziu os lábios antes de dizer: – Nem seria a mesma pessoa se não estivesse a arquitetar alguma coisa.

Ele sorriu ao comentário. – Acredito que isso foi um elogio.

– A intenção não era necessariamente essa.

– Contudo – ele disse suavemente –, é assim que vou optar por tomá-lo.

Ela não sabia qual a melhor forma de responder, de modo que não disse nada. Também não se moveu em direção à porta. Não sabia porquê, já que tinha sido bastante determinada no seu desejo de ficar sozinha. Mas o que dizia e o que sentia nem sempre eram o mesmo. No coração, ansiava por aquele homem, sonhava com uma vida que nunca poderia ter.

Não devia ficar tão zangada com ele. Ele não deveria tê-la forçado a vir para Londres contra a sua vontade, era verdade, mas não podia culpá-lo por querê-la como amante. Tinha feito o que qualquer homem da sua posição teria feito. Sophie não tinha ilusões sobre o seu

lugar na sociedade londrina. Ela era uma simples criada. E a única coisa que a separava das outras criadas e funcionários era ter experimentado um pouco de luxo quando criança. Tinha sido educada com cuidado, ainda que sem amor, e a experiência moldara os seus ideais e valores. Agora estava presa entre dois mundos, sem um lugar definido em nenhum deles.

– Estás com um ar muito sério – disse ele em voz baixa.

Sophie ouviu-o, mas não conseguia libertar-se dos pensamentos.

Benedict deu um passo adiante. Estendeu a mão para lhe tocar o queixo, mas conteve-se. Havia algo de intocável nela naquele momento, algo de inalcançável. – É-me insuportável ver-te assim tão triste – disse ele, surpreendido com as suas próprias palavras. Não tinha a intenção de dizer nada, mas escapara-lhe.

Ela olhou para cima ao ouvir a frase. – Eu não estou triste.

Ele abanou a cabeça ao de leve. – Há uma profunda tristeza nos teus olhos. Que raramente desaparece.

A mão dela voou para o rosto, como se pudesse realmente tocar a tristeza, como se fosse uma coisa sólida que pudesse ser eliminada com uma massagem.

Benedict pegou na mão dela e levou-a aos lábios. – Gostava tanto que partilhasses os teus segredos comigo.

– Eu não tenho...

– Não mintas – interrompeu ele, o tom mais ríspido do que pretendia.
– Tens mais segredos do que qualquer mulher que... – Calou-se, a imagem súbita da mulher do baile de máscaras surgindo-lhe na mente.
– Mais do que praticamente qualquer mulher que conheço – completou.

Os olhos dela encontraram os dele por breves segundos e então ela desviou-os. – Não há nada de errado em ter segredos. Se eu decidir...

– Os segredos estão a dar cabo de ti – disse ele bruscamente. Não queria ficar ali a ouvir as desculpas dela e a frustração foi mais forte do que a paciência. – Tens a oportunidade de mudar a vida, de esticar a mão e agarrar a felicidade e mesmo assim recusas-te a fazê-lo.

– Não posso – disse ela, e a dor na voz dela deixou-o sem reação.

– Isso é um absurdo – contestou ele. – Podes fazer o que te apetecer. Simplesmente não queres.

– Não torne tudo mais difícil do que já é – ela sussurrou.

Assim que ela o disse, ele sentiu uma espécie de energia dentro dele. Era algo palpável, uma estranha sensação de detonação que libertou uma onda de sangue, alimentando a raiva frustrada que borbulhava dentro dele há dias. – Achas que não é difícil? – perguntou ele. – Achas que não é *difícil*?

– Eu não disse isso!

Ele agarrou-a pela mão, puxando o corpo dela contra o seu, para que pudesse ver por si mesma o quão duro era para ele. – Eu desejo-te até à loucura – disse ele, os lábios encostados à orelha dela. – Todas as noites, fico deitado na cama, a pensar em ti, perguntando-me porque diabos estás aqui com a minha mãe e não comigo.

– Eu não queria...

– O problema é que não sabes o que queres – ele cortou. Era uma afirmação cruel, condescendente ao extremo, mas já não queria saber. Ela ferira-o de uma forma que ele nem sabia possível, com um poder que ele nunca imaginara que ela possuísse. Ela havia escolhido uma vida de labuta em vez de uma vida com ele e agora ele estava condenado a vê-la quase todos os dias, a vê-la, a senti-la, a cheirá-la, apenas o suficiente para manter-lhe o desejo vívido e intenso.

A culpa era dele, claro. Ele poderia tê-la deixado ficar no campo, poderia ter-se poupado àquela tortura dilacerante. Mas surpreendera até a si mesmo ao insistir que ela viesse com ele para Londres. Era estranho, e até tinha medo de analisar o que isso significava, mas precisava de saber que ela estava segura e protegida mais do que o desejo de a ter para si.

Ela disse o nome dele, a voz envolvida num tom de desejo, e ele percebeu que ela não ficava indiferente a ele. Podia não entender plenamente o que significava desejar um homem, mas ela desejava-o ainda assim.

Ele tomou a boca dela com a sua, jurando a si mesmo que se ela dissesse não, se ela desse qualquer tipo de indicação de que não queria, ele pararia. Seria a coisa mais difícil que já fizera, mas fá-lo-ia.

Mas ela não disse não, nem tentou fugir, ou empurrá-lo ou contorcer-

se. Pelo contrário, permaneceu nos braços dele, como se fundida com o corpo dele, as mãos entrelaçadas no seu cabelo enquanto os lábios se abriam sob os seus. Ele não sabia porque teria ela de repente decidido deixar que ele a beijasse, melhor, porque teria decidido *beijá-lo*, mas não ia afastar os lábios dos dela para se interrogar porquê.

Aproveitou o momento, saboreando-a, bebendo-a, *respirando-a*. Já não tinha tanta confiança de ser capaz de a convencer a tornar-se sua amante e era subitamente imperativo que aquele beijo fosse mais do que apenas um beijo. Talvez tivesse de durar uma vida inteira.

Beijou-a com vigor renovado, afastando a voz miudinha na sua cabeça, dizendo-lhe que já estivera naquela situação antes. Dois anos antes, dançara com uma mulher, beijara-a e ela dissera-lhe que ele teria de concentrar uma vida inteira num único beijo.

Na altura fora presunçoso, não acreditara nela. E perdera-a, talvez tivesse até perdido tudo. Desde aí que não encontrara ninguém com quem fosse capaz de imaginar uma vida a dois.

Até Sophie.

Ao contrário da mulher de vestido prateado, ela não era alguém com quem pudesse esperar casar, mas, ao contrário da mulher de vestido prateado, ela estava *ali*.

E ele não ia deixá-la fugir.

Ela estava ali, com ele, e parecia o paraíso. O suave aroma do seu cabelo, o ligeiro sabor salgado da sua pele... ela tinha nascido, pensou, para repousar no abrigo dos seus braços. E ele nascido para a abraçar.

– Vem para casa comigo – sussurrou-lhe ao ouvido.

Ela não respondeu, mas ele sentiu-a gelar.

– Vem para casa comigo – repetiu ele.

– Eu não posso – disse ela, a respiração de cada palavra sussurrada na pele.

– *Podes* sim.

Ela abanou a cabeça em sinal de negação, mas não se afastou, então ele aproveitou o momento e voltou a beijá-la. Desta vez a língua dele

entrou com urgência, explorando todos os recantos quentes da boca dela, saboreando-lhe a essência. A mão procurou a elevação do peito, apertando com suavidade, perdendo o fôlego ao senti-la estremecer. Mas não era o suficiente. Queria sentir-lhe a pele, não o tecido do vestido.

Mas aquele não era o lugar. Estavam no jardim da mãe, pelo amor de Deus. A qualquer momento podia aparecer alguém e, para ser franco, se não a tivesse puxado para o recanto junto à porta, qualquer pessoa poderia tê-los visto. Era o tipo de coisa que poderia fazer com que Sophie perdesse o emprego.

Talvez ele devesse tê-la mantido à vista, para toda a gente ver, porque então ela ficaria sozinha novamente e sem outra escolha que não ser sua amante.

Que era, lembrou a si mesmo, exatamente o que ele queria.

Mas ocorreu-lhe – e, francamente, até estava surpreendido por ter a presença de espírito naquele momento de *sequer* pensar – que parte da razão porque gostava tanto dela era pela consciência extraordinariamente sólida e inabalável de si mesma. Ela sabia quem era e, infelizmente para ele, essa pessoa não se afastava dos limites da sociedade respeitável.

Se ele a arruinasse de forma tão pública, diante de pessoas que ela admirava e respeitava, destruir-lhe-ia o espírito. E isso seria um crime imperdoável.

Lentamente, começou a afastar-se. Desejava-a com a mesma intensidade, e ainda queria que ela fosse sua amante, mas não ia forçar a situação, comprometendo-a na casa da sua mãe. Quando ela se desse a ele (e jurava que ela o *faria*), teria de ser de livre vontade.

Entretanto, iria cortejá-la, cansá-la. Entretanto, iria...

– Parou – ela sussurrou, parecendo surpreendida.

– Este não é o lugar próprio – respondeu ele.

Por um momento, o rosto dela não mostrou nenhuma mudança de expressão. Então, quase como se alguém tivesse descerrado uma cortina sobre o seu rosto, o horror surgiu. Começou nos olhos, que se tornaram incrivelmente redondos e de alguma forma ainda mais verdes do que o habitual, depois chegou à boca, os lábios abrindo-se num inspirar aflito.

- Eu não pensei – sussurrou, mais para ela do que para ele.
- Eu sei. – Ele sorriu. – Eu sei. Detesto quando te pões a pensar. Acaba sempre mal para mim.
- Isto não pode voltar a acontecer.
- Pelo menos, não *aqui*.
- Não, quero dizer...
- Estás a estragar tudo.
- Mas...
- Faz-me a vontade – disse ele – e deixa-me acreditar que a tarde terminou sem que me dissesses que isto nunca mais vai acontecer.
- Mas...

Ele encostou um dedo aos lábios dela. – Não estás a fazer-me a vontade.

- Mas...
- Não mereço esta pequena fantasia?

Finalmente conseguiu convencê-la. Ela sorriu.

- Ainda bem – disse ele. – Assim está melhor.

Os lábios dela tremeram e, então, surpreendentemente, o sorriso dela abriu-se ainda mais.

- Excelente – ele murmurou. – Vou então deixar-te. E tens apenas uma tarefa, enquanto isso. Vais ficar aqui e manter esse sorriso. Porque parte-se-me o coração ver qualquer outra expressão no teu rosto.
- Não será capaz de me ver – salientou ela.

Ele tocou-a no queixo. – Mas vou saber.

E então, antes de a expressão dela se alterar daquela encantadora combinação de choque e adoração, ele foi-se embora.

Os Featherington organizaram um pequeno jantar ontem à noite e, embora esta Vossa Autora não tenha tido o privilégio de ser convidada, a notícia é que a noite foi considerada um sucesso. Três membros da família Bridgerton participaram, mas, infelizmente para as meninas Featherington, nenhum dos Bridgerton era da variedade masculina. O sempre afável Nigel Berbrooke estava lá, prestando grande atenção a Miss Philippa Featherington.

Esta Vossa Autora foi informada de que tanto Benedict como Colin Bridgerton foram convidados, mas tiveram de declinar o convite.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

19 DE MAIO 1817

Os dias passaram a semana e Sophie descobriu que trabalhar para os Bridgerton a mantinha na verdade muito ocupada. O trabalho dela era ser criada pessoal das três meninas solteiras, e os seus dias eram preenchidos com arranjos de cabelo, costura, passar vestidos a ferro, engraxar sapatos... Não saía de casa uma única vez – a menos que contasse aquela vez no jardim das traseiras.

Mas enquanto a vida em casa de Araminta era triste e humilhante, a vida em casa dos Bridgerton era cheia de gargalhadas e sorrisos. As meninas peguilhavam e arreliavam-se, mas nunca com a maldade que Sophie observara em Rosamund em relação a Posy. E quando o chá era informal, no andar de cima, apenas com a presença de Lady Bridgerton e das meninas, Sophie era sempre convidada a participar.

Normalmente trazia o cesto da costura e punha-se a pontear ou a coser botões enquanto os Bridgerton tagarelavam, mas era tão agradável poder sentar-se e saborear uma boa chávena de chá com leite fresco e scones quentinhos. E alguns dias depois, Sophie começou a sentir-se suficientemente à vontade para, ocasionalmente, entrar nas conversas.

Tinha-se tornado a altura do dia preferida de Sophie.

– Onde é que acham que o Benedict se enfiou? – perguntou Eloise certa tarde, cerca de uma semana depois do que Sophie classificava como *o grande beijo*.

– Ai!

Quatro rostos Bridgerton se viraram para Sophie. – Está bem? – perguntou Lady Bridgerton, a chávena de chá suspensa a meio caminho entre o pires e a boca.

Sophie fez uma careta. – Piquei-me no dedo.

Os lábios de Lady Bridgerton curvaram-se num leve sorriso secreto.

– A minha mãe já lhe disse – começou a jovem de catorze anos, Hyacinth – pelo menos *mil* vezes...

– Mil vezes? – interrompeu Francesca, de sobranceiras erguidas.

– Cem vezes – emendou Hyacinth, atirando um olhar irritado à irmã mais velha – que não precisa de trazer a costura para o chá.

Sophie reprimiu um sorriso. – Sentir-me-ia muito preguiçosa se não o fizesse.

– Eu cá não vou trazer o meu bordado – declarou Hyacinth; não que alguém lhe tivesse pedido para o fazer.

– Não te sentes preguiçosa? – inquiriu Francesca.

– Nem um pouco – retorquiu Hyacinth.

Francesca virou-se para Sophie. – Está a fazer com que Hyacinth se sinta preguiçosa.

– Não sinto nada! – protestou Hyacinth.

Lady Bridgerton bebeu um gole do seu chá. – Estás a trabalhar no *mesmo* bordado há bastante tempo, Hyacinth. Desde fevereiro, se a minha memória não me falha.

– A memória dela nunca falha – disse Francesca a Sophie.

Hyacinth olhou fixamente para Francesca, que sorriu para a chávena de chá.

Sophie tossiu para esconder um sorriso. Francesca, que, com vinte anos, era apenas um ano mais nova que Eloise, possuía um sentido de humor astuto e subversivo. Um dia Hyacinth iria igualá-la, mas não para já.

– Ninguém respondeu à minha pergunta – anunciou Eloise, pousando a chávena de chá no pires com ruído. – Onde está o Benedict? Já não

veja há imenso tempo.

– Há uma semana – corrigiu Lady Bridgerton.

– Ai!

– Precisa de um dedal? – Hyacinth perguntou a Sophie.

– Normalmente não sou tão desajeitada – murmurou Sophie.

Lady Bridgerton levou a chávena aos lábios, mantendo-a ali mais tempo do que o esperado.

Sophie rangeu os dentes e voltou à costura, furiosa. Estava muito espantada por Benedict ainda não ter aparecido, nem que por breves instantes, desde *o grande beijo* da semana anterior. Apanhava-se a espreitar às janelas, pelos cantos, sempre à espera de o ver.

Contudo, ele nunca lá estava.

Sophie não conseguia decidir se ficava desolada ou aliviada. Ou ambas.

Suspirou. Definitivamente ambas.

– Disse alguma coisa, Sophie? – perguntou Eloise.

Sophie abanou a cabeça e murmurou um «não», recusando-se a levantar o olhar do seu pobre dedo indicador maltratado. Com um esgar, beliscou a pele, vendo uma gota de sangue surgir lentamente na ponta do dedo.

– Onde é que ele *está*? – persistiu Eloise.

– O Benedict tem trinta anos – disse Lady Bridgerton numa voz suave.

– Ele não precisa de nos informar de tudo o que faz.

Eloise bufou alto. – Isso é que é mudar de ideias desde a semana passada, mãe.

– O que queres dizer com isso?

– Onde está Benedict? – escarneceu Eloise, imitando a mãe de forma muito razoável. – Como ousa ele sair sem dizer para onde vai? É como se tivesse desaparecido da face da Terra.

– Isso foi muito diferente – justificou Lady Bridgerton.

– Como assim? – A pergunta veio de Francesca, que ostentava o seu habitual sorriso matreiro.

– Porque ele tinha dito que ia à festa daquele terrível Cavender e depois nunca mais voltou, ao passo que *desta* vez... – Lady Bridgerton parou, apertando os lábios. – *Porque* estou a explicar-te seja o que for?

– Nem posso imaginar – murmurou Sophie.

Eloise, que era quem estava sentada mais próxima de Sophie, engasgou-se com o chá.

Francesca bateu nas costas de Eloise e inclinou-se para a frente para perguntar: – Disse alguma coisa, Sophie?

Sophie abanou a cabeça, espetando a agulha no vestido que estava a arranjar, falhando completamente a bainha.

Eloise lançou-lhe um olhar dúbio de esguelha.

Lady Bridgerton pigarreou. – Bem, eu acho... – interrompeu-se, inclinando a cabeça para o lado. – Ora esta, está alguém no corredor?

Sophie abafou um resmungo e olhou para a porta, esperando a entrada do mordomo. Wickham lançava-lhe sempre uma careta de desaprovação antes de transmitir qualquer notícia que viesse trazer. Não aprovava que a criada tomasse chá com as senhoras da casa, e embora nunca tivesse vocalizado a sua opinião sobre o assunto na frente dos Bridgerton, também não fazia qualquer esforço para evitar que ela lhe transparecesse no rosto.

Mas em vez de Wickham, foi Benedict quem entrou pela porta.

– Benedict! – exclamou Eloise, levantando-se. – Estávamos mesmo agora a falar de ti.

Ele olhou para Sophie. – Ai sim?

– *Eu* não estava – murmurou Sophie.

– Disse alguma coisa, Sophie? – perguntou Hyacinth.

– Ai!

– Vou ter de lhe tirar a costura – disse Lady Bridgerton com um sorriso divertido. – Vai perder um quartilho de sangue antes de o dia terminar.

Sophie levantou-se, um pouco instável. – Vou buscar um dedal.

– Não tem um *dedal*? – perguntou Hyacinth. – Eu nunca *sonharia* em costurar sem um dedal.

– Alguma vez já sonhaste em costurar? – comentou Francesca com um sorriso afetado.

Hyacinth deu-lhe um pontapé, quase derrubando o serviço de chá.

– Hyacinth! – repreendeu Lady Bridgerton.

Sophie olhou para a porta, tentando desesperadamente manter os olhos fixos em alguma coisa que não Benedict. Tinha passado toda a semana à espera de o ver, mas agora que ele estava ali tudo o que queria era fugir. Se olhasse para ele, sabia que os seus olhos inevitavelmente se perderiam nos lábios. E se olhasse para os lábios, os pensamentos correriam imediatamente para o beijo. E se pensasse no beijo...

– Preciso do dedal – ela deixou escapar, levantando-se de um salto. Algumas coisas simplesmente não deviam ser pensadas em público.

– Foi o que disse – murmurou Benedict, uma das sobrancelhas erguendo-se num arco perfeito... e perfeitamente arrogante.

– Está lá em baixo – ela murmurou. – No meu quarto.

– Mas o seu quarto é lá em cima – corrigiu Hyacinth.

Sophie tinha vontade de a matar. – Foi o que eu disse – resmoneou.

– Não, não foi – disse Hyacinth em tom prosaico.

– Sim, foi – disse Lady Bridgerton. – Eu ouvi.

Sophie virou a cabeça bruscamente para olhar para Lady Bridgerton e percebeu num instante que a senhora tinha mentido. – Tenho de ir buscar o dedal – disse ela, pelo que pareceu ser a trigésima vez.

Apressou-se a ir até à porta, engolindo em seco ao aproximar-se de Benedict.

– Não quero que se magoe – disse ele, afastando-se para a deixar passar. Mas no momento em que passou por ele, ele inclinou-se, sussurrando: – Covarde!

Sophie sentiu o rosto a arder e já ia a meio da escada quando se deu conta que pretendia subir para o quarto. Raios, não queria subir as escadas e ser obrigada a passar outra vez por Benedict. Provavelmente ainda estaria à porta e os lábios iriam torcer-se, zombeteiros, à sua passagem, num daqueles sorrisos levemente brincalhões e sedutores que conseguiam sempre deixá-la sem fôlego.

Isto era um desastre. Não havia maneira de ser capaz de viver ali. Como poderia permanecer com Lady Bridgerton quando cada vislumbre de Benedict lhe transformava os joelhos em água? Não era suficientemente forte. Ele ia vencê-la pelo cansaço, fazê-la esquecer todos os seus princípios, todos as

suas promessas. Ia ter de sair. Não havia outra opção.

E isso era realmente mau, porque *gostava* de trabalhar para as irmãs Bridgerton. Tratavam-na como um ser humano e não como um burro de carga mal pago. Faziam-lhe perguntas e pareciam importar-se com as respostas.

Sophie sabia que não pertencia ali, que nunca seria um deles, mas eles tornavam tão fácil fazer de conta que sim. E para ser sincera, tudo o que Sophie sempre quisera da vida era uma família.

Com os Bridgerton, ela quase podia fingir ter uma.

– Enganou-se no caminho?

Sophie olhou para cima e viu Benedict no cimo das escadas, encostado preguiçosamente à parede.

Olhou para baixo e percebeu que ainda estava em pé na escada. – Vou sair – disse.

– Para comprar um dedal?

– Sim – respondeu ela em tom desafiador.

– Não precisa de dinheiro?

Podia mentir e dizer que tinha dinheiro no bolso ou podia dizer a verdade e fazer figura de parva. Ou podia simplesmente descer as escadas e sair de casa. Era a decisão covarde, mas...

– Tenho de ir – murmurou, desaparecendo tão rapidamente que se esqueceu completamente de que deveria usar a porta dos empregados.

Derrapou pelo átrio de entrada e abriu a pesada porta, descendo aos tropeções os degraus da entrada. Quando os pés tocaram o passeio, virou para norte, não por algum motivo especial, apenas porque tinha de tomar uma direção e foi então que ouviu a voz.

Aquela voz horrível, medonha, terrífica.

Meu Deus, era Araminta.

Sophie sentiu o coração parar e, a toda a pressa, espalmou-se contra a parede. Araminta estava virada para a rua e, a menos que olhasse para trás, nunca iria reparar em Sophie.

Pelo menos era fácil permanecer em silêncio quando não se conseguia respirar.

O que estava ela ali a fazer? A Penwood House ficava a pelo menos oito quarteirões de distância, perto de...

Então Sophie lembrou-se. No ano anterior tinha lido no *Whistledown*, num dos poucos exemplares a que conseguira deitar a mão enquanto trabalhava para os Cavender, que o novo conde de Penwood tinha finalmente decidido fixar residência em Londres. Araminta, Rosamund e Posy tinham sido obrigadas a encontrar outra casa.

Ao lado da dos Bridgerton? Sophie não podia imaginar pior pesadelo nem que tentasse.

– Onde está aquela rapariga insuportável? – ouviu Araminta resmungar.

Sophie sentiu imediatamente pena da rapariga em questão. Como anterior «rapariga insuportável» de Araminta, sabia que a posição trazia poucos benefícios.

– Posy! – gritou Araminta, marchando em seguida para uma carruagem que aguardava.

Sophie mordeu o lábio, sentindo um aperto no coração. Naquele momento, soube exatamente o que devia ter acontecido depois de se ter ido embora. Araminta teria contratado uma nova criada e provavelmente tê-la-ia tratado de forma igualmente bruta, mas não devia ter sido capaz de rebaixar e humilhar a pobre moça da mesma maneira que fazia com Sophie. Era preciso conhecer essa pessoa e odiá-la profundamente para se ser tão cruel. Um qualquer criado não era suficiente.

E como Araminta tinha de estar sempre a rebaixar alguém (ela não sabia como se sentir bem consigo própria sem fazer alguém sentir-se mal), obviamente tinha elegido Posy como bode expiatório.

Posy saiu de casa a correr, o rosto com uma expressão atormentada e abatida. Tinha um ar infeliz e estava talvez um pouco mais pesada do que há dois anos. De certeza que Araminta não gostava disso, pensou Sophie sombriamente. Nunca fora capaz de aceitar que Posy não era miudinha e loira e bonita

como Rosamund e ela. Se Sophie tinha sido a Némesis de Araminta, então Posy fora sempre a sua desilusão.

Sophie observou Posy parar no cimo da escada e baixar-se para apertar os cordões dos botins.

Rosamund espreitou pela janela da carruagem e gritou: – Posy! – numa voz que Sophie achou estridente e muito pouco atraente.

Sophie voltou a encostar-se à parede, virando a cabeça para o outro lado, porque estava mesmo na linha de visão de Rosamund.

– Estou a ir! – disse Posy.

– Despacha-te! – resmungou Rosamund.

Posy terminou de amarrar os cordões e desatou a correr, mas o pé escorregou-lhe no último degrau e um momento depois estava estatelada no chão. O primeiro instinto de Sophie foi ir ajudá-la, mas conteve-se a tempo, espalmando-se mais uma vez contra a parede. Posy não se tinha magoado e não havia nada na vida que Sophie quisesse menos do que Araminta ficar a saber que estava viver em Londres, praticamente na porta ao lado.

Posy levantou-se do chão, parando para esticar o pescoço, primeiro para a direita, depois para a esquerda e então...

Então viu-a. Sophie tinha a certeza. Os olhos de Posy arregalaram-se e a boca abriu-se ligeiramente.

Depois os lábios juntaram-se para pronunciar o «S» de... Sophie?

Sophie abanou a cabeça freneticamente.

– Posy! – veio o grito zangado de Araminta.

Sophie voltou a abanar a cabeça, os olhos pedindo, implorando a Posy

que não a denunciasses.

– Estou a ir, mãe! – exclamou Posy. Dirigiu um único aceno curto a Sophie e depois subiu para a carruagem, que felizmente seguiu na direção oposta.

Fraca, Sophie deixou-se ficar encostada ao edifício. Não se mexeu durante um minuto inteiro.

E continuou sem se mexer durante mais cinco.

Benedict não queria privar a mãe e irmãs de nada, mas assim que Sophie saiu a correr da sala de estar de cima, perdeu todo o interesse em chá e *scones*.

– Eu estava aqui a pensar onde estarias – dizia Eloise.

– Hum? – Ele esticou ligeiramente a cabeça para a direita, tentando perceber o quanto conseguia ver da rua através da janela a partir daquele ângulo.

– Eu disse – Eloise praticamente gritou – que estava aqui a pensar...

– Eloise, baixa o tom de voz – interveio Lady Bridgerton.

– Mas ele não está a ouvir.

– Se ele não está a ouvir – disse Lady Bridgerton –, então não é a gritar que vais conseguir a sua atenção.

– Atirar-lhe um *scone* pode funcionar – sugeriu Hyacinth.

– Hyacinth, não te atre...

Mas Hyacinth já tinha arremessado o *scone*. Benedict desviou-se do caminho, apenas um segundo antes de lhe acertar na cabeça. Olhou primeiro para a parede, que apresentava uma mancha ligeira onde o *scone* tinha batido, e depois para o chão, onde tinha aterrado, notavelmente ainda inteiro.

– Acho que é a minha deixa para sair – ele disse baixinho, atirando um sorriso atrevido à irmã mais nova. O *scone* voador tinha-lhe dado a desculpa de que precisava para sair discretamente e ver se conseguia encontrar Sophie onde quer que ela se tivesse enfiado.

– Mas acabaste de chegar – lembrou a mãe.

Benedict encarou-a de imediato, desconfiado. Ao contrário do tom de queixume costumeiro de «Mas acabaste de chegar» ela não parecia nem um pouco incomodada com a sua saída.

O que significava que estava a arquitetar alguma.

– Posso ficar – disse ele, só para a testar.

– Oh, não – contrapôs ela, levando a chávena de chá aos lábios, embora ele tivesse quase a certeza de que estava vazia. – Não te queremos prender, se estás ocupado.

Benedict esforçou-se por manter uma expressão impassível ou, pelo menos, para esconder o choque. A última vez que dissera à mãe que estava «ocupado» ela respondera com um «demasiado ocupado para a tua mãe?»

O primeiro impulso foi o de declarar «Eu fico» e sentar-se numa cadeira, mas teve a presença de espírito suficiente para perceber que ficar ali só para contrariar a mãe era ridículo, quando o que realmente queria fazer era sair. – Então, vou indo – disse devagar, recuando até à porta.

– Vai, vai – disse ela, enxotando-o. – Diverte-te.

Benedict decidiu ir-se embora antes que ela conseguisse confundi-lo ainda mais. Baixou-se e apanhou o *scone*, atirando-o com jeitinho outra vez para Hyacinth, que o apanhou com um sorriso. Então, com um aceno de despedida para a mãe e irmãs, saiu para o corredor, e ao chegar às escadas ainda ouviu a mãe dizer: – Estava a ver que nunca mais se ia embora.

Muito estranho.

A passo largo e tranquilo, desceu as escadas e saiu pela porta da frente. Duvidava que Sophie ainda estivesse perto de casa, mas se tivesse ido às compras, só havia uma direção em que poderia ter seguido.

Virou à direita, com a intenção de caminhar até chegar à pequena fileira de lojas, mas havia percorrido apenas três passos quando viu Sophie, pressionada contra a parede exterior de tijolo da casa da mãe, com um ar de quem mal se conseguia lembrar de como respirar.

– Sophie? – Benedict correu na direção dela. – O que aconteceu? Estás bem?

Ela assustou-se quando o viu e depois fez que sim com a cabeça.

Ele não acreditava nela, é claro, mas não fazia muito sentido contradizê-la. – Estás a tremer – disse ele, olhando para as mãos dela. – Conta-me o que aconteceu. Alguém te incomodou?

– Não – respondeu ela, com a voz estranhamente trémula. – Eu só... Eu, hã... – O olhar dela recaiu nas escadas ao lado. – Eu tropecei ao descer as escadas e fiquei assustada. – Ela fez um sorriso débil. – Sabe como é, quando parece que ficamos de estômago revirado.

Benedict assentiu com a cabeça, porque obviamente percebia o que ela queria dizer. Mas isso não significava que acreditasse. – Vem comigo – disse ele.

Ela olhou para ele e algo nas profundezas daqueles olhos verdes lhe partiu o coração. – Onde? –

sussurrou ela.

– Para qualquer sítio, menos aqui.

– Eu...

– Eu moro cinco casas mais abaixo – disse ele.

– Ai sim? – Ela arregalou os olhos e depois murmurou: – Ninguém me disse.

– Prometo que a tua virtude não será comprometida – interrompeu ele e acrescentou, não conseguindo evitar –, a menos que *queiras*.

Desconfiava que ela teria protestado se não estivesse tão confusa, mas ela deixou-o conduzi-la pela rua. – Vamos só sentar-nos na sala de estar até que te sintas melhor – disse.

Ela assentiu com a cabeça e ele ajudou-a a subir os degraus da entrada até entrarem numa casa de cidade modesta um pouco a sul da casa da mãe.

Assim que ficaram confortavelmente aconchegados, e depois de Benedict ter fechado a porta para não serem incomodados por nenhum dos criados, virou-se para ela, preparado para dizer «Agora, porque não me contas o que se passou realmente», mas no último

minuto algo o fez conter-se. Podia perguntar, mas sabia que ela não iria responder. Ficaria na defensiva e isso não ajudaria em nada.

Então, forçou-se a mostrar uma expressão neutra e perguntou: – Estás a gostar de trabalhar para a minha família?

– São todos muito amáveis – respondeu ela.

– Amáveis? – repetiu ele, com a certeza de que a sua descrença estava estampada no rosto. – De enlouquecer, talvez. Até mesmo cansativos, mas amáveis?

– Acho que são muito amáveis – disse Sophie com firmeza.

Benedict começou a sorrir, porque amava a família profundamente e agradava-lhe que Sophie também estivesse a começar a gostar dela, mas de repente deu-se conta que isso só o prejudicava porque quanto mais Sophie se sentisse ligada à sua família, menos provável era que os quisesse magoar ao concordar em ser sua amante.

Maldição. Tinha cometido um grave erro de cálculo na semana anterior. Mas estava tão obcecado em fazê-la vir para Londres que uma posição em casa da mãe lhe pareceu a única maneira de a convencer.

Combinado com alguma coerção.

Raios. Raios. Raios. Porque não a tinha coagido a algo que tivesse facilitado um pouco mais o processo de ela se atirar nos seus braços?

– Deve agradecer aos Céus ter uma família assim – disse Sophie com o tom mais assertivo que tivera durante toda a tarde. – Eu daria qualquer coisa para...

Mas não terminou a frase.

– Darias tudo para quê? – perguntou Benedict, surpreso com o quanto queria ouvir a resposta.

Ela olhou pela janela com ar comovente e respondeu: – Para ter uma família como a sua.

– Não tens ninguém – disse ele, as palavras saindo como uma afirmação, não uma pergunta.

– Nunca tive ninguém.

– Nem mesmo a tua... – E então lembrou-se que ela tinha deixado escapar que a mãe havia morrido após o parto. – Às vezes – disse ele, mantendo sua voz propositadamente leve e gentil –, não é fácil ser um Bridgerton.

Ela virou a cabeça muito devagar. – Não consigo imaginar nada mais agradável.

– E é muito agradável – respondeu ele –, mas isso não significa que seja sempre fácil.

– O que quer dizer?

E Benedict acabou por dar voz a sentimentos que nunca partilhara com qualquer outro ser vivo, nem mesmo... especialmente com a família. – Para a maioria das pessoas eu sou apenas um Bridgerton. Não sou Benedict ou Ben ou até mesmo um cavalheiro de posses e, espero, um pouco de inteligência. Sou apenas – sorriu com tristeza – um Bridgerton. Mais especificamente o número dois.

Os lábios dela tremeram, abrindo-se depois num sorriso. – É muito mais do que isso – declarou.

– Gosto de pensar que sim, mas a maioria das pessoas não o vê dessa maneira.

– A maioria das pessoas é estúpida.

Ele teve de se rir com o comentário. Não havia nada mais encantador do que Sophie zangada. – Não me vais ver a discordar – disse ele.

Mas então, justamente quando achava que a conversa terminara, ela surpreendeu-o dizendo: – Não é nada como o resto da família.

– Como assim? – ele perguntou sem a encarar. Não queria que ela visse como a resposta dela era importante para ele.

– Bem, o seu irmão Anthony... – o rosto contraiu-se na reflexão. – Toda a vida dele foi alterada pelo facto de ser o mais velho. Ele obviamente sente uma responsabilidade para com a família que o senhor não sente.

– Espera aí...

– Não interrompa – disse ela, colocando a mão sobre o peito dele para o sossegar. – Eu não disse que não ama a sua família ou que não daria

a sua vida por qualquer um deles. Mas com o seu irmão é diferente. Ele sente-se responsável e eu acredito sinceramente que se sentiria um fracasso se qualquer um dos irmãos fosse infeliz.

– Quantas vezes já estiveste com o Anthony? – murmurou ele.

– Uma. – Os cantos da boca dela contraíram-se, como se suprimisse um sorriso. – Mas bastou. Quanto ao seu irmão mais novo, Colin... bem, não o conheci, mas já ouvi o bastante...

– De quem?

– De todos – respondeu ela. – Sem falar que ele está sempre a ser mencionado no *Whistledown*, que, devo confessar, leio há anos.

– Então já sabias quem eu era antes de me conhecer – disse ele.

Ela assentiu com a cabeça. – Mas eu não sabia *quem* era. E é muito mais do que Lady Whistledown pensa.

– Então, diz-me – disse ele, colocando a mão sobre a dela. – O que vês?

Sophie encontrou os olhos dele, mergulhando na profundidade achocolatada e viu algo que nunca sonhara existir. Uma pequena centelha de vulnerabilidade, de carência.

Ele precisava de saber o que ela pensava dele, que ele era importante para ela. Aquele homem, tão confiante e seguro de si, precisava da aprovação dela.

Talvez precisasse *dela*.

Ela rodou a mão até as palmas dos dois se tocarem, usando depois o outro dedo indicador para traçar círculos e espirais na pelica da luva dele. – Vejo que... – começou, medindo as palavras porque sabia que tudo o que dissesse num momento tão poderoso pesava muito mais – não é o homem que apresenta ao resto do mundo. Gosta que o vejam como afável e irónico e perspicaz, e é *todas* essas coisas, mas debaixo de tudo isso há muito mais.

– Preocupa-se – continuou, consciente de que a sua voz se tornara rouca de emoção – com a família, e até se preocupa comigo, embora Deus saiba que eu nem sempre mereço.

– Mereces sempre – ele interrompeu, levando a mão dela aos lábios e

beijando a palma com um fervor que tirou o fôlego a Sophie. – Sempre.

– E... e... – Era difícil continuar quando aqueles olhos penetravam os dela com emoção pura e genuína.

– E o quê? – sussurrou ele.

– Muito do que é vem da sua família – continuou ela, as palavras saindo numa torrente contínua. – Isso é verdade. É impossível crescer com tanto amor e dedicação e não se tornar uma pessoa melhor por causa disso. Mas no fundo, no seu coração, na sua alma, é o homem que nasceu para ser. Não o filho de alguém, não o irmão de alguém. Só o Benedict.

Benedict olhava-a intensamente. Abriu a boca para falar, mas descobriu que não tinha palavras. Não havia palavras para um momento como aquele.

– No fundo – ela murmurou – tem a alma de um artista.

– Não – disse ele, abanando a cabeça.

– Sim – insistiu ela. – Eu vi os seus desenhos. São extraordinários. Acho que só soube o quanto até ter conhecido a sua família. Captou-os a todos na perfeição, desde o ar matreiro no sorriso de Francesca à

forma travessa como Hyacinth coloca os ombros.

– Nunca mostrei a ninguém os meus esboços – admitiu.

Ela levantou a cabeça num repente. – Não pode estar a falar a sério.

Ele abanou a cabeça. – É verdade, nunca mostrei.

– Mas eles são brilhantes. O Benedict é brilhante. Tenho a certeza de que sua mãe adoraria vê-los.

– Não sei porquê – disse ele, sentindo-se envergonhado –, mas nunca quis partilhá-los.

– Partilhou-os comigo – disse ela suavemente.

– De alguma forma – disse ele, tocando-a no queixo – pareceu-me a coisa certa.

E nesse momento sentiu o coração sobressaltar-se, porque, de repente,

tudo parecia encaixar.

Ele amava-a. Não sabia como tinha acontecido, apenas que era verdade.

Não era apenas por ela ser conveniente. Havia muitas mulheres convenientes. Sophie era diferente.

Fazia-o rir. Fazia-o ter vontade de a fazer rir. E quando estava com ela... Bem, quando estava com ela desejava-a até à loucura, mas, naqueles poucos momentos em que conseguia controlar o seu corpo...

Sentia-se feliz.

Era estranho, encontrar uma mulher capaz de o fazer feliz apenas com sua presença. Não tinha sequer de a ver ou de ouvir a sua voz ou até mesmo de sentir o seu perfume. Só tinha de saber que ela estava lá.

Se aquilo não era amor, então não sabia o que era.

Olhou fixamente para ela, tentando prolongar o momento, agarrando-se àquele instante de completa perfeição. Algo se suavizou nos olhos dela e a cor pareceu derreter ali mesmo, de esmeralda incandescente para um tom suave de musgo. Os lábios abriram-se e suavizaram-se e ele soube que tinha de a beijar. Não que queria, mas que tinha de o fazer.

Precisava dela ao lado dele, debaixo dele, por cima dele.

Precisava dela dentro dele, perto dele, sendo parte dele.

Precisava dela tanto quanto precisava de ar.

E, pensou no último momento racional antes de os seus lábios encontrarem os dela, precisava dela imediatamente.

CAPÍTULO 17

Esta Vossa Autora soube de fonte segura que há dois dias, enquanto tomava chá no Gunter's, Lady Penwood foi atingida na cabeça com um biscoito voador.

Esta Vossa Autora é incapaz de determinar quem atirou o biscoito, mas todas as suspeitas apontam para as mais jovens clientes do estabelecimento, Miss Felicity Featherington e Miss Hyacinth Bridgerton.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

21 DE MAIO 1817

Sophie já havia sido beijada por Benedict antes, mas nada, nem um único momento de um beijo, a preparara para aquilo.

Não foi um beijo. Era o paraíso.

Ele beijou-a com uma intensidade que mal conseguia compreender, os lábios provocando os dela, acariciando, mordiscando. Acendeu um fogo dentro dela, um desejo de ser amada, uma necessidade de amar em troca. E, Deus, quando a beijou, tudo o que ela queria era retribuir o beijo.

Ela ouviu-o murmurar o nome dela, mas quase não deu conta devido ao rugido nos seus ouvidos. Isto era desejo. Isto era necessidade. Que tola era por pensar que podia negá-lo. Que presunçosa por pensar que era capaz de ser mais forte do que a paixão.

– Sophie, Sophie – dizia ele sem parar, os lábios acariciando-lhe o rosto, o pescoço, a orelha. Ele disse o nome dela tantas vezes que parecia impregnar-se na pele.

Ela sentiu as mãos dele nos botões do seu vestido, sentira o tecido a afrouxar a cada botão que deslizava da respetiva casa. Era exatamente o que jurara nunca fazer e, contudo, quando o corpete caiu até a cintura, deixando-a impudicamente exposta, gemeu o nome dele e arqueou as costas, oferecendo-se a ele como uma espécie de fruto proibido.

Benedict parou de respirar quando a viu. Tinha imaginado aquele momento tantas vezes... todas as noites deitado na cama, e em cada sonho, quando realmente dormia. Mas esta... realidade... era muito mais doce do que um sonho, e muito mais erótica.

A mão, que se encontrava a acariciar a pele quente das costas dela, começou a deslizar lentamente para a frente. – Tão linda – sussurrou ele, sabendo que as palavras eram absolutamente insuficientes. Como se meras palavras pudessem descrever o que sentia. E então, quando os dedos incertos terminaram a viagem e lhe tomaram o seio, ele soltou um gemido trémulo. As palavras eram impossíveis agora. O

desejo que sentia por ela era tão intenso, tão primitivo que lhe roubava a capacidade de falar. Raios, mal conseguia pensar.

Não fazia ideia de como aquela mulher tinha passado a ser tão importante para ele. Parecia que um dia era uma estranha e no outro lhe era tão indispensável quanto o ar. E, no entanto, não tinha acontecido como um relâmpago. Tinha sido um processo discreto e sorrateiro, toldando-lhe lentamente as emoções até ele se dar conta que, sem ela, a vida não fazia sentido.

Ele tocou-a no queixo, erguendo-lhe o rosto até poder perscrutar a expressão dos seus olhos. Pareciam possuir um brilho interior, reluzentes de lágrimas não derramadas. Os lábios tremiam também e ele soube que ela se sentia tão afetada pelo momento como ele.

Ele inclinou-se para a frente... muito, muito devagar. Queria dar-lhe a oportunidade de dizer não.

Ficaria mortificado se ela o fizesse, mas seria muito pior ouvir depois o arrependimento.

Mas ela não disse que não e, quando ele se encontrava a apenas uns centímetros de distância, ela fechou os olhos e inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, num convite silencioso ao beijo.

Era extraordinário, mas de cada vez que a beijava, os lábios dela pareciam ficar mais doces, o perfume mais sedutor. E o desejo crescia, também. O sangue corria-lhe louco pelas veias e ele precisou de cada pinga de contenção para não a deitar no sofá e lhe arrancar a roupa do corpo.

Isso viria depois, pensou com um sorriso secreto. Mas esta – certamente a primeira vez dela – seria lenta e terna, tudo que uma jovem sonhava.

Bem, talvez não. O sorriso secreto transformou-se num sorriso rasgado. Metade das coisas que lhe ia fazer, ela não teria sequer *imaginado*.

– Porque estás a sorrir? – perguntou ela.

Ele recuou alguns centímetros, tomando-lhe o rosto com as duas mãos.

– Como sabias que eu estava a sorrir?

– Senti-o nos lábios.

Ele levou um dedo aos lábios dela, traçando o contorno, passando em seguida a ponta da unha ao longo da pele macia. – Fazes-me sorrir – sussurrou. – Quando não me fazes ter vontade de gritar, fazes-me sorrir.

Os lábios dela estremeceram, a respiração quente e húmida no dedo dele. Pegou na mão dela e levou-a à sua própria boca, passando o dedo nos lábios, da mesma maneira que havia feito nos dela. E enquanto observava os olhos dela arregalarem-se, mergulhou o dedo na sua boca, sugando suavemente a ponta e acariciando a pele usando os dentes e a língua.

Ela soltou um arquejo, um som simultaneamente doce e erótico.

Benedict tinha centenas de perguntas para lhe fazer – Como é que ela se sentia? O que sentia? –, mas tinha tanto medo que ela mudasse de ideias se lhe desse a oportunidade de colocar os pensamentos em palavras. Então, em vez de fazer perguntas, deu-lhe beijos, voltando a pousar os lábios nos dela numa dança escaldante de desejo incontido.

Murmurou o nome dela como uma bênção ao deitá-la no sofá, as costas nuas roçando contra o tecido. –

Quero-te tanto – ele gemeu. – Tanto que nem fazes ideia. Tanto, tanto.

A única resposta dela foi quase um miado suave vindo do fundo da garganta. Por alguma razão, funcionou como combustível no fogo existente dentro dele e as mãos agarraram-na com ainda mais força, pressionando-lhe a pele enquanto os lábios traçavam a garganta de cisne.

A partir daí, foi descendo, descendo, deixando um trilho de fogo na pele dela, parando apenas um breve instante quando atingiu a ondulação suave dos seios. Ela estava completamente por baixo dele agora, os olhos vidrados de desejo, e era muito melhor do que qualquer sonho.

Oh, e como havia sonhado com ela.

Com um rugido baixo e possessivo, Benedict tomou um mamilo com a boca. Ela soltou um grito leve e ele foi incapaz de conter o seu próprio ruído de satisfação. – Espera – murmurou –, deixa-me só...

– Mas...

Ele pressionou um dedo contra os lábios dela, talvez de forma um

pouco rude, mas estava a ficar cada vez mais difícil controlar os movimentos. – Não penses em nada – murmurou. – Relaxa e deixa-me dar-te prazer.

Ela olhou-o hesitante, mas quando ele passou a boca de um seio para o outro, renovando a investida sensual, os olhos ficaram aturdidos, os lábios entreabriram-se e a cabeça pendeu para trás contra as almofadas.

– Gostas? – ele sussurrou, traçando o bico do peito com a língua.

Sophie não conseguiu abrir os olhos, mas fez que sim com a cabeça.

– E disto, gostas? – A língua tinha agora deslizado para a zona inferior do seio e ele mordiscou a pele sensível que o unia ao peito.

A respiração dela tornando-se superficial e rápida, ela assentiu novamente.

– E disto? – Ele puxou o vestido mais para baixo, mordiscando um caminho ao longo da pele até chegar ao umbigo.

Desta vez, Sophie não conseguiu sequer fazer um aceno de cabeça. Meu Deus, ela estava praticamente nua diante dele e tudo o que era capaz de fazer era gemer e suspirar e implorar por mais.

– Preciso de ti – disse ela, ofegante.

A resposta dele foi murmurada na pele suave do abdómen. – Eu sei.

Sophie contorceu-se debaixo dele, perturbada com tal necessidade primitiva. Sentia algo muito estranho crescer dentro dela, algo ardente que lhe provocava uma sensação de formigueiro. Era como se sentisse o corpo crescer, preparando-se para irromper da sua própria pele. Era como se, depois de vinte e dois anos de existência, finalmente ganhasse vida.

Queria desesperadamente sentir-lhe a pele, então agarrou o tecido fino da camisa dele, puxando-o com as mãos até se soltar das calças. Tocou-lhe finalmente a pele, deslizando as mãos ao longo da zona inferior das costas, surpreendida e encantada quando sentiu os músculos contraírem-se sob os seus dedos.

– Ah, Sophie – ele grunhiu, estremecendo quando as mãos dela deslizaram sob a camisa, acariciando-lhe a pele.

A reação dele encorajou-a e ela continuou a carícia, subindo até alcançar os ombros largos e musculados.

Ele gemeu novamente, então praguejou baixinho e ergueu-se um pouco. – Esta porcaria está a atrapalhar – resmungou, arrancando a camisa e atirando-a para o outro lado da sala. Sophie teve apenas um instante para admirar o peito nu antes de ele estar em cima dela novamente, e desta vez pele contra a pele.

Era a sensação mais gloriosa que podia imaginar.

A pele dele era quente e, apesar de os músculos serem duros e poderosos, sedutoramente macia.

Exalava um cheiro bom, uma mistura excitante e masculina de sândalo e sabonete.

Sophie embrenhou os dedos no seu cabelo, quando ele se aconchegou no pescoço ela. Era espesso e encaracolado, fazendo-lhe cócegas no queixo enquanto ele a beijava no pescoço. – Oh, Benedict –

suspirou. – Isto é tão perfeito. Não consigo imaginar nada mais maravilhoso.

Ele contemplou-a, os olhos escuros tão maliciosos quanto o sorriso. – Eu consigo.

Ela sentiu os lábios apartarem-se, pensando que devia parecer terrivelmente tola, ali deitada a olhar para ele como uma idiota.

– Espera – disse ele. – Espera só mais um pouco.

– Mas... Oh! – deixou ela escapar quando ele a libertou dos sapatos. Uma das mãos envolveu-lhe o tornozelo, percorrendo depois, provocante, o caminho ao longo da perna.

– Imaginaste isto? – ele perguntou, deslizando pela dobra na parte de trás do joelho.

Ela abanou a cabeça freneticamente, tentando não se contorcer.

– A sério? – ele murmurou. – Então, tenho a certeza de que não imaginaste *isto*. – Ele estendeu a mão e desapertou as ligas.

– Oh, Benedict, não podes...

– Ah, sim, *posso* e devo. – Fez deslizar as meias pelas pernas com uma

lentidão agonizante. – Na verdade tenho de o fazer.

Boquiaberta de prazer, Sophie ficou a vê-lo atirá-las por cima da cabeça. As meias dela não eram da mais alta qualidade, mas eram ainda assim bastante leves e flutuaram como penachos de dentes-de-leão até aterrarem, uma em cima de um candeeiro e a outra no chão.

Então, enquanto ela ainda se ria da meia pendurada no abajur, ele voltou a posicionar-se discretamente em cima dela, deslizando as mãos pela parte de trás das pernas até chegar às coxas.

– E ousa dizer que nunca ninguém te tocou aqui – disse ele com malícia.

Sophie abanou a cabeça.

– E ousa dizer que nunca imaginaste isto.

Ela abanou a cabeça novamente.

– E se não imaginaste isto... – apalpou-lhe as coxas, fazendo-a gemer e arquear o corpo para fora do sofá – então tenho a certeza de que nunca imaginaste isto – ele foi subindo os dedos enquanto falava, as curvas arredondadas das unhas roçando levemente a pele até atingir a penugem suave da sua feminilidade.

– Oh, não – disse ela, mais por reflexo do que por qualquer outra coisa. – Não podes...

– Ah, posso, sim. Garanto.

– Mas... Ooooooh! – E de repente, foi como se o seu cérebro tivesse voado pela janela, porque era praticamente impossível pensar no que quer que fosse enquanto os dedos dele a acariciavam. Bem, em quase nada. Parecia capaz de pensar no picante da situação e em como não queria que ele parasse.

– O que estás a fazer comigo? – perguntou ela num suspiro, sentindo cada músculo do seu corpo contrair-se quando ele moveu os dedos de uma maneira particularmente perversa.

– Tudo – respondeu ele, tomando-lhe novamente os lábios. – Tudo o que quiseres.

– Eu quero... Oh!

– Gostas disto, não? – as palavras murmuradas contra a bochecha

dela.

– Eu não sei o que quero – disse ela em voz surda.

– Sei eu. – Passou para o ouvido, mordiscando suavemente o lóbulo. – Eu sei exatamente o que queres.

Confia em mim.

E foi o suficiente. Ela entregou-se completamente a ele – não que já não estivesse quase a esse ponto.

Mas quando ele disse «Confia em mim» e ela percebeu que o fizera, alguma coisa mudou ligeiramente dentro dela. Estava pronta. Ainda era errado, mas estava pronta, e queria-o; pela primeira vez na vida ia fazer algo selvagem e louco e completamente impróprio.

Só porque queria.

Como se lhe tivesse lido os pensamentos, ele afastou-se alguns centímetros e pousou a palma da mão grande no rosto dela. – Se quiseres que eu pare – disse ele, a voz dolorosamente rouca –, tens de mo dizer agora. Não daqui a dez minutos, nem mesmo daqui a um. Tem de ser agora.

Sensibilizada pela preocupação dele em perguntar, ela estendeu a mão e pousou-a no rosto dele, da mesma forma que ele o fizera. Mas quando abriu a boca para falar, a única coisa que conseguiu pronunciar foi: – Por favor.

Os olhos flamejaram de desejo e, em seguida, foi como se um botão tivesse rodado dentro dele. O

amante gentil e langoroso desapareceu completamente, dando lugar a um homem dominado pelo desejo.

As mãos pareciam estar em toda parte, nas pernas, na cintura, tocando-lhe o rosto. E sem que Sophie desse por isso, o vestido já estava no chão ao lado de uma das meias. Ela estava completamente nua e sentiu-se muito estranha, mas ao mesmo tempo, também parecia tudo muito certo, contanto ele estivesse a tocá-la.

O sofá era estreito, mas isso não pareceu importar a Benedict ao arrancar as botas e calças. Ficou encostado a ela enquanto as botas saíam a voar, incapaz de parar de a tocar, mesmo ao libertar-se da

roupa. Assim demorava mais tempo para ficar nu, mas, por outro lado, tinha a estranha sensação de que poderia morrer ali mesmo se decidisse afastar-se dela.

Dantes pensava que queria uma mulher. Pensava que precisava de uma mulher. Mas isto... isto ia muito mais além. Isto era espiritual. Isto era na sua alma.

Finalmente despedido, deitou-se em cima dela, fazendo uma pausa brevemente para saborear a sensação de ter o corpo dela em contacto com o dele, pele contra pele, da cabeça aos pés. Sentia o membro duro como uma rocha, mais duro do que alguma vez o sentira, mas lutou contra os seus impulsos e procurou mover-se com lentidão.

Esta era a primeira vez dela. Tinha de ser perfeita.

Ou, se não perfeita, então muito boa.

Ele introduziu uma mão entre os dois e tocou-a. Ela estava pronta, mais do que pronta para o receber.

Deslizou um dedo para dentro dela, sorrindo de satisfação ao sentir o corpo inteiro dela sacudir e contrair-se em torno dele.

– Isso é muito... – a voz dela era rouca, a respiração ofegante – muito...

– Estranho? – ele ajudou-a a concluir.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele sorriu. Lentamente, felino. – Vais habituar-te – prometeu. – Pretendo que te acostumes muito bem a isto.

A cabeça de Sophie pendeu para trás. Aquilo era uma loucura. Parecia uma febre. Algo se acumulava dentro dela, no fundo das entranhas, serpenteando, pulsando, tornando-a rígida. Precisava de libertação, como se alguma coisa lhe apanhasse o corpo todo e, no entanto, mesmo com toda aquela pressão, a sensação era tão espetacularmente maravilhosa, era como se tivesse nascido para o momento.

– Oh, Benedict – suspirou. – Oh, meu amor.

Ele gelou... só por uma fração de segundo, mas foi o tempo suficiente para ela saber que ele a tinha ouvido. Mas ele não disse uma palavra, apenas a beijou no pescoço, apertando-lhe a perna ao posicionar-se

entre as coxas dela, tocando-a para preparar a entrada.

Os lábios dela separaram-se com o choque.

– Não te preocupes – disse numa voz divertida, lendo-lhe a mente, como sempre. – Vai correr tudo bem.

– Mas...

– Confia em mim – disse ele, as palavras murmuradas contra os lábios dela.

Lentamente, ela sentiu-o penetrá-la. Sentia o núcleo a ser esticado, invadido e, ainda assim, não podia dizer que a sensação era exatamente má. Era... era...

Ele tocou-a no rosto. – Estás com um ar muito sério.

– Estou a tentar decidir qual é a sensação – admitiu ela.

– Se tens a presença de espírito para fazer isso, então eu não estou a fazer um bom trabalho.

Assustada, ela olhou para cima. Ele sorria para ela, aquele sorriso enigmático que conseguia sempre derretê-la.

– Para de pensar tanto – ele sussurrou.

– Mas é difícil não... Oh! – E então ela revirou os olhos e arqueou-se toda debaixo dele.

Benedict enterrou a cabeça no pescoço dela para que não visse a sua expressão divertida. Parecia-lhe que a melhor maneira de evitar que ela analisasse ao pormenor um momento que deveria ser de pura sensação e emoção era manter-se em movimento.

E assim fez. Inexoravelmente, deslizando para dentro e para fora até alcançar a barreira frágil da sua virgindade.

Ele retraiu-se. Nunca tinha estado com uma virgem antes. Ouvira dizer que doía, que não havia nada que um homem pudesse fazer para eliminar a dor da mulher, mas talvez, se tivesse muito cuidado, fosse menos doloroso para ela.

Olhou para ela. O rosto estava ruborizado e a respiração rápida. Os olhos estavam vidrados, atordoados, claramente arrebatados pela paixão.

Isso alimentou ainda mais o fogo dentro dele. Deus, ele queria-a tanto que até os ossos doíam.

– Isto pode magoar-te um bocadinho – mentiu. Claro que *magoaria*. Mas estava dividido entre a vontade de dizer-lhe a verdade, para que pudesse estar preparada, e oferecer-lhe a versão mais suave, para que não ficasse nervosa.

– Eu não me importo – disse ela com um suspiro. – Por favor. Eu preciso de ti.

Benedict inclinou-se para um último e escaldante beijo antes de avançar as ancas. Sentiu-a enrijecer um pouco ao romper o hímen e mordeu... teve mesmo de *morder* a própria mão para evitar o orgasmo naquele exato segundo.

Era como se tivesse voltado a ser um rapaz imberbe de dezasseis anos, não um homem experiente de trinta.

Ela fazia-lhe isso. Só ela. Era um pensamento vexatório.

Rangendo os dentes contra o desejo mais primitivo, Benedict começou a mover-se lentamente dentro dela, acariciando-a com toda a meiguice quando o que realmente queria era deixar-se ir completamente.

– Sophie, Sophie – grunhiu, repetindo o nome dela, tentando lembrar-se de que esta vez era para *ela*.

Ele estava ali para satisfazer as necessidades *dela*, não as dele.

Seria perfeito. Tinha de ser perfeito. Ele precisava que ela adorasse. Precisava que ela o amasse.

Ela começava a acelerar o ritmo e cada movimento, cada contorção aticava o seu próprio frenesi de desejo. Ele estava a tentar ser o mais gentil que podia, mas ela estava a tornar muito difícil a contenção dele. As mãos dela percorriam-lhe o corpo todo: as ancas, as costas, apertando-lhe os ombros.

– Sophie – ele gemeu novamente. Já não podia adiar mais tempo. Não tinha forças suficientes. Não era suficientemente cavalheiro. Não era...

– Ohhhhhhhhhhhhh!

Ela entrou em convulsões por baixo dele, o corpo arqueando-se enquanto gritava de prazer. Os dedos enterraram-se-lhe nas costas, as

unhas enfiando-se na pele, mas não se importava. Tudo o que importava era que ela tinha encontrado a sua libertação e que isso era muito bom, porque agora podia, finalmente...

– Ahhhhhhhhhhhhh!

Ele explodiu. Simplesmente não havia outra palavra para o que lhe aconteceu.

Não conseguia parar de se mover, parar de estremecer e então, um instante depois, deixou-se cair em cima dela, vagamente consciente de que, provavelmente, estaria a esmagá-la, mas incapaz de mover um único músculo.

Devia dizer alguma coisa, dizer-lhe o quão maravilhoso tinha sido, mas sentia a língua espessa e os lábios pesados e, ainda por cima, mal conseguia abrir os olhos. As palavras bonitas teriam de esperar.

Era apenas um homem e tinha de recuperar o fôlego.

– Benedict? – ela chamou num sussurro.

Ele deixou cair a mão contra ela. Era a única coisa que conseguia fazer para lhe indicar que tinha ouvido.

– É sempre assim?

Ele abanou a cabeça, esperando que ela sentisse o movimento e percebesse o significado.

Ela suspirou e pareceu afundar-se mais nas almofadas. – Foi o que pensei.

Benedict beijou-lhe o lado da cabeça, o único sítio onde conseguia chegar. Não, não era sempre assim.

Ele sonhara com ela tantas vezes, mas isto... isto...

Estava muito para além dos sonhos.

Sophie não teria imaginado possível, mas deve ter passado pelo sono, mesmo com o peso arrebatador de Benedict pressionando-a contra o sofá, tornando o respirar uma tarefa difícil. Ele também devia ter adormecido, porque ela foi despertada pela repentina corrente de ar frio de quando ele se levantou.

Ele cobriu-a com uma manta antes que ela se sentisse constrangida pela nudez. Ela sorriu mesmo ao corar, pois havia pouco a ser feito para aliviar o embaraço que sentia. Não que se arrependesse das suas ações. Mas uma mulher não perdia a virgindade num sofá sem uma certa dose de vergonha. Simplesmente não era possível.

Ainda assim, a manta tinha sido um gesto atencioso. Não que a surpreendesse. Benedict era um homem atencioso.

Porém, obviamente ele não partilhava a sua modéstia, porque não fez nenhuma tentativa para se cobrir ao atravessar a sala e pegar nas roupas descuidadamente atiradas. Sophie ficou a olhar descaradamente enquanto ele vestia as calças. Ele endireitou-se, o porte orgulhoso, e o sorriso que lhe dirigiu quando a apanhou a observá-lo foi aberto e acolhedor.

Deus, como amava aquele homem.

– Como te sentes? – perguntou ele.

– Bem – respondeu ela. – Muito bem. – Abriu um sorriso tímido. – Esplêndida.

Ele pegou na camisa e enfiou um braço numa das mangas. – Vou mandar alguém buscar as tuas coisas.

Sophie piscou. – O que queres dizer com isso?

– Não te preocupes, eu asseguro-me de que é tudo feito com discrição. Compreendo que pode ser embaraçoso para ti agora que conheces a minha família.

Sophie apertou mais o cobertor contra si, desejando que o vestido não estivesse fora do seu alcance.

Porque, de repente, sentiu vergonha. Tinha feito a única coisa que sempre jurara nunca fazer e agora Benedict partia do princípio de que ela seria sua amante. E porque não haveria de o fazer? Era uma suposição bastante natural.

– Por favor, não mandes ninguém – disse ela, em voz fraca.

Ele olhou para ela com uma expressão de surpresa. – Preferes ir sozinha?

– Prefiro que as minhas coisas fiquem exatamente onde estão – disse

ela suavemente. Era muito mais fácil dizer assim do que dizer-lhe diretamente que não iria tornar-se sua amante.

Uma vez, ela podia perdoar. Uma vez, podia até mesmo servir de acalento. Mas uma vida com um homem que não era seu marido... isso ela sabia que não era capaz de fazer.

Sophie olhou para a barriga, rezando para que não houvesse nenhuma criança para ser trazida ao mundo de forma ilegítima.

– O que estás a dizer-me? – perguntou ele, os olhos concentrados no rosto dela.

Raios. Ele não iria permitir que ela se esquivasse facilmente. – Estou a dizer – começou, engolindo em seco, tentando desfazer o enorme nó que se tinha formado de repente na garganta – que não posso ser tua amante.

– Então o que chamas a isto? – perguntou ele com voz tensa, gesticulando na direção dela.

– Chamo-lhe um lapso de discernimento – respondeu ela sem o encarar.

– Ah, então sou um lapso? – disse ele, o tom estranhamente prazenteiro. – Que bom! Acho que é a primeira vez que sou visto como um lapso.

– Sabes muito bem que não é isso que quero dizer.

– Ai sei? – Agarrou numa bota e empoleirou-se no braço de uma cadeira para conseguir calçá-la. –

Para ser franco, minha querida, já não faço ideia do que queres dizer.

– Eu não deveria ter feito isto...

Ele virou a cabeça com violência para encará-la, os olhos flamejantes de fúria contrariando o sorriso brando. – Agora sou um « *não deveria* »? Excelente! É ainda melhor do que um lapso. «Não dever» soa muito mais perverso, não achas? Um lapso é apenas um erro.

– Não há necessidade de seres tão desagradável em relação a este assunto.

Ele inclinou a cabeça para o lado como se estivesse realmente a refletir sobre aquelas palavras. – É

isso que estou a ser? E eu a pensar que estava a reagir de forma extremamente amável e compreensiva.

Sem gritar, sem fazer drama...

– Preferia gritos e histrionia a *isto*.

Ele apanhou o vestido e atirou-lho com pouco cuidado. – Bem, nós nem sempre conseguimos o que preferimos, não é, Miss Beckett? Eu sou certamente um exemplo disso.

Ela pegou no vestido e enfiou-o debaixo da manta com ela, esperando, eventualmente, encontrar uma maneira de o vestir sem se destapar.

– Vai ser um truque fantástico se descobrires como fazê-lo – disse ele, lançando-lhe um olhar condescendente.

Ela fulminou-o com o olhar. – Eu não estou a exigir um pedido de desculpas.

– Ainda bem, fico mais aliviado; porque duvido que encontrasse as palavras.

– Por favor, não sejas tão sarcástico.

O sorriso dele não podia ser mais trocista ao dizer: – Não estás propriamente em posição de exigir seja o que for.

– Benedict...

Ele aproximou-se perigosamente dela, com um olhar rude e mal-intencionado. – Exceto, é claro, que seja para me juntar a ti, o que ficaria feliz em fazer.

Ela não disse nada.

– Consegues compreender – disse ele, a expressão nos olhos suavizando-se um pouco – o que uma pessoa sente ao ser rejeitada? Quantas vezes achas que podes rejeitar-me antes de eu parar de tentar?

– Não é que eu queira...

– Oh, para lá com essa velha desculpa. Já cansa. Se quisesses ficar comigo, ficavas. Se dizes que não é porque queres dizer não.

– Tu não compreendes – disse ela em voz baixa. – Sempre estiveste

numa posição em que podes fazer o que bem entendes. Mas há outros que não têm esse privilégio.

– Que parvoíce a minha. E eu a pensar que estava a oferecer-te esse mesmo privilégio.

– O privilégio de ser tua amante – disse ela com amargura.

Ele cruzou os braços, os lábios curvando-se ao dizer: – Não terias de fazer mais do que já fizeste.

– Deixei-me levar – disse Sophie devagar, tentando ignorar o insulto. Não era mais do que ela merecia.

Tinha dormido com ele. Porque não deveria ele pensar que ela seria sua amante? – Cometi um erro –

continuou. – Mas isso não significa que deva fazê-lo novamente.

– Posso oferecer-te uma vida melhor – insistiu ele em voz baixa.

Ela abanou a cabeça. – Recuso-me a ser tua amante. Recuso-me a ser amante seja de quem for.

Os lábios de Benedict abriram-se de choque enquanto digeriria as palavras dela. – Sophie – disse ele, incrédulo –, tu sabes que eu não posso *casar-me* contigo.

– Claro que sei – retorquiu ela. – Sou uma criada, mas não sou estúpida.

Benedict tentou por um momento colocar-se no lugar dela. Sabia que ela queria respeitabilidade, mas

ela devia saber que ele não lha poderia dar. – Seria difícil para ti também – ele disse suavemente –, mesmo que me casasse contigo. Não seríamos aceites. A alta sociedade pode ser muito cruel.

Sophie soltou uma risada alta que ecoou pela sala. – Ah, eu sei – disse ela sem uma sombra de humor no sorriso. – Acredita em mim, eu sei.

– Então porque...

– Faz-me um favor – interrompeu ela, virando o rosto para não ter de olhar para ele. – Encontra alguém para casar. Encontra alguém aceitável, que te faça feliz. E depois deixa-me em paz.

Aquelas palavras atingiram-no como um soco e Benedict lembrou-se subitamente da mulher do baile de máscaras. Ela era do seu mundo, da sua classe. Ela teria sido adequada. E naquele momento percebeu, enquanto observava Sophie, encolhida no sofá, tentando não olhar para ele, que essa era a única mulher com quem sempre se imaginara quando pensava no futuro. Sempre que se imaginava com mulher e filhos.

Passara os últimos dois anos à espreita, sempre à espera que a mulher de vestido prateado entrasse na sala. Parecia-lhe ridículo, às vezes, até mesmo estúpido, mas nunca tinha sido capaz de apagar do pensamento.

Ou de se libertar do sonho... aquele em que prometia honrá-la e amá-la, vivendo felizes para sempre.

Era uma fantasia tola para um homem da sua nomeada, tremendamente doentio e sentimental, mas não conseguia evitar. Era esse o resultado de crescer no seio de uma família grande e cheia de amor; ficava-se com vontade de ter o mesmo.

Mas a mulher do baile de máscaras transformara-se em pouco mais do que uma miragem. Raios, ele nem sabia como se chamava. E Sophie estava *ali*.

Ele não podia casar-se com ela, mas isso não significava que não pudessem ficar juntos. Isso significaria cedência, principalmente da parte dela, admitiu. Mas podiam fazê-lo. E com certeza seriam mais felizes do que se permanecessem separados.

– Sophie – recomeçou –, eu sei que a situação não é a ideal...

– Não – ela interrompeu, a voz baixa, quase inaudível.

– Mas se ouvisses...

– *Por favor*. Não faças isso.

– Mas tu não...

– Para! – exclamou ela, a voz aumentando perigosamente de volume.

Ela tinha os ombros tão encolhidos e tensos que a cabeça parecia lá enterrada, mas Benedict obrigou-se a continuar mesmo assim. Amava-a. Precisava dela. Tinha de conseguir chamá-la à razão. – Sophie, eu sei que vais concordar se...

– Eu não vou ter um filho ilegítimo! – ela finalmente gritou, lutando para manter a manta a cobri-la ao levantar-se. – Recuso-me! Eu amo-te, mas não a esse ponto. A esse ponto eu não amo ninguém.

Os olhos dele caíram para a zona central do corpo dela. – Pode muito bem ser tarde de mais para isso, Sophie.

– Eu sei – ela disse baixinho –, e isso já me corrói por dentro.

– Os remorsos têm tendência para provocar essa reação.

Ela desviou o olhar. – Eu não me arrependo do que fizemos. Quem me dera poder. Sei que deveria.

Mas não consigo.

Benedict limitou-se a olhar para ela. Queria compreendê-la, mas não conseguia perceber como podia ser tão inflexível na vontade de não ser sua amante e ter filhos e, ao mesmo tempo, *não* lamentar ter feito amor com ele.

Como podia ela dizer que o amava? Tornava a dor muito mais intensa.

– Se não fizemos um filho – ela disse baixinho –, então irei considerar-me muito sortuda. E não vou

tentar mais o destino.

– Não, apenas tentar-me a *mim* – disse ele, ouvindo o escárnio na sua própria voz e odiando-o.

Ela ignorou-o, ajeitando a manta em volta do corpo enquanto olhava cegamente para um quadro na parede. – Guardarei uma lembrança que hei de estimar sempre. Talvez seja por isso que não consiga arrepender-me do que fizemos.

– Não é a lembrança que te vai manter aquecida à noite.

– Não – ela concordou com tristeza –, mas vai preencher-me os sonhos.

– Estás a ser covarde – acusou ele. – Covarde por não ires atrás desses sonhos.

Ela virou-se. – Não – respondeu, a voz notavelmente uniforme, tendo em conta a maneira como ele olhava para ela. – O que eu sou é uma filha bastarda. E antes que digas que não te importas, digo-te já que eu

sim. E o mesmo acontece com todos os outros. Não há um dia que passe que eu não seja, de alguma forma, recordada da baixeza do meu nascimento.

– Sophie...

– Se eu tivesse um filho – continuou, a determinação da voz começando a ceder – tens ideia do quanto o amaria? Mais do que a vida, mais do que respirar, mais do que tudo. Como é que eu seria capaz de magoar o meu filho da mesma maneira que fui magoada? Como poderia sujeitá-lo à mesma dor?

– Rejeitarias um filho?

– Claro que não!

– Então, ele não sentiria a mesma dor – disse Benedict com um encolher de ombros. – Porque eu também não iria rejeitá-lo.

– Não compreendes – disse ela, as palavras terminando num gemido.

Ele fez de conta que não a ouviu. – Estou correto ao assumir que foste rejeitada pelos teus pais?

O sorriso dela foi tenso e irónico. – Não exatamente. Ignorada seria mais correto.

– Sophie – disse ele, precipitando-se para ela e abraçando-a –, não és obrigada a repetir os mesmos erros dos teus pais.

– Eu sei – disse ela com pesar, não lutando contra o abraço, mas também não o retribuindo. – E é por isso que não posso ser tua amante. Não vou reviver a vida da minha mãe.

– Não irias...

– Dizem que uma pessoa inteligente aprende com os seus erros – ela interrompeu-o, o tom colocando um fim ao protesto –, mas uma pessoa verdadeiramente inteligente aprende com os erros dos outros. –

Ela afastou-se e, em seguida, virou-se para o encarar. – Eu gostaria de pensar que sou uma pessoa verdadeiramente inteligente. Por favor, não me tires isso.

A dor que transparecia nos olhos dela era de um desespero quase palpável, batendo contra o peito dele e fazendo-o dar um passo atrás.

– Gostaria de me vestir – disse ela, virando-se. – Por favor, sai.

Ele continuou a olhar para ela mais alguns segundos antes de dizer: – Eu podia fazer-te mudar de ideias. Posso beijar-te e tu...

– Não farias isso – cortou ela sem mover um músculo. – Não está em ti fazê-lo.

– Está, *sim*.

– Se me beijasses, só irias odiar-te. E levar-te-ia um segundo.

Ele saiu sem dizer mais nada, deixando o clique da porta sinalizar a sua partida.

Na sala, com as mãos a tremer, Sophie deixou cair a manta e afundou-se no sofá, deixando no tecido delicado a marca indelével das suas lágrimas.

CAPÍTULO 18

A colheita foi fraca a quinzena passada para as jovens casadoiras e respetivas mães. A safra de solteiros é muito baixa esta temporada, já que os dois solteiros mais cobiçados de 1816, o duque de Ashbourne e o conde de Macclesfield, ofereceram as mãos às algemas no ano passado.

Para piorar a situação, os dois irmãos Bridgerton solteiros (não contando com Gregory, que tem apenas dezasseis anos e dificilmente se encontra em posição para ajudar as pobres donzelas que estão no mercado) decidiram desaparecer em combate. Colin, segundo chegou aos ouvidos desta Vossa Autora, está fora da cidade, possivelmente no País de Gales ou na Escócia (embora ninguém pareça saber por que razão iria ele para o País de Gales ou para a Escócia a meio da temporada). A história de Benedict é bem mais intrigante. Aparentemente encontra-se em Londres, mas evita todas as reuniões sociais em favor de ambientes menos refinados e elegantes.

Embora, verdade seja dita, esta Vossa Autora não queira dar a impressão de que o referido Mr. Bridgerton tenha andado a passar as suas horas de vigília em abandono debochado. Se os relatos estiverem corretos, ele passou a maior parte da quinzena passada na sua casa de Bruton Street.

Como não houve rumores de que esteja doente, esta Vossa Autora pode

apenas presumir que finalmente chegou à conclusão de que a temporada de Londres é um aborrecimento e que não vale a sua atenção.

Homem inteligente, penso.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

9 DE JUNHO 1817

Sophie não via Benedict há duas semanas e não sabia se devia ficar contente, admirada ou desapontada.

Aliás, não sabia se realmente estava contente, admirada ou desapontada.

Hoje em dia já não sabia nada. Metade do tempo sentia não saber sequer quem era.

No fundo estava certa de haver tomado a decisão correta em recusar uma vez mais a proposta de Benedict. A sua consciência sabia-o e, mesmo ansiando pelo homem que amava, o coração abrigava a mesma certeza. Sofrera demasiado na sua vida de filha bastarda para correr o risco de impor o mesmo a uma criança, especialmente a um filho.

Não, isso não era verdade. Ela havia arriscado uma vez. E ainda agora não se arrependia. A recordação era demasiado preciosa. Mas isso não significava que devesse fazê-lo novamente.

Mas se tinha tanta certeza de ter feito o correto, porque era tão doloroso? Era como se o coração estivesse perpetuamente a despedaçar-se. Todos os dias, dilacerando-se um pouco mais, e todos os dias Sophie dizia a si mesma que não podia piorar, que certamente iria parar, que o fim chegaria e, no entanto, todas as noites adormecia num pranto, com saudades de Benedict.

E de cada vez que amanhecia se sentia pior.

A ansiedade foi intensificada pelo facto de ficar aterrorizada sempre que tinha de sair da casa. Posy certamente estaria à procura dela e Sophie não queria que Posy a descobrisse.

Não que pensasse que Posy fosse revelar a sua presença em Londres a Araminta; Sophie conhecia-a o suficiente para confiar que não iria quebrar uma promessa, pelo menos de forma deliberada. E o aceno de cabeça de Posy, na altura em que Sophie abanara freneticamente a sua, definitivamente poderia ser considerado uma promessa.

Mas, por mais sincera que Posy fosse no respeitante a cumprir promessas, infelizmente, o mesmo não podia ser dito no respeitante a manter a boca calada. E Sophie poderia facilmente imaginar um cenário –

vários cenários, aliás – em que Posy acidentalmente deixaria escapar que vira Sophie. O que significava

que a grande vantagem de Sophie era Posy não saber onde vivia. Para todos os efeitos, Sophie estava a dar um passeio. Ou talvez Sophie estivesse a espiar Araminta.

Na verdade, isso parecia até mais plausível do que a verdade, de que Sophie tinha sido chantageada a aceitar um emprego como criada de uma senhora na mesma rua.

E era desta maneira que as emoções de Sophie se lançavam da melancolia para o nervosismo, de coração destroçado para um medo estarrecedor.

A maior parte do tempo conseguia manter os seus sentimentos para si mesma, mas sabia que se tinha tornado mais distraída e calada e também sabia que Lady Bridgerton e as filhas haviam notado. Olhavam-na com expressões preocupadas, falavam com extremo cuidado. E interrogavam-se porque é que tinha deixado de aparecer para o chá.

– Ah, Sophie! Está aí !

Sophie apressava-se a ir para o quarto, onde uma pequena pilha de arranjos de roupa a aguardava, mas Lady Bridgerton apanhou-a no corredor.

Ela parou e tentou elaborar um sorriso de saudação enquanto se inclinava numa pequena reverência. –

Boa tarde, Lady Bridgerton.

– Boa tarde, Sophie. Tenho andado à sua procura.

Sophie olhou para ela sem expressão. Parecia acontecer-lhe com frequência ultimamente. Era-lhe muito difícil concentrar-se fosse no que fosse. – Sim? – perguntou.

– Sim. Queria saber porque não veio tomar chá connosco durante toda a semana. Sabe que está sempre convidada quando o tomamos

informalmente.

Sophie sentiu as faces a arder. Andava a evitar o chá por lhe ser extremamente difícil estar na mesma sala com tantos membros da família Bridgerton em simultâneo e não pensar em Benedict. Eram todos tão parecidos e sempre que estavam juntos eram uma família tão unida.

Isso levou Sophie a lembrar-se de tudo o que não tinha e nunca teria: a sua própria família.

Alguém para amar. Alguém que a amasse. Tudo dentro dos limites da respeitabilidade e do casamento.

Talvez houvesse mulheres prontas para trocar o decoro pela paixão e o amor. Uma grande parte dela queria ser uma dessas mulheres. Mas não era. O amor não podia superar tudo. Pelo menos não para ela.

– Tenho andado muito ocupada – respondeu finalmente a Lady Bridgerton.

Lady Bridgerton limitou-se a sorrir – um sorriso discreto e vagamente inquisitivo, impondo um silêncio que obrigou Sophie a continuar a explicação.

– Com os arranjos – acrescentou.

– Que horror! Não estava ciente de que andávamos a fazer buracos em tantas meias.

– Oh, mas não! – respondeu Sophie, mordendo a língua no minuto em que o disse. Lá se ia a desculpa.

– Tenho alguns arranjos a fazer de coisas minhas – improvisou, engolindo em seco assim que percebeu o mal que tinha soado. Lady Bridgerton bem sabia que Sophie não tinha outras roupas que não as que lhe oferecera e que estavam, escusado será dizer, em perfeitas condições. E, além disso, era muito pouco profissional de Sophie pôr-se a fazer arranjos na sua própria roupa durante o dia, quando deveria estar a servir as meninas. Lady Bridgerton era uma patroa compreensiva e provavelmente não se importaria, mas ia contra os princípios de Sophie. Tinham-lhe oferecido um emprego, um ótimo emprego, mesmo que envolvesse ficar com o coração destroçado diariamente, e orgulhava-se do seu trabalho.

– Percebo – disse Lady Bridgerton, com aquele sorriso enigmático

ainda estampado no rosto. – É claro que pode trazer os seus arranjos para o chá.

– Ah, eu nem pensaria numa coisa dessas.

– Mas eu estou a dizer-lhe que *pode*.

E, pelo tom de voz, Sophie percebeu que o que ela estava realmente a dizer era que *devia*.

– Claro – murmurou Sophie, e seguiu-a até à sala de estar do andar de cima.

As meninas estavam todas lá, nos lugares habituais, peguilhando, sorrindo e atirando provocações umas às outras (embora felizmente não *scones*). A filha mais velha, Daphne, agora duquesa de Hastings, também estava lá, com a filha mais nova, Caroline, nos braços.

– Sophie! – exclamou Hyacinth, abrindo um grande sorriso. – Pensei que estava doente.

– Mas ainda esta manhã me viu – lembrou Sophie –, quando a penteei.

– Sim, mas não me pareceu estar bem.

Sophie não tinha uma resposta adequada, uma vez que realmente não *andava* muito bem. Não podia contradizer a verdade. Então, limitou-se a sentar-se numa cadeira, assentindo com a cabeça quando Francesca perguntou se queria um pouco de chá.

– A Penelope Featherington disse que ia passar por cá hoje – disse Eloise à mãe, no momento em que Sophie bebia o primeiro gole. Sophie ainda não conhecia Penelope, mas ela aparecia com frequência no *Whistledown* e sabia que ela e Eloise eram grandes amigas.

– Alguém já reparou que Benedict não nos visita há algum tempo? – perguntou Hyacinth.

Sophie picou o dedo, mas felizmente conseguiu evitar gemer de dor.

– Também não tem aparecido para me visitar a mim e ao Simon – disse Daphne.

– Pois, e ele prometeu que me ajudava com a aritmética e faltou à promessa – resmungou Hyacinth.

– Tenho a certeza de que apenas se esqueceu – disse Lady Bridgerton

diplomáticamente. – Talvez se lhe enviasses um bilhete a lembrá-lo.

– Ou simplesmente lhe fosses bater à porta – sugeriu Francesca, revirando os olhos. – Não é que ele viva propriamente longe.

– Eu sou uma mulher solteira – disse Hyacinth, muito ofendida. – Não posso visitar a casa de um homem solteiro.

Sophie tossiu.

– Tens catorze anos – disse Francesca com desdém.

– Mesmo assim!

– Podes pedir ajuda a Simon, se quiseres – disse Daphne. – Ele tem muito mais jeito para números do que Benedict.

– Pois ela tem razão – disse Hyacinth, olhando para a mãe depois de lançar um último olhar furioso a Francesca. – Bem feito para o Benedict. Deixou de ter qualquer utilidade para mim.

Ficaram todas perdidas de riso, pois sabiam que ela estava a brincar. Com exceção de Sophie, que desconfiava ter perdido a capacidade de rir.

– Mas agora a sério – continuou Hyacinth – em que é que ele é bom? O Simon é bom com números, o Anthony domina a História. Colin é o engraçado, claro, e...

– Arte – interrompeu Sophie com um tom um pouco severo, algo irritada por a própria família de Benedict não ver a sua personalidade e pontos fortes.

Hyacinth olhou para ela muito admirada. – Desculpe?

– Ele tem talento para a arte – repetiu Sophie. – Talvez mais do que qualquer um de vós, imagino.

Aquela reação chamou a atenção de todos, porque, embora Sophie lhes tivesse mostrado a sua inteligência naturalmente mordaz, geralmente falava com brandura e certamente nunca tinha dirigido uma palavra mais ríspida a nenhum deles.

– Eu nem sabia que ele desenhava – disse Daphne com interesse tranquilo. – Ou será que pinta?

Sophie olhou-a de soslaio. Das mulheres Bridgerton, Daphne era a que

conhecia menos, mas seria impossível não reparar no olhar inteligente e perspicaz. Daphne estava curiosa acerca do talento secreto do irmão, queria saber porque nunca soubera disso e, acima de tudo, queria saber porque é que Sophie

sabia.

Em menos de um segundo, Sophie foi capaz de ver tudo isso nos olhos da jovem duquesa. E em menos de um segundo percebeu que tinha cometido um erro. Se Benedict não tinha contado à família sobre a sua arte, não lhe competia a ela fazê-lo.

– Ele desenha – disse finalmente, numa voz que esperava fosse concisa o suficiente para evitar mais perguntas.

Foi. Ninguém disse uma palavra, embora cinco pares de olhos permanecessem focados no rosto dela com bastante atenção.

– Ele faz esboços – Sophie murmurou.

Encarou-as uma a uma. Eloise piscava os olhos rapidamente. Lady Bridgerton não piscava de todo. –

Ele é muito bom – murmurou Sophie, repreendendo-se mentalmente assim que falou. Alguma coisa no silêncio dos Bridgerton a compelia a preencher o vazio.

Por fim, após o mais longo momento de silêncio a preencher o espaço de um segundo, Lady Bridgerton aclarou a garganta e disse: – Pois eu gostaria de ver um desses esboços. – Levou o guardanapo aos lábios, embora não tivesse tomado um gole de chá. – Desde que ele não se importe de os partilhar comigo, é claro.

Sophie levantou-se. – É melhor eu ir.

Lady Bridgerton fulminou-a com os olhos. – Por favor – disse, numa voz que era de veludo sobre aço

–, fique.

Sophie voltou a sentar-se.

Eloise levantou-se de um salto, anunciando: – Acho que ouço a Penelope a chegar.

– Não ouves nada – disse Hyacinth.

– Porque é que eu ia mentir?

– Eu cá não sei, mas...

O mordomo apareceu à porta. – Miss Penelope Featherington –
entoou.

– Vês? – Eloise atirou a Hyacinth.

– Venho em má altura? – perguntou Penelope.

– Não – respondeu Daphne com um sorriso discreto e vagamente
divertido –, apenas num momento estranho.

– Oh! Bem, eu posso voltar mais tarde.

– Claro que não – disse Lady Bridgerton. – Por favor, senta-te e bebe
um chá.

Sophie ficou a observar a jovem, que se sentou no sofá ao lado de
Francesca. Penelope não possuía uma beleza sofisticada, mas era
bastante atraente, à sua maneira descomplicada e muito própria. O

cabelo era de um vermelho acobreado e as bochechas levemente
sarapintadas de sardas. A pele era um pouco pálida, embora Sophie
suspeitasse que tinha mais a ver com o vestido amarelo pouco atrativo
do que com qualquer outra coisa.

Pensando bem, achava que se lembrava de ter lido alguma coisa na
crónica de Lady Whistledown sobre as roupas horríveis de Penelope.
Pena que a pobre moça não conseguisse convencer a mãe a deixá-la
usar azul.

Mas ao mesmo tempo que Sophie observava sub-repticiamente
Penelope, tomou consciência de que Penelope a observava também,
mas de forma muito menos clandestina.

– Já nos conhecemos? – perguntou Penelope de repente.

Sophie foi subitamente dominada por um terrível pressentimento. Ou
talvez fosse um *déjà vu*. – Acho que não – apressou-se a responder.

Mas os olhos de Penelope não se afastaram do rosto de Sophie. – Tem
a certeza?

– Eu... eu não vejo como tal poderia ter acontecido.

Penelope deixou escapar um pequeno sopro e abanou a cabeça, como se tentasse afastar teias de aranha do cérebro. – Talvez tenha razão. Mas há algo de terrivelmente familiar em si.

– Sophie é nossa nova criada pessoal – disse Hyacinth, como se isso explicasse alguma coisa. – Ela geralmente junta-se a nós para o chá quando estamos apenas em família.

Sophie viu Penelope a murmurar algo em resposta e então, de repente, lembrou-se. Já *vira* Penelope antes! No baile de máscaras, provavelmente não mais de dez segundos antes de conhecer Benedict.

Ela tinha acabado de entrar e os jovens que rapidamente a cercaram ainda percorriam o caminho na sua direção. Penelope estava ali parada, vestida com um estranho traje verde e um chapéu engraçado. Por alguma razão, não usava máscara. Sophie lembrava-se de ter ficado a olhar para ela, tentando descobrir que fantasia era aquela, quando um jovem cavalheiro havia colidido com Penelope, quase a atirando ao chão.

Sophie tinha estendido a mão para a ajudar e acabara por dizer algo como «Está bem?» quando vários cavalheiros se haviam aproximado apressados, separando as duas mulheres.

Logo depois chegara Benedict e Sophie não tivera olhos para mais ninguém, exceto ele. Penelope e a forma abominável como havia sido tratada pelos jovens cavalheiros no baile de máscaras tinha ficado esquecida até àquele momento.

E o evento obviamente também havia permanecido enterrado no fundo da mente de Penelope.

– Tenho a certeza de que devo estar enganada – disse Penelope ao aceitar uma chávena de chá de Francesca. – Não é propriamente a sua aparência, mas mais o seu porte, se é que isso faz algum sentido.

Sophie decidiu que era necessária uma intervenção graciosa e, ostentando o seu melhor sorriso coloquial, disse: – Vou tomar isso como um elogio, pois tenho a certeza de que as senhoras que conhece devem ser muito graciosas e amáveis.

No entanto, assim que se calou, percebeu que tinha exagerado. Francesca olhava para ela como se de repente lhe tivessem nascido chifres na cabeça e os cantos da boca de Lady Bridgerton contraíram-se ao dizer: – Ora, Sophie, acredito que essa foi a frase mais longa que proferiu em duas semanas.

Sophie levou a chávena de chá ao rosto e murmurou: – Eu não me tenho sentido bem.

– Oh! – deixou escapar Hyacinth de repente. – Espero que não esteja a sentir-se muito doente porque eu estava à espera que me ajudasse mais tarde.

– É claro! – disse Sophie, ansiosa por uma desculpa para desviar o olhar de Penelope, que ainda a estudava como se ela fosse um quebra-cabeças humano. – Do que precisa?

– Eu prometi entreter os meus primos esta noite.

– Ah, pois é – disse Lady Bridgerton, pousando o pires na mesa. – Quase me esquecia.

Hyacinth assentiu. – Acha que me pode ajudar? Eles são quatro e tenho a certeza de que não vou ser capaz de dar conta do recado sozinha.

– É claro – disse Sophie. – Quantos anos têm?

Hyacinth encolheu os ombros.

– Têm entre seis e dez anos – esclareceu Lady Bridgerton com uma expressão de desaprovação. – Tu devias saber, Hyacinth – Virou-se para Sophie e acrescentou: – São os filhos da minha irmã mais nova.

Sophie pediu a Hyacinth: – Mande-me chamar quando eles chegarem. Eu adoro crianças e tenho todo o prazer em ajudar.

– Excelente – disse Hyacinth, juntando as mãos. – Eles são tão jovens e ativos. Dariam cabo de mim.

– Hyacinth – interveio Francesca –, até parece que és uma velha decrépita.

– Quando foi a última vez que passaste duas horas com quatro crianças com menos de dez anos?

– Parem – disse Sophie, rindo-se pela primeira vez em duas semanas. – Eu ajudo. Ninguém vai dar

cabo de ninguém. E a Francesca também devia vir. Vamos divertir-nos muito, tenho a certeza.

– A Sophie... – Penelope começou a dizer, interrompendo-se em

seguida. – Esqueça.

Mas quando Sophie olhou para ela, ela ainda a encarava com uma expressão perplexa. Penelope abriu a boca, fechou-a, depois, abriu-a novamente, dizendo: – Conheço, eu *sei* que a conheço.

– Ela há de lembrar-se – disse Eloise com um sorriso jovial. – A Penelope nunca esquece uma cara.

Sophie empalideceu.

– Sente-se bem? – perguntou Lady Bridgerton, inclinando-se para a frente. – Não parece nada bem.

– Acho que alguma coisa não me caiu bem – mentiu Sophie às pressas, levando a mão à barriga para enfatizar as palavras. – Talvez o leite já não estivesse bom.

– Oh, meu Deus! – exclamou Daphne com preocupação, olhando para a bebé. – Eu dei um pouco a Caroline.

– O leite soube-me bem – disse Hyacinth.

– Pode ter sido outra coisa que comi pela manhã – disse Sophie, não querendo que Daphne se preocupasse. – Mas, mesmo assim, acho melhor deitar-me um pouco. – Levantou-se e deu um passo em direção à porta. – Se não lhe causar transtorno, Lady Bridgerton.

– Claro que não – respondeu ela. – Rápidas melhoras, Sophie.

– Muito obrigada – disse Sophie, com sinceridade. Sentir-se-ia melhor assim que saísse do campo de visão de Penelope Featherington.

– Eu vou chamá-la quando os meus primos chegarem – disse Hyacinth.

– Se na altura estiver a sentir-se melhor – acrescentou Lady Bridgerton.

Sophie assentiu com a cabeça e apressou-se a sair da sala, mas ao sair ainda reparou em Penelope Featherington a olhá-la com uma expressão muito séria, deixando Sophie apavorada.

Há duas semanas que Benedict andava mal-humorado. E o seu mau humor estava prestes a piorar, pensou enquanto se arrastava calçada acima em direção a casa da mãe. Andava a evitar lá ir porque não

queria ver Sophie; não queria ver a mãe, que certamente ia aperceber-se do mau humor e fazer-lhe perguntas sobre o assunto; não queria ver Eloise, que ia de certeza perceber o interesse da mãe e tentar interrogá-lo; não queria ver...

Não queria ver ninguém, pronto. E se pensasse na maneira como parecia andar a arrancar as cabeças aos empregados (verbalmente, é verdade, embora ocasionalmente, literalmente em sonhos), o melhor era o resto do mundo não querer vê-lo também.

Mas, por um acaso, assim que pousou um pé no primeiro degrau, ouviu alguém chamá-lo e, ao virar-se, viu os dois irmãos caminharem em direção a ele no passeio.

Benedict resmungou baixinho. Ninguém o conhecia melhor do que Anthony e Colin e não era provável que algo tão pequeno como um coração partido lhes passasse despercebido.

– Não te vejo há imenso tempo – disse Anthony. – Onde andaste?

– Por aí – disse Benedict, evasivo. – Principalmente por casa. – Virou-se para Colin. – E *tu*? Onde estiveste?

– No País de Gales.

– No País de Gales, porquê?

Colin encolheu os ombros. – Apeteceu-me. Nunca lá tinha estado.

– A maioria das pessoas precisa de um motivo um pouco mais convincente para desarvorar a meio da temporada – disse Benedict.

– Eu não.

Benedict e Anthony ficaram ambos espantados a olhar para ele.

– Pronto, está bem – disse Colin carrancudo. – Eu precisava de me ir embora. A mãe começou a massacrar-me a cabeça com a porcária do casamento.

– «A porcária do casamento»? – perguntou Anthony com um sorriso divertido. – Garanto-te que desflorar a nossa esposa não é porcária nenhuma.

Benedict manteve a expressão escrupulosamente impassível. Ele tinha encontrado uma pequena mancha de sangue no sofá depois de ter feito amor com Sophie. Atirara uma almofada para cima dela,

esperando que, até ao momento em que algum dos criados desse conta, já ele se teria esquecido de que tinha recebido ali uma mulher. Gostaria de pensar que nenhum dos funcionários tinha estado a ouvir às portas ou a coscuvilhar, mas a própria Sophie lhe dissera uma vez que a criadagem em geral sabia tudo o que se passava numa casa e ele estava inclinado a admitir que ela tinha razão.

Mas se corou, e sentia as bochechas um pouco quentes, nenhum dos irmãos reparou porque ninguém disse nada e se havia alguma coisa na vida tão certa como, por exemplo, o sol nascer a levante, era que nunca um Bridgerton deixaria escapar a oportunidade de provocar e atormentar outro Bridgerton.

– Ela não para de falar na Penelope Featherington – disse Colin, fazendo uma careta. – Bolas, eu conheço-a desde que andávamos de calções. Isto é, desde que eu andava de calções. Ela andava com... –

franziu ainda mais a testa, porque os irmãos já estavam a rir-se dele – com o que quer que as meninas usam.

– Vestidos? – tentou ajudar Anthony.

– Saiotes? – foi a sugestão de Benedict.

– O que quero dizer é – disse Colin energicamente – que a conheço desde sempre e posso garantir-vos que não é nada provável apaixonar-me por ela.

Anthony virou-se para Benedict e declarou: – Acredita em mim; vão-se casar dentro de um ano.

Colin cruzou os braços. – Anthony!

– Talvez dois – disse Benedict. – Ele ainda é jovem.

– Ao contrário de *ti* – retorquiu Colin. – Porque ando a ser cercado pela mãe, pergunto-me? Tu é que já tens trinta e um...

– Trinta – corrigiu Benedict de imediato.

– Não importa, o que importa é que devias ser tu a estar na linha da frente.

Benedict franziu o sobrolho. A mãe tinha andado estranhamente reservada nas últimas semanas no respeitante às suas opiniões sobre Benedict e o casamento e a razão por que os dois deviam ter uma

conversinha e depressa. Claro que Benedict andava a evitar a casa da mãe como o diabo a cruz, mas mesmo antes disso, ela não dissera uma palavra.

Era muito estranho.

– De qualquer forma – ainda resmungava Colin –, não me vou casar já e certamente não com Penelope Featherington!

– Oh!

Foi um «oh» feminino e, sem olhar para cima, Benedict conseguiu perceber que estava prestes a passar por um dos momentos mais constrangedores da vida. De coração nas mãos, ergueu a cabeça e virou-se para a porta da frente. Ali, perfeitamente enquadrada na porta aberta, estava Penelope Featherington, os lábios entreabertos de choque, os olhos desgostosos.

E nesse momento, Benedict percebeu o que provavelmente tinha sido muito estúpido (e estupidamente homem) para perceber: Penelope Featherington estava apaixonada pelo seu irmão.

Colin pigarreou. – Penelope... – guinchou, a voz soando como se tivesse regredido dez anos diretamente para a puberdade – hum... que bom ver-te! – Olhou para os irmãos como quem pede ajuda, mas nenhum deles decidiu intervir.

Benedict encolheu-se. Era um daqueles momentos em que simplesmente não havia salvação possível.

– Não sabia que estavas aí – disse Colin sem muita convicção.

– Obviamente que não – respondeu Penelope sem veemência nas palavras.

Colin engoliu laboriosamente. – Vieste visitar Eloise?

Ela assentiu com a cabeça. – Fui convidada.

– Certamente que sim! – apressou-se a dizer. – Claro que sim. És uma grande amiga da família.

Silêncio. Um silêncio horrível e desconfortável.

– Como se fosses pessoa de aparecer sem ser convidada – murmurou Colin.

Penelope não disse nada. Tentou sorrir, mas obviamente não conseguiu. Por fim, justamente quando Benedict pensava que iria passar por todos eles e desatar a correr, ela olhou para Colin e disse: – Eu nunca pedi que casasses comigo.

A cara de Colin ficou de um tom de vermelho que Benedict julgara não ser humanamente possível.

Colin abriu a boca, mas nenhum som saiu.

Foi o primeiro e, possivelmente, o único momento de que Benedict se lembrava em que o irmão mais novo ficara completamente sem palavras.

– E nunca... – acrescentou Penelope, engolindo convulsivamente em seco quando as palavras saíram um pouco tremelicantes e quebradas –, nunca disse a ninguém que queria que o fizesses.

– Penelope – conseguiu Colin finalmente dizer –, sinto muito.

- Não precisas de pedir desculpa por nada – disse ela.
- Não – insistiu Colin –, preciso sim. Feri os teus sentimentos e...
- Não sabias que eu estava presente.
- Mas, mesmo assim...
- Não te vais casar comigo – disse ela em voz surda. – Não há problema nenhum com isso. Eu não vou casar com o teu irmão Benedict.

Benedict, que estava a tentar não olhar, virou a cabeça de repente ao comentário.

- Não lhe fere os sentimentos quando declaro que não me vou casar com ele – virou-se para Benedict, os olhos castanhos focando os dele –, pois não, Mr. Bridgerton?
- Claro que não – respondeu Benedict muito depressa.
- Está resolvido, então – disse ela com firmeza. – Não há sentimentos feridos. Agora, se me dão licença, senhores, gostaria de ir para casa.

Benedict, Anthony e Colin abriram caminho, qual águas do Mar Vermelho, para ela descer as escadas.

- Não tens uma criada? – perguntou Colin.

Ela abanou a cabeça. – Eu moro ao virar da esquina.

- Eu sei, mas...
- Eu acompanho-a – disse Anthony suavemente.
- Não é necessário, senhor.
- Faça-me a vontade – disse ele.

Ela assentiu com a cabeça e os dois seguiram pela rua.

Benedict e Colin ficaram a vê-los afastarem-se em silêncio durante uns trinta segundos antes de Benedict se virar para o irmão e dizer: – Que lindo serviço!

- Eu não sabia que ela estava ali!

– Obviamente – disse Benedict, marcando bem cada sílaba.

– Para com isso. Já me sinto mal o suficiente.

– E deves.

– Ah, e tu nunca feriste os sentimentos de uma mulher sem querer? – A voz de Colin era defensiva, o suficiente para que Benedict percebesse que ele já se sentia como uma completa cavalgada.

Benedict foi salvo de ter de responder pela chegada da mãe, em pé no cimo das escadas, emoldurada pela porta da mesma maneira que Penelope tinha estado apenas alguns minutos antes.

– O teu irmão já chegou? – perguntou Violet.

Benedict apontou com a cabeça a direção da esquina da rua. – Foi acompanhar Miss Featherington a casa.

– Ah! Foi muito atencioso da parte dele. Eu... onde vais, Colin?

Colin fez uma breve pausa, mas nem sequer virou a cabeça ao resmungar: – Preciso de uma bebida.

– Não achas que é um pouco cedo para... – parou a meio da frase quando Benedict lhe pousou a mão no braço.

– Deixe-o ir – disse ele.

Ela ainda abriu a boca para protestar, depois mudou de ideias, fazendo apenas um aceno de cabeça. –

Estava à espera de reunir a família para dar uma notícia – disse ela com um suspiro –, mas suponho que possa esperar. Enquanto isso, porque não te juntas a mim num chá?

Benedict olhou para o relógio da sala. – Não é um pouco tarde para chá?

– Deixa lá o chá, então – disse ela com um encolher de ombros. – Estava apenas a arranjar uma desculpa para conversar contigo.

Benedict conseguiu esboçar um sorriso fraco. Não estava com vontade de conversar com a mãe. Para ser franco, não estava com vontade de conversar com ninguém, um facto que qualquer pessoa que se tivesse cruzado com ele recentemente certamente poderia atestar.

– Não é nada de grave – disse Violet. – Céus, estás com um ar como se fosses para a forca.

Provavelmente teria sido má educação apontar que era exatamente assim que se sentia, por isso simplesmente inclinou-se e beijou a mãe na bochecha.

– Bem, isso é uma agradável surpresa – disse ela, abrindo um sorriso. – Vem comigo – acrescentou, dirigindo-se para a sala de estar do piso térreo. – Quero falar-te de uma pessoa.

– Mãe!

– Ouve-me, só. É uma bela jovem...

A forca, de facto.

CAPÍTULO 19

Miss Posy Reiling (a mais jovem enteada do falecido conde de Penwood) não é um objeto frequente nesta crónica (nem, lamenta esta Vossa Autora dizer, frequente objeto de atenção nas reuniões sociais), mas foi impossível deixar de notar que agia de forma muito estranha no sarau musical organizado pela mãe na terça-feira. Insistiu em sentar-se à janela e passou a maior parte da atuação a olhar para o exterior como se estivesse à procura de alguma coisa... ou seria de alguém?

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

11 DE JUNHO 1817

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Benedict já estava todo torto na cadeira, com os olhos vidrados.

De vez em quando tinha de se certificar que não estava de boca aberta.

A conversa da mãe era chata a esse ponto.

A jovem de que ela lhe queria falar, na verdade, desdobrou-se em sete jovens, cada uma das quais melhor do que a anterior, assegurava ela.

Benedict achou que ia enlouquecer. Mesmo ali, na sala de estar da mãe ia ficar completa e totalmente louco. Iria, de repente, saltar da cadeira e cair ao chão num frenesi de braços e pernas a abanar, a boca a espumar...

– Benedict, estás a *ouvir-me*?

Ele levantou a cabeça e pestanejou. Raios. Agora teria de se concentrar na lista interminável da mãe de possíveis noivas. A perspectiva de perder a sanidade era infinitamente mais atrativa.

– Eu estava a tentar falar-te de Mary Edgeware – disse Violet, com um ar mais divertido do que insatisfeito.

Benedict ficou imediatamente desconfiado. Quando se tratava de arrastar os filhos até ao altar, a mãe nunca ficava divertida. – Mary quem?

– Edge... Oh, não importa. Já percebi que não posso competir com o quer que ande a afligir-te.

– Mãe – começou Benedict abruptamente.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente, uma expressão intrigada e talvez um pouco surpresa. – Sim?

– Quando conheceu o pai...

– Aconteceu num instante – disse ela suavemente, percebendo num ápice aonde ele queria chegar.

– Então sabia que ele era a pessoa certa?

Ela sorriu e o olhar assumiu um ar distante e vago. – Oh, eu não o teria admitido. Pelo menos não imediatamente. Considerava-me uma pessoa de espírito prático. Sempre trocei da ideia de amor à primeira vista. – Parou um momento, e Benedict percebeu que ela não estava mais ali com ele, mas em algum baile antigo, conhecendo o pai pela primeira vez. Por fim, justamente quando pensava que ela já se tinha esquecido completamente da conversa, ela voltou a olhar para ele e disse: – Mas eu sabia.

– Desde o primeiro momento em que o viu?

– Bem, desde a primeira vez que nos falámos, pelo menos. – Ela pegou no lenço oferecido e limpou os olhos, sorrindo timidamente, como se

envergonhada pelas lágrimas.

Benedict sentiu um nó a formar-se na garganta e desviou o rosto, não querendo que ela visse que

também os olhos dele se marejavam. Iria alguém chorar por ele mais de uma década depois que ele morresse? Era uma lição de humildade estar na presença do amor verdadeiro e Benedict, de repente, sentiu um ciúme tremendo dos próprios *pais*.

Eles tinham encontrado o amor e o bom senso de o reconhecer e de o valorizar. Poucas pessoas eram tão afortunadas.

– Havia algo na voz dele que era tão reconfortante, tão acolhedor – continuou Violet. – Quando ele falava, uma pessoa sentia-se única.

– Eu lembro-me – disse Benedict com um sorriso caloroso e nostálgico.
– Era uma grande façanha, consegui-lo com oito filhos.

A mãe engoliu convulsivamente e depois disse com uma voz novamente cheia de energia: – Sim, bem, ele não chegou a conhecer Hyacinth, então suponho que eram apenas sete.

– Mesmo assim...

Ela assentiu. – Mesmo assim.

Benedict esticou-se e afagou-lhe a mão. Não sabia porquê, não o havia planeado. Mas, de alguma maneira, parecia a coisa certa a fazer.

– Sim, bem – disse ela, apertando ligeiramente a mão do filho antes de voltar a pousar as dela no colo.

– Alguma razão especial para me teres perguntado sobre o teu pai?

– Não – mentiu. – Pelo menos não... bem...

Ela aguardou pacientemente, com aquela expressão levemente expectante que tornava impossível guardar qualquer sentimento para si mesmo.

– O que acontece – perguntou, tão espantado com as palavras como ela estaria, sem dúvida – quando alguém se apaixona por uma pessoa incompatível?

– Uma pessoa incompatível – repetiu ela.

Benedict acenou com a cabeça penosamente, arrependendo-se de imediato das palavras. Nunca deveria ter dito nada à mãe, mas...

Suspirou. A mãe era sempre tão boa ouvinte. E, na verdade, apesar dos subterfúgios irritantes de casamenteira, tinha mais qualificações para dar conselhos sobre assuntos do coração do que qualquer outra pessoa que conhecesse.

Quando falou, ela pareceu escolher cuidadosamente cada palavra. – O que queres dizer com incompatível?

– Alguém... – interrompeu-se, fazendo uma pausa. – Alguém com quem uma pessoa como eu provavelmente não deveria casar.

– Alguém, talvez, que não seja da nossa classe social?

Ele fixou o olhar num quadro da parede. – Alguém assim.

– Percebo. Bem... – A testa de Violet enrugou-se um pouco e então ela disse: – Imagino que dependa do quão afastada da nossa classe social esteja essa pessoa.

– Está longe.

– Um pouco longe ou muito, muito longe?

Benedict estava convencido de que nenhum homem da sua idade e estatuto alguma vez tivesse tido uma conversa daquelas com a mãe, mas mesmo assim respondeu: – Bastante.

– Percebo. Bem, então devo dizer... – mordeu o lábio inferior um momento antes de continuar: – Devo dizer... – repetiu um pouco mais assertiva (embora, analisado em termos absolutos, nada convincente).

– Então devo dizer – disse ela pela terceira vez – que te amo muito e que irei apoiar-te em todas as decisões que tomares. – Aclarou a garganta. – Se realmente estamos a falar de ti.

Parecia inútil negá-lo, por isso Benedict limitou-se a assentir com a cabeça.

– Mas devo pedir-te que peses muito bem a tua decisão – acrescentou Violet. – O amor é, naturalmente, o elemento mais importante em qualquer união, mas as influências externas podem impor uma grande pressão num casamento. E se casares com alguém da... digamos – pigarreou novamente – da classe servente, então irás ver-te objeto de

muitos mexericos e de ostracismo. E isso vai ser difícil para alguém como tu de suportar.

– Alguém como eu? – perguntou ele, eriçado pela escolha de palavras da mãe.

– Sabes que não o digo como uma ofensa. Mas tu e os teus irmãos levam vidas idílicas. És bonito, inteligente, bem-apessoado. Toda a gente gosta de ti. Nem consigo explicar-te o quanto isso me deixa feliz. – Ela sorriu, mas era um sorriso melancólico e um pouco triste. – Não é fácil ser a que fica sempre encostada.

E de repente Benedict entendeu por que razão a mãe estava sempre a obrigá-lo a dançar com as jovens como Penelope Featherington. As que ficavam sempre à margem do salão de baile, as que fingiam sempre não *quererem* dançar.

Ela tinha sido uma dessas jovens.

Era difícil de imaginar. A mãe era incrivelmente popular agora, com um sorriso sempre pronto e dezenas de amigos. E se Benedict tinha ouvido a história corretamente, o pai era na altura considerado o partido da temporada.

– Só tu és capaz de tomar essa decisão – continuou Violet, trazendo os pensamentos de Benedict para o presente – e temo que não será fácil.

Ele olhou pela janela, num silêncio concordante.

– Mas – ela acrescentou – se decidires unir a tua vida à de alguém que não pertença à nossa classe, irei naturalmente apoiar-te de todas as maneiras possíveis.

Benedict olhou para cima bruscamente. Havia poucas mulheres da alta sociedade capazes de dizer isso aos filhos.

– Tu és meu filho – disse ela simplesmente. – Eu daria a minha vida por ti.

Ele abriu a boca para falar, mas espantou-se ao descobrir que não era capaz de proferir um único som.

– Certamente não iria banir-te por te casares com alguém incompatível.

– Obrigado – agradeceu. Era tudo o que conseguia dizer.

Violet suspirou, alto o suficiente para recuperar a atenção dele. Parecia cansada, melancólica. – Quem me dera que o teu pai estivesse aqui.

– A mãe não diz isso muitas vezes – notou ele em voz baixa.

– Desejo constantemente que o teu pai estivesse aqui. – Fechou os olhos por breves instantes. –

Sempre.

E então, de alguma forma, tornou-se claro. Enquanto observava o rosto da mãe, finalmente percebendo... não, finalmente, *compreendendo* a profundidade do amor dos pais um pelo outro, tudo se tornou claro.

Amor. Ele amava Sophie. Apenas isso deveria ter importância.

Julgava que amava a mulher mascarada, que queria casar com ela. Mas entendia agora que tinha sido apenas um sonho, uma fantasia passageira de uma mulher que mal conhecera.

Mas Sophie era...

Sophie era Sophie. E não precisava de nada mais.

Sophie não era uma grande crente no destino ou na sorte, mas depois de uma hora com Nicholas, Elizabeth, John e Alice Wentworth, os jovens primos do clã Bridgerton, começava a pensar que talvez

houvesse uma razão para nunca ter conseguido obter um emprego como governanta.

Ela estava exausta.

Não, não, pensou, com um toque de desespero. Exaustão não fornecia a descrição adequada para o estado atual da sua existência. Exaustão não captava a ligeira tendência para a insanidade que o quarteto evocava nela.

– Não, não, não, essa boneca é *minha* – dizia Elizabeth a Alice.

– É minha – replicava Alice.

– Não é!

– É sim!

– Eu resolvo já isso – disse Nicholas, de dez anos, aproximando-se de mãos nas ancas com ar arrogante.

Sophie gemeu. Tinha a sensação de que não era boa ideia permitir que a disputa fosse resolvida por um menino de dez anos que se julgava pirata.

– Nenhuma de vós vai querer a boneca – disse ele, com um brilho diabólico no olhar – se eu simplesmente lhe *arrancar* a...

Sophie interveio de imediato. – Não vai arrancar a cabeça à boneca, Nicholas Wentworth.

– Mas assim elas param de...

– *Não* – disse Sophie com veemência.

Ele olhou para ela, obviamente a avaliar a sua determinação em manter aquela atitude em particular, depois resmungou e foi-se embora.

– Acho que precisamos de um novo jogo – sussurrou Hyacinth a Sophie.

– Eu *sei* que precisamos de um novo jogo – murmurou Sophie.

– Larga o meu soldado! – gritou John. – Larga, larga, larga!

– Eu nunca vou ter filhos – anunciou Hyacinth. – Na verdade, acho que nem chego a casar.

Sophie absteve-se de salientar que quando Hyacinth casasse e tivesse filhos, certamente teria uma frota de amas para a ajudar a cuidar deles.

Hyacinth até se encolheu ao ver John puxar o cabelo de Alice, depois engoliu em seco ao ver Alice desferir um soco no estômago de John. – A situação está a ficar descontrolada – ela sussurrou a Sophie.

– Cabra-cega! – Sophie exclamou de repente. – O que acham? Que tal brincarmos à cabra-cega?

Alice e John assentiram com entusiasmo e Elizabeth deu um relutante «Está bem» depois de considerar cuidadosamente a proposta.

– O que diz, Nicholas? – perguntou Sophie, dirigindo-se o último resistente.

– Pode ser divertido – respondeu ele lentamente, aterrorizando Sophie com o brilho diabólico dos seus olhos.

– Excelente – disse ela, tentando não mostrar a cautela na voz.

– Mas *tu* tens de ser a cabra-cega – acrescentou ele.

Sophie abriu a boca para protestar, mas naquele momento, as outras três crianças começaram a pular e a gritar de alegria. O seu destino ficou selado quando Hyacinth se virou para ela com um sorriso matreiro e disse: – Oh, por favor!

Sophie sabia que era inútil continuar o protesto, então soltou um longo suspiro de sofrimento exagerado, só para agradar às crianças, e virou-se de costas para que Hyacinth pudesse amarrar-lhe um lenço sobre os olhos.

– Consegues ver? – quis saber Nicholas.

– Não – mentiu Sophie.

Ele virou-se para Hyacinth com uma careta. – Ela consegue ver.

Como é que ele sabia?

– Põe mais um lenço – disse ele. – Este é muito fino.

– Que afronta! – murmurou Sophie, mas, mesmo assim, inclinou-se ligeiramente para que Hyacinth pudesse amarrar-lhe mais um lenço.

– Agora está cega! – silvou John.

Sophie ofereceu a todos um sorriso extremamente doce.

– Tudo pronto – disse Nicholas, claramente no comando. – Agora esperas dez segundos para nos podermos esconder.

Sophie fez que sim com a cabeça e, em seguida, tentou não se encolher ao ouvir os sons de uma corrida louca por todo o aposento. – Tentem não partir nada! – exclamou, como se isso fizesse alguma diferença para uma criança de seis anos sobre-excitada.

– Tudo pronto? – perguntou ela.

Nenhuma resposta. Isso significava que sim.

– Aqui vou eu! – ela gritou.

– *Cabra-cega!* – vieram cinco vozes em uníssono.

Sophie franziu a testa de concentração. Uma das meninas estava definitivamente atrás do sofá. Deu alguns passos curtos para a direita.

– Quem está aí?

– Cabra-cega! – ouviu outra vez, seguido, é claro, por alguns risinhos abafados.

– Quem ser... Ai!

Mais gritinhos e risinhos à socapa. Sophie resmoneou enquanto esfregava a canela magoada.

– Aqui vou eu! – exclamou com bastante menos entusiasmo.

– Cabra-cega!

– Cabra-cega!

– CABRA-CEGA!

– CABRA-CEGA!

– CABRA-CEGA!

– Já te apanhei, Alice – murmurou ela baixinho, decidindo apanhar o elemento mais fraco e presumivelmente mais pequeno do grupo. – És toda minha.

Benedict quase conseguira escapar sem que reparassem. Depois de a mãe ter saído da sala, bebeu um muito necessário copo de *brandy* e preparava-se para se ir embora quando foi apanhado por Eloise, dizendo-lhe que *não poderia* de forma alguma ir-se embora porque a mãe estava a tentar a muito *custo* reunir todos os filhos porque a Daphne tinha uma notícia *importante* para dar.

– Está grávida outra vez? – perguntou Benedict.

– Finge surpresa. Não devias saber.

– Não vou fingir nada. Vou-me embora.

Ela deu um salto desesperado para a frente e de alguma forma conseguiu agarrá-lo pela manga. – Não podes.

Benedict soltou um longo suspiro e tentou soltar-lhe os dedos do braço, mas ela tinha a camisa bem presa na mão. – Eu vou levantar um pé – disse ele em tom lento e tedioso – e dar um passo em frente.

Depois, vou levantar o outro pé...

– Prometeste à Hyacinth que a ajudavas com a aritmética – disse Eloise de repente. – Ela não te põe a vista em cima há duas semanas.

– Não é como se ela vá reprovar na escola – resmungou Benedict.

– Benedict, isso é uma coisa terrível de se dizer! – exclamou Eloise.

– Eu sei – ele gemeu, na esperança de evitar um sermão.

– Só porque nós, do sexo feminino, não estamos autorizadas a estudar em sítios como Eton e Cambridge não significa que a nossa educação não seja menos preciosa – começou Eloise com a sua retórica, ignorando completamente o fraco «Eu sei» do irmão.

– Além disso... – continuou.

Benedict encostou-se à parede, num gesto de desistência.

– ...sou da opinião de que a razão pela qual *não* nos é permitido acesso é que, se *assim fosse*, trucidaríamos os homens em todas as disciplinas!

– Tenho a certeza de que tens razão – ele suspirou.

– Não sejas paternalista comigo.

– Acredita em mim, Eloise, a última coisa que me passaria pela cabeça era ser paternalista contigo.

Ela olhou-o com desconfiança antes de cruzar os braços e dizer: – Bem, não deceções a Hyacinth.

– Está bem – assentiu ele em tom cansado.

– Acho que ela está no quarto de brincar.

Benedict dirigiu-lhe um aceno distraído e começou a subir as escadas.

Mas, ao arrastar-se escada acima, não viu Eloise a voltar-se para a mãe, que espreitava pela porta da sala de música, e dar-lhe uma piscadela de olho e um grande sorriso.

O quarto de brincar ficava no segundo andar. Benedict normalmente não ia até lá a cima porque a maioria dos quartos dos irmãos ficava no primeiro andar. Apenas Gregory e Hyacinth ainda dormiam ao lado do quarto de brincar, e com Gregory em Eton durante a maior parte do ano e Hyacinth geralmente a aterrorizar alguém em alguma outra parte da casa, Benedict simplesmente não tinha muitas razões para subir até lá.

Não lhe escapou que, além do quarto de brincar, o segundo andar abrigava também os quartos para os criados de mais alta categoria. Incluindo as criadas de quarto.

Sophie.

Ela estaria provavelmente enfiada em algum canto, ocupada com a costura – certamente não no quarto de brincar, que era o domínio das amas. Uma criada de quarto não teria razão nenhuma para...

– Iiiiiá!

Benedict ergueu as sobrancelhas. Aquilo era definitivamente o som de riso infantil, e a probabilidade de sair da boca de uma Hyacinth com catorze anos era muito baixa.

Ah, pois. Os primos Wentworth estavam de visita. A mãe havia dito alguma coisa sobre isso. Bem, isso seria um bônus. Já não os via há uns meses e eram crianças boas, se bem que um pouco impetuosas.

Quando se aproximou da porta do quarto de brincar, o riso aumentou, e a ele acrescentou-se uma boa dose de guinchos. Os sons fizeram Benedict sorrir e aproximou-se da porta aberta; foi então que...

A viu.

A *ela*.

Não Sophie.

Ela.

E, no entanto, *era* Sophie.

Ela estava com os olhos vendados, sorrindo, enquanto tateava com as mãos na direção das crianças risonhas. Via apenas a metade inferior do rosto dela e foi assim que soube.

Havia apenas uma outra mulher no mundo a quem tinha visto apenas a metade inferior do rosto.

O sorriso era o mesmo. O sinal na ponta do queixo era o mesmo. Era *tudo* igual.

Ela era a mulher de vestido prateado, a mulher do baile de máscaras.

De repente, tudo fez sentido. Apenas duas vezes na vida tinha sentido aquela atração inexplicável, quase mística, por uma mulher. Pensara que era notável ter encontrado duas, quando sempre acreditara de todo o coração que havia apenas uma mulher perfeita para ele.

O seu coração estava certo. *Havia* apenas uma.

Procurara por ela durante meses. Ansiara por ela ainda mais. E aqui estava, debaixo do seu nariz.

E ela não lhe dissera nada.

Será que compreendia o que o fizera passar? Quantas horas ele ficara acordado, sentindo que estava a trair a mulher de vestido prateado – a mulher com quem sonhara casar – tudo porque estava a apaixonar-se por uma criada?

Meu Deus, aquilo raiava o absurdo. Finalmente tinha decidido esquecer a mulher de vestido prateado.

Ia pedir Sophie em casamento e que se danassem as consequências sociais.

As duas eram uma só.

Um eco estranho encheu-lhe a cabeça, como se lhe tivessem batido com duas enormes conchas nos ouvidos, assobiando, lamentando-se, zumbindo; e, de repente, o ar pareceu adquirir um cheiro um pouco acre e tudo parecia um pouco vermelho e...

Benedict não conseguia tirar os olhos dela.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Sophie. As crianças tinham ficado todas em silêncio, a olhar fixamente para Benedict com a boca aberta e olhos muito arregalados.

– Hyacinth – pediu ele, seco – fazes o favor de levar toda a gente daqui?

– Mas...

– *Agora!* – rugiu.

– Nicholas, Elizabeth, John, Alice, venham comigo – apressou-se Hyacinth a dizer, a voz rápida. – Há biscoitos na cozinha, e eu sei que...

Mas Benedict não ouviu o resto. Hyacinth tinha conseguido esvaziar o quarto em tempo recorde e a voz dela foi desvanecendo pelo corredor à medida que levava as crianças embora.

– Benedict? – dizia Sophie, atrapalhada com o nó do lenço na parte de trás da cabeça. – Benedict?

Ele fechou a porta. O estalido foi tão alto que ela deu um pulo. – O que se passa? – ela sussurrou.

Ele não disse nada, ficando apenas a observá-la enquanto ela tentava arrancar o lenço. Gostava de a ver assim, impotente. Naquele momento não se sentia terrivelmente generoso nem caridoso.

– Tens alguma coisa para me dizer? – perguntou ele. A voz soou controlada, mas as mãos tremiam.

Ela ficou quieta, tão quieta que ele era capaz de jurar poder ver o calor a exalar do seu corpo. Então, ela aclarou a garganta, um som constrangido e desagradável, e voltou a tentar desapertar o nó. O

movimento fazia com que o vestido se apertasse em torno dos seios, mas Benedict não sentiu um pinga de desejo.

Era a primeira vez que não sentia desejo por aquela mulher, em qualquer das encarnações, pensou com ironia.

– Podes ajudar-me com isto? – pediu ela, contudo a voz era hesitante.

Benedict não se mexeu.

– Benedict?

– É interessante ver-te com um lenço amarrado na cabeça, Sophie – disse ele suavemente.

As mãos dela caíram lentamente para os lados do corpo.

– É quase como uma mascarilha, não achas?

Os lábios dela abriram-se e a brisa suave de ar que os atravessou foi o único ruído da sala.

Ele caminhou na sua direção, lenta, inexoravelmente, o som dos passos apenas alto o suficiente para ela saber que ele se aproximava. – Não vou a um baile de máscaras há muitos anos – disse ele.

Ela soube. Ele podia vê-lo no rosto dela, na posição da sua boca, apertada nos cantos e, no entanto, ainda ligeiramente aberta. Ela sabia que ele sabia.

Ele esperava que ela estivesse aterrorizada.

Deu mais dois passos na direção dela e então, de repente, virou para a direita, o braço roçando ao de leve na manga dela. – Alguma vez ias dizer-me que já nos tínhamos conhecido?

A boca mexeu-se, mas ela não falou.

– Ias? – insistiu ele, a voz baixa e controlada.

– Não – respondeu ela, com voz hesitante.

– Ah, sim?

Ela manteve-se em silêncio.

– Por alguma razão em particular?

– N... não me pareceu pertinente.

Ele rodou nos calcanhares. – Não te pareceu *pertinente*! – explodiu. – Apaixonei-me por ti há dois anos e não te pareceu pertinente?

– Posso, por favor, retirar o lenço? – ela sussurrou.

– Podes ficar cega.

– Benedict, eu...

– Tal como *eu* andei cego no último mês – continuou ele, furioso. – Porque não vês se gostas?

– Tu não te apaixonaste por mim há dois anos – disse ela, dando um puxão ao lenço muito apertado.

– Como é que sabes? *Tu* desapareceste.

– Eu *tive* de desaparecer – ela quase gritou. – Não tive escolha.

– Nós temos sempre escolha – disse ele com condescendência. – É a isso que chamamos livre arbítrio.

– Isso é fácil de dizer – replicou ela, puxando freneticamente a venda.

– Tu, que tens tudo! Eu tive de...

Oh! – Com mais um sacão, conseguiu puxar para baixo os lenços até ficarem pendurados à volta do pescoço.

Sophie piscou devido ao ataque repentino de luz. Então viu o rosto de Benedict e deu um passo cambaleante atrás.

Os olhos dele estavam em chamas, queimando de raiva e, sim, de uma mágoa que mal podia compreender. – É bom ver-te, Sophie – disse ele numa voz perigosamente baixa. – Se de facto é esse o teu nome verdadeiro.

Ela assentiu com a cabeça.

– Ocorreu-me que – ele disse, com ar forçadamente casual –, se estavas no baile de máscaras, então não és exatamente da classe servente, não achas?

– Eu não tinha convite – disse ela apressadamente. – Eu era uma fraude. Uma fingidora. Não tinha direito de estar lá.

– Tu mentiste-me. Este tempo todo, mentiste-me.

– Tive de o fazer – ela sussurrou.

– Oh, por favor! O que pode ser tão terrível que tenhas de esconder a tua identidade de *mim*?

Sophie engoliu em seco. Ali no quarto de brincar de casa dos Bridgerton, com ele a parecer agigantar-se acima dela, não conseguia lembrar-se porque tinha decidido não lhe contar que era a mulher do baile de máscaras.

Talvez temesse que ele quisesse fazer dela sua amante.

O que tinha acontecido de qualquer maneira.

Ou talvez não tivesse dito nada porque quando finalmente percebeu que não ia ser um encontro casual, que ele não ia deixar «Sophie, a criada» escapar da sua vida, já era tarde de mais. Tinha deixado passar muito tempo sem lhe contar e temia a sua raiva.

O que fora exatamente o que acontecera.

Argumentar. Claro que isso era fraco consolo, ali à frente dele, vendo os seus olhos exibirem puro fogo de raiva e frio desdém, tudo ao mesmo tempo.

Talvez a verdade, por menos lisonjeira que fosse, era que tinha sentido o orgulho ferido. Desiludida por ele não a ter reconhecido. Se a noite do baile de máscaras tivesse sido tão mágica para ele como para ela, não deveria ele ter percebido de imediato que era ela?

Passara dois anos a sonhar com ele. Dois anos a imaginar o seu rosto todas as noites. E quando ele a vira, aquilo que vira fora uma estranha.

Ou talvez, quem sabe, não tivesse sido nada disso. Talvez fosse mais simples. Talvez ela só quisesse proteger o coração. Não sabia porquê, mas sentia-se um pouco mais segura, um pouco menos exposta como uma qualquer criada anónima. Se Benedict soubesse quem ela era ou, pelo menos, soubesse que ela era a mulher do baile de máscaras, não a teria deixado em paz. Tê-la-ia perseguido implacavelmente.

Oh, também a perseguiria mesmo pensando que ela era criada. Mas teria sido diferente se soubesse a verdade. Sophie tinha a certeza disso. Ele não teria percebido as diferenças de classe como sendo tão grandes e Sophie teria perdido uma importante barreira entre eles. O estatuto social dela, ou a falta dele, funcionara como um muro de proteção em redor do seu coração. Ela não *podia* aproximar-se de mais porque, muito sinceramente, não podia aproximar-se de mais. Um homem como Benedict, filho e irmão de viscondes, nunca se casaria com uma criada.

Mas a filha ilegítima de um conde... essa era uma situação muito mais complicada. Ao contrário de uma criada, uma bastarda da aristocracia podia sonhar.

Mas os seus sonhos, tal como os de uma criada, não eram suscetíveis de se tornarem realidade, tornando assim o ato de sonhar muito mais doloroso. E ela sabia, de cada vez que o segredo estivera na ponta da

língua pronto para escapar, que contar-lhe a verdade teria como resultado direto um coração destroçado.

Sophie quase teve vontade de rir. O seu coração não poderia sentir-se pior do que agora.

– Procurei-te – disse ele, a voz baixa e intensa interrompendo-lhe os pensamentos.

Os olhos dela arregalaram-se e ficaram marejados de lágrimas. – Sim? – sussurrou.

– Durante seis malditos meses – praguejou ele. – Foi como se te tivesses evaporado, desaparecido da face da Terra.

– Eu não tinha para onde ir – disse ela sem saber porquê.

– Tinhas-me a *mim*.

As palavras pairaram no ar, pesadas e sinistras. Finalmente, Sophie, impelida por algum sentido perverso de honestidade tardia, disse: – Eu não sabia que me tinhas procurado. Mas... mas... –

engasgou-se na palavra, fechando os olhos com força para aliviar a dor do momento.

– Mas, o quê?

Engoliu convulsivamente e, quando finalmente abriu os olhos, não olhou para ele. – Mesmo que eu soubesse que me procuravas – disse ela, colocando os braços à volta do corpo, num abraço autoprotetor

–, não teria deixado que me encontrasses.

– Sou assim tão repulsivo para ti?

– Não! – ela gritou, os olhos voando para o rosto dele. Nele havia dor. Escondia-a bem, mas ela conhecia-o. Havia dor nos seus olhos.

– Não – repetiu ela, tentando manter a voz calma e uniforme. – Não era isso. Nunca poderia ser isso.

– Então o quê?

– Nós somos de mundos diferentes, Benedict. Mesmo na altura, eu sabia que seria impossível termos um futuro. E teria sido uma tortura. Enganar-me com um sonho que nunca poderia tornar-se realidade? Eu

não era capaz.

– Quem és tu? – ele perguntou de repente.

Ela limitou-se a olhar para ele, petrificada.

– Diz-me – insistiu ele em tom duro. – Diz-me quem és. Porque eu sei que não és nenhuma maldita criada, isso é certo.

– Eu sou exatamente o que disse – respondeu ela e, ao ver o seu olhar assassino, rapidamente acrescentou: – Quase.

Ele avançou sobre ela. – Quem és?

Ela recuou mais um passo. – Sophia Beckett.

– *Quem és?*

– Sou criada desde os meus catorze anos.

– E quem eras antes disso?

A voz dela desceu para um sussurro. – Uma filha bastarda.

– De quem?

– Será que isso importa?

A postura dele tornou-se ainda mais beligerante. – Importa para mim.

Sophie sentiu-se destruída. Não esperava que ele ignorasse os deveres da sua condição e se casasse com alguém como ela, mas esperava que ele não se importasse assim tanto.

– Quem eram os teus pais? – insistiu Benedict.

– Ninguém que conheças.

– Quem eram os teus pais? – rugiu.

– O conde de Penwood – praticamente gritou.

Ele ficou absolutamente imóvel, não moveu um único músculo. Nem sequer pestanejou.

– Eu sou filha bastarda de um nobre – disse ela em tom áspero, anos de raiva e ressentimento saindo em torrente. – O meu pai era o conde de Penwood e a minha mãe era criada. Sim – ela cuspiu quando viu o

rosto dele a empalidecer –, a minha mãe era criada de quarto. Tal como eu.

Uma pausa pesada encheu o ar e, em seguida, Sophie disse em voz baixa: – Eu não vou ser como a minha mãe.

– E, no entanto, se ela se tivesse comportado de outra maneira, tu não estarias aqui para contar a história.

– O importante não é isso.

As mãos de Benedict, até aí crispadas dos lados do corpo, começaram a contorcer-se. – Mentiste-me –

disse em voz baixa.

– Não fazia sentido dizer a verdade.

– Quem diabos és tu para decidir? – ele explodiu. – O pobre Benedict não é capaz de lidar com a verdade. Não é capaz de tomar as suas próprias decisões. Não...

Calou-se, enojado pelo tom de lamúria na sua voz. Ela estava a transformá-lo em alguém que ele não conhecia, alguém de quem não gostava.

Tinha de sair dali. Tinha de...

– Benedict? – Ela olhava para ele com um ar estranho. Os olhos mostravam preocupação.

– Tenho de ir – murmurou ele. – Não consigo olhar para ti agora.

– Porquê? – perguntou ela, e ele pôde ver no seu rosto o arrependimento imediato por ter feito a pergunta.

– Estou tão zangado neste momento – disse ele, cada palavra lenta e suspensa na frase como um *staccato* – que nem estou a reconhecer-me. Eu... – olhou para as mãos que tremiam. Percebeu que tinha vontade de a magoar. Não, não queria magoá-la. Nunca seria capaz de magoá-la. E, no entanto...

E no entanto...

Era a primeira vez na vida que se sentia tão descontrolado. Isso assustou-o.

– Tenho de ir – repetiu, passando por ela, brusco, com a pressa de se ir embora.

CAPÍTULO 20

E já que nos debruçamos sobre este tema, a mãe de Miss Reiling, a condessa de Penwood, também tem agido de forma muito estranha ultimamente. Segundo mexericam os criados (que, como sabemos, são sempre a fonte mais fiável), a condessa teve um ataque de fúria a noite passada, lançando nada menos que dezassete sapatos aos criados.

Um laçao acabou com um olho negro, mas fora isso, todos permanecem de boa saúde.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

11 DE JUNHO 1817

Uma hora depois, Sophie já tinha todos os seus pertences na bolsa. Não sabia mais o que fazer. Estava dominada – dolorosamente dominada – pelos nervos e não conseguia ficar parada. Não parava de andar de um lado para o outro com as mãos a tremelicar e, de longe a longe, tinha de abrir a boca para engolir uma grande golfada de ar, como se isso ajudasse, de alguma forma, a acalmá-la por dentro.

Nem pensar em ser autorizada a permanecer ali na casa de Lady Bridgerton depois do horrível desentendimento com Benedict. Lady Bridgerton gostava de Sophie, era verdade, mas Benedict era seu filho. O sangue falava muito mais alto do que qualquer outra coisa, especialmente sendo sangue Bridgerton.

Mas era muito triste, pensou ao sentar-se na cama, as mãos ainda a torturar um lenço irremediavelmente esfarrapado. Apesar de todo o turbilhão interior por causa de Benedict, ela *gostara* de viver na casa dos Bridgerton. Sophie nunca antes tivera o privilégio de viver entre um grupo de pessoas que realmente compreendia o significado da palavra família.

Ia sentir saudades deles.

Ia sentir saudades de Benedict.

E ia chorar a vida que não podia ter.

Incapaz de ficar quieta, levantou-se de um pulo e foi até à janela. – Maldito seja, papá – disse ela, olhando para o céu. – É isso mesmo. Chamei-lhe papá. Nunca mo deixou fazer. Nunca quis *sê-lo*. –

Soluçou convulsivamente, usando as costas da mão para limpar o nariz. – Chamei-lhe papá. Como é que isso o faz sentir?

Mas não houve nenhum súbito ribombar de trovão, nenhuma nuvem negra a aparecer do nada para encobrir o sol. O pai nunca saberia como estava zangada com ele por tê-la deixado sem um *penny*, por tê-la deixado com Araminta. Muito provavelmente, nem quereria saber.

Sentiu-se subitamente muito cansada e encostou-se ao caixilho da janela, esfregando os olhos com a mão. – Deixou-me sentir o sabor de uma outra vida – sussurrou – e depois abandonou-me à mercê da intempérie. Teria sido tão mais fácil se eu tivesse sido educada como criada. Eu não teria querido tanto.

Tudo teria sido mais fácil.

Virou-se e os olhos recaíram na sua única e parca bolsa. Não queria ficar com nenhum dos vestidos que Lady Bridgerton e as filhas lhe haviam dado, mas não tinha outra escolha, uma vez que os velhos vestidos haviam sido relegados ao caixote do lixo. Então, tinha escolhido apenas dois, o mesmo número com o qual chegara: o que estava a usar quando Benedict descobriu a sua identidade e um de reserva, que

tinha enfiado na bolsa. O resto tinha deixado pendurado, passado a ferro, no guarda-vestidos.

Sophie suspirou, fechando os olhos um momento. Chegara a hora de ir. Para onde, não sabia, mas não podia ficar ali.

Baixou-se e pegou na bolsa. Tinha algum dinheiro guardado. Não muito, mas se trabalhasse e fosse poupada, daí a um ano teria dinheiro suficiente para uma passagem para a América. Tinha ouvido dizer que as coisas eram mais fáceis lá para aqueles de nascimento menos respeitável, que as fronteiras de classe não eram tão rigorosas quanto ali na Inglaterra.

Espreitou para o corredor, ditosamente vazio. Sabia que estava a tomar uma atitude covarde, mas não queria ter de dizer adeus às filhas Bridgerton. Seria capaz de fazer algo *realmente* estúpido, como

desatar a chorar, e então sentir-se ainda pior. Nunca tinha tido a oportunidade de passar tempo com mulheres da sua idade que a tratavam com respeito e carinho. Em tempos esperara que Rosamund e Posy fossem como irmãs, mas tal nunca chegara a acontecer. Posy até poderia ter tentado, mas Araminta nunca o permitiria, e Posy, talvez também pelo facto de ser tão doce, nunca tivera força suficiente para enfrentar a mãe.

Mas era obrigada a despedir-se de Lady Bridgerton. Não havia forma de contornar isso. Lady Bridgerton tinha sido extremamente amável com ela, para além de qualquer expectativa, e Sophie não ia agradecer esgueirando-se e desaparecendo como uma criminosa. Com sorte, Lady Bridgerton ainda não teria ouvido falar da altercação com Benedict. Sophie podia demitir-se, dizer-lhe adeus e ir-se embora.

Era o fim de tarde, há muito tinha passado a hora do chá, por isso Sophie decidiu arriscar e ver se Lady Bridgerton estava no pequeno escritório que mantinha ao lado do seu quarto. Era uma salinha aconchegante, com uma escrivaninha e estantes, um lugar onde Lady Bridgerton tratava da correspondência e das contas domésticas.

A porta estava entreaberta, então Sophie bateu suavemente, os nós dos dedos na madeira fazendo com que a porta se abrisse alguns centímetros.

– Entre! – ouviu-se a voz de Lady Bridgerton.

Sophie abriu a porta e espreitou lá para dentro – Estou a interromper? – perguntou baixinho.

Lady Bridgerton pousou a pena. – Sim, mas é uma interrupção muito bem-vinda. Eu nunca gostei de fazer o balanço das contas domésticas.

– Terei todo... – Sophie calou-se. Estava prestes a dizer que teria todo o prazer em assumir a tarefa, sempre tivera jeito para números.

– Como dizia? – perguntou Lady Bridgerton com expressão calorosa.

Sophie abanou a cabeça ao de leve. – Nada.

Instalou-se o silêncio na salinha até que Lady Bridgerton dirigiu um sorriso levemente divertido a Sophie e perguntou: – Alguma razão específica para vir bater à minha porta?

Sophie respirou fundo com o intuito de acalmar os nervos (o que não resultou) e disse: – Sim.

Lady Bridgerton olhou para ela com expectativa, mas não disse nada.

– Infelizmente, venho demitir-me da minha posição aqui – anunciou Sophie.

Lady Bridgerton literalmente saltou do assento. – Mas porquê? Não está contente aqui? Alguma das meninas a tratou mal?

– Não, não – apressou-se Sophie a assegurar. – Isso não poderia estar mais longe da verdade. As suas filhas são jovens encantadoras, tão amáveis quanto belas. Eu nunca... isto é, ninguém nunca...

– O que se passa, Sophie?

Sophie agarrou-se à moldura da porta, tentando desesperadamente equilibrar-se. Sentia as pernas bamboleantes e o coração acelerado. Estava prestes a irromper em lágrimas e porquê? Porque o homem que amava nunca se casaria com ela? Porque ele a odiava por lhe ter mentido? Porque ele lhe tinha

partido o coração duas vezes: uma, pedindo que fosse sua amante, e outra, fazendo-a amar a família dele para, em seguida, obrigá-la a ir-se embora?

Ele podia não ter exigido que ela se fosse embora, mas não poderia ser mais óbvio que ela não podia ficar.

– É Benedict, não é?

A cabeça de Sophie ergueu-se como um raio.

Lady Bridgerton sorriu com pesar. – É óbvio que existe algum sentimento entre os dois – disse ela com brandura, respondendo à pergunta que Sophie sabia mostrarem os seus olhos.

– Porque não me despediu? – perguntou Sophie num sussurro. Não achava que Lady Bridgerton estivesse ciente do grau de intimidade entre Sophie e Benedict, mas ninguém da posição de Lady Bridgerton iria querer o filho a suspirar por uma criada.

– Não sei – respondeu Lady Bridgerton, mostrando uma luta interior que Sophie jamais teria imaginado. – Talvez devesse tê-lo feito. – Encolheu os ombros, os olhos curiosamente impotentes. – Mas eu gosto de si.

As lágrimas que Sophie se esforçara tanto para conter começaram a

rolar-lhe pela cara abaixo, mas, apesar disso, conseguiu manter a compostura. Não desatou a tremer, não emitiu um único som. Ficou apenas ali, absolutamente imóvel, deixando as lágrimas cair.

Quando Lady Bridgerton voltou a falar, as palavras saíram de forma muito cuidada e comedida, como se tivesse estado a escolhê-las, à procura de uma resposta específica. – A Sophie é – começou, os olhos postos no rosto dela – o tipo de mulher que eu gostaria para o meu filho. Não a conheço há muito tempo, mas conheço o seu caráter e o seu coração. Quem me dera...

Um pequeno soluço sufocado irrompeu da boca de Sophie, mas ela engoliu-o tão rapidamente quanto pôde.

– Quem me dera que as suas origens fossem outras – continuou Lady Bridgerton, mostrando a sua compreensão ao soluço de Sophie com uma inclinação de cabeça acompanhada de um lento e triste piscar de olhos. – Não que eu tenha alguma coisa contra ou pense menos de si, mas torna tudo mais difícil.

– Impossível – sussurrou Sophie.

Lady Bridgerton não disse nada, e Sophie soube que no fundo ela concordava totalmente ou, pelo menos, noventa e oito por cento com a sua afirmação.

– Será possível – perguntou Lady Bridgerton, as palavras ainda mais comedidas e cuidadosas do que antes – que as suas origens não sejam bem o que parecem?

Sophie não disse nada.

– Há coisas em si que não fazem sentido, Sophie.

Sophie sabia que ela esperava que perguntasse quais, mas tinha bem mais do que uma desconfiança do que Lady Bridgerton queria dizer.

– A sua pronúncia é impecável – prosseguiu Lady Bridgerton. – Eu sei que me disse que teve aulas com as crianças da casa onde a sua mãe trabalhava, mas essa explicação não me parece suficiente. Nesse caso só teria iniciado as lições um pouco mais velha, com seis anos, pelo menos, e os seus padrões de fala já estariam bastante definidos nessa altura.

Sophie sentiu os olhos arregalarem-se. Nunca tinha reparado nessa falha da sua história e ficou bastante admirada por mais ninguém ter

notado até agora. Mas, pensando bem, Lady Bridgerton era muito mais inteligente do que a maioria das pessoas a quem havia contado a história inventada.

– E sabe latim – continuou Lady Bridgerton. – Não tente negar. Ouvi-a resmonear por entre dentes outro dia quando Hyacinth a aborreceu.

Sophie manteve o olhar fixo na janela à esquerda de Lady Bridgerton. Não era capaz de a encarar.

– Obrigada por não negar – disse Lady Bridgerton. E então esperou que Sophie dissesse alguma coisa, esperou tanto tempo que, por fim, Sophie viu-se obrigada a preencher o silêncio interminável.

– Eu não estou à altura do seu filho – foi tudo o que conseguiu dizer.

– Percebo.

– Agora devo realmente ir. – Tinha de pôr as palavras cá fora o mais rapidamente possível, antes que mudasse de ideias.

Lady Bridgerton assentiu. – Se é essa a sua vontade, não há nada que eu possa fazer para a impedir.

Para onde pretende ir?

– Tenho família no Norte do país – mentiu Sophie.

Lady Bridgerton claramente não acreditou, mas respondeu: – Obviamente irá fazer uso de uma das nossas carruagens.

– Não, isso seria um abuso.

– Nem pense que eu admitiria outra coisa. Considero-a como minha responsabilidade, pelo menos durante os próximos dias, e é demasiado perigoso que saia sem escolta. Não é seguro para uma mulher sozinha no mundo.

Sophie teve dificuldade em reprimir um sorriso pesaroso. O tom de Lady Bridgerton podia ser diferente, mas as palavras eram praticamente as proferidas por Benedict algumas semanas antes. E era ver onde isso a tinha levado. Nunca diria que ela e Lady Bridgerton eram amigas íntimas, mas conhecia-a o suficiente para saber que não poderia persuadi-la a contrariar a sua resolução.

– Muito bem – concordou Sophie. – Obrigada. – Depois podia pedir que a carruagem a deixasse num sítio qualquer, de preferência, não

muito longe de um porto onde, eventualmente, pudesse reservar uma passagem para a América, e depois decidir o que fazer.

Lady Bridgerton ofereceu-lhe um sorriso fraco cheio de tristeza. – Imagino que já tenha as malas prontas?

Sophie assentiu. Não lhe pareceu necessário salientar que só tinha uma única bolsa.

– Já fez as suas despedidas?

Sophie abanou a cabeça. – Preferia não o fazer – admitiu.

Lady Bridgerton levantou-se e abanou a cabeça. – Às vezes é melhor – concordou. – Porque não me espera no átrio de entrada? Vou pedir que preparem uma carruagem.

Sophie virou-se para sair, mas, quando chegou à porta, parou e deu meia-volta. – Lady Bridgerton, eu...

Os olhos da senhora iluminaram-se, como que à espera de uma boa notícia. Ou se não boa, então, pelo menos, diferente. – Sim?

Sophie engoliu em seco. – Eu só queria agradecer-lhe.

A luz nos olhos de Lady Bridgerton esmaeceu um pouco. – Ora essa, porquê?

– Por me ter recebido, por me ter aceitado e por me ter permitido fazer de conta que era uma parte da família.

– Não seja ton...

– Não era obrigada a deixar-me tomar chá consigo e com as meninas – interrompeu Sophie. Se não punha tudo cá para fora naquele momento, perderia a coragem. – A maioria das mulheres não o teria feito. Foi maravilhoso... e novo... e... – Engoliu em seco. – Vou sentir muitas saudades de todos vós.

– Não tem de ir – disse Lady Bridgerton com suavidade.

Sophie tentou sorrir, mas saiu balbuciante e com sabor a lágrimas. – Sim – disse, a palavra estrangulada –, tenho.

Lady Bridgerton fitou-a durante um longo momento, os olhos azuis repletos de compaixão e, em

seguida, talvez com uma certa tomada de consciência, disse baixinho:
– Percebo.

E Sophie temeu que ela realmente tivesse percebido.

– Encontro-me consigo lá em baixo – disse Lady Bridgerton.

Sophie assentiu com a cabeça e afastou-se para deixar passar a viscondessa viúva. Lady Bridgerton parou na entrada, olhando para a bolsa gasta de Sophie. – Isso é tudo o que possui? – perguntou.

– Tudo no mundo.

Lady Bridgerton engoliu com desconforto e o seu rosto assumiu um leve tom de cor-de-rosa, quase como se estivesse verdadeiramente envergonhada pela sua riqueza e pela falta da de Sophie.

– Mas isto... – começou Sophie, apontando para o saco – não é o que é importante. O que tem... –

parou, tentando engolir o nó que se formara na garganta. – Não quero dizer bens materiais...

– Eu sei o que quer dizer, Sophie. – Lady Bridgerton limpou os olhos com leves pancadinhas dos dedos. – Obrigada.

Os ombros de Sophie elevaram-se e voltaram a descer num leve encolher de ombros. – É a verdade.

– Deixe-me dar-lhe algum dinheiro antes de ir, Sophie – disse Lady Bridgerton de repente.

Sophie sacudiu a cabeça, negando. – Não posso aceitar. Já levo dois dos vestidos que me ofereceu. Eu não queria, mas...

– Está tudo bem – tranquilizou-a Lady Bridgerton. – O que mais poderia fazer? Os que trouxe já não existem. – Ela aclarou a garganta.
– Mas, por favor, deixe-me dar-lhe algum dinheiro. – Viu Sophie abrir a boca para protestar e insistiu: – *Por favor*. Ficarei mais descansada.

Lady Bridgerton tinha uma maneira de olhar para uma pessoa que a convencia a fazer o que pedia e, além do mais, Sophie realmente precisava do dinheiro. Lady Bridgerton era uma senhora generosa; podia até dar a Sophie o suficiente para reservar uma passagem de terceira classe para a travessia do oceano.

Sophie acabou por dizer: – Obrigada – antes de a sua consciência ter a

hipótese de contrariar a oferta.

Lady Bridgerton dirigiu-lhe um breve aceno de cabeça e desapareceu no corredor.

Trémula, Sophie respirou fundo e, então, pegou na bolsa e desceu lentamente as escadas. Esperou no átrio de entrada alguns instantes, mas depois decidiu que seria melhor esperar lá fora. Estava um belo dia de primavera e Sophie achou que um pouco de sol no rosto poderia fazê-la sentir-se melhor. Ou, pelo menos, um bocadinho melhor. Além disso, arriscaria menos encontrar uma das filhas Bridgerton e, embora fosse sentir muito a falta delas, não queria ter de dizer adeus.

Ainda com a bolsa na mão, abriu a porta da frente e desceu os degraus.

Não devia demorar muito para que a carruagem chegasse. Cinco minutos, talvez dez, talvez...

– Sophie Beckett!

Sophie sentiu o coração subir-lhe à boca e ato contínuo cair ao chão. Araminta. Como podia ter-se esquecido?

Paralisada, olhou em volta e para o cimo das escadas, tentando descobrir qual o melhor caminho por onde fugir. Se corresse de volta para a casa Bridgerton, Araminta saberia onde a encontrar e se fugisse a pé...

– Polícia! – Araminta gritou. – Chamem a polícia!

Sophie deixou cair a bolsa e desatou a correr.

– Ajuda! – gritou Araminta. – Agarra que é ladrão! Agarra que é ladrão!

Sophie continuou a correr, mesmo sabendo que isso a faria parecer culpada. Correu com quantas forças tinha, engolindo o ar às golfadas. Correu, correu, correu...

Até alguém a apanhar, deitando-lhe a mão pelas costas e atirando-a ao chão.

– Apanhei-a! – gritou o homem. – Já a apanhei!

Sophie piscou e soluçou de dor. Tinha caído desamparada, batendo

com a cabeça no chão e o homem

que a agarrara estava praticamente sentado em cima da sua barriga.

– Estás aí! – chilreou Araminta ao chegar apressada. – Sophie Beckett. O deslante!

Sophie ficou a olhar espantada para ela. Não havia palavras para expressar o ódio que sentia. Sem mencionar que estava com demasiadas dores para conseguir falar.

– Tenho andado à tua procura – disse Araminta com um sorriso maldoso. – A Posy contou-me que te tinha visto.

Sophie fechou os olhos um instante mais do que um simples piscar. *Oh, Posy!* Duvidava que ela tivesse tido a intenção de a denunciar, mas Posy não conseguia evitar dar com a língua nos dentes.

Araminta pousou o pé muito perto da mão de Sophie – a que estava imobilizada pelas garras do seu captor à volta do pulso –, então sorriu ao pousar o pé na mão de Sophie. – Não me devias ter roubado –

disse Araminta com os olhos azuis a faiscar.

Sophie apenas conseguiu emitir um grunhido.

– Sabes – continuou Araminta com superioridade –, agora posso mandar-te para a cadeia. Acho que poderia tê-lo feito antes, mas agora a verdade está do meu lado.

Nesse momento, apareceu um homem a correr, estacando em frente a Araminta. – As autoridades estão a caminho, minha senhora. Já não demora muito para que essa ladra seja levada.

Sophie mordeu o lábio inferior, dividida entre rezar para que as autoridades se atrasassem até que Lady Bridgerton viesse cá fora e rezar para que chegassem imediatamente, para que os Bridgerton não assistissem à sua vergonha.

E acabou por ver o seu desejo realizado. O segundo, isto é. Nem dois minutos depois, as autoridades chegaram, atiraram-na para dentro da carroça da polícia e levaram-na para a cadeia.

E tudo o que Sophie conseguia pensar enquanto se afastava era que os Bridgerton nunca saberiam o que lhe tinha acontecido e que talvez fosse melhor assim.

Valha-me Deus, mas que comoção ontem na escadaria frontal da casa de Lady Bridgerton, na Bruton Street!

Primeiro, Penelope Featherington foi vista na companhia de não um, não dois, mas TRÊS irmãos Bridgerton, seguramente uma proeza notável e até então impossível para a pobre moça, que é bastante conhecida pela sua tendência para bicho do mato. Infelizmente (mas talvez previsivelmente) para Miss Featherington, quando finalmente se foi embora, seguiu de braço dado com o visconde, o único homem casado do grupo.

Se Miss Featherington de alguma forma encontrasse artes de arrastar um irmão Bridgerton para o altar, isso certamente significaria o fim do mundo tal como o conhecemos, e esta Vossa Autora, que, admite, estaria completamente perdida num mundo assim, ver-se-ia forçada a renunciar ao seu posto de imediato.

Como se a breve reunião de Miss Featherington não fosse mexerico suficiente, nem três horas mais tarde, uma mulher foi abordada em frente à casa acima referida pela condessa de Penwood, que vive três portas abaixo.

Parece que a mulher, que esta Vossa Autora suspeita trabalhar na casa Bridgerton, foi em tempos criada de Lady Penwood. Lady Penwood alega que a tal mulher não identificada a roubou dois anos antes e mandou que a pobre coitada fosse imediatamente levada para a cadeia.

Esta Vossa Autora não pode assegurar qual a punição nos dias que correm para furto, mas é de suspeitar que se alguém tem a audácia de roubar de uma condessa, a punição deva ser bastante rigorosa. A pobre moça em questão pode vir a ser enforcada ou, no mínimo, desterrada.

As guerras de criadas anteriores (relatadas no mês passado nesta crónica) parecem agora um assunto bastante trivial.

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

13 DE JUNHO 1817

Aprimeira vontade de Benedict na manhã seguinte foi servir-se de uma bebida bem forte. Ou talvez três. Podia ser escandalosamente

cedo para bebidas espirituosas, mas o esquecimento alcoólico soava-lhe bastante atrativo depois da espada enterrada no peito no dia anterior pelas mãos de Sophie Beckett.

Mas então lembrou-se de que tinha combinado um jogo de esgrima com o irmão Colin para essa manhã.

De repente, enterrar o florete no irmão pareceu-lhe bastante apelativo, mesmo que ele não tivesse nada a ver com terrível mau humor de Benedict.

Era para isso que serviam os irmãos, pensou Benedict com um sorriso triste ao pegar no equipamento.

– Só tenho uma hora – avisou Colin, colocando o botão em forma de flor na ponta do florete para segurança. – Tenho um compromisso esta tarde.

– Não faz diferença – respondeu Benedict, ensaiando algumas estocadas para aquecer os músculos das pernas. Já não praticava esgrima há algum tempo e sabia-lhe bem sentir a espada na mão. Recuou para a guarda e tocou com a ponta no chão, deixando a lâmina dobrar ligeiramente. – Não vai demorar mais de uma hora a vencer-te.

Colin revirou os olhos antes de descer a máscara.

Benedict avançou para o centro da sala. – Estás pronto?

– Ainda não – respondeu Colin, seguindo-o.

Benedict deu uma estocada na direção do irmão.

– Eu disse que não estava pronto! – berrou Colin, saltando para o lado.

– És muito lento – provocou Benedict.

Colin praguejou entre dentes e, em seguida, aumentou o tom com um «Raios o partam» para terminar. –

O que é que te deu?

– Nada – Benedict quase rosnou. – Porquê?

Colin recuou até ficarem a uma distância adequada para dar início ao jogo. – Hã, não sei – entoou com evidente sarcasmo – talvez seja porque quase me arrancaste a cabeça.

– Eu tenho a proteção na ponta do florete.

– E estavas a brandi-lo como se de um sabre se tratasse – atirou Colin.

Benedict exibiu um sorriso duro. – É mais divertido assim.

– Não para o meu pescoço. – Colin passou a espada de uma mão para a outra, enquanto flexionava e esticava os dedos. Então parou e franziu a testa, desconfiado. – Tens a certeza de que o que aí tens é um florete?

Benedict fez uma carranca. – Pelo amor de Deus, Colin, nunca usaria uma arma verdadeira.

– Só para ter a certeza – Colin murmurou, tocando no pescoço ao de leve. – Estás pronto?

Benedict assentiu com a cabeça e fletiu os joelhos.

– As regras habituais – disse Colin, assumindo a posição de guarda. – *Nada* de cortar cabeças.

Benedict dirigiu-lhe um breve aceno de cabeça.

– *En garde!*

Os dois homens levantaram os respetivos braços direitos, rodando os pulsos até as palmas ficarem viradas para cima, os floretes corretamente empunhados.

– É novo? – Colin perguntou de repente, olhando para o punho do florete de Benedict com curiosidade.

Benedict praguejou à perda de concentração. – Sim, é novo – resmungou. – Eu prefiro o punho italiano.

Colin deu um passo atrás, perdendo completamente a postura de esgrima, distraído a olhar para o seu florete, com um punho francês menos trabalhado. – Podes emprestar-mo um dia destes? Gostava de ver se...

– Sim! – explodiu Benedict, mal resistindo ao impulso de afundo e estocada imediata. – Fazes o favor de ter pores em guarda?

Colin lançou-lhe um sorriso enviesado e Benedict percebeu que ele só lhe tinha feito perguntas sobre o punho para o irritar. – Como queiras – murmurou Colin, assumindo novamente a posição.

Ficaram imóveis um momento e então Colin exclamou: – Atacar!

Benedict avançou imediatamente, assumindo a ação ofensiva e executando o afundo para a estocada, mas Colin sempre fora particularmente bom no jogo de pés e recuou com mestria, respondendo ao ataque de Benedict com uma parada.

– Estás com um humor dos infernos hoje – comentou Colin, executando um ataque a fundo e quase acertando no ombro de Benedict.

Benedict desviou-se, erguendo o florete para bloquear o ataque. – Sim, bem, eu tive um dia... –

avançou novamente, o florete estendido em posição de ataque – *mau*.

Colin evitou o ataque de forma limpa. – Boa riposta – disse, tocando a testa com o punho do seu florete numa saudação provocatória.

– Cala a boca e ataca – resmungou Benedict.

Colin soltou um riso de satisfação e avançou, balançando o florete para um lado e o outro, mantendo Benedict em recuo. – Deve ser uma mulher – disse.

Benedict travou o ataque de Colin e rapidamente contra-atacou. – Não é da tua conta.

– É uma mulher – disse Colin com um riso trocista.

Benedict fez o afundo, a ponta do florete tocando a zona da clavícula de Colin. – Ponto – resmungou.

Colin dirigiu-lhe um breve aceno de cabeça. – Toque para ti. – Encaminharam-se novamente para o centro da sala. – Estás pronto? – perguntou.

Benedict assentiu.

– *En garde*. Atacar!

Desta vez, Colin foi o primeiro a assumir o ataque. – Se precisares de algum conselho sobre mulheres... – disse ele, obrigando Benedict a recuar.

Benedict levantou o florete, travando o ataque de Colin com tanta força que fez com que o irmão mais novo recuasse, cambaleante. – Se

eu precisasse de conselhos sobre mulheres – retorquiu – a última pessoa a quem pediria era a *ti*.

– Assim magoas-me – disse Colin, recuperando o equilíbrio.

– Não – disse Benedict em tom de gozo. – É para isso que serve a ponta de segurança.

– E eu sempre tenho um melhor historial com as mulheres do que *tu*.

– Estás a falar a sério? – comentou Benedict, sarcástico. Empinou o nariz e, numa imitação razoável de Colin, disse: – Certamente *não* me vou casar com Penelope Featherington!

Colin fez uma careta.

– Tu – acrescentou Benedict – não debes dar conselhos a ninguém.

– Eu não sabia que ela estava lá.

Benedict atacou, quase acertando no ombro de Colin. – Isso não é desculpa. Estavas em público, em plena luz do dia. Mesmo se ela não estivesse lá, alguém poderia ter ouvido e o maldito assunto aparecer estampado no *Whistledown*.

Colin impediu a investida com uma parada, ripostando depois a uma velocidade incrível, tocando Benedict diretamente na barriga. – Toque meu – grunhiu.

Benedict dirigiu-lhe um aceno de cabeça, reconhecendo o ponto.

– Eu fui leviano – disse Colin enquanto retomavam as posições no centro da sala. – Tu, por outro lado, és estúpido.

– O que diabos queres dizer com isso?

Colin suspirou e levantou a máscara. – Porque não nos fazes um favor a todos e te casas logo com a rapariga?

Benedict ficou estarrecido a olhar para ele, a mão frouxa no punho do florete. Haveria alguma possibilidade de Colin não fazer ideia de quem estavam a falar?

Tirou a máscara e olhou bem fundo nos olhos verde-escuros do irmão e quase deixou escapar um gemido. Colin sabia. Não fazia ideia de como Colin sabia, mas o certo é que sabia. Talvez não devesse surpreendê-lo. Colin sabia sempre tudo. Na verdade, a única pessoa

que parecia saber mais mexericos do que Colin era Eloise, e esta nunca deixava passar mais do que algumas horas para partilhar toda a sua sabedoria duvidosa com Colin.

– Como é que soubeste? – Benedict perguntou finalmente.

Um dos cantos da boca de Colin ergueu-se num sorriso trocista. – Sobre Sophie? É bastante evidente.

– Colin, ela é...

– Uma criada? Que importa? O que é que te vai acontecer se casares com ela? – Colin perguntou com um encolher de ombros despreocupado. – As pessoas a quem não dás a mínima importância podem ostracizar-te? Raios, eu não me importaria de ser ostracizado por algumas das pessoas com quem sou obrigado a socializar.

Benedict encolheu os ombros com indiferença. – Eu já decidi que não me preocupo com isso –

respondeu.

– Então qual é o teu problema? – exigiu saber Colin.

– É complicado.

– As coisas só são complicadas na nossa cabeça.

Benedict ponderou um momento, apoiando a ponta do florete no chão e deixando que a lâmina flexível balançasse para a frente e para trás. – Lembras-te do baile de máscaras da mãe? – perguntou.

Colin pestanejou perante pergunta inesperada. – Há uns anos? Mesmo antes de se mudar da Bridgerton House?

Benedict assentiu com a cabeça. – Esse mesmo. Lembras-te de conhecer uma mulher de vestido prateado? Encontraste-nos no corredor.

– Claro. Estavas bastante interessado em... – Colin arregalou os olhos. – Não me digas que era *Sophie*!

– Extraordinário, não é? – Benedict murmurou, cada inflexão da sua voz denotando o eufemismo.

– Mas... como...

- Eu não sei como é que ela lá entrou, mas não é uma criada.
- Não?
- Bem, ela é uma criada – explicou Benedict –, mas também é a filha bastarda do conde de Penwood.
- Não o atual...
- Não, o que morreu há alguns anos.
- E tu sabias de tudo?
- Não – respondeu Benedict, a palavra estalando curta na língua –, não sabia.
- Oh! – Colin mordiscou o lábio inferior enquanto tentava assimilar o significado da frase lacônica do irmão. – Percebo. – Encarou Benedict.
- E o que pretendes fazer?

O florete de Benedict, cuja lâmina tinha estado a balançar para a frente e para trás enquanto ele pressionava a ponta contra o chão, de repente saltou, escapando-lhe da mão. Ele ficou impassível a vê-la deslizar pelo chão e nem levantou os olhos ao dizer: – Essa é uma excelente pergunta.

Continuava furioso por Sophie o ter enganado, mas também reconhecia alguma culpa da sua parte. Não deveria ter pedido que Sophie fosse sua amante. Certamente tinha o direito de perguntar, mas ela também tinha o direito de recusar. E uma vez que ela o fizera, ele deveria tê-la deixado em paz.

Benedict não tinha sido criado como filho bastardo e, se a experiência dela tinha sido amarga o suficiente para não querer arriscar ter um filho ilegítimo, ele deveria ter respeitado a decisão.

Se a respeitava, então tinha de respeitar os seus princípios.

Não deveria ter sido tão leviano com ela, insistindo que tudo era possível, que ela era livre para fazer qualquer escolha que o seu coração desejasse. A mãe tinha razão: ele *sempre* vivera uma vida idílica.

Tinha riqueza, família, felicidade... não havia nada que estivesse fora do seu alcance. A única coisa terrível que já lhe acontecera fora a morte súbita e prematura do pai e, mesmo assim, tinha tido a família

para lhe dar todo o apoio necessário. Era-lhe difícil imaginar certos sofrimentos porque nunca os tinha experimentado.

E ao contrário de Sophie, nunca estivera sozinho.

E agora? Já tinha decidido que estava preparado para enfrentar o ostracismo social e casar com ela. A filha ilegítima não reconhecida de um conde era ligeiramente mais aceitável do que uma criada, mas só ligeiramente. Os membros da sociedade londrina podiam aceitá-la se ele os obrigasse, mas não fariam esforço algum para serem amáveis. O mais provável era que ele e Sophie fossem obrigados a viver tranquilamente no campo, evitando a alta sociedade londrina, que quase certamente os evitaria também.

O seu coração demorou menos de um segundo a ter a certeza de que uma vida tranquila com Sophie era de longe preferível a uma vida pública sem ela.

Será que era assim tão importante ela ser a mulher do baile de máscaras? Mentira-lhe a respeito da identidade, mas ele conhecia-lhe a alma. Quando se beijavam, quando se riam, quando simplesmente se sentavam juntos a conversar, ela não fingia um instante que fosse.

A mulher capaz de fazer o seu coração cantar com um simples sorriso, a mulher capaz de o encher de satisfação pelo simples ato de sentar-se ao seu lado enquanto ele a desenhava... essa era a verdadeira Sophie.

E ele amava-a.

– Estás com ar de quem chegou a uma decisão – disse Colin calmamente.

Benedict olhou para o irmão, pensativo. Quando é que ele se tinha tornado tão perspicaz? Pensando melhor, quando é que ele se tinha tornado adulto? Benedict sempre pensara em Colin como um jovem malandro, encantador e galhardo, nunca o género de pessoa capaz de assumir responsabilidades.

Mas agora, contemplando o irmão, via outra pessoa. Os ombros estavam mais largos, a postura mais firme e prudente. E os olhos exibiam um brilho mais sábio. Essa era a maior mudança. Se os olhos eram realmente o espelho da alma, então a alma de Colin tinha amadurecido debaixo do nariz de Benedict quando ele não estava a olhar.

– Devo-lhe algumas desculpas – disse Benedict.

– Tenho a certeza de que ela te vai perdoar.

– Ela também me deve algumas. Mais do que algumas.

Benedict percebeu que o irmão queria perguntar «Para quê?», mas deu a mão à palmatória quando a única pergunta de Colin foi: – E estás disposto a perdoá-la?

Benedict fez que sim com a cabeça.

Colin estendeu a mão e arrancou o florete de Benedict das mãos. – Eu guardo-te isto.

Benedict fitou os dedos do irmão durante um momento estupidamente longo antes de despertar do seu estado hipnotizado. – Tenho de ir – disse de repente.

Colin mal conteve um sorriso. – Calculei que sim.

Benedict olhou para o irmão e então, por puro e simples impulso irresistível, estendeu a mão, puxando-o para um rápido abraço. – Não digo isto muitas vezes – disse, a voz começando a denotar impaciência

–, mas eu amo-te.

– Eu também te amo, irmão mais velho. – O sorriso de Colin, embora ainda um pouco trocista, tornou-se amplo. – Agora, desaparece daqui.

Benedict atirou a máscara ao irmão e saiu da sala a passos largos.

– *O que quer dizer, ela foi-se embora?*

– Infelizmente, é como te digo – disse Lady Bridgerton, os olhos tristes e compassivos. – Ela foi-se embora.

Benedict sentiu a pressão nas têmporas aumentar consideravelmente; era espantoso que a sua cabeça não tivesse ainda explodido. – E a mãe deixou-a *ir*?

– Não é que eu tivesse o direito de obrigá-la a ficar.

Benedict teve vontade de gritar. Ele também não tinha tido o direito de a obrigar a vir para Londres, mas tinha-o feito mesmo assim.

– Para onde é que ela foi? – perguntou.

A mãe pareceu afundar-se na cadeira. – Não sei. Eu insisti para que usasse uma das nossas carruagens, em parte porque temia pela sua segurança, mas também porque queria saber para onde ela ia.

Benedict bateu com as mãos na secretária. – O que aconteceu, então?

– Como eu estava a *dizer*, tentei convencê-la a usar uma das nossas carruagens, mas era óbvio que ela não queria, porque desapareceu antes que a carruagem desse a volta para a apanhar.

Benedict praguejou entre dentes. Sophie, provavelmente, ainda devia estar em Londres, mas Londres

era uma cidade enorme e densamente povoada. Seria quase impossível encontrar alguém que não queria ser encontrado.

– Eu supus – disse Violet com delicadeza – que vocês tivessem tido um desentendimento.

Benedict passou a mão pelo cabelo, pelos olhos e foi então que reparou na manga branca. – Oh, raios –

murmurou. Tinha vindo a correr, esquecendo-se de que ainda envergava a roupa de esgrima. Olhou para a expressão da mãe e revirou os olhos. – Por favor, sem sermões agora sobre palavrões, mãe.

Os lábios tremelicaram, num meio sorriso. – Nunca sonharia com tal coisa.

– Onde é que vou encontrá-la?

A expressão risonha desapareceu dos olhos de Violet. – Não sei, Benedict. Quem me dera saber. Eu gostava muito de Sophie.

– Ela é filha do Penwood – contou ele.

– Eu suspeitava de algo assim – disse Violet muito séria. – Ilegítima, presumo?

Benedict assentiu com a cabeça.

A mãe abriu a boca para dizer alguma coisa, mas nunca chegou a descobrir o quê, pois, nesse exato momento, a porta do escritório foi escancarada, batendo contra a parede com um estrondo incrível.

Francesca, que obviamente vinha a correr desvairada, só parou quando bateu contra a escrivaninha da mãe, seguida por Hyacinth,

que colidiu com Francesca.

– O que é que se passa? – perguntou Violet, levantando-se.

– É Sophie – disse Francesca, ofegante.

– Eu sei – respondeu Violet. – Ela foi-se embora. Nós...

– Não! – cortou Hyacinth, batendo com um pedaço de papel na mesa.

– Veja!

Benedict tentou agarrar no papel, que reconheceu imediatamente como sendo um exemplar do *Whistledown*, mas a mãe foi mais rápida.

– O que é? – ele perguntou, a aflição dominando-o ao ver o rosto pálido da mãe.

Ela entregou-lhe o jornal. Ele leu na diagonal, saltando as partes sobre o duque de Ashbourne, o conde de Macclesfield e Penelope Featherington até chegar à parte que só podia ser sobre Sophie.

– Presa? – disse, quase num suspiro inaudível.

– Temos de ir libertá-la – declarou a mãe, endireitando os ombros como um general a preparar-se para a batalha.

Mas Benedict já tinha saído disparado.

– Espera! – chamou Violet, apressando-se a ir atrás dele. – Eu também vou.

Benedict parou pouco antes de alcançar as escadas. – Não vem, não – ordenou. – Não quero vê-la exposta a...

– Oh, para lá com isso! – protestou Violet. – Não sou nenhuma florzinha de cheiro. E posso atestar a honestidade e integridade de Sophie.

– Eu também vou – disse Hyacinth, estacando, juntamente com Francesca, que também vinha a correr, seguindo-os.

– Não! – veio a resposta em uníssono da mãe e do irmão.

– Mas...

Eu disse *não* – reiterou Violet em tom firme.

Francesca soltou um resmungo amuado. – Calculo que seja inútil

insistir em...

– Nem te atrevas a terminar a frase – advertiu Benedict.

– Como se me deixasses tentar.

Benedict ignorou-a e virou-se para a mãe. – Se quer ir, então vamos imediatamente.

Ela assentiu com a cabeça. – Manda a carruagem dar a volta, que eu espero-te lá fora.

Dez minutos depois, estavam a caminho.

CAPÍTULO 22

Ai a debandada que foi em Bruton Street. A viscondessa viúva e o filho, Benedict Bridgerton, foram vistos a sair de casa a toda a brida na manhã de sexta-feira. Mr. Bridgerton praticamente atirou a mãe para dentro da carruagem, arrancando a uma velocidade vertiginosa. Francesca e Hyacinth Bridgerton ficaram à porta, e esta Vossa Autora soube de fonte segura que Francesca foi ouvida a proferir uma palavra muito vulgar.

Mas a família Bridgerton não foi a única a viver tanta agitação. As Penwood também andaram numa grande atividade, que culminou em discussão pública, nos degraus da frente da casa, entre a condessa e a filha, Miss Posy Reiling.

Como esta Vossa Autora nunca gostou de Lady Penwood, só pode exclamar: – Viva Posy!

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

16 DE JUNHO 1817

Estava frio. Um frio de rachar. E ouvia-se um ruído aterrorizante de corridas furtivas, pertencentes sem sombra de dúvida a uma pequena criatura de quatro patas. Ou, pior ainda, a uma grande criatura de quatro patas. Ou para ser mais precisa, uma versão maior de uma pequena criatura de quatro patas.

Ratazanas.

– Oh, meu Deus! – gemeu Sophie. Não era seu hábito invocar o nome de Deus em vão, mas pareceu-lhe um momento tão bom como qualquer outro para começar. Talvez Ele ouvisse, e talvez Ele castigasse os ratos. Sim, isso bastava. Um raio que lhes pregasse um grande susto. Um raio enorme. De proporções bíblicas. Podia atingir a Terra, espalhar os seus tentáculos elétricos por todo o globo e incinerar todos os ratos.

Era um belo sonho. Juntamente com aqueles nos quais se imaginava a viver feliz para sempre como Mrs. Benedict Bridgerton.

Sophie soltou um suspiro rápido e uma súbita pontada de dor perfurou-lhe o coração. Dos dois sonhos, temia que o genocídio dos ratos fosse talvez o mais provável de se tornar realidade.

Agora estava sozinha. Completa e verdadeiramente sozinha. Não sabia porque a ideia a perturbava tanto. Na verdade, sempre estivera sozinha. Desde que a avó a havia depositado nos degraus da entrada de Penwood Park que ela não tivera alguém que a defendesse, alguém que colocasse os interesses dela acima dos seus ou até mesmo ao mesmo nível dos seus.

Ouviu o estômago roncar, lembrando-lhe que poderia acrescentar fome à sua lista crescente de infortúnios.

E sede. Não lhe tinham levado sequer um gole de água e começava a ter fantasias muito estranhas com chá.

Sophie soltou um suspiro longo e vagaroso, tentando lembrar-se de inspirar pela boca depois. O cheiro fétido era esmagador. Tinham-lhe entregado um bacio grosseiro para as suas necessidades fisiológicas, mas ela estava a conter-se, procurando aliviar-se com a menor frequência possível. O bacio fora esvaziado antes de lhe ter sido atirado para dentro da cela, mas não limpo, e, de facto, quando Sophie lhe pegou ainda estava molhado. Deixou-o cair imediatamente enquanto o corpo inteiro estremecia de nojo.

É claro que já esvaziara muitos bacios, mas as pessoas para quem trabalhava conseguiam geralmente acertar no alvo, por assim dizer. Sem mencionar que Sophie sempre tivera a oportunidade de lavar as mãos depois.

Agora, além do frio e da fome, nem a própria pele sentia limpa.

Era uma sensação horrível.

– Tem uma visita.

Sophie levantou-se de um salto à voz rude e hostil do carcereiro. Teria Benedict descoberto onde ela estava? Teria sequer vontade de vir em seu auxílio? Será que ele...

– Ora, ora, ora!

Araminta. O desânimo tomou conta de Sophie.

– Sophie Beckett! – cacarejou ela, aproximando-se da cela e segurando um lenço no nariz, como se Sophie fosse a única causa do mau cheiro.
– Nunca pensei que tivesses o descaramento de voltar a Londres.

Sophie apertou os lábios para não responder à provocação. Sabia que Araminta queria apenas deixá-la fora de si e recusava-se a dar-lhe essa satisfação.

– As coisas não te correm bem, infelizmente – continuou Araminta, abanando a cabeça em compaixão fingida. Depois inclinou-se e sussurrou: – O magistrado não gosta muito de ladrões.

Sophie cruzou os braços e manteve o olhar fixo na parede. Se olhasse para Araminta, nem que fosse de soslaio, provavelmente não seria capaz de se conter e atacá-la-ia, e as barras de metal da cela causariam seguramente sérios danos ao seu rosto.

– Os apliques dos sapatos já seria suficientemente mau – disse Araminta, dando pancadinhas com o indicador no queixo –, mas ele ficou mesmo furioso quando o informei do roubo do meu anel de casamento.

– Eu não... – Sophie calou-se antes que desatasse a gritar. Isso era exatamente o que Araminta queria.

– Ai não? – retorquiu, sorrindo com maldade e agitando os dedos no ar. – Não me parece que o esteja a usar e, além disso, é a tua palavra contra a minha.

Os lábios de Sophie abriram-se, mas nenhum som saiu. Araminta estava certa. Nenhum juiz iria acreditar na sua palavra contra a da condessa de Penwood.

Araminta sorriu, a expressão vagamente felina. – O homem que me recebeu, acho que é o carcereiro, disse-me que não é provável que sejas enforcada, por isso não precisas de te preocupar. O desterro é o

mais provável.

Sophie quase desatou a rir. Ainda um dia antes tinha pensado emigrar para a América. Agora parecia que a partida era certa... só que o destino seria a Austrália. E iria acorrentada.

– É claro que vou pedir clemência por ti – disse Araminta. – Não quero que morras, apenas que...

desapareças.

– Um modelo de caridade cristã – murmurou Sophie. – Tenho a certeza de que o juiz vai ficar comovido.

Araminta passou os dedos pela têmpora, afastando o cabelo com despreocupação. – Vai, não vai? –

Olhou diretamente para Sophie e sorriu. Era uma expressão dura e falsa, e de repente Sophie sentiu uma vontade urgente de saber...

– Porque é que me odeia tanto? – perguntou num sussurro.

Araminta ficou quieta, olhando-a fixamente um momento e, em seguida, sussurrou em resposta: –

Porque ele te amava.

Sophie ficou muda de espanto.

Os olhos de Araminta tornaram-se tão duros que pareciam prestes a estilhaçar-se. – Nunca o perdoarei por isso.

Sophie abanou a cabeça, descrente. – Ele nunca me amou.

– Ele vestia-te, alimentava-te – a boca de Araminta estreitou-se –, obrigou-me a viver contigo.

– Aquilo não era amor – contrapôs Sophie. – Era culpa. Se ele me amasse, não me teria deixado *consigo*. Ele não era estúpido; com certeza sabia o quanto a Araminta me odiava. Se me amasse, não se teria esquecido de mim no testamento. Se me amasse... – não foi capaz de continuar, sufocada com as próprias palavras.

Araminta cruzou os braços.

– Se ele me amasse – continuou Sophie –, teria feito um esforço para falar comigo. Ter-me-ia perguntado sobre o meu dia ou o que andava

a estudar ou se tinha gostado do pequeno-almoço. – Engoliu em seco, tentando eliminar o nó na garganta, e virou-se de costas. Era demasiado doloroso olhar para Araminta naquele momento. – Ele nunca me amou – concluiu, readquirindo alguma calma. – Ele não sabia amar.

Um silêncio pesou entre as duas mulheres por um longo instante até Araminta dizer: – Ele estava a castigar-me.

Lentamente, Sophie virou-se.

– Por não lhe dar um herdeiro. – As mãos de Araminta começaram a tremer. – Ele odiava-me por isso.

Sophie não sabia o que dizer. Não sabia se havia alguma coisa a dizer.

Depois de mais um longo momento, Araminta disse: – No começo, eu odiava-te porque eras um embaraço para mim. Nenhuma mulher deve ser obrigada a viver debaixo do mesmo teto que a filha bastarda do marido.

Sophie não disse nada.

– Mas depois... depois...

Para grande surpresa de Sophie, Araminta apoiou-se na parede, desmoronando, como se as memórias lhe sugassem a própria força.

– Depois tudo mudou – Araminta finalmente disse. – Como poderia ele ter-te tido com uma qualquer prostituta e eu não conseguir dar-lhe um filho?

Sophie não considerou ser o momento certo para defender a mãe.

– Eu não *te* odiava apenas – disse Araminta num sussurro –, eu odiava olhar para ti.

De alguma forma, isso não surpreendeu Sophie.

– Odiava ouvir a tua voz. Odiava o facto de teres os olhos iguais aos dele. Odiava ter a consciência de que vivias na minha casa.

– Era a minha casa também – Sophie disse em voz calma.

– Sim – respondeu Araminta –, eu sei. E também odiava isso.

Sophie fitou Araminta com firmeza. – Porque veio aqui? – perguntou.

– Não fez o suficiente? Já garantiu o meu desterro para a Austrália.

Araminta encolheu os ombros. – Não consigo manter-me afastada. Há algo de extremamente agradável em ver-te na prisão. Terei de tomar um banho de três horas para me livrar do cheiro pestilento, mas vale a pena.

– Então vai-me desculpar, mas vou sentar-me no canto e fingir que estou a ler um livro – cuspiu Sophie. – Não há nada de agradável em vê-la a *si*. – Marchou até ao banco de três pernas bambas, a única peça de mobiliário existente na cela e sentou-se, tentando não parecer tão miserável quanto se sentia. Araminta tinha levado a melhor sobre ela, era verdade, mas não lhe quebrantara o espírito e não ia deixar Araminta pensar o contrário.

Sentou-se, de braços cruzados, de costas para a porta da cela, atenta a quaisquer sinais que evidenciassem a partida de Araminta.

Mas Araminta não se foi embora.

Finalmente, após cerca de dez minutos deste disparate, Sophie levantou-se de um salto e explodiu: –

Porque não se vai *embora*?

Araminta inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. – Estou a pensar.

Sophie até podia perguntar «Em quê?», mas tinha medo da resposta.

– Estava aqui a pensar como será a Austrália – disse Araminta com ar pensativo. – Nunca lá fui, é claro, nenhuma pessoa civilizada do meu conhecimento sequer considerou tal hipótese, mas ouvi dizer que é terrivelmente quente. E tu com essa pele clara... essa bela tez não vai sobreviver ao sol escaldante... Aliás...

Mas o que quer que Araminta estivesse prestes a dizer foi interrompido (*felizmente*, porque Sophie temia passar a ser julgada por tentativa de assassinato se tivesse de ouvir mais uma palavra) por um alvoroço no corredor, ao virar da esquina.

– Que diacho...? – disse Araminta, dando alguns passos para trás e esticando o pescoço para ver melhor.

Foi então que Sophie ouviu uma voz muito familiar.

– Benedict? – sussurrou.

– O que disseste? – Araminta exigiu saber.

Mas Sophie já estava de pé, o rosto pressionado contra as barras da cela.

– Eu disse *deixe-nos passar!* – bramiu Benedict.

– Benedict! – gritou Sophie, esquecendo-se completamente de que não queria que os Bridgerton a vissem num ambiente tão aviltante. Esqueceu-se de que não tinha futuro com ele. Tudo o que conseguia pensar era que ele tinha vindo buscá-la, que estava *ali*.

Se Sophie conseguisse enfiar a cabeça através das grades, tê-lo-ia feito.

Um ruído ecoou no ar, obviamente o de um punho a desferir um soco, seguido de um baque mais surdo, provavelmente o de um corpo a cair no chão.

Passos apressados e depois....

– Benedict!

– Sophie! Meu Deus, estás bem? – As mãos passaram por entre as barras, diretas ao rosto dela. Os lábios encontraram-se num beijo, não de paixão, mas de terror e alívio.

– Mr. Bridgerton?! – chiou Araminta.

Com esforço, Sophie conseguiu afastar os olhos de Benedict para os dirigir ao rosto chocado de Araminta. Na agitação do momento, esquecera-se completamente de que Araminta ainda não sabia da sua ligação com a família Bridgerton.

Foi um dos momentos mais perfeitos da sua vida. Talvez isso fizesse dela uma pessoa superficial.

Talvez significasse que não colocara as prioridades na ordem correta. Mas Sophie estava a *adorar* que Araminta, para quem posição e poder era tudo, tivesse acabado de presenciar Sophie a ser beijada por um dos solteiros mais cobiçados de Londres.

Sophie também estava bastante feliz por ver Benedict, claro.

Benedict afastou-se um pouco da cela, as mãos relutantes acariciando ao de leve o rosto de Sophie.

Cruzou os braços e dirigiu a Araminta um olhar tão fulminante que

Sophie ficou convencida ser capaz de queimar a Terra.

– Quais as suas acusações contra ela? – Benedict exigiu saber.

Os sentimentos de Sophie em relação a Araminta poderiam ser caracterizados como «antipatia extrema», mas mesmo assim, nunca a classificaria como estúpida. No entanto, estava disposta agora a reavaliar o seu julgamento, porque Araminta, em vez se encolher e tremer como qualquer pessoa em sã consciência faria perante tal fúria, decidiu pôr as mãos nas ancas e exclamar: – Roubo!

Naquele exato momento, Lady Bridgerton surgiu em passo apressado. – Não acredito que Sophie pudesse cometer tal ato – disse, colocando-se ao lado do filho. Os olhos estreitaram-se ao observar Araminta. – E... nunca gostei de si, Lady Penwood – acrescentou em tom de desdém.

Araminta deu um passo atrás, colocando uma mão ofendida sobre o peito. – O assunto aqui não sou eu

– bufou. – Trata-se desta rapariga – disse, dirigindo um olhar contundente a Sophie – que teve a audácia de roubar a minha aliança de casamento!

– Eu não lhe roubei a aliança de casamento e sabe muito bem disso! – protestou Sophie. – A última coisa que poderia querer...

– Roubaste os apliques dos meus sapatos!

Sophie fechou a boca numa linha aguerrida.

– Ha-ha! Vejam! – Araminta olhou em volta, tentando avaliar quantas pessoas haviam visto. – Uma clara admissão de culpa.

– Ela é sua enteada – vociferou Benedict – e jamais deveria ter sido colocada numa posição na qual se sentisse forçada a...

O rosto de Araminta contorceu-se e ficou muito vermelho. – Não lhe chame minha enteada – ameaçou.

– Ela não me é nada. Nada!

– Peço desculpa – interveio Lady Bridgerton com uma voz extremamente educada –, mas se ela realmente não significasse nada para si, a senhora não estaria aqui nesta prisão imunda a certificar-se se ela é condenada à força por roubo.

Araminta foi salva de ter de responder pela chegada do magistrado, seguido de perto por um carcereiro de ar incrivelmente mal-humorado que, por casualidade, também ostentava um olho de um impressionante tom de roxo.

Como o carcereiro lhe tinha dado uma palmada no traseiro quando a atirara para dentro da cela, Sophie não conseguiu evitar um sorriso.

– Mas que balbúrdia é esta? – exigiu saber o magistrado.

– Esta mulher – disse Benedict, a voz alta e profunda sobrepondo-se a todas as tentativas de resposta –

acusou a minha noiva de roubo.

Noiva?

Sophie esforçou-se por manter a boca fechada, mas teve de se agarrar com firmeza às barras da cela porque sentiu as pernas amolecerem instantaneamente.

– Noiva?! – exclamou Araminta em tom estrangulado.

O magistrado endireitou-se. – E quem é o senhor, exatamente? – perguntou, claramente ciente de que Benedict deveria ser uma pessoa importante, mesmo não sabendo quem era.

Benedict cruzou os braços quando disse o seu nome.

O magistrado empalideceu. – Hã... da família do visconde?

– É meu irmão.

– E ela é... – engoliu em seco, apontando para Sophie – sua noiva?

Sophie estava à espera que algum tipo de sinal sobrenatural surgisse em pleno ar, apontando Benedict como mentiroso, mas, para seu espanto, nada aconteceu. Mesmo Lady Bridgerton apoiava com um aceno de cabeça.

– Não pode casar-se com ela – insistiu Araminta.

Benedict virou-se para a mãe. – Devo por algum motivo consultar Lady Penwood a esse respeito?

– Nada que seja do meu conhecimento – respondeu Lady Bridgerton.

– Ela não passa de uma prostituta – sibilou Araminta. – A mãe era uma prostituta e o mesmo sangue corre nas... ai!

Benedict tinha-a agarrado pelo pescoço antes mesmo que alguém pudesse dar conta de que se mexera.

– Não me obrigue a bater numa senhora – advertiu.

O magistrado deu uma palmadinha no ombro de Benedict. – O senhor deve soltá-la.

– Posso amordaçá-la?

O magistrado pareceu dividido, mas acabou por abanar a cabeça em sinal de negação.

Com evidente relutância, Benedict soltou Araminta.

– Se casar com ela – disse Araminta, esfregando a garganta –, irei certificar-me de que todos saibam *exatamente* o que ela é: a filha bastarda de uma prostituta.

O magistrado olhou para Araminta com uma expressão severa. – Esse tipo de linguagem é perfeitamente escusado.

– Garanto-lhe que não tenho o hábito de me expressar com tais modos – respondeu com uma fungadela desdenhosa –, mas a ocasião justifica uma linguagem forte.

Sophie até mordeu os nós dos dedos ao ver Benedict a fletir e a esticar os dedos da mão de forma realmente ameaçadora. Era evidente que julgava que a ocasião justificava um punho forte.

O magistrado pigarreou. – Acusa-a de um crime muito grave. – Engoliu em seco. – E ela vai casar-se com um Bridgerton.

– Eu sou a condessa de Penwood – vociferou, estridente. – Condessa!

O olhar do magistrado vagueou por todos os presentes. Sendo condessa, Araminta estava acima de todos, mas ao mesmo tempo, era apenas uma Penwood contra dois Bridgerton, um dos quais de grande estatura, visivelmente irritado, e que já havia esmurrado o olho do carcereiro.

– Ela roubou-me!

– Não, a senhora é que a roubou! – rugiu Benedict.

Instalou-se um silêncio imediato.

– Roubou-lhe a infância por completo – disse Benedict, o corpo a tremer de raiva. Havia enormes lacunas no conhecimento que tinha sobre a vida de Sophie, mas de alguma forma sabia que aquela mulher era a causa de grande parte da dor escondida por trás dos olhos verdes de Sophie. E seria capaz de apostar que o seu caro e falecido pai era o responsável pelo restante.

Benedict virou-se para o magistrado e disse: – A minha noiva é a filha ilegítima do falecido conde de Penwood. E é por isso que a condessa viúva a acusa falsamente de roubo. É pura e simples vingança e ódio.

O magistrado olhou para Benedict, depois para Araminta e, finalmente para Sophie. – Isto é verdade? –

perguntou. – A acusação é falsa?

– Ela levou os apliques dos meus sapatos – guinchou Araminta. – Juro pelo túmulo do meu marido que ela levou os apliques dos sapatos!

– Oh, pelo amor de Deus, mãe, fui *eu* que tirei os apliques dos sapatos.

A boca de Sophie abriu-se de espanto. – Posy?

Benedict olhou para a recém-chegada, uma jovem baixinha e levemente rechonchuda que era, obviamente, filha da condessa; depois lançou um olhar a Sophie, que ficara tão branca como a cal.

– Sai daqui – sibilou Araminta. – Não tens nada a fazer aqui.

– Obviamente, sim – declarou o magistrado, voltando-se para Araminta –, se ela tirou os apliques dos sapatos. Deseja apresentar queixa contra ela?

– Ela é minha filha!

– Ponha-me na cela juntamente com Sophie! – disse Posy com ar dramático, levando uma mão ao peito para aumentar o efeito. – Se ela for deportada por roubo, então eu também devo ser.

Pela primeira vez em vários dias, Benedict sorriu.

O carcereiro pegou nas chaves. – Senhor? – perguntou hesitante, dando um toque com o cotovelo ao magistrado.

– Guarde isso, homem – disparou o magistrado. – Não vamos prender

a filha da condessa.

– Não guarde, não – interveio Lady Bridgerton. – Quero que liberte a minha futura nora imediatamente.

O carcereiro olhou indeciso para o magistrado.

– Oh, muito bem – disse o magistrado, apontando o dedo na direção de Sophie. – Solte-a. Mas ninguém sai daqui até que esteja tudo esclarecido.

Araminta eriçou-se toda, protestando, mas Sophie foi libertada. Correu disparada para os braços de Benedict, mas o magistrado levantou um braço proibidor. – Um momento! – alertou. – Não há cá pombinhos a arrulhar até eu descobrir quem deve ser preso.

– Ninguém deve ser preso – rosnou Benedict.

– Ela vai para a Austrália! – gritou Araminta, apontando para Sophie.

– Prenda-me! – suspirou Posy, levando as costas da mão à testa. – Fui eu!

– Posy, queres estar quieta? – sussurrou Sophie. – Confia em mim, tu não queres ir para aquela cela. É

horrível. E há ratos.

Posy recuou, afastando-se da cela.

– Pode ter a certeza que nunca mais receberá um convite que seja nesta cidade – disse Lady Bridgerton a Araminta.

– Eu sou uma condessa! – silvou Araminta.

– E eu sou mais popular – retorquiu Lady Bridgerton com um cinismo tão incaracterístico que tanto Benedict como Sophie ficaram de boca aberta.

– Basta! – exclamou o magistrado, virando-se para Posy e apontando para Araminta ao dizer: – É sua mãe?

Posy assentiu.

– E a menina afirma que roubou os apliques dos sapatos?

Posy voltou a assentir com a cabeça, acrescentando: – E ninguém lhe

roubou o anel de casamento. Está bem guardado em casa, na caixa de joias.

Não houve reação, uma vez que ninguém ficou muito surpreso.

Mas Araminta ainda insistiu com um – Não está nada!

– Na outra caixa de joias – esclareceu Posy. – Aquela que guarda na terceira gaveta a contar da esquerda.

Araminta empalideceu.

O magistrado falou: – Parece-me que a sua acusação contra Miss Beckett não tem validade, Lady Penwood.

A tremer de raiva, Araminta esticou o braço tremelicante, apontando um dedo acusatório a Sophie. –

Ela roubou-me – proferiu, numa voz baixa implacável antes de virar os olhos furiosos para Posy. – A minha filha está a mentir. Não sei porquê, e francamente não sei o que espera obter, mas está a mentir.

Sophie começou a sentir um nó no estômago. Posy ia ficar em apuros tremendos quando chegasse a casa. Era impossível imaginar o que Araminta faria em retaliação a tal humilhação pública. Não podia deixar Posy assumir a culpa. Tinha de...

– Não foi Posy que... – As palavras irromperam-lhe da boca sem pensar, mas não conseguiu terminar a frase porque Posy lhe deu uma cotovelada na barriga.

Com força.

– Disse alguma coisa? – perguntou o magistrado.

Sophie abanou a cabeça, incapaz de falar. Posy tinha-a deixado completamente sem fôlego.

O magistrado deixou escapar um suspiro cansado, passando a mão pelo cabelo ralo e loiro. Olhou para Posy, em seguida para Sophie, depois para Araminta e por fim para Benedict. Lady Bridgerton pigarreou, forçando-o a olhar para ela também.

– Obviamente – começou o magistrado, como que preferindo estar em qualquer outro lugar menos ali –, a situação vai muito para além de um simples aplique de sapato roubado.

– *Apliques* – corrigiu Araminta, impertinente. – Eram dois.

– Seja como for – resmungou o magistrado –, é óbvio que se detestam uns aos outros e eu gostaria de saber porquê antes de prosseguir com uma acusação contra alguém.

Por um segundo, ninguém falou. Depois, falaram todos.

– Silêncio! – rugiu o magistrado. – A menina – disse ele, apontando para Sophie – comece.

– Hum... – Agora que era a vez de Sophie falar, sentia-se terrivelmente constrangida.

O magistrado pigarreou alto.

– O que ele disse é correto – disse Sophie rapidamente, apontando para Benedict. – Eu sou a filha do conde de Penwood, embora nunca tenha sido reconhecida como tal.

Araminta abriu a boca para começar a falar, mas o magistrado lançou-lhe um olhar de tal maneira fulminante que ela ficou calada.

– Eu vivi em Penwood Park durante sete anos antes de ela casar com o conde – continuou, apontando para Araminta. – O conde dizia que era meu tutor, mas todos sabiam a verdade. – Fez uma pausa, recordando o rosto do pai e pensando que não deveria ficar tão surpreendida por não ser capaz de pensar nele com um sorriso. – Eu sou muito parecida com ele – acrescentou.

– Eu conheci o seu pai – disse Lady Bridgerton com suavidade. – E a sua tia. Isso explica porque sempre tive a impressão de que a conhecia.

Sophie dirigiu-lhe um leve sorriso de gratidão. Algo no tom de Lady Bridgerton era muito reconfortante, tranquilizando-a e incutindo-lhe um pouco mais de confiança.

– Por favor, continue – disse o magistrado.

Sophie assentiu e acrescentou: – Quando o conde casou com a condessa, ela não queria que eu continuasse a viver lá, mas o conde insistiu. Raramente o via e não acredito que ele pensasse muito em mim, mas encarava-me como sua responsabilidade e não permitiria que ela me expulsasse. Mas quando ele morreu...

Sophie parou e engoliu em seco, tentando eliminar o nó na garganta. Nunca tinha contado a sua história antes e as palavras que lhe saíam da boca soavam-lhe estranhas, como se ditas por outra pessoa. –

Quando ele morreu – prosseguiu –, o testamento que deixou determinava que a parte pertencente a Lady Penwood triplicaria se me mantivesse na casa até eu completar vinte anos. Ela assim fez. Mas a minha posição mudou radicalmente. Tornei-me criada. Bem, na verdade, criada não é o termo correto – Sophie sorriu com ironia –, porque uma criada é paga, o que significa que eu era uma espécie de escrava.

Sophie olhou para Araminta. Muito hirta, de braços cruzados, nariz empinado e lábios firmemente contraídos. Sophie lembrou-se subitamente da quantidade de vezes que vira essa mesma expressão no rosto da Araminta; tantas que lhes tinha perdido a conta; vezes suficientes para lhe terem destruído a alma.

No entanto, ali estava, suja e sem dinheiro, é verdade, mas de mente e espírito fortes.

– Sophie? – disse Benedict, olhando para ela com uma expressão preocupada. – Está tudo bem?

Ela assentiu vagarosamente, começando a perceber que tudo iria ficar bem. O homem que amava tinha (de forma bastante indireta) acabado de a pedir em casamento; Araminta estava finalmente prestes a receber o castigo que merecia, e às mãos dos Bridgerton, ainda por cima, que a deixariam feita em pedacinhos quando terminassem e Posy... bom, a atitude dela talvez fosse a mais extraordinária todas.

Posy, a quem sempre quisera ter como irmã, que nunca tivera a coragem de ser ela mesma, enfrentara a mãe e muito possivelmente tinha-a salvado. Sophie tinha a certeza absoluta de que, se Benedict não tivesse aparecido anunciando que ela era sua noiva, o testemunho de Posy teria sido a única defesa para a salvar da deportação ou talvez até mesmo da condenação à morte. E Sophie sabia melhor do que ninguém que Posy pagaria bem cara a sua coragem. O mais provável era Araminta já estar a congeminar formas de transformar a vida da filha num inferno.

Sim, tudo *iria* ficar bem e Sophie, com súbita e renovada confiança, disse: – Permita-me concluir a minha história. Após a morte do conde, Lady Penwood manteve-me como sua criada pessoal não remunerada. Embora, na verdade, me fosse atribuída uma quantidade de trabalho

que daria para três criadas.

– Lady Whistledown disse exatamente o mesmo na crônica do mês passado! – exclamou Posy com entusiasmo. – Eu disse à mãe que...

– *Cala-te*, Posy! – berrou Araminta.

– Quando fiz vinte anos – Sophie continuou – ela não me expulsou. Até hoje não sei porquê.

– Creio que já ouvimos o suficiente – disse Araminta.

– Eu não acho – ripostou Benedict.

Sophie olhou para o magistrado, aguardando orientação. A um aceno seu, prosseguiu: – Posso apenas deduzir que ela gostava de ter alguém a quem dar ordens. Ou talvez só gostasse de ter uma criada a quem não tinha de pagar. Eu não tive direito a nada por testamento.

– Isso não é verdade – Posy deixou escapar.

Sophie virou-se para ela em estado de choque.

– Ele deixou-te dinheiro – insistiu Posy.

Sophie sentiu o queixo cair. – Isso não é possível. Eu não tinha nada. O meu pai assegurou o meu bem-estar até aos vinte anos, mas depois disso...

– Depois disso – disse Posy resoluta – tinhas um dote.

– Um dote? – sussurrou Sophie.

– Isso não é verdade! – vociferou Araminta em voz estridente.

– É verdade, sim – insistiu Posy. – A mãe não devia deixar provas incriminatórias à vista de todos. Eu li uma cópia do testamento do conde no ano passado. – Virando-se para o resto dos presentes, acrescentou: – Estava na mesma caixa onde ela guardou a aliança de casamento.

– Roubou-me o dote? – perguntou Sophie, a voz pouco mais do que um sussurro débil. Todos aqueles anos a pensar que o pai a deixara sem nada. Sabia que ele nunca a amara, que a via como pouco mais do que uma responsabilidade, mas sentira-se profundamente magoada por ele ter deixado dotes a Rosamund e Posy, que não eram do seu sangue, e não a ela.

Na verdade, nunca pensara que ele a tinha ignorado de propósito, mais do que tudo sentira-se...

esquecida.

O que a fazia sentir-se pior do que se fora uma rejeição propositada.

– Ele deixou-me um dote – disse, atordoada, olhando depois para Benedict e repetindo: – Eu tenho um dote.

– Não me importa que tenhas ou não um dote – respondeu Benedict. – Eu não preciso disso.

– Mas eu importo-me – disse Sophie. – Sempre pensei que ele se tinha esquecido de mim. Todos estes anos pensei que tinha feito o testamento e simplesmente se esquecera de mim. Sei que não poderia deixar dinheiro a uma filha bastarda, mas dizia a quem quisesse ouvir que eu era a sua protegida. Não havia nenhum motivo para que não deixasse o futuro da sua protegida assegurado. – Por alguma razão, olhou para Lady Bridgerton. – Ele poderia ter cuidado do sustento de uma protegida. Não seria nada de

estranho.

O magistrado pigarreou e virou-se para Araminta: – E o que aconteceu ao dote da jovem?

Araminta não respondeu.

Foi a vez de Lady Bridgerton aclarar a garganta. – Calculo que dilapidar o dote de uma jovem não seja um ato da maior legalidade, que lhe parece, Araminta? – disse, com um sorriso satisfeito.

CAPÍTULO 23

Segundo parece, Lady Penwood deixou a cidade. O mesmo aconteceu a Lady Bridgerton. Interessante...

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

18 DE JUNHO 1817

Benedict achou que nunca amara tanto a mãe como naquele momento. Tentava não se rir, mas era extremamente difícil, com Lady Penwood a arquejar como um peixe fora de água.

Os olhos do magistrado saltaram-lhe das órbitas. – Não está a sugerir que eu prenda a *condessa*?

– Não, claro que não – objetou Violet. – Provavelmente não seria castigada. A aristocracia raramente paga pelos seus crimes. Mas... – acrescentou ela, inclinando ligeiramente a cabeça e dirigindo a Lady Penwood um olhar penetrante – se a prendesse, seria terrivelmente embaraçoso ela ser obrigada a defender-se das acusações.

– O que pretende dizer? – perguntou Lady Penwood através de dentes bem cerrados.

Violet dirigiu-se ao magistrado. – Autoriza-me alguns momentos a sós com Lady Penwood?

– Claro, minha senhora. – Com um aceno de cabeça abrupto, ordenou: – Todos lá para fora!

– Não, não – disse Violet com um sorriso doce enquanto lhe enfiava na mão o que parecia ser uma nota de libra – , a minha família pode ficar.

Corando ligeiramente, o magistrado agarrou o carcereiro pelo braço, puxando-o dali para fora.

– Agora nós – murmurou Violet. – Onde íamos?

Benedict sorriu com orgulho, observando a mãe aproximar-se em passo duro de Lady Penwood e encará-la. Olhou de relance para Sophie, que estava boquiaberta.

– O meu filho vai casar-se com Sophie – disse Violet – e a senhora vai dizer a quem quiser ouvir que ela era a protegida do seu falecido marido.

– Recuso-me a mentir por ela – disparou Lady Penwood.

Violet deu de ombros. – Tudo bem. Então pode esperar que os meus advogados comecem imediatamente a averiguar o paradeiro do dote de Sophie. Afinal, Benedict terá direito a ele, uma vez que se vai casar com ela.

Benedict colocou o braço em volta da cintura de Sophie, dando-lhe um aperto reconfortante.

– Se alguém me perguntar – resmungou Lady Penwood – eu confirmo a história que decidirem contar.

Mas não espere que faça qualquer esforço para a ajudar.

Violet fingiu ponderar e então disse: – Excelente! Acredito que seja o suficiente. – Virou-se para o filho. – Benedict?

Ele concordou com um pronunciado aceno de cabeça.

A mãe voltou a atenção para Lady Penwood. – O pai de Sophie chamava-se Charles Beckett e era um primo afastado do conde, não?

Lady Penwood pôs um ar de quem tinha comido qualquer coisa estragada, mas concordou mesmo assim.

Violet virou intencionalmente as costas à condessa e disse: – Tenho a certeza de que alguns membros

da alta sociedade a considerarão pouco elegante, uma vez que, obviamente, ninguém conhece a sua família, mas pelo menos será respeitável. Afinal de contas – girou nos calcanhares, dirigindo um sorriso amplo a Araminta –, há esta ligação com os Penwood.

Araminta soltou um ruído estranho, semelhante a um grunhido, e Benedict teve de redobrar esforços para não rir.

– Magistrado! – chamou Violet, e quando este surgiu apressado, ela sorriu animada, anunciando: –

Acho que o meu trabalho aqui está feito.

Ele deixou escapar um suspiro de alívio, dizendo: – Então não tenho de prender ninguém?

– Parece que não.

Ele encostou-se à parede, como que fraquejando de alívio.

– Bem, vou-me embora! – anunciou Lady Penwood, como se alguém pudesse eventualmente sentir a sua falta. Virou-se para a filha com os olhos furiosos. – Vem, Posy.

Benedict notou o sangue desaparecer do rosto de Posy. Mas antes que

pudesse intervir, Sophie deu um passo em frente, dizendo com veemência: – Lady Bridgerton! – no exato momento em que Araminta rugiu:

– *Agora!*

– Sim, querida?

Sophie tomou Violet pelo braço e puxou-a para lhe sussurrar algo ao ouvido.

– Tem toda a razão – disse Violet, virando-se em seguida para Posy. – Miss Gunningworth?

– Na verdade, é Miss Reiling – corrigiu Posy. – O conde nunca me adotou.

– Muito bem, Miss Reiling. Que idade tem?

– Vinte e um, minha senhora.

– Bem, parece-me ser idade suficiente para tomar as suas próprias decisões. Gostaria de vir até minha casa para uma visita?

– Oh, *sim!*

– Posy, *não* podes ir morar com os Bridgerton! – ordenou Araminta.

Violet ignorou-a completamente, continuando a falar com Posy. – Creio que deixarei Londres no início da próxima estação. Gostaria de se juntar a nós para uma estadia prolongada no Kent?

Posy acenou com a cabeça rapidamente. – Seria muito agradável!

– Então está resolvido.

– Não está, não – protestou Araminta. – Ela é minha filha, e...

– Benedict – disse Lady Bridgerton com voz entediada – como é mesmo o nome do meu advogado?

– Vai, desaparece! – explodiu Araminta, dirigindo-se à filha. – E nunca mais me venhas assombrar a porta!

Pela primeira vez naquela tarde, Posy pareceu um pouco assustada. Também não ajudou o facto de a mãe ir direita a ela e, bem próximo do seu rosto, dizer, ameaçadora: – Se fores com eles agora, é como se

morresses para mim. Entendeste? *Morta!*

Posy lançou um olhar apavorado a Violet, que imediatamente se adiantou, metendo o braço no dela.

– Está tudo bem, Posy – disse Violet baixinho. – Pode ficar connosco o tempo que quiser.

Sophie aproximou-se também e passou o braço pelo outro livre de Posy. – Agora seremos verdadeiras irmãs – segredou-lhe, inclinando-se e dando-lhe um beijo na face.

– Oh, Sophie! – exclamou Posy com os olhos inundados de lágrimas. – Peço desculpa por nunca te ter defendido. Eu deveria ter dito alguma coisa. Eu deveria ter feito alguma coisa, mas...

Sophie sacudiu a cabeça. – Eras muito jovem. E eu também. E sei melhor do que ninguém como é difícil enfrentá-la – disse, atirando um olhar de desdém a Araminta.

– Não te atrevas a falar comigo nesses modos – ferveu Araminta, levantando a mão como se para lhe

bater.

– Não, não, não! – interveio Violet. – Os advogados, Lady Penwood. Não se esqueça dos advogados.

Araminta deixou cair a mão, mas manteve o ar de estar prestes a entrar em combustão espontânea.

– Benedict? – chamou Violet. – Quanto demora a chegarmos ao escritório dos advogados?

Sorrindo por dentro, ele pôs-se a esfregar o queixo com ar pensativo. – Não é muito longe. Vinte minutos? Trinta, se houver muito movimento.

Araminta tremia de raiva ao dirigir-se a Violet. – Leve-a, então. Para mim ela nunca passou de uma desilusão. E pode esperar ficar com ela até ao dia do julgamento final, porque não haverá ninguém que a queira. Tenho de subornar os homens só para que dancem com ela.

Nesse instante ocorreu algo inesperado. Sophie começou a tremer, a pele ficou vermelha, os dentes cerrados e um rugido surpreendente irrompeu-lhe da garganta. E antes que alguém pudesse sequer pensar

em intervir, ela precipitou-se na direção de Araminta, desferindo-lhe um soco, em cheio no olho esquerdo, que a atirou ao chão.

Se Benedict pensava que nada poderia surpreendê-lo mais do que a revelação do maquiavelismo da mãe, estava redondamente enganado.

– Isto *não* foi por me ter roubado o dote – sibilou Sophie. – Nem por todas as vezes que tentou expulsar-me da minha casa antes de o meu pai morrer. Nem mesmo por me ter transformado na sua escrava pessoal.

– Então por que foi, Sophie? – perguntou Benedict brandamente.

Sem tirar os olhos de Araminta, Sophie explicou: – *Isto* foi por não amar as suas filhas de igual modo.

Posy começou a soluçar.

– Deve com certeza haver um lugar especial no Inferno para as mães assim – atirou Sophie com a voz perigosamente baixa.

– Devo informá-los de que realmente precisamos de libertar a cela para o próximo ocupante –

guinchou o magistrado.

– Tem toda a razão – disse Violet rapidamente, colocando-se à frente de Sophie antes que ela decidisse começar a pontapear Araminta. Virou-se para Posy. – Precisa de ir buscar alguns objetos pessoais?

Posy abanou a cabeça em sinal de negação.

Os olhos de Violet mostravam imensa tristeza ao dar a Posy um aperto de mão carinhoso. – Vamos construir-lhe novas memórias, minha querida.

Araminta levantou-se e, dirigindo um último olhar de fúria paralisadora a Posy, deu meia-volta e foi-se embora.

– Irra! – exclamou Violet, colocando as mãos nas ancas. – Estava a ver que nunca mais ia.

Benedict retirou o braço da cintura de Sophie e com um murmúrio de «Não saias daqui» foi ter com a mãe, sussurrando-lhe ao ouvido: – Já lhe disse recentemente o quanto a amo?

– Não – respondeu ela com um sorriso alegre –, mas eu sei que sim.

– E já lhe disse que é a melhor mãe do mundo?

– Não, mas também sei que sim.

– Ainda bem. – Inclinou-se e deu-lhe um beijo na face. – Obrigado. É um privilégio ser seu filho.

A mãe, que mantivera a pose durante todo o dia, e que de facto provara ser a mais obstinada e perspicaz de todos eles, explodiu em lágrimas.

– O que lhe disseste? – quis saber Sophie.

– Está tudo bem – disse Violet, fungando poderosamente. – É só... – e lançando-se nos braços de Benedict, disse: – Amo-te tanto, filho!

Posy virou-se para Sophie e comentou: – É uma família maravilhosa.

E Sophie respondeu com um – Eu sei.

Uma hora mais tarde, Sophie estava na sala de estar de Benedict, sentada no mesmo sofá no qual havia perdido a inocência algumas semanas antes. Lady Bridgerton havia manifestado as suas dúvidas quanto à sensatez (e decoro) de Sophie ir a casa de Benedict sozinha, mas ele atirara-lhe um olhar tal que ela rapidamente se retraiu, dizendo apenas: – Trá-la a casa às sete horas.

O que lhes proporcionava uma hora juntos.

– Desculpa – disse Sophie assim que se sentou no sofá. Por alguma razão, não tinham dito uma palavra durante a viagem para casa. Ficaram de mãos dadas e Benedict beijara-lhe os dedos, mas não tinham falado.

Sophie ficara aliviada. Não se sentia pronta para as palavras. Tinha sido fácil na cadeia, com toda a comoção e muita gente, mas agora que estavam sozinhos...

Não sabia o que dizer.

Exceto, pensou, pedir desculpa.

– Não, eu é que peço desculpa – respondeu Benedict, sentando-se ao lado dela e tomando-lhe as mãos.

– Não, eu é que... – De repente sorriu. – Isto é ridículo.

– Amo-te – disse ele.

Ela ficou boquiaberta.

– Quero casar-me contigo – disse ele.

Ela parou de respirar.

– E não me importam os teus pais ou o pacto da minha mãe com Lady Penwood para fazer de ti uma pessoa respeitada pela alta sociedade. – Olhou para ela, os olhos escuros derretendo-se de amor. – Ter-me-ia casado contigo de qualquer maneira.

Sophie piscou. As lágrimas nos olhos avolumavam-se, escaldantes, e desconfiava estar prestes a fazer figura de idiota, desatando num pranto à frente dele. Conseguiu pronunciar o nome dele e a partir daí ficou completamente perdida.

Benedict apertou-lhe as mãos com carinho. – Sei que não poderíamos ter vivido em Londres, mas não precisamos de viver em Londres. Quando pensei sobre o que realmente precisava na vida, não o que queria, mas o que precisava, a única coisa que surgia eras tu.

– Eu...

– Não, deixa-me terminar – disse ele, a voz estranhamente rouca. – Nunca deveria ter-te pedido para seres minha amante. Não foi correto da minha parte.

– Benedict – disse ela suavemente –, o que mais poderias ter feito? Julgavas que eu era uma criada.

Num mundo perfeito, poderíamos ter casado, mas este não é um mundo perfeito. Homens como tu não se casam com...

– Pronto, está bem. Eu não estava errado em perguntar, então. – Ele tentou sorrir, mas saiu-lhe um pouco torto. – Teria sido um louco se não perguntasse. Desejava-te tanto, e acho que já te amava e...

– Benedict, não precisas de...

– Explicar? Sim, preciso. Não deveria ter insistido depois de teres recusado a minha proposta. Foi desleal da minha parte, especialmente quando ambos sabíamos que eu acabaria por ter de casar. Eu preferia morrer a partilhar-te com outra pessoa. Como fui capaz de te pedir

que o fizesses?

Ela estendeu a mão e limpou algo da sua face. Céus, estava a chorar? Ele não conseguia lembrar-se da última vez que isso acontecera. Quando o pai tinha morrido, talvez? Mesmo nessa ocasião, as lágrimas caíam em privado.

– Amo-te por tantas razões – continuou, cada palavra surgindo com precisão cuidada. Sabia que a tinha conquistado. Ela não ia fugir; ela *seria* sua esposa. Mas ainda queria que tudo fosse perfeito. Um homem só tem uma oportunidade de se declarar ao seu verdadeiro amor; não queria estragar o momento. – Mas uma das coisas que mais amo em ti é o facto de te conheceres a ti mesma. Sabes exatamente quem és e qual o teu valor. Tens princípios, Sophie, e não os contrarias por nada. – Pegou na mão dela e levou-a aos lábios. – Isso é tão raro.

Os olhos dela estavam repletos de lágrimas e a vontade dele era abraçá-la, mas sabia que tinha de terminar. Tinha tantas palavras a brotar de dentro dele e era forçoso que saíssem todas.

– Além disso – prosseguiu, a voz descendo de volume –, fizeste um esforço para me veres como *sou*.

Para me conheceres. Ao Benedict. Não o Mr. Bridgerton nem o «Número dois»... apenas o Benedict.

Ela tocou-o no rosto. – És a pessoa mais maravilhosa que conheço. Adoro a tua família, mas a ti amo-te.

Ele estreitou-a nos braços. Não conseguiu conter-se mais. Tinha de a sentir nos seus braços, certificar-se de que estava ali e de que estaria sempre. Com ele, ao seu lado, até que a morte os separasse. Era curioso, mas sentia apenas um estranho impulso de a abraçar... apenas abraçar.

Desejava-a, claro. Sempre a desejara. Mas, mais do que tudo, queria abraçá-la, cheirá-la, senti-la.

Percebeu o quanto a presença dela o confortava. Não precisavam de falar. Nem mesmo de se tocarem (embora ele não estivesse disposto a soltá-la naquele instante). Resumindo, sentia-se o homem mais feliz do mundo e, muito possivelmente, um homem melhor quando ela estava por perto.

Enterrou o rosto nos cabelos dela, sentindo o aroma a, um cheiro a...

Um cheiro a...

Afastou-se. – Gostarias de tomar um banho?

Ela corou de embaraço imediatamente. – Oh, não! – gemeu, abafando as palavras com a mão na boca. –

A cela era imunda e eu fui obrigada a dormir no chão, e...

– Não quero saber mais nada – disse ele.

– Mas...

– *Peço-te*. – Se ouvisse mais uma palavra ia ter de matar alguém. Uma vez que não tinha havido nenhum dano permanente, preferia não conhecer os detalhes.

– Acho que devias tomar um banho – disse ele, a primeira alusão de um sorriso a repuxar-lhe o canto esquerdo da boca.

– Muito bem – concordou, levantando-se. – Vou já para casa da tua mãe...

– Aqui.

– Aqui?

O sorriso propagou-se para o canto direito da boca. – Aqui.

– Mas nós dissemos à tua mãe que...

– Que estarias em casa às nove.

– Acho que ela disse sete.

– Sim? Engraçado, eu ouvi nove.

– Benedict...

Agarrou-a pela mão e puxou-a até à porta. – Sete é *tremendamente* parecido com nove.

– Benedict...

– Na verdade, soa ainda mais com onze.

– Benedict!

Ele deixou-a junto à porta, dizendo: – Fica aqui.

– Como?!

– Fica aqui bem quietinha – disse ele, passando-lhe o dedo pela ponta do nariz.

Sophie observou-o, indecisa, a desaparecer no corredor, regressando dois minutos depois. – Onde foste? – perguntou.

– Pedir que preparassem um banho.

– Mas...

Os olhos dele assumiram um brilho muito malandro. – Para dois.

Ela engoliu em seco.

Ele inclinou-se para a frente. – E por acaso já tinham aquecido a água.

– Ai sim?

Ele assentiu com a cabeça. – Só vai demorar alguns minutos para encherem a banheira.

Ela olhou de relance para a porta da frente. – São quase sete horas.

– Mas eu tenho permissão para te ter comigo até à meia-noite.

– Benedict!

Ele puxou-a para mais perto. – Tu queres ficar.

– Eu não disse isso.

– Não precisas. Se realmente não quisesses, terias algo mais a dizer do que «Benedict!»

Ela foi obrigada a sorrir; ele imitava *muito bem* a voz dela.

A boca dele curvou-se num sorriso diabólico. – Estou enganado?

Ela desviou o olhar, consciente de como os seus lábios tremiam de riso.

– Foi o que pensei – ele murmurou, com um aceno de cabeça em direção às escadas. – Vem comigo.

Ela foi.

Para espanto de Sophie, Benedict deixou-a sozinha no quarto, para que se despisse para o banho.

Prendeu a respiração quando tirou o vestido pela cabeça. Ele estava certo, ela cheirava mesmo mal.

A criada que preparara o banho tinha-o perfumado com óleo e a espuma do sabão formava bolhas que flutuavam à superfície.

Assim que Sophie se libertou de toda a roupa, mergulhou o dedo do pé na água fumegante. O resto do corpo logo o seguiu.

Um paraíso. Nem podia acreditar que só tinham passado dois dias desde que tomara banho pela última vez. Uma noite na prisão fazia uma pessoa sentir como se fosse um ano.

Sophie tentou não pensar em mais nada e desfrutar o prazer do momento, mas era difícil relaxar com a expectativa a intensificar-se nas suas veias. Ao decidir ficar, sabia que Benedict tinha a intenção de se juntar a ela. Poderia ter recusado, pois apesar de toda a lisonja e falinhas mansas, ele tê-la-ia levado a casa da mãe.

Mas ela decidiu ficar. Algures entre a porta da sala de estar e o fundo das escadas, percebeu que *queria* ficar. Tinha sido uma viagem tão longa até àquele momento que não se sentia pronta para renunciar a ele, mesmo que fosse apenas até à manhã seguinte, quando teria de comparecer para o pequeno almoço em casa da mãe dele.

Ele devia estar quase a aparecer. E quando chegasse...

Ela estremeceu. Mesmo mergulhada na água quente da banheira, tremia. E então, ao afundar-se mais para dentro da água, permitindo que subisse acima dos ombros, ao pescoço, ao nariz, ouviu o estalido da porta a abrir-se.

Benedict. Ele usava um roupão verde-musgo, amarrado com uma faixa na cintura. Os pés estavam descalços, e tinha as pernas à mostra.

– Espero que não te importes se eu mandar destruir aquilo – disse, olhando para o vestido no chão.

Ela sorriu-lhe e abanou a cabeça, concordando. Não era o que esperara que ele dissesse, mas entendeu que ele o fizera para a deixar

mais à vontade.

– Vou pedir a alguém que vá buscar-te outro – disse ele.

– Obrigada! – Ela mexeu-se um pouco na água para lhe dar espaço, mas ele surpreendeu-a ao avançar até à ponta da banheira.

– Inclina-te para a frente – murmurou.

Ela satisfez o pedido dele e suspirou de prazer quando ele começou a lavar-lhe as costas.

– Há anos que sonhava em fazer isto.

– Anos? – ela perguntou, divertida.

– Hum, hum. Sonhei *muito* contigo depois daquele baile de máscaras.

Sophie sentiu-se aliviada por estar inclinada para a frente, a testa pousada nos joelhos dobrados, porque enrubescou.

– Mergulha a cabeça para que eu possa lavar-te o cabelo – pediu ele.

Ela deslizou para debaixo de água, voltando rapidamente a sair.

Benedict esfregou o sabonete nas mãos e, em seguida, espalhou a espuma no cabelo dela. – Era mais comprido antes – comentou.

– Tive de cortá-lo – explicou ela. – Vendi-o a um fabricante de perucas.

Não tinha a certeza, mas pareceu-lhe ouvi-lo rosnar.

– Já esteve muito mais curto – acrescentou.

– Pronto para enxaguar.

Ela voltou a mergulhar na banheira, sacudindo um pouco a cabeça debaixo de água antes de voltar a emergir.

Benedict pôs as mãos em concha, enchendo-as de água. – Ainda tens um pouco de espuma na parte de trás – disse, deixando a água escorrer-lhe sobre os cabelos.

Sophie deixou-o repetir o processo algumas vezes e, finalmente, perguntou: – Não vais entrar? – Era uma pergunta terrivelmente descarada e estava certa de ter corado como uma framboesa, mas

simplesmente tinha de saber.

Ele abanou a cabeça em sinal de negação, explicando, em seguida: – Tinha pensado nisso, mas isto é muito divertido.

– Lavar-me? – ela perguntou hesitante.

Um canto da boca dele contorceu-se, esboçando um sorriso. – Estou bastante ansioso por te secar também. – Baixou-se e pegou numa grande toalha branca. – Vamos.

Sophie mordiscou o lábio inferior, indecisa. Já tinham partilhado a maior intimidade física que duas pessoas podem ter, mas a sua desenvoltura não era suficiente para sair nua da banheira sem um elevado grau de constrangimento.

Benedict esboçou um sorriso ao levantar-se e desdobrar a toalha. Estendeu-a diante dela e, desviando o olhar, disse: – Já estarás toda embrulhada antes que eu possa ver alguma coisa.

Sophie respirou fundo e levantou-se, com a sensação de que aquela única ação poderia marcar o início do resto da sua vida.

Benedict enrolou-a delicadamente na toalha, pegando em seguida nas pontinhas, levando-as ao rosto.

Limpou as pequenas gotículas de água ainda agarradas à sua pele com mãos carinhosas e então inclinou-se e beijou-a na ponta do nariz. – Estou muito feliz por estares aqui – murmurou.

– Eu também.

Ele tocou-a no queixo. Não tirou os olhos dos dela, e foi como se os tivesse tocado também. Então,

numa carícia suave e repleta de ternura, beijou-a. Sophie não se sentiu apenas amada, sentiu-se venerada.

– Deveria esperar até segunda-feira – disse ele –, mas não quero.

– Eu não quero que esperes – ela sussurrou.

Beijou-a novamente, desta vez com maior urgência. – És tão linda – murmurou. – Tudo o que eu sempre sonhei.

Os lábios encontraram o rosto dela, o queixo, o pescoço, e cada beijo, cada mordiscar parecia roubar-lhe um pouco mais de equilíbrio e de

respiração. Ela sabia que as suas pernas iriam fraquejar, certa de que as forças iriam abandoná-la, subjugada àquele ataque de ternura, mas no exato instante em que achou que iria cair redonda no chão, ele pegou-a ao colo e levou-a para a cama.

– No meu coração já és minha mulher – asseverou, pousando-a por cima da colcha e almofadas.

Sophie sentiu-se sem fôlego.

– Depois do nosso casamento – continuou ele, deitando-se ao lado dela –, abençoado por Deus e pelos homens, será legal, mas agora... – a voz tornou-se rouca ao apoiar-se num cotovelo para poder olhá-la nos olhos – agora é *verdadeiro*.

Sophie estendeu a mão e tocou-lhe o rosto. – Eu amo-te – sussurrou. – Sempre te amei. Acho que te amava antes mesmo de te conhecer.

Ele inclinou-se para renovar o beijo, mas ela deteve-o com um ofegante – Não, espera.

Fez uma pausa, a poucos centímetros dos lábios dela.

– No baile de máscaras – começou ela, com a voz estranhamente trémula –, mesmo antes de te ver, eu *senti-te*. Como uma antevisão. Como magia. Como se houvesse alguma coisa no ar. E quando me virei e te vi, foi como se estivesse à minha espera, e eu soube que tu eras a razão pela qual me infiltrara naquele baile.

Ela sentiu algo molhado cair-lhe no rosto. Uma única lágrima escapara dos olhos dele.

– Tu és a razão da minha existência – disse ela suavemente –, a razão de ter nascido.

Ele abriu a boca, e por instantes ela achou que ele ia falar, mas o único som que saiu foi um ruído rouco e entrecortado; percebeu que ele estava dominado pela emoção.

E também ela se sentiu rendida.

Benedict beijou-a novamente, tentando mostrar em atos o que não era capaz de pôr em palavras. Não tinha pensado que poderia amá-la mais do que amava apenas cinco segundos antes, mas quando ela dissera... quando ela lhe dissera...

Foi como se o seu coração tivesse aumentado de tamanho, levando-o a acreditar que poderia estourar.

Ele amava-a. De repente, o mundo transformara-se num lugar muito simples. Ele amava-a e isso era tudo o que importava.

O roupão dele e a toalha dela desapareceram como por magia e subitamente eram pele contra pele, as mãos e os lábios dele venerando-lhe o corpo. Queria que ela compreendesse a extensão do seu desejo e queria que ela sentisse o mesmo desejo.

– Oh, Sophie – gemeu, o nome dela resumindo toda a emoção. – Sophie, Sophie, Sophie.

Ela ergueu o rosto, sorrindo para ele, e ele teve a mais irresistível vontade de rir. Estava feliz, percebeu. Tão incrivelmente feliz...

E sabia tão bem.

Posicionou-se em cima dela, pronto para a possuir, pronto para a tornar sua. Desta vez era diferente; da última vez tinham sido ambos arrastados violentamente pela emoção. Mas agora era uma decisão deliberada. Tinham escolhido mais do que a paixão, pois haviam-se escolhido um ao outro.

– És minha – disse ele, os olhos nunca abandonando os dela ao possuí-la. – És minha.

E muito depois, quando ambos se abraçavam exauridos, encostou os lábios ao ouvido dela e sussurrou:

– E eu sou teu.

Várias horas mais tarde, Sophie bocejou, pestanejando para acordar e perguntando-se porque se sentia tão bem e aconchegada e...

– Benedict! – exclamou assustada. – Que horas são?

Ele não respondeu, por isso ela agarrou-o pelo ombro e abanou-o. – Benedict! Benedict!

Ele resmungou e virou-se para o outro lado. – Estou a dormir.

– Que horas são?

Ele enterrou o rosto no travesseiro. – Não faço a mínima ideia.

– Eu deveria estar em casa da tua mãe às sete.

– Onze – resmoneou ele.

– Sete!

Ele abriu um olho, aparentemente com enorme esforço. – Já sabias que não ia ser possível voltar às sete quando decidiste tomar banho.

– Eu sei, mas não pensei que passasse muito das nove.

Benedict piscou algumas vezes e olhou em volta do quarto. – Acho que não vais conseguir estar lá a essa hora...

Mas nesse instante ela localizou o relógio de mesa e começou a agitar a cabeça em estado de choque.

– Estás bem? – ele perguntou.

– São três da manhã!

Ele sorriu. – Isso quer dizer que podes passar cá a noite, então.

– Benedict!

– Com certeza não queres acordar os criados, não é? Tenho a certeza de que devem estar todos a dormir.

– Mas eu...

– Tem piedade de mim, mulher – declarou por fim. – Afinal, casamos na próxima semana.

Isso fê-la estacar. – Na próxima semana? – repetiu em voz esganiçada.

Ele tentou pôr um semblante sério. – O melhor é tratar deste tipo de coisas o mais rapidamente possível.

– Porquê?

– Porquê? – repetiu ele.

– Sim, porquê?

– Hum... hã... por causa dos mexericos e afins.

Boquiaberta e de olhos arregalados, ela perguntou: – Achas que Lady Whistledown vai escrever sobre mim?

– Céus, espero que não – ele murmurou.

Ela ficou com um ar muito desiludido.

– Bem, suponho que isso *possa* acontecer. Porque diabos quererias que ela o fizesse?

– Eu leio a crónica dela há anos. Sempre sonhei em ler lá o meu nome.

Ele abanou a cabeça. – Tens sonhos muito estranhos.

– Benedict!

– Está bem, pronto! Imagino que Lady Whistledown vá dar a notícia do nosso casamento, se não antes da cerimónia, certamente logo depois. Ela é diabólica a esse ponto.

– Como gostava de saber quem ela é.

– Tu e metade de Londres.

– Eu e Londres *inteira*, imagino. – Suspirou e acrescentou de forma pouco convincente: – Eu realmente devo ir. A tua mãe deve estar preocupada comigo.

Ele encolheu os ombros. – Ela sabe onde estás.

– Mas vai pensar mal de mim.

– Duvido. Ela vai dar-te um pouco de liberdade de ação, tenho a certeza, considerando que estaremos casados dentro de três dias.

– Três dias? – esganiçou novamente. – Pensei que tinhas dito que era na próxima semana.

– Daqui a três dias é a próxima semana.

Sophie franziu o cenho. – Pois, tens razão. Na segunda-feira?

Ele assentiu com ar muito satisfeito.

– Imaginem só! – exclamou ela. – Vou aparecer no *Whistledown*.

Ele apoiou-se no cotovelo, olhando-a desconfiado. – Estás ansiosa para

casar comigo ou é a menção no *Whistledown* que te deixa tão animada? – perguntou em tom divertido.

Ela deu-lhe uma palmadinha carinhosa no ombro.

– Vendo bem – disse ele, pensativo –, já apareceste no *Whistledown*.

– Já? Quando?

– Depois do baile de máscaras. Lady Whistledown comentou que eu tinha ficado bastante impressionado com uma mulher misteriosa de vestido prateado, mas que por mais que tivesse tentado, não conseguira descobrir a tua identidade. – Sorriu. – Deve ser o único segredo em toda a Londres que ela não desvendou.

O rosto de Sophie tornou-se imediatamente grave e ela afastou-se uns centímetros dele. – Oh, Benedict.

Eu tenho de... eu quero... isto é... – parou, desviando o olhar alguns segundos antes de voltar a encará-lo. – Sinto muito.

Ele pensou em puxá-la de volta para os seus braços, mas ela mostrava um ar tão circunspecto que não teve escolha senão levá-la a sério. – Porquê?

– Por não te dizer quem era. Foi muito errado da minha parte. – Mordeu o lábio. – Bem, não exatamente *errado*.

Ele recuou um pouco. – Se não foi errado, então o que foi?

– Não sei. Não sei explicar exatamente por que fiz o que fiz, mas... – Mordeu o lábio mais uma vez e ele começou a pensar que ela podia magoar-se seriamente.

Ela suspirou. – Não te contei logo porque não me pareceu fazer qualquer sentido. Eu tinha tanta certeza de que nos íamos separar assim que deixássemos a casa dos Cavender... Mas então ficaste doente, e eu tive de tratar de ti e tu não me reconheceste e...

Ele levou um dedo aos lábios dela. – Não tem importância.

Ela ergueu as sobrancelhas. – Parecia importar muito na outra noite.

Não sabia porquê, mas não queria entrar numa discussão séria naquele momento. – Muita coisa mudou desde então.

– Não queres saber porque não te disse quem era?

Ele tocou-a no rosto. – Eu sei quem és.

Ela mordeu o lábio.

– E queres saber o mais engraçado? – continuou ele. – Sabes uma das razões porque hesitei tanto em entregar-te todo o meu coração? Porque estava a guardar um pedaço para a mulher do baile de máscaras, esperando um dia voltar a encontrá-la.

– Oh, Benedict! – ela suspirou, emocionada pelas suas palavras e ao mesmo tempo sentindo-se infeliz

por tê-lo magoado tanto.

– Decidir casar-me contigo significava ter de abandonar o sonho de me casar com *ela* – disse calmamente. – Irónico, não é?

– Sinto muito por ter-te magoado ao não revelar a minha identidade – disse ela, não conseguindo encará-lo –, mas não tenho a certeza se sinto muito por tê-lo feito. Entendes o que quero dizer?

Ele não disse nada.

– Acho que voltaria a fazer o mesmo.

Ele continuou sem dizer nada e Sophie começou a sentir-se muito apreensiva.

– Na altura, parecia-me a coisa certa a fazer – insistiu. – Contar-te que era eu no baile de máscaras não teria servido de nada.

– Eu saberia a verdade – ele disse suavemente.

– Sim, e o que terias feito com essa verdade? – Ela sentou-se, puxando as cobertas e prendendo-as debaixo dos braços. – Terias querido que a mulher misteriosa se tornasse tua amante, tal como quiseste que a criada se tornasse tua amante.

Ele não disse nada, fitando-a apenas.

– O que quero dizer – apressou-se Sophie a continuar – é que se eu soubesse desde o princípio o que sei agora, teria dito alguma coisa. Mas não sabia, e só pensava que o meu destino era um coração destroçado e... – Engasgou-se nas palavras finais, procurando em desespero no rosto dele alguma pista para o que ele sentia. – *Por favor*, diz alguma coisa.

– Eu amo-te – foi a resposta.

Era tudo do que precisava.

EPÍLOGO

A festa de domingo na Bridgerton House será seguramente o evento da temporada. A família inteira vai-se reunir, juntamente com cerca de uma centena dos amigos mais próximos, para comemorar o aniversário da viscondessa viúva.

É considerado grosseiro mencionar a idade de uma senhora e por isso esta Vossa Autora não revela que aniversário Lady Bridgerton irá comemorar.

Mas não se enganem... esta Vossa Autora sabe!

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

30 DE ABRIL 1824

–Para, para!

Sophie soltou uma gargalhada enquanto descia os degraus de pedra que conduziam ao jardim das traseiras da Bridgerton House. Depois de três filhos e sete anos de casamento, Benedict ainda a fazia sorrir, ainda a fazia rir... e ainda aproveitava para a perseguir à volta da casa sempre que podia.

– Onde estão as crianças? – perguntou ela sem fôlego quando ele a apanhou ao fundo das escadas.

– A Francesca está a tomar conta delas.

– E a tua mãe?

Ele sorriu. – Atrevo-me a dizer que a Francesca também está a tomar conta dela.

– Podemos ser apanhados a qualquer momento – segredou ela, olhando para todos os lados.

O sorriso dele tornou-se malicioso e, agarrando-a pela saia de veludo verde, puxou-a para si e disse: –

Talvez devamos passar ao terraço *privado*.

As palavras eram tão familiares que demorou apenas um segundo para a memória a transportar ao baile de máscaras, nove anos antes. – Para o terraço privado, dizes? – ela perguntou, uma expressão divertida nos olhos. – E como, diz-me, tens conhecimento de um terraço *privado*?

Os lábios dele roçaram os dela. – Tenho os meus contactos – murmurou.

– E eu – retornou ela, sorrindo maliciosamente – tenho os meus segredos.

Ele afastou-se um pouco. – Ah, sim? E vais partilhar?

– Nós os cinco – anunciou com um aceno de cabeça – estamos prestes a ser seis.

Ele fitou-a e, em seguida, olhou para a barriga. – Tens a certeza?

– Tanta quanto da última vez.

Ele pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. – Este será uma menina.

– Foi o que disseste da última vez.

– Eu sei, mas...

– E na vez anterior.

– Mais uma razão para as probabilidades jogarem a *meu* favor desta vez.

Ela abanou a cabeça. – Ainda bem que não és jogador.

O comentário fê-lo sorrir. – Não vamos contar a ninguém ainda.

– Acho que algumas pessoas já desconfiam – admitiu Sophie.

– Quero ver quanto tempo demora aquela tal de Whistledown a descobrir – disse Benedict.

– Estás a falar a sério?

– A maldita mulher descobriu sobre o Charles, sobre o Alexander e sobre o William.

Sophie sorriu ao deixá-lo puxá-la para um recanto mais escondido. – Tens consciência de que já fui mencionada no *Whistledown* duzentas e trinta e duas vezes?

Isso fê-lo estacar. – Tens estado a contar?

– Duzentas e trinta e três, se incluir a vez após o baile de máscaras.

– Não posso acreditar que estejas a contar.

Ela deu-lhe um encolher de ombros indiferente. – É emocionante ver o meu nome lá escrito.

Benedict achava um maldito incómodo ter o nome escrito no jornal, mas não queria estragar-lhe o prazer, então disse apenas: – Pelo menos ela escreve coisas simpáticas sobre ti. Se não o fizesse, eu ia ser obrigado a caçá-la e a expulsá-la do país.

Sophie sorriu ao comentário. – Oh, *por favor!* Não creio que conseguisses descobrir a sua identidade se mais ninguém na sociedade conseguiu.

Ele ergueu uma sobrancelha arrogante. – Isso não me soa a devoção e confiança conjugal.

Ela fingiu examinar a luva. – Escusas de gastar energias. Ela é, obviamente, muito boa no que faz.

– Pois muito bem, mas ela não vai descobrir sobre Violet – prometeu Benedict. – Pelo menos até que seja óbvio para o mundo.

– Violet? – Sophie perguntou baixinho.

– Está na altura de a minha mãe ter um neto com o seu nome, não achas?

Sophie encostou-se a ele, deixando o rosto descansar no tecido da camisa. – Violet é um nome lindo –

murmurou, aninhando-se mais no abraço reconfortante. – Só espero que seja uma menina. Porque se for um menino, ele não vai perdoar-nos nunca...

Ao fim desse mesmo dia, numa casa situada num dos melhores bairros de Londres, uma mulher pegou na pena e escreveu:

Ah, gentil leitor, chegou ao conhecimento desta Vossa Autora que os netos Bridgerton em breve ascenderão a onze...

CRÓNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN, 12 DE ABRIL
1824

Mas não foi capaz de continuar a escrever e fechou os olhos com um suspiro. Há quanto tempo fazia aquilo? Teriam mesmo passado onze anos?

Talvez tivesse chegado a altura de seguir em frente. Estava cansada de escrever sobre os outros. Era tempo de viver a sua própria vida.

Lady Whistledown pousou a pena e caminhou até à janela, afastando as cortinas verde-acinzentadas, os olhos perdidos na noite cerrada.

– É hora de mudar – sussurrou. – Hora de finalmente ser eu.

Document Outline

- Ficha Técnica
- PRÓLOGO
- PARTE UM
 - CAPÍTULO 1
 - CAPÍTULO 2
 - CAPÍTULO 3
 - CAPÍTULO 4
 - CAPÍTULO 5
- PARTE DOIS
 - CAPÍTULO 6
 - CAPÍTULO 7
 - CAPÍTULO 8
 - CAPÍTULO 9
 - CAPÍTULO 10
 - CAPÍTULO 11
 - CAPÍTULO 12
 - CAPÍTULO 13
 - CAPÍTULO 14
 - CAPÍTULO 15
 - CAPÍTULO 16
 - CAPÍTULO 17
 - CAPÍTULO 18
 - CAPÍTULO 19
 - CAPÍTULO 20
 - CAPÍTULO 21
 - CAPÍTULO 22
 - CAPÍTULO 23
 - EPÍLOGO